



Universidade Federal da Bahia

Instituto de Letras

Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40.170-115 - Campus Universitário Ondina Salvador – BA

Tel.: (71)3283 - 6256 – Site: <http://www.ppglinc.letas.ufba.br/> - E-mail: ppglinc@ufba.br

ROBEVALDO CORREIA DOS SANTOS

**A LATERAL PÓS-VOCÁLICA // NOS DADOS DO PROJETO
ALiB: CONFRONTO ENTRE OS ESTADOS DO RIO GRANDE DO
SUL E DA BAHIA**

Salvador

2022

ROBEVALDO CORREIA DOS SANTOS

**A LATERAL PÓS-VOCÁLICA /l/ NOS DADOS DO PROJETO
ALiB: CONFRONTO ENTRE OS ESTADOS DO RIO GRANDE DO
SUL E DA BAHIA**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Área de concentração: Linguística Histórica

Linha de Pesquisa: Dialectologia e Sociolinguística

Orientadora: Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota

Salvador

2022

Santos, Robervaldo Correia dos.

A lateral pós-vocálica /l/ nos dados do Projeto ALiB: confronto entre os estados do Rio Grande do Sul e da Bahia / Robervaldo Correia dos Santos. - 2022.
257 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2022.

1. Sociolinguística - Brasil. 2. Dialetologia - Brasil. 3. Língua portuguesa - Variação - Rio Grande do Sul. 4. Língua portuguesa - Variação - Bahia. 5. Língua portuguesa - Português falado - Rio Grande do Sul. 6. Língua portuguesa - Português falado - Bahia. 7. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. I. Mota, Jacyra Andrade. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 469.79816508142
CDU - 81'282(816.5) (813.8)

ROBEVALDO CORREIA DOS SANTOS

**A LATERAL PÓS-VOCÁLICA /l/ NOS DADOS DO PROJETO ALiB: CONFRONTO
ENTRE OS ESTADOS DO RIO GRANDE DO SUL E DA BAHIA**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia
como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Salvador, 04 de novembro de 2022.

JACYRA ANDRADE MOTA - Orientadora
Doutorado em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal da Bahia

VERA PACHECO
Doutorado em Linguística, Universidade Estadual de Campinas
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

VERA PEDREIRA DOS SANTOS PEPE
Doutorado em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Estadual de Feira de Santana

JOSANE MOREIRA OLIVEIRA
Doutorado em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Estadual de Feira de Santana / Universidade Federal da Bahia

GREDSON DOS SANTOS
Doutorado em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

MARILÚCIA BARROS DE OLIVEIRA (Suplente)
Doutorado em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas
Universidade Federal do Pará

CLÁUDIA DE SOUZA CUNHA (Suplente)
Doutorado em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

MARCELA MOURA TORRES PAIM (Suplente)
Doutorado em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal Rural de Pernambuco

SILVANA SOARES COSTA RIBEIRO (Suplente)
Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Salvador

2022

A

João (*in memoriam*) e Maria, pais amados, exemplos de resistência, resiliência, luta e amor.
Benjamim e Eloah, filhos queridos, minhas inspirações para trilhar os passos de João e Maria.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus de minha fé, que me susteve nos momentos mais difíceis e que me guiou pelos caminhos necessários.

Aos meus pais, João Pereira dos Santos (*in memoriam*) e Maria Correia dos Santos, pela doação da existência e pelo amor depositado em mim.

Aos meus filhos, Benjamim e Eloah, pela existência e pelo amor compartilhados comigo.

À minha companheira, Juanildes de Jesus Santos, pela colaboração do dia a dia desta jornada e pelos incentivos.

À minha amiga e parceira da Graduação, Camila Fernandes, pelo apoio durante a realização do curso de Letras e pelos incentivos.

A todos os meus familiares, pois a lista é imensa, pelas palavras de incentivo e apoio.

À professora Jacyra Andrade Mota, pela dedicação, competência, zelo e paciência com que me orientou.

Aos professores Gredson dos Santos e Geisa Borges da Costa, pelo incentivo desde meus primeiros passos na vida acadêmica e pela dedicação com que me orientaram nas diversas atividades acadêmicas durante a Graduação na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

À professora Josane Moreira de Oliveira, pelo apoio e pela orientação durante a realização do Mestrado Acadêmico em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), que contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Aos meus então professores do curso de Letras da UFRB, Fernanda Almeida, Tarcísio Cordeiro, Ângela Vilma Santos Bispo Oliveira, Emmanuelle Felix, Fabíola Barbosa, Genivaldo Oliveira, Gredson dos Santos, Geisa Borges da Costa, Adielson Ramos de Cristo, Ana Luisa Dominguez Baqueiro, pela competência do trabalho docente e pelas contribuições em meu processo formativo.

À Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, pela disponibilização de políticas de acesso e permanência, sem as quais não seria possível chegar até aqui.

Ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, pelo acolhimento e pela disponibilização dos dados da pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos por fazerem parte dessa experiência ímpar e enriquecedora para minha vida pessoal e profissional.

Bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*.

Benveniste (2006, p. 222)

RESUMO

A pesquisa investiga a realização variável da consoante lateral em final de sílaba, com o objetivo de comprovar a tese de que há comportamento diferenciado entre os falantes do Rio Grande do Sul e da Bahia no uso do /l/ em coda silábica, confrontando essas duas áreas representativas das regiões Sul e Nordeste do Brasil, que compõem a rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Identifica-se como variável dependente neste estudo a consoante lateral pós-vocálica /l/, que pode apresentar diferentes realizações no português brasileiro, a exemplo de [w], [ʎ], [ø] ou [h], verificadas em pó[w]vora, pó[ʎ]vora, pó[ø]vora, ou pó[h]vora para “pólvora”; a[w]moço, a[ʎ]moço, a[h]moço para “almoço”; sa[w] e sa[ʎ] para “sal”. A análise fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия pluridimensional (THUN, 2005; CARDOSO, 2010), da Sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) e da Fonética e Fonologia estruturalistas (CAMARA JR., 2011 [1970]; SILVA, 2009), assumindo que o comportamento do /l/ em final de sílaba pode ser influenciado por fatores tanto linguísticos quanto extralinguísticos, que podem favorecer ou inibir o uso de uma ou de outra variante nas áreas sul-rio-grandense e baiana. O trabalho justifica-se em função da carência de estudos dialetológicos e sociolinguísticos a respeito das diferenças de emprego da lateral em final de sílaba entre áreas brasileiras, sejam estaduais ou regionais, a partir de dados sistematizáveis que contemplem de igual modo as localidades investigadas. Nesse sentido, questiona-se se o quadro variável nos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia apresenta diferenciação linguística entre as duas áreas na realização da lateral em final de sílaba, com informações extralinguísticas e/ou linguísticas que possam ser associadas à realização da variável dependente e à sócio-história das áreas sul-rio-grandense e baiana. Parte-se da hipótese de que o quadro variável do /l/ em final de sílaba pode ser explicado pela identificação dos fatores extralinguísticos e linguísticos imbricados na realização da consoante. Para dar conta dessas questões, a pesquisa confronta as variantes do /l/ pós-vocálico nas duas áreas. Os resultados são associados a aspectos sócio-históricos e correlacionados a resultados de outras pesquisas. Os 148 informantes da pesquisa são distribuídos igualmente por sexo e idade, no total de quatro sujeitos por localidade do interior dos estados, conforme a metodologia empregada pelo Projeto ALiB na coleta dos dados. A investigação da variável dependente abrange as localidades do interior dos estados, haja vista os dados do Projeto ALiB referentes à variação da lateral pós-vocálica nas capitais brasileiras já terem sido objeto de análise do estudo de Pinho e Margotti (2010). A composição do *corpus* é feita a partir dos registros sonoros do Projeto ALiB, tendo obtido 3.262 ocorrências da lateral pós-vocálica, sendo 1.400 das localidades do Rio Grande do Sul, e 1.862 das localidades da Bahia. Os dados são submetidos à análise estatística do programa computacional Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Os resultados apontam para o amplo emprego da semivocalização nas duas áreas, com maior avanço na Bahia, e para a conservação da variante velarizada no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Dialetoлогия. Sociolinguística. Lateral pós-vocálica. Projeto ALiB.

ABSTRACT

The research investigates the variable realization of the lateral consonant at the end of the syllable, with the objective of proving the thesis that there is a different behavior between the speakers of Rio Grande do Sul and Bahia regarding the use of /l/ in syllabic coda, confronting these two representative areas of the South and Northeast regions of Brazil, which make up the network of points of the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB Project). The postvocalic lateral consonant /l/ is identified as a dependent variable in this study, which can present different realizations in Brazilian Portuguese, such as [w], [ɫ], [ø] or [h], verified in po[w]vora, po[ɫ]vora, po[ø]vora, or po[h]vora for “pólvora”; a[w]moço, a[ɫ]moço, a[h]moço for “almoço”; sa[w] and sa[ɫ] for “sal”. The analysis is based on the theoretical and methodological assumptions of Pluridimensional Dialectology (THUN, 2005; CARDOSO, 2010), Variationist Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) and Phonetics and Phonology structuralists (CAMARA JR., 2011 [1970]; SILVA, 2009), assuming that the behavior of the /l/ at the end of a syllable can be influenced by both linguistic and extra linguistic factors, which can favor or inhibit the use of one or the other variant in the areas of Rio Grande do Sul and Bahia. The work is justified due to the lack of dialectological and sociolinguistic studies regarding the differences in the use of the lateral in syllable end between Brazilian areas, whether state or regional, from systematizable data that equally contemplate the investigated localities. In this sense, it is questioned whether the variable picture in the states of Rio Grande do Sul and Bahia presents linguistic differentiation between the two areas regarding the realization of the lateral at the end of the syllable, with extra linguistic and/or linguistic information that can be associated to the realization of the phenomenon and the socio-history of the areas of Rio Grande do Sul and Bahia. It starts from the hypothesis that the variable frame of /l/ at the end of syllable can be explained by the identification of extra linguistic and linguistic factors imbricated in the realization of the consonant. To address these issues, the research confronts the variants of post-vocalic /l/ in both areas. The results are associated with socio-historical aspects and correlated with the results of other research. The 148 informants of the survey are distributed equally by sex and age, in a total of four subjects per location in the interior of the states, according to the methodology used by the ALiB Project in data collection. The investigation of the dependent variable covers localities in the interior of the states, given that the data from the ALiB Project referring to the variation of the postvocalic lateral in Brazilian capitals have already been analyzed in the study by Pinho and Margotti (2010). The composition of the corpus is made from the sound records of the ALiB Project, having obtained 3.262 occurrences of the postvocalic lateral, 1.400 of which were from Rio Grande do Sul, and 1.862 from Bahia. The data are submitted to statistical analysis of the computer program Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). The results point to the widespread use of semi vocalization in both areas, with greater progress in Bahia, and to the conservation of the velarized variant in Rio Grande do Sul.

Keywords: Dialectology. Sociolinguistics. Postvocalic lateral. ALiB project.

RESUMEN

El estudio investiga la realización variable de la consonante lateral en final de sílaba, con el objetivo de probar la tesis de que hay un comportamiento diferente entre los hablantes de Rio Grande do Sul y Bahia en cuanto al uso de la /l/ en coda silábica, confrontando estas dos áreas representativas de las regiones Sur y Nordeste de Brasil, que componen la red de puntos del Proyecto Atlas Lingüístico de Brasil (Proyecto ALiB). La consonante lateral pos vocálica /l/ se identifica como una variable dependiente en este estudio, que puede presentar diferentes realizaciones en el portugués brasileño, como [w], [ɫ], [ø] o [h], verificadas en po[w]vora, po[ɫ]vora, po[ø]vora, o po[h]vora para “pólvara”; a[w]moço, a[ɫ]moço, a[h]moço para “almoço”; sa[w] y sa[ɫ] para “sal”. El análisis se basa en los presupuestos teóricos y metodológicos de la Dialectología Multidimensional (THUN, 2005; CARDOSO, 2010), de la Sociolingüística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) y de la Fonética y Fonología estructuralistas (CAMARA JR., 2011 [1970]; SILVA, 2009), asumiendo que el comportamiento de la /l/ en final de sílaba puede estar influenciado por factores tanto lingüísticos como extralingüísticos, que pueden favorecer o inhibir el uso de una u otra variante en las áreas de Rio Grande do Sul y Bahia. El trabajo se justifica por la falta de estudios dialectológicos y sociolingüísticos sobre las diferencias en el uso de la lateral al final de sílaba entre áreas brasileñas, ya sean estatales o regionales, a partir de datos sistematizables que contemplen igualmente las localidades investigadas. En ese sentido, se cuestiona si el cuadro variable en los estados de Rio Grande do Sul y Bahia presenta diferenciación lingüística entre las dos áreas en cuanto a la realización de la lateral al final de sílaba, con informaciones extralingüísticas y/o lingüísticas que pueden estar asociadas a la realización del fenómeno y a la historia social de las áreas de Rio Grande do Sul y Bahía. Se parte de la hipótesis de que el encuadre variable de la /l/ al final de sílaba puede ser explicado por la identificación de factores extralingüísticos y lingüísticos imbricados en la realización de la consonante. Para abordar estas cuestiones, la investigación confronta las variantes de la /l/ pós vocálica en ambas áreas. Los resultados se asocian a aspectos socio históricos y se correlacionan con los resultados de otras investigaciones. Los 148 informantes de la encuesta se distribuyen equitativamente por sexo y edad, en un total de cuatro sujetos por localidad en el interior de los estados, según la metodología utilizada por el Proyecto ALiB en la recolección de datos. La investigación de la variable dependiente abarca localidades del interior de los estados, dado que los datos del Proyecto ALiB referentes a la variación de la lateral pos vocálica en las capitales brasileñas ya fueron analizados en el estudio de Pinho y Margotti (2010). La composición del corpus se hace a partir de los registros sonoros del Proyecto ALiB, habiéndose obtenido 3.262 ocurrencias de la lateral pos vocálica, siendo 1.400 de las localidades de Rio Grande do Sul, y 1.862 de las localidades de Bahía. Los datos se someten al análisis estadístico del programa informático Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Los resultados apuntan para el amplio uso de la semi vocalización en ambas áreas, con mayor avance en Bahia, y para la conservación de la variante velarizada en Rio Grande do Sul.

Palabras clave: Dialectología. Sociolingüística. Lateral pos vocálica. Proyecto ALiB.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES, QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Direcionamento da mudança do /l/ do latim ao português	29
Figura 2: Sistema vocálico do português em sílaba tônica	74
Figura 3: Sistema vocálico do português em sílaba tônica diante de consoante nasal na sílaba seguinte.....	74
Figura 4: Sistema vocálico do português em sílaba pretônica	75
Figura 5: Sistema vocálico do português em sílaba postônica não final.....	75
Figura 6: Sistema vocálico do português em sílaba átona final	76
Figura 7: Três Passos – casa de madeira e descendentes de alemães, 1959.....	81
Figura 8: Localização de Três Passos (234).....	82
Figura 9: Erechim – monumento ao imigrante anônimo, 1959.....	83
Figura 10: Localização de Erechim (235)	84
Figura 11: Localização de Passo Fundo (236)	85
Figura 12: Localização de Vacaria (237)	87
Figura 13: Localização de Ijuí (238)	88
Figura 14: Localização de São Borja (239).....	89
Figura 15: Monumento do Galo	90
Figura 16: Localização de Fores da Cunha (240).....	91
Figura 17: Santa Cruz do Sul – Monumento ao Imigrante Alemão, 1972.....	92
Figura 18: Localização de Santa Cruz do Sul (241).....	93
Figura 19: Localização de Santa Maria (242)	94
Figura 20: Localização de Osório (244).....	95
Figura 21: Localização de Uruguaiana (245).....	96
Figura 22: Localização de Caçapava do Sul (246).....	97

Figura 23: Localização de Santana do Livramento (247)	98
Figura 24: Localização de Bagé (248).....	99
Figura 25: Localização de São José do Norte (249).....	100
Figura 26: Localização do Chuí (250).....	102
Figura 27: Localização de Juazeiro (81)	109
Figura 28: Localização de Jeremoabo (82)	110
Figura 29: Localização de Euclides da Cunha (83).....	111
Figura 30: Localização de Barra (84).....	112
Figura 31: Localização de Irecê (85).....	113
Figura 32: Localização de Jacobina (86).....	115
Figura 33: Localização de Barreiras (87)	116
Figura 34: Localização de Alagoinhas (88)	117
Figura 35: Localização de Seabra (89).....	118
Figura 36: Localização de Itaberaba (90).....	119
Figura 37: Localização de Santo Amaro (91)	120
Figura 38: Localização de Santana (92)	121
Figura 39: Localização de Valença (94).....	123
Figura 40: Localização de Jequié (95).....	124
Figura 41: Localização de Caetité (96)	125
Figura 42: Localização de Carinhanha (97)	126
Figura 43: Localização de Vitória da Conquista (98)	127
Figura 44: Localização de Ilhéus (99)	128
Figura 45: Localização de Itapetinga (100).....	129
Figura 46: Localização de Santa Cruz Cabralia (101).....	130
Figura 47: Localização de Caravelas (102)	131

Figura 48: Localização da rede de pontos do Projeto ALiB no Rio Grande do Sul.....	139
Figura 49: Localização da rede de pontos do Projeto ALiB na Bahia	140
Figura 50: Distribuição das variantes de /l/ pós-vocálico por estado.....	149
Figura 51: Percentuais da variante [w] nas localidades do Rio Grande do Sul	156
Figura 52: Pesos relativos das localidades do Rio Grande do Sul – variante [w].....	157
Figura 53: Pesos relativos das localidades do Rio Grande do Sul – variante [ʎ].....	178
Figura 54: Pesos relativos das localidades do Rio Grande do Sul – [ʎ] <i>versus</i> [w].....	198
Figura 55: Pesos relativos das localidades da Bahia – variante [w].....	218
Figura 56: Sistema vocálico do português em sílaba tônica.....	228
Figura 57: Direcionamento da mudança do /l/ do latim ao português	244
Figura 58: Direcionamento da mudança do /l/ no português das duas áreas.....	245

QUADROS

Quadro 1: Símbolos fonéticos das consoantes do português brasileiro	73
Quadro 2: Participação étnica no povoamento e na formação das localidades sul-rio-grandenses do Projeto ALiB.....	103
Quadro 3: Região de influência das localidades sul-rio-grandenses do Projeto ALiB	104
Quadro 4: Região de influência das localidades baianas do Projeto ALiB.....	132
Quadro 5: Perfil dos informantes do Projeto ALiB	137
Quadro 6: Perfil dos informantes da pesquisa.....	138
Quadro 7: Grupos de fatores selecionados nas duas áreas – variante [w]	150
Quadro 8: Grupos de fatores diatópicos selecionados no Rio Grande do Sul – variante [w]	154
Quadro 9: Grupos de fatores sociais selecionados no Rio Grande do Sul – variante [w]	161

Quadro 10: Grupos de fatores linguísticos selecionados no Rio Grande do Sul – variante [w]	169
Quadro 11: Grupos de fatores diatópicos selecionados – variante [ʔ]	175
Quadro 12: Grupo de fatores social selecionado – variante [ʔ]	181
Quadro 13: Grupos de fatores linguísticos selecionados – variante [ʔ]	183
Quadro 14: Grupos de fatores linguísticos selecionados – variante [∅]	188
Quadro 15: Grupos de fatores diatópicos selecionados – [ʔ]	196
Quadro 16: Grupos de fatores sociais selecionados – [ʔ]	201
Quadro 17: Grupos de fatores linguísticos selecionados – [ʔ]	206
Quadro 18: Grupo de fatores diatópico selecionado – variante [w]	216
Quadro 19: Grupos de fatores sociais selecionados – variante [w]	219
Quadro 20: Grupos de fatores linguísticos selecionados – variante [w]	225
Quadro 21: Grupo de fatores social selecionado – variante [∅]	234
Quadro 22: Grupos de fatores linguísticos selecionados – variante [∅]	235

TABELAS

Tabela 1: Distribuição geral do /l/ pós-vocálico nas duas áreas	147
Tabela 2: Variante [w] nas duas áreas	151
Tabela 3: /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul	153
Tabela 4: Localidade – variante [w]	155
Tabela 5: Participação étnica na formação sócio-histórica das localidades sul-rio-grandenses do Projeto ALiB, com pesos relativos do grupo de fatores Localidade – variante [w]	159
Tabela 6: Região – variante [w]	160
Tabela 7: Faixa etária dos informantes – variante [w]	161
Tabela 8: Sexo dos informantes – variante [w]	163

Tabela 9: Altura da vogal precedente – variante [w]	169
Tabela 10: Zona de articulação da vogal precedente – variante [w]	170
Tabela 11: Zona de articulação da consoante subsequente – variante [w].....	171
Tabela 12: Modo da consoante subsequente – variante [w]	172
Tabela 13: Principais grupos de fatores para a variante [w] no Rio Grande do Sul.....	173
Tabela 14: /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [ɬ].....	174
Tabela 15: Localidade – variante [ɬ]	176
Tabela 16: Participação étnica na formação sócio-histórica das localidades sul-rio-grandenses do Projeto ALiB, com pesos relativos do grupo de fatores Localidade – variante [ɬ].....	179
Tabela 17: Região – variante [ɬ]	180
Tabela 18: Faixa etária dos informantes – variante [ɬ]	181
Tabela 19: Zona de articulação da vogal precedente – variante [ɬ]	184
Tabela 20: Extensão do vocábulo – variante [ɬ]	184
Tabela 21: Principais grupos de fatores para a variante [ɬ] no Rio Grande do Sul	185
Tabela 22: /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul	186
Tabela 23: Altura da vogal precedente – variante [ø]	188
Tabela 24: Zona de articulação da vogal precedente – variante [ø]	189
Tabela 25: Modo da consoante – variante [ø]	190
Tabela 26: Extensão do vocábulo – variante [ø]	190
Tabela 27: Posição no vocábulo – variante [ø]	191
Tabela 28: Zona de articulação da consoante subsequente – variante [ø].....	192
Tabela 29: Tonicidade da sílaba – variante [ø]	192
Tabela 30: Principais grupos de fatores para a variante [ø] no Rio Grande do Sul	194
Tabela 31: /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul (variante [ɬ] <i>versus</i> variante [w])	195
Tabela 32: Localidade – [ɬ].....	197

Tabela 33: Faixa etária dos informantes do Chuí – [ɮ]	199
Tabela 34: Região – [ɮ]	201
Tabela 35: Faixa etária dos informantes – [ɮ]	202
Tabela 36: Sexo dos informantes – [ɮ]	203
Tabela 37: Modo da consoante subsequente – [ɮ]	207
Tabela 38: Zona de articulação da vogal precedente – [ɮ]	208
Tabela 39: Principais grupos de fatores para a [ɮ] <i>versus</i> [w] no Rio Grande do Sul	209
Tabela 40: Distribuição do /l/ pós-vocálico na Bahia	215
Tabela 41: /l/ pós-vocálico na Bahia	215
Tabela 42: Localidade – variante [w]	217
Tabela 43: Sexo dos informantes – variante [w]	219
Tabela 44: Faixa etária dos informantes – variante [w]	220
Tabela 45: Altura da vogal precedente – variante [w]	225
Tabela 46: Modo da consoante subsequente – variante [w]	226
Tabela 47: Zona de articulação da vogal precedente – variante [w]	227
Tabela 48: Zona de articulação da consoante subsequente – variante [w]	229
Tabela 49: Tonicidade da sílaba – variante [w]	229
Tabela 50: Extensão do vocábulo – variante [w]	230
Tabela 51: Posição no vocábulo – variante [w]	231
Tabela 52: Principais grupos de fatores para a variante [w] na Bahia	232
Tabela 53: /l/ pós-vocálico na Bahia	233
Tabela 54: Sexo dos informantes – variante [ø]	234
Tabela 55: Altura da vogal precedente – variante [ø]	236
Tabela 56: Modo da consoante subsequente – variante [ø]	236
Tabela 57: Zona de articulação da vogal precedente – variante [ø]	237

Tabela 58: Tonicidade da sílaba – variante [ø]	238
Tabela 59: Zona de articulação da consoante subsequente – variante [ø].....	239
Tabela 60: Principais grupos de fatores para a variante [ø] na Bahia	240

GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentuais das variantes de /l/ pós-vocálico nas duas áreas	148
Gráfico 2: Faixa etária dos informantes em pesos relativos – variante [w]	162
Gráfico 3: Sexo dos informantes em pesos relativos – a variante [w]	164
Gráfico 4: Faixa etária e Sexo dos informantes – variante [w]	165
Gráfico 5: Localidade e Faixa etária dos informantes – variante [w]	166
Gráfico 6: Localidade e Sexo dos informantes – variante [w]	168
Gráfico 7: Localidade e Faixa etária dos informantes – variante [ɬ]	182
Gráfico 8: Faixa etária dos informantes do Chuí em pesos relativos – [ɬ]	200
Gráfico 9: Faixa etária dos informantes em pesos relativos – [ɬ]	202
Gráfico 10: Faixa etária e Sexo dos informantes – [ɬ] <i>versus</i> [w]	204
Gráfico 11: Localidade e Faixa etária dos informantes – [ɬ]	205
Gráfico 12: Localidade e Sexo dos informantes – [ɬ]	206
Gráfico 13: Faixa etária e Sexo dos informantes – variante [w]	222
Gráfico 14: Localidade e Sexo dos informantes – variante [w]	223
Gráfico 15: Localidade e Faixa etária dos informantes – variante [w]	224

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
2 REVISÃO DA LITERATURA	27
2.1 O /l/ EM FINAL DE SÍLABA	27
2.2 O /l/ EM FINAL DE SÍLABA NO PB	30
2.3 REALIZAÇÃO VARIÁVEL DO /l/ EM FINAL DE SÍLABA NAS REGIÕES SUL E NORDESTE DO BRASIL	34
2.3.1 O /l/ em variação na Região Sul	34
2.3.2 O /l/ em variação na Região Nordeste.....	39
2.3.3 O /l/ em variação nas capitas brasileiras Porto Alegre e Salvador	43
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA	45
3.1 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL	45
3.2 SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA	52
3.2.1 Sociolinguística: conceitos básicos	57
3.2.2 Método sociolinguístico	62
3.3 PRESSUPOSTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS	65
3.3.1 Estruturalismo linguístico.....	66
3.3.2 Fonética e Fonologia do português.....	69
4 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DAS LOCALIDADES	78
4.1 RIO GRANDE DO SUL	79
4.1.1 Três Passos	81
4.1.2 Erechim	83
4.1.3 Passo Fundo	84
4.1.4 Vacaria.....	85
4.1.5 Ijuí.....	87
4.1.6 São Borja	88
4.1.7 Flores da Cunha.....	89
4.1.8 Santa Cruz do Sul.....	91
4.1.9 Santa Maria.....	93
4.1.10 Osório.....	94

4.1.11 Uruguaiana.....	95
4.1.12 Caçapava do Sul	96
4.1.13 Santana do Livramento.....	98
4.1.14 Bagé.....	99
4.1.15 São José do Norte.....	100
4.1.16 Chuí.....	101
4.1.17 Síntese das localidades sul-rio-grandenses do ALiB	103
4.2 BAHIA	105
4.2.1 Juazeiro	108
4.2.2 Jeremoabo	109
4.2.3 Euclides da Cunha	111
4.2.4 Barra	112
4.2.5 Irecê.....	113
4.2.6 Jacobina.....	114
4.2.7 Barreiras.....	115
4.2.8 Alagoinhas	116
4.2.9 Seabra	117
4.2.10 Itaberaba	119
4.2.11 Santo Amaro	120
4.2.12 Santana	121
4.2.13 Valença	122
4.2.14 Jequié.....	123
4.2.15 Caetité.....	124
4.2.16 Carinhanha	125
4.2.17 Vitória da Conquista	126
4.2.18 Ilhéus.....	127
4.2.19 Itapetinga.....	128
4.2.20 Santa Cruz Cabrália.....	130
4.2.21 Caravelas	131
4.2.22 Síntese das localidades baianas do ALiB.....	132
4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DOS ESTADOS DO RIO GRANDE DO SUL E DA BAHIA	133
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	136

5.1 BREVE APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA DO PROJETO ALiB	136
5.2 INFORMANTES DA PESQUISA	138
5.3 LOCALIDADES DA PESQUISA	138
5.4 <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	140
5.4.1 Critérios de seleção de dados	141
5.5 CONTROLE DE VARIÁVEIS DA PESQUISA	141
5.5.1 Variável dependente	142
5.5.2 Variáveis independentes	142
5.5.2.1 Variáveis extralinguísticas.....	142
5.5.2.1.1 Variáveis diatópicas ou geolinguísticas.....	142
5.5.2.1.2 Variáveis sociolinguísticas	143
5.5.2.2 Variáveis linguísticas.....	144
5.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	145
6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	147
6.1 /l/ PÓS-VOCÁLICO NAS DUAS ÁREAS	147
6.1.1 Semivocalização nas duas áreas	150
6.2 /l/ PÓS-VOCÁLICO NO RIO GRANDE DO SUL.....	152
6.2.1 /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [w]	153
6.2.1.1 Análise pluridimensional do /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [w]..	153
6.2.1.1.1 Fatores diatópicos – variante [w]	154
6.2.1.1.1.1 Localidade	154
6.2.1.1.1.2 Região.....	160
6.2.1.1.2 Fatores sociais – variante [w]	161
6.2.1.1.2.1 Faixa etária dos informantes.....	161
6.2.1.1.2.2 Sexo dos informantes	163
6.2.1.1.3 Cruzamento de grupos de fatores – variante [w].....	165
6.2.1.1.3.1 Faixa etária e Sexo dos informantes	165
6.2.1.1.3.2 Localidade e Faixa etária dos informantes	166
6.2.1.1.3.3 Localidade e Sexo dos informantes	168
6.2.1.1.4 Fatores linguísticos – variante [w].....	169
6.2.1.1.4.1 Altura da vogal precedente	169
6.2.1.1.4.2 Zona de articulação da vogal precedente.....	170
6.2.1.1.4.3 Zona de articulação da consoante subsequente	171

6.2.1.1.4.4 Modo da consoante subsequente	172
6.2.1.2 Síntese da semivocalização no Rio Grande do Sul.....	173
6.2.2 /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [ɫ].....	174
6.2.2.1 Análise pluridimensional do /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [ɫ]....	174
6.2.2.1.1 Fatores diatópicos – variante [ɫ]	175
6.2.2.1.1.1 Localidade	175
6.2.2.1.1.2 Região.....	180
6.2.2.1.2 Fator social – variante [ɫ].....	181
6.2.2.1.2.1 Faixa etária dos informantes.....	181
6.2.2.1.3 Cruzamento de grupos de fatores – variante [ɫ].....	182
6.2.2.1.3.1 Localidade e Faixa etária dos informantes	182
6.2.2.1.4 Fatores linguísticos – variante [ɫ]	183
6.2.2.1.4.1 Zona de articulação da vogal precedente.....	183
6.2.2.1.4.2 Extensão do vocábulo.....	184
6.2.2.2 Síntese da variante [ɫ] no Rio Grande do Sul	185
6.2.3 /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante apagamento ([ø])	186
6.2.3.1 Análise linguística do /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [ø]	187
6.2.3.1.1 Fatores linguísticos – variante [ø]	187
6.2.3.1.1.1 Altura da vogal precedente	188
6.2.3.1.1.2 Zona de articulação da vogal precedente.....	189
6.2.3.1.1.3 Modo da consoante subsequente	190
6.2.3.1.1.4 Extensão do vocábulo.....	190
6.2.3.1.1.5 Posição no vocábulo	191
6.2.3.1.1.6 Zona de articulação da consoante subsequente	191
6.2.3.1.1.7 Tonicidade da sílaba	192
6.2.3.2 Síntese da variante apagamento [ø] no Rio Grande do Sul.....	193
6.2.4 /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [ɫ] versus variante [w].....	195
6.2.4.1 Análise pluridimensional do /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [ɫ] versus variante [w].....	195
6.2.4.1.1 Fatores diatópicos – [ɫ] versus [w]	196
6.2.4.1.1.1 Localidade	196
6.2.4.1.1.2 Região.....	200
6.2.4.1.2 Fatores sociais – [ɫ] versus [w].....	201
6.2.4.1.2.1 Faixa etária dos informantes.....	202

6.2.4.1.2.2 Sexo dos informantes	203
6.2.4.1.3 Cruzamento de grupos de fatores – [ɫ] <i>versus</i> [w].....	204
6.2.4.1.3.1 Faixa etária e Sexo dos informantes	204
6.2.4.1.3.2 Localidade e Faixa etária dos informantes	205
6.2.4.1.3.3 Localidade e Sexo dos informantes	206
6.2.4.1.4 Fatores linguísticos – [ɫ] <i>versus</i> [w]	206
6.2.4.1.4.1 Modo da consoante subsequente	207
6.2.4.1.4.2 Zona de articulação da vogal precedente.....	207
6.2.4.2 Síntese da variante [ɫ] <i>versus</i> a variante [w] no Rio Grande do Sul.....	208
6.2.5 Balanço do /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul.....	210
6.2.5.1 Semivocalização [w]	210
6.2.5.2 Velarização [ɫ]	211
6.2.5.3 Apagamento [ø]	212
6.2.5.4 Velarização [ɫ] <i>versus</i> semivocalização [w].....	213
6.3 /l/ PÓS-VOCÁLICO NA BAHIA	215
6.3.1 /l/ pós-vocálico na Bahia – variante [w].....	215
6.3.1.1 Análise pluridimensional do /l/ pós-vocálico na Bahia – variante [w].....	216
6.3.1.1.1 Fator diatópico – variante [w]	216
6.3.1.1.1.1 Localidade	216
6.3.1.1.1.2 Fatores sociais – variante [w]	218
6.3.1.1.1.2.1 Sexo dos informantes	219
6.3.1.1.1.2.2 Faixa etária dos informantes.....	220
6.3.1.1.1.3 Cruzamento de grupos de fatores – variante [w].....	221
6.3.1.1.1.3.1 Sexo dos informantes e Faixa etária	221
6.3.1.1.1.3.2 Localidade e Sexo dos informantes	222
6.3.1.1.1.3.3 Localidade e Faixa etária dos informantes	223
6.3.1.1.1.4 Fatores linguísticos – variante [w].....	224
6.3.1.1.1.4.1 Altura da vogal precedente	225
6.3.1.1.1.4.2 Modo da consoante subsequente	226
6.3.1.1.1.4.3 Zona de articulação da vogal precedente.....	227
6.3.1.1.1.4.4 Zona de articulação da consoante subsequente	228
6.3.1.1.1.4.5 Tonicidade da sílaba	229
6.3.1.1.1.4.6 Extensão do vocábulo.....	230
6.3.1.1.1.4.7 Posição no vocábulo	230

6.3.1.2 Síntese da semivocalização na Bahia	231
6.3.2 /l/ pós-vocálico na Bahia – variante [ø].....	233
6.3.2.1 Análise pluridimensional do /l/ pós-vocálico na Bahia – variante [ø]	233
6.3.2.1.1 Fator social – variante [ø].....	233
6.3.2.1.1.1 Sexo dos informantes	234
6.3.2.1.2 Fatores linguísticos – variante [ø]	235
6.3.2.1.2.1 Altura da vogal precedente	235
6.3.2.1.2.2 Modo da consoante subsequente	236
6.3.2.1.2.3 Zona de articulação da vogal precedente.....	237
6.3.2.1.2.4 Tonicidade da sílaba	238
6.3.2.1.2.5 Zona de articulação da consoante subsequente	239
6.3.2.2 Síntese do apagamento na Bahia	239
6.3.3 Balanço do /l/ pós-vocálico na Bahia.....	240
6.3.3.1 Semivocalização [w]	240
6.3.3.2 Apagamento [ø]	241
CONCLUSÕES.....	243
REFERÊNCIAS	251
APÊNDICES	257
APÊNDICE A – VARIANTES POR ORDEM ALFABÉTICA DOS VOCÁBULOS DO RIO GRANDE DO SUL	258
APÊNDICE B – VARIANTES POR ORDEM ALFABÉTICA DOS VOCÁBULOS DA BAHIA	266

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa investiga a realização variável da consoante lateral pós-vocálica /l/, com o objetivo de comprovar a tese de que há comportamento diferenciado entre os falantes do Rio Grande do Sul e da Bahia na realização do segmento, confrontando essas duas áreas que compõem a rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), representativas das regiões Sul e Nordeste do Brasil,

Para o tratamento da realização variável do /l/ em final de sílaba, inserindo-se na interface de dois ramos da linguística que se ocupam da diversidade dos usos da língua, a pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia pluridimensional (THUN, 2005; CARDOSO, 2010) e da Sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), alinhando-se também à fonética articulatória e à fonologia estruturalista (CAMARA JR., 2011 [1970]¹; SILVA, 2009²), uma vez que se debruça sobre as propriedades articulatórias dos sons da fala no tratamento dos dados e se ocupa da relação entre o fonema /l/ em final de sílaba e os fonemas imediatamente vizinhos, em contextos fonológicos precedente e subsequente. Nesse sentido, assume-se que o comportamento do /l/ em final de sílaba é influenciado por fatores tanto linguísticos quanto extralinguísticos, que podem favorecer ou inibir o uso de uma ou de outra variante do fonema nas áreas sul-rio-grandense e baiana.

O que se identifica como variável dependente neste estudo é a consoante lateral pós-vocálica /l/, que pode apresentar diferentes realizações no português brasileiro, como [w], [ɫ], [ø] ou [h], verificadas nos seguintes exemplos: pó[w]vora, pó[ɫ]vora, pó[ø]vora, ou pó[h]vora³ para “pólvora”; a[w]moço, a[ɫ]moço, a[h]moço para “almoço”; sa[w] e sa[ɫ] para “sal”.

Para investigar a heterogeneidade linguística e documentar o conhecimento da diversidade da língua portuguesa no espaço geográfico brasileiro, empreendimentos de cunhos dialetológico e sociolinguístico têm sido propostos, a exemplo do Projeto ALiB para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e dos diversos projetos executados no âmbito do território nacional para a constituição de atlas estaduais.

¹ Optou-se por manter a escrita Camara Jr., sem acento, conforme foi verificado nas edições das obras aqui citadas, apesar de outros autores, a exemplo de Silva (2009), grafarem Câmara Jr., com acento.

² Foi consultado também o *site* do projeto *Fonética e Fonologia*, formulado e coordenado por Thaís Cristófaró Silva. Disponível em: <<https://fonologia.org/>>. Acesso em: 23 out. 2022.

³ Por causa da consoante /v/ na sílaba seguinte, utilizou-se a realização fricativa sonora [h], e não a fricativa surda [h].

O que se apresenta sobre a variação do segmento lateral em final de sílaba é justamente a carência de estudos dialetológicos e sociolinguísticos a respeito das diferenças de emprego da consoante entre áreas brasileiras, sejam estaduais ou regionais, a partir de dados sistematizáveis que contemplem de igual modo as localidades investigadas.

Frente a essa problemática, algumas questões são levantadas com relação à realização do /l/ em final de sílaba nas perspectivas sociolinguística e geolinguística ou dialetal:

- a) Qual o quadro de variação do /l/ pós-vocálico nos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia?
- b) Há diferenciação linguística entre as duas áreas quanto à realização da lateral em final de sílaba?
- c) Até que ponto os fatores extralinguísticos e/ou linguísticos condicionam a realização do segmento?
- d) Em que medida a realização variável do /l/ em final de sílaba poderá ser associada à sócio-história das áreas sul-rio-grandense e baiana?

Considerando essas questões, são assumidas as seguintes hipóteses: as localidades de cada estado se diferenciam quanto ao uso do /l/ em final de sílaba; há diferenciação na realização da variável dependente entre os falantes das duas áreas investigadas; A realização do segmento é afetada por fatores extralinguísticos e linguísticos, tais como a faixa etária e o sexo dos informantes, a localidade e os contextos fonológicos antecedente e subsequente; o quadro variável pode ser associado à sócio-história dos dois estados.

Para dar conta dessas questões, a pesquisa tem os seguintes objetivos:

- a) Identificar as variantes do /l/ pós-vocálico nas duas áreas;
- b) Confrontar as variantes do /l/ em final de sílaba a partir da correlação de fatores extralinguísticos e linguísticos para verificação do quadro variável nas duas áreas;
- c) Associar os resultados do quadro variável do /l/ em final de sílaba a aspectos sócio-históricos das áreas investigadas;
- d) Correlacionar os resultados desta pesquisa a outros estudos sobre a realização variável do /l/ em final de sílaba nas regiões Sul e Nordeste do Brasil.

O confronto entre os estados do Rio Grande do Sul e da Bahia é realizado a partir da análise da realização variável da lateral pós-vocálica /l/ nos dados extraídos do acervo do Projeto ALiB.

Os 148 informantes da pesquisa são distribuídos igualmente por sexo e idade, no total de quatro sujeitos por localidade do interior dos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia, conforme a metodologia empregada pelo Projeto ALiB na coleta dos dados.

A investigação do /l/ em final de sílaba abrange as localidades do interior dos estados, haja vista os dados do Projeto ALiB referentes à variação da lateral pós-vocálica nas capitais brasileiras já terem sido objeto de análise do estudo de Pinho e Margotti (2010).

A composição do *corpus* é feita por meio de escutas das gravações do questionário fonético-fonológico e dos temas para discursos semidirigidos, totalizando 3.262 ocorrências da lateral pós-vocálica, sendo 1.400 das localidades do Rio Grande do Sul e 1.862 das localidades da Bahia. Os dados são submetidos à análise estatística do programa computacional Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Os resultados apontam para o amplo emprego da semivocalização nas duas áreas, com maior avanço na Bahia, e para a conservação da variante velarizada no Rio Grande do Sul.

A partir do entendimento de que a variação da lateral pós-vocálica resulta da correlação entre a variável dependente e as variáveis independentes, levam-se em consideração fatores extralinguísticos e linguísticos na análise da lateral pós-vocálica /l/, agrupados sob os seguintes aspectos: variáveis geolinguísticas; variáveis sociolinguísticas e variáveis linguísticas.

Em relação à organização do trabalho, a segunda seção, *Revisão da literatura*, apresenta os aspectos históricos do /l/ em final de sílaba na passagem do latim ao português, trata da face estrutural do segmento no português brasileiro e faz uma revisão bibliográfica dos principais estudos variacionistas a respeito da realização variável do /l/ pós-vocálico nas regiões Sul e Nordeste do Brasil.

A terceira seção, *Pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa*, aborda os principais aspectos da Dialetologia pluridimensional, da Sociolinguística variacionista e dos Pressupostos fonético-fonológicos: a) *Dialetologia pluridimensional* apresenta um panorama geral a respeito dos estudos dialetológicos, problematizando os atuais papéis desempenhados pela Dialetologia e pelo método geolinguístico e propondo uma atuação mais ativa dessa corrente na incorporação dos princípios sociolinguísticos no tratamento da variação espacial; b) *Sociolinguística variacionista* discorre sobre os princípios e métodos desse ramo da linguística bem como sobre seus conceitos básicos; c) *Pressupostos fonético-fonológicos* destacam alguns aspectos da abordagem fonética-fonológica de cunho estruturalista aplicada ao estudo dos segmentos sonoros da fala do português do Brasil.

A quarta seção, *Aspectos sócio-históricos das localidades*, apresenta alguns aspectos sócio-históricos das localidades interioranas do Rio Grande do Sul e da Bahia, pertencentes à rede de pontos do Projeto ALiB, para verificar em que medida esses aspectos podem ser associados à variação da lateral pós-vocálica /l/ nos dois estados.

A quinta seção, *Procedimentos metodológicos da pesquisa*, faz uma breve apresentação da metodologia do Projeto ALiB, dos informantes da pesquisa, das localidades investigadas, da caracterização do *corpus*, do controle de variáveis e dos procedimentos de análise dos dados.

Na última seção, *Análise dos dados e discussão dos resultados*, a partir do processamento estatístico dos dados no programa computacional Goldvarb X, são apresentados e discutidos os resultados do tratamento da consoante lateral pós-vocálica /l/ no conjunto das duas áreas investigadas – Rio Grande do Sul e Bahia – bem como na área do Rio Grande do Sul e da Bahia, separadamente.

A exibição dos dados e a discussão dos resultados, ainda que apresentada a ordem de importância atribuída aos grupos de fatores pelo programa estatístico, são feitas a partir dos percentuais gerais de frequência das variantes e dos pesos relativos dos fatores diatópicos ou geolinguísticos, sociolinguísticos e linguísticos, nesta ordem.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Esta seção apresenta alguns aspectos históricos da variação do /l/ em final de sílaba na passagem do latim ao português, trata da face estrutural do segmento no português brasileiro e faz uma revisão bibliográfica dos principais estudos variacionistas a respeito da realização variável dessa consoante nas regiões Sul e Nordeste do Brasil.

2.1 O /l/ EM FINAL DE SÍLABA

A lateral pós-vocálica cujo aspecto variável já era observado desde a passagem do latim clássico ao latim vulgar recebeu a atenção de estudiosos, como, por exemplo, Nunes (1989 [1919]), Leite de Vasconcellos (1911), Coutinho (2011 [1938]), Faria (1970), Silva Neto (1977) etc. ao tratarem da história da língua portuguesa. Esse processo histórico pelo qual passou o fonema em questão resultou numa intensa variação do segmento lateral no português brasileiro, fato que pode levar ao entendimento de que a realização variável da lateral pós-vocálica não se iniciou nem, muitos menos, seria exclusividade dessa variedade do português.

Uma hipótese foi a de que o /l/ intervocálico, em muitos casos, passou a ser velarizado [ɫ]⁴ na passagem do latim ao português, pronunciado junto à sílaba anterior, e posteriormente apagado. Segundo Leite de Vasconcellos (1911, p. 295), “o l pronunciou-se unido à vogal antecedente, e, portanto, ficou final de sílaba, e guturalizou-se, caindo em seguida: mala > maɫa = mal-a > maa > má”.

A partir de conhecimentos básicos de fonética, pode-se compreender as diferenças articulatórias entre as realizações alveolar [l] e velar [ɫ] da consoante lateral no português, em que a forma [l] tem a ponta ou lâmina da língua como articulador ativo tocando os alvéolos (articulador passivo), direcionando a corrente de ar egressa pelas laterais do ponto de contato dos articuladores; a forma [ɫ], considerando as propriedades articulatórias de [l], tem o recuo da parte posterior da língua em direção ao véu palatino. Destaque-se que, atualmente no português brasileiro, essa articulação secundária da consoante associada à perda do contato entre a lâmina

⁴ A realização [ɫ] foi denominada de “velarização” da consoante /l/ em final de sílaba no português. Trata-se de uma propriedade articulatória secundária da consoante lateral nesse contexto, com o levantamento da parte posterior da língua em direção ao véu palatino concomitantemente com a articulação do segmento, conforme Silva (2009).

da língua e os alvéolos e ao arredondamento dos lábios resultam na semivocalização [w] do /l/ em final de sílaba.

As mudanças nas propriedades articulatórias na realização da consoante lateral também foram observadas quando a síncope ou a apócope ocorria primeiro em vogais diante de /l/ medial intervocálico, o que resultava na ocupação da posição final de sílaba por essa consoante: *mala* > *mała* = *mał-a* > *mał*. Silva Neto (1977) apontou que esse fato linguístico era frequente em algumas áreas da Romênia e que a consoante se mantinha no contexto final de sílaba quando ocorria primeiro a síncope da vogal seguinte. Leite de Vasconcellos (1911, p. 297) exemplificou que, “em palavras como *solitudine-*, se o *i* se mantém durante certo tempo, o *l* cai, por ficar entre vogais: *soidom* (arc.); mas em palavras como *solitariu-*, se o *i* cai cedo, o *l* conserva-se, por ficar antes de consoante: *solteiro*”.

Fato importante que levou à ampliação do emprego da consoante lateral na posição final da sílaba foi verificado também por Nunes (1989 [1919]) e por Coutinho (2011 [1938]), ao considerarem que, na variedade vulgar do latim, havia a tendência de evitar as palavras proparoxítonas: latim vulgar *caldus*; latim clássico *calidus*.

Essa tendência de evitar os vocábulos proparoxítonos na pronúncia não *standard* do latim alargava significativamente a ocupação da coda silábica por consoantes (*polypu* > “polvo” e *solidus* > *soldus*), contribuindo para o apagamento de vogais diante de /l/. Conforme apontado nas gramáticas históricas, a posição átona ocupada pelas vogais, pretônica e postônica, as assujeitava à síncope ou à apócope.

A partir do que se apresenta em algumas gramáticas históricas, a exemplo de Nunes (1989 [1919]) e de Coutinho (2011 [1938]), observou-se que o apagamento (síncope ou apócope) de segmentos do vocábulo na passagem da língua latina ao português contribuiu para a produtividade de consoantes na posição final de sílaba, a exemplo do /l/.

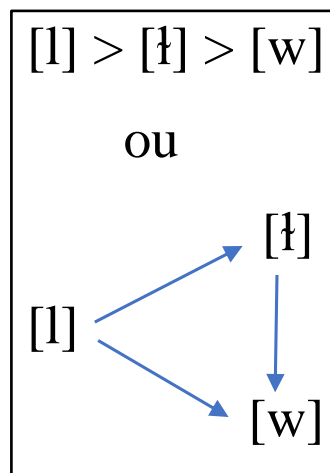
A síncope de vogal no interior de palavra, *pulica* > “pulga”, bem como a apócope, *regale* > “real”, foram fatos produtores que levaram ao aumento do emprego da consoante lateral na posição final da sílaba.

Registro histórico valioso de estados da língua, O *Appendix Probi* é um documento do fim do século III da era cristã, organizado em Roma por um gramático anônimo de origem africana, no qual se apresentaram exemplos do latim vulgar em confronto com exemplos da variedade clássica da língua latina. Apresentado na íntegra por Silva Neto (1977), pode-se verificar no documento exemplos como *calida non calda* e *figulus non figel*, que mostram a presença de /l/ em final de sílaba na variedade vulgar do latim, e *alveus non albeus* e *balteus non baltius*, que mostram a presença da variável na variedade clássica dessa língua.

Considerando a realização semivocalizada [w] do segmento lateral em final de sílaba, apresentaram-se alguns exemplos que não apenas mostraram a consoante /l/ nesse contexto mas também revelaram o caráter variável desse segmento no percurso entre o latim e o português: *vergel*/"vergêu" e *alvanel*/"alvanêu". Esse caráter variável da consoante levou, em muitos casos, à semivocalização do segmento e resultou na formação de ditongos no português como em *alt(e)ru* > "outro" e *chapel* > "chapêu"; no entanto, "nos derivados de *chapêu* (*chapel*), o -l conserva-se: *chapeleiro*, *chapelaria*, *chapelada*" (COUTINHO, 2011 [1938], p. 117).

Considere-se o fato de que a realização da variante [w] tem apenas o abaixamento da lâmina da língua e o arredondamento mais acentuado dos lábios em comparação à realização da forma [ɫ]. Levando em conta um possível processo de mudança do /l/ em final de sílaba na passagem do latim ao português brasileiro, seria possível sugerir o seguinte direcionamento:

Figura 1: Direcionamento da mudança do /l/ do latim ao português



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 1 sugere duas possibilidades de direcionamento da mudança do /l/ na passagem do latim ao português: uma linear, que iniciou pela realização alveolar [l], passando pela realização velarizada [ɫ] até resultar na realização semivocalizada [w] da consoante em final de sílaba; outra que, além do direcionamento linear, indicou a possibilidade de que a coexistência das variantes [ɫ] e [w] estivesse diretamente ligadas à realização alveolar [l] do segmento. Considerando os diferentes motivos (apócope, síncope, tendência de evitar as palavras proparoxítonas etc.) que levaram o /l/ a ocupar a coda silábica desde o latim ao português, a segunda possibilidade de direcionamento da mudança na realização da consoante lateral parece mais provável, visto que a semivocalização [w] pode resultar tanto da variante alveolar [l] quanto da variante velarizada [ɫ].

Destaque-se que tal sugestão não é realizada apenas com base no que foi apresentado sobre a realização da lateral pós-vocálica na passagem da língua latina à variedade brasileira do português, mas se consideram também os resultados de diferentes estudos sobre a variação dessa consoante no âmbito do português brasileiro, a exemplo de Teixeira (1988), Quednau (1993), Espiga (1997) e Santos (2017).

A alternância da lateral em final de sílaba não se restringia apenas à semivocalização. Nunes (1989 [1919]) observou que, no português falado em Portugal, a permuta de /l/ por /r/ se processava, a exemplo de “corchão/colchão”, “sordado/soldado”. No português brasileiro, estudos como o de Sá (2006) apontaram que essa permuta ocorre principalmente na fala de pessoas de comunidades interioranas que não são grandes centros urbanos.

A partir dessas exposições, pode-se dizer que a difusão da consoante /l/ em final de sílaba resultou especialmente de acontecimentos linguísticos (síncope ou apócope) ocorridos na estrutura da língua na passagem do latim ao português.

A realização variável do /l/ em final de sílaba no português segue o seu curso iniciado, provavelmente, ainda na difusão da variedade não *standard* da língua latina, o chamado “latim vulgar”, o que leva ao entendimento de que não se trata de uma variável dependente surgida abruptamente no português, tão pouco em sua variedade brasileira.

2.2 O /l/ EM FINAL DE SÍLABA NO PB

A estrutura da sílaba no português brasileiro tem como núcleo uma vogal, de modo que consoantes e vogais assilábicas orbitam em torno desse segmento nuclear, ou seja, a depender da estrutura silábica, a vogal pode figurar sozinha na sílaba (/a.'zul/) ou acompanhada de outros segmentos anteriores e/ou posteriores ao núcleo (/a.'zul/, /'al.to/, /bra.'zil/, /peRS.pi.'kaS/).

A representação dessas estruturas foi feita por Camara Jr. (2011 [1970]) com as seguintes notações: V (vogal silábica) e C (demais segmentos em torno do núcleo da sílaba). Desse modo, tem-se CCV.CVC para “Brasil”, V.CVC para “azul”, VC.CV para “alto” e CVCC.CV.CVC para “perspicaz”.

A notação CVC, por exemplo, tendo V como referência, apresenta uma estrutura crescente e decrescente, na qual o núcleo (V) é o ápice ou pico de força tonal da sílaba, de modo que o fluxo de força em direção ao núcleo (CV) é crescente e o fluxo de força do núcleo em direção a outro segmento (VC), decrescente. Essa noção é importante para o entendimento da organização ou distribuição dos fonemas no âmbito da estrutura da sílaba.

No português brasileiro, a posição pós-vocálica está sujeita a diferentes processos fonológicos, a exemplo da ocorrência de síncope (pólvora = ['pɔvɔra]) ou de apócope (sol = ['sɔ]) e da vocalização ou semivocalização de consoantes, como em “mal” (['maɫ]/['maw])” e “vil” (['viɫ]/['viw]), que, foneticamente, pode resultar na homonímia entre “mal” e “mau” ['maw] e ['maw] e entre “vil” e “viu” ['viw] e ['viw] na maioria dos dialetos do português brasileiro. No entanto a conservação da distinção fonética dessas formas “vil” e “viu” ['viɫ] e ['viw] ainda pode ser verificada na fala de boa parte das pessoas da região Sul do Brasil.

Na posição final de sílaba do português brasileiro, em vocábulos como “alto” (['aɫtɔ], ['awtɔ] e ['ahtɔ]), a alternância entre as variantes [ʔ], [w] e [h] do /l/ não está relacionada ao mecanismo da neutralização entre fonemas, mas às propriedades articulatórias secundárias do segmento lateral nesse contexto, segundo a proposta de Camara Jr. (2011 [1970]) e Silva (2009)⁵, que comumente são denominadas de “velarização”, “vocalização” ou “semivocalização” e “aspiração” da consoante lateral. Nesse sentido, Camara Jr. (2011 [1970]) considerou o /l/ em final de sílaba como um alofone posicional e não como um arquifonema, que resulta da neutralização entre traços de diferentes fonemas no português brasileiro, a exemplo do arquifonema /S/ em final de sílaba: o vocábulo “mês” /'mêS/ pode ser realizado tanto como ['mês] quanto ['meʃ], sem alteração do significado com a troca entre os fonemas /s/ e ʃ/. No entanto essa troca não pode ocorrer em contextos intervocálicos, como nos vocábulos “assa” e “acha” ['asə] e ['aʃə], sem que haja a mudança do significado.

Um dos fatores que pode ser associado a isso é o fato de que, na estrutura da sílaba, a coda é uma posição frágil, visto que a intensidade do tom e a elevação da voz na realização da vogal entram numa escala descendente em direção ao final da estrutura, fazendo com que o segmento nesse contexto seja suscetível a processos fonológicos, conforme já referido.

As consoantes do português que podem figurar na coda silábica são /S/ (casca = /'kaS.ka/ = ['kaskə] ou ['kaʃkə]) e rasgo = /'raS.go/ = ['hazgɔ] ou ['haʒgɔ]), /R/ (carta = /'kaR.ta/ = ['kahtə] ou ['kaxtə] e carga = /'kaR.ga/ = ['kaŋgə] ou ['kaɣgə]) e /l/ (sal = ['saw], ['saɔ] ou ['saɫ]. Há ainda o caso do arquifonema nasal /N/⁶, proposto por Camara Jr. (2008 [1953]; 2011 [1970]), em contrapartida à noção da existência de vogais nasais para o português, e o caso das vogais altas /i/ e /u/ que funcionam como alofones assilábicos, como em “peito” e

⁵ Conforme também o *site* do projeto *Fonética e Fonologia*, formulado e coordenado por Thaís Cristófaros Silva. Disponível em: <<https://fonologia.org/>>. Acesso em: 23 out. 2022.

⁶ Para as vogais nasais (ã, ê, ĩ, õ, û) do português, Câmara Jr. (2011 [1970]) propôs a existência de dois segmentos que se combinam na estrutura da sílaba, vogal e elemento nasal (aN, eN, iN, oN, uN), como em /kaN.ta/, 3ª pessoa do verbo “cantar”.

“pauta”, que Silva (2009) transcreve foneticamente por meio dos símbolos [ɪ] e [ʊ] ([ˈpeɪtɔ] e [ˈpaʊtɐ]).

Nesse sentido, o /l/ em posição final de sílaba apresenta-se como um alofone posicional, visto que, nesse contexto, o segmento tem a aproximação entre o dorso posterior da língua e o véu palatino bem como a articulação da ponta da língua junto aos dentes superiores, o que não ocorre com a lateral em posição pré-vocálica (“lata”, “bala”, “bailarina”), em que se verifica apenas o levantamento da ponta da língua junto aos alvéolos ou aos dentes superiores.

Sob essas considerações, conclui-se que a alofonia posicional do /l/ em final de sílaba pode levá-lo a diferentes maneiras de ser realizado no português brasileiro, sem acarretar mudanças de significado. As variantes da lateral pós-vocálica podem ser verificadas no português brasileiro na pronúncia do vocábulo “pólvora” ([ˈpɔvɔrɐ], [ˈpɔwvɔrɐ], [ˈpɔlvɔrɐ], [ˈpɔfivɔrɐ]), em que a variável pode ser cancelada ou apagada (∅) ou ser realizada como uma semivogal ([w]), como uma lateral velarizada ([ɫ]) ou como uma fricativa [h] surda ou [ɦ] sonora.

Destaque-se que a permuta do /l/ em coda (palpa, do verbo “palpar”, [ˈpaɫpɐ], [ˈpawpɐ], [ˈpaɦpɐ]) somente ocorre a partir da incorporação de propriedades articulatórias ligadas a outros segmentos que já atuam em posição pós-vocálica no português brasileiro, a exemplo de [h] (“parta” [ˈpaɦtɐ], 3ª pessoa singular do subjuntivo do verbo “partir”) e de [w] (“pauta” [ˈpawtɐ]⁷, listagem de coisas), que têm em comum com a velarização [ɫ] do /l/ a qualidade de posterior.

Foneticamente a realização semivocalizada [w] do /l/ pós-vocálico acaba recuperando os ditongos [aʊ] e [oʊ] (/au/ e /ou/) no português brasileiro. Trata-se de encontro vocálico na mesma sílaba que, desde a passagem do latim ao português, apresenta o processo de redução, /au/ > /ou/ > /o/, observação já verificada nas gramáticas históricas, a exemplo de Leite de Vasconcellos (1911) e Nunes (1989 [1919]), como em *auru* > ouro > o[∅]ro. Exemplos como os de [awˈfasi] > [owˈfasi] > [oøˈfasi] para “alface” atestam a ocorrência tanto da recuperação ([awˈfasi] > [owˈfasi]) quanto da redução ([oøˈfasi]) dos ditongos /au/ e /ou/ no português.

Destaques pioneiros sobre a consoante /l/ em final de sílaba no português brasileiro foram dados pelos dialetólogos Amaral (1955 [1920]), em *O dialeto caipira*; Nascentes (1953 [1922]), em *O linguajar carioca*; e Marroquim (2008 [1934]), em *A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. Esses primeiros registros sobre a consoante lateral em final de sílaba demonstraram o aspecto variável da realização desse segmento na língua.

⁷ Na proposta de Silva (2009), o símbolo sugerido para uma transcrição deste tipo é [ʊ], (“pauta” [ˈpaʊtɐ]).

Ao tratar da diferenciação dialetal no dialeto caipira, Amaral (1955 [1920]) apontou que o /l/ em final de sílaba tanto poderia ser realizado como /r/, a exemplo de *quarquér, papér, mér* e *arma* em vez de *qualquer, papel, mel* e *alma*, quanto poderia ser apagado, como em *talequá* e *malemá* por *tal qual* e *mal, mal*, de modo que o primeiro /l/ passa a intervocálico. Esse autor sugeriu que, antes do apagamento da consoante final em palavras terminadas em *-al, -el* e *-il*, primeiro o /l/ foi realizado como /r/ como em *jornal > jornár > jorná*, no seguinte direcionamento: $l > r > \emptyset$. No entanto, segundo se verifica em diferentes estudos sobre a variável no português brasileiro, a exemplo de Quednau (1993), Hora (2006), Santos (2017) etc., é mais provável que haja a coexistência dessas variantes, sem esse aspecto de linearidade.

No estudo do linguajar carioca, variedade do subfalar fluminense, Nascentes (1953 [1922]) destacou que uma das possibilidades de realização da consoante lateral em final de sílaba foi sua semivocalização [w] diante das vogais /a/, /e/, /i/ (“alta”, “horrível” e “Brasil”, respectivamente, [ˈawtɐ], [oˈhivew] e [braˈziw])⁸, variante que tem em comum com a variante velarizada da consoante a qualidade de velar. Além disso, nessa variedade, registrou-se a troca do /l/ pelo /r/ como em [ˈfahtɐ] por [ˈfaltɐ].

Nessa esteira, Marroquim (2008 [1934]), ao tratar dos aspectos da fonologia do falar do Nordeste, também verificou a troca do /l/ pelo /r/ no contexto de coda, a exemplo de [sɔhˈdadɔ] e [aɦˈvurɔ] por [sɔɦˈdadɔ] e [aɦˈvurɐ], sugerindo que, após a passagem do /l/ a /r/, este último tornou-se numa semivogal /j/, a exemplo de [aɦˈvurɐ] > [aɦˈvurɛ] > [ajˈvurɛ], o que também indica uma ordenação de regras /l/ > /r/ > /j/.

O português brasileiro deu sequência a importantes processos fonético-fonológicos verificados ainda no latim, como é o caso da redução de ditongos e, especialmente, da alternância e/ou do cancelamento de elementos em final de sílaba, o que reforça a concepção de que a coda silábica é mais frágil e suscetível aos processos de mutação do que o núcleo da estrutura silábica, principalmente pela possibilidade de seu cancelamento, CVC ou VC > CV∅ ou V∅, por exemplo.

Quanto à realização variável da consoante /l/ em final de sílaba no português brasileiro, parece necessário considerar os aspectos estruturais da língua nas investigações e análises dialetológicas sobre a variável dependente em questão, observando especialmente as possibilidades dos processos fonético-fonológicos admitidos na estrutura linguística, ou seja, assim como os aspectos extralinguísticos – sociais e geolinguísticos –, a estrutura da língua também precisa ser levada em conta no tratamento do segmento.

⁸ Exemplos do *corpus* extraído dos dados do Projeto ALiB.

2.3 REALIZAÇÃO VARIÁVEL DO /l/ EM FINAL DE SÍLABA NAS REGIÕES SUL E NORDESTE DO BRASIL

Esta seção apresenta discussões sobre estudos da realização variável da lateral /l/ em posição final de sílaba no português brasileiro, especificamente aqueles que trataram da variável nas regiões Sul e Nordeste. Em que pesem diferenças metodológicas na abordagem da consoante lateral, buscou-se fornecer subsídios para se correlacionarem os resultados obtidos nesta investigação aos dos diferentes estudos aqui visitados.

A região do Sul do país tem sido palco de diversos estudos sociolinguísticos sobre a lateral pós-vocálica, a exemplo dos de Quednau (1993), Espiga (1997), Dal Mago (1998), Tasca (2002) etc. Essas pesquisas trataram o /l/ em final de sílaba nos três estados dessa região: Paraná, Santa Catarina e, principalmente, Rio Grande do Sul.

Nas últimas décadas, na região Nordeste, diferentemente, a realização variável do /l/ em final de sílaba não recebeu muita atenção como no Sul do país. Teixeira (1988) foi a pioneira na investigação do /l/ pós-vocálico na região Nordeste do Brasil ao investigar a variável na comunidade de Saco Fundo, no município de Monte Santo, no estado da Bahia. Hora (2006) tratou o segmento lateral em João Pessoa, na Paraíba, e Santos (2017; 2020) investigou a realização variável da consoante em dados de seis municípios baianos e em dados de uma (01) comunidade quilombola (rural) desse território.

2.3.1 O /l/ em variação na Região Sul

O dialeto sul-rio-grandense é marcado, sobretudo, pelo contato com outras línguas faladas nas regiões fronteiriças, a exemplo do espanhol, e nas comunidades de colonização italiana e alemã, principalmente. No tocante ao uso da consoante lateral em final de sílaba, as pesquisas citadas apontaram que o Rio Grande do Sul e os demais estados da mesma região têm se destacado em relação à conservação da variante velarizada [ɫ] da lateral /l/, enquanto a variante semivocalizada [w] é amplamente utilizada nas demais regiões do país, inclusive na região Nordeste.

Quednau (1993) analisou a variação da lateral em posição final de sílaba no português gaúcho a partir da fala de indivíduos de quatro regiões representativas de diferentes grupos

étnicos existentes no Rio Grande do Sul: metropolitana, de colonização alemã, de colonização italiana e fronteira. A pesquisa se deteve especialmente sobre as ocorrências das variantes semivocalizada [w] e velarizada [ɣ], em que se destacou o efeito da variável grupo étnico sobre o uso de [w]. Nesse quadro, o fator Metropolitanos favoreceu essa variante com 0,95 de peso relativo, enquanto que os fatores Alemães (0,25), Italianos (0,26) e Fronteirios (0,31) desfavoreceram a aplicação da semivocalização, mantendo assim o uso da variante [ɣ].

Observando as tabelas apresentadas em Quednau (1993), verificou-se que as variáveis Sexo e Idade, apesar de terem sido selecionadas pelo programa computacional, não se mostraram tão relevantes, uma vez que os fatores desses grupos apresentaram pesos relativos com valores muito próximos ao ponto neutro de 0,50.

Em relação aos fatores linguísticos, percebeu-se que, conforme resultados apresentados por Quednau (1993), o efeito do acento favoreceu a variante [w] quando a variável ocorreu em posições tônica (0,67) e pretônica⁹ (0,60); no contexto precedente, as vogais altas [i] (0,44) e [u] (0,34) se mostraram desfavorecedoras da semivocalização da lateral, que foi favorecida especialmente pelas vogais anteriores médias (0,66); no contexto seguinte, a aplicação da regra [w] foi favorecida quando diante de consoantes altas (palatal e velar) (0,67), “acolchoado” e “alguém”, lateral (0,65), “tal lugar”, e alveolar (0,57), “salsa”.

Espiga (1997) investigou a influência do espanhol na realização da lateral em final de sílaba no português de fronteira da comunidade do Chuí, RS, e verificou que a variante [w] alcançou índice de apenas 7% do total de realizações da consoante, com 68 ocorrências; a variante [ɣ] atingiu percentual de 39%, com 365 dados; e a forma alveolar [l] da lateral chegou a 54%, com 512 dados computados.

Destacou-se, dentre os fatores linguísticos da análise de Espiga (1997), o contexto precedente à lateral, de modo que a variante [w] foi favorecida nos contextos em que as vogais precedentes eram [a] (0,61) e [e] (0,54). Referente aos fatores extralinguísticos, destacou-se a faixa etária dos informantes, visto que os mais jovens de até 20 anos (0,71) favoreceram [w], os de 26 a 45 anos (0,54) não apresentaram valor significativo de aplicação da variante e os mais velhos (0,39), acima de 45 anos, desfavoreceram o uso dessa variante.

Ao analisar o comportamento do /l/ pós-vocálico em três estados do sul do país (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), a partir de dados de 96 informantes do acervo do Projeto

⁹ Optou-se por usar a forma “pretônica” e “postônica”, verificadas em Silva (2009; 2011), em vez de “pré-tônica” e “pós-tônica”. Em consulta ao *site* do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), foram encontradas as seguintes formas dessas palavras adjetivas: “pre-tônico”, “pretônico”, “pós-tônico” e “postônico”. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em: 11 maio 2022.

VARISUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), Dal Mago (1998) constatou que a variante [w] encontrava-se amplamente difundida especialmente nas capitais Florianópolis, Porto Alegre (0,60) e Curitiba (0,62), com destaque também para a cidade de Londrina (0,94), onde a aplicação da regra se mostrou praticamente semicategórica.

Dal Mago (1998, p. 37) observou que “é possível verificar que há uma escala gradativa em relação à vocalização nas regiões, ou seja, o Paraná vocaliza mais que Santa Catarina e esta mais que o Rio Grande do Sul”. O autor mencionou também que as localidades de colonização alemã e italiana bem como aquelas em contato com outras línguas, como o espanhol, tenderam a conservar mais o uso da variante [ɫ].

Tasca (2002) apresentou a síntese de alguns estudos sobre o segmento lateral em final de sílaba a partir dos resultados de trabalhos desenvolvidos com dados de localidades do estado do Rio Grande do Sul, dentre eles o de Quednau (1993), destacando apenas as variáveis socioculturais. Foi verificada a ocorrência das seguintes variantes na posição de coda: alveolar [l], velarizada [ɫ], velarizada-labializada [l^w] e semivocalizada [w].

Dentre as comunidades analisadas, a capital Porto Alegre, de ascendência açoriana, registrou peso relativo de 0,95 para a semivocalização [w], indicando amplo emprego da variante. Diferentemente, as localidades de Panambi (0,76) e de Flores da Cunha (0,63), colonizadas por alemães e italianos, favoreceram o uso da variante alveolar [l]. Na localidade de São Borja, que faz fronteira com a Argentina, o uso da variante velarizada [ɫ] foi favorecido com peso relativo de 0,76.

Em Tasca (2002), no que tange à variável faixa etária, tanto na localidade do Chuí (0,79) quanto no conjunto das localidades de Panambi, Flores da Cunha e São Borja (0,63), a variante considerada no estudo como mais antiga [l] foi favorecida pelos mais velhos (acima de 50 anos). Na cidade de Santa Vitória, as faixas mais jovens de 16 a 25 anos (0,76) e de 26 a 50 anos (0,68) foram responsáveis pela implementação da forma considerada inovadora [l^w]. No tocante à variável sexo, as mulheres se mostraram ora favorecedoras da variante de prestígio, ora da variante inovadora, seguindo tendências apontadas pelas pesquisas sociolinguísticas.

Tasca (2002) destacou ainda que, nas localidades com descendentes de alemães ou de italianos e nas localidades onde os informantes estabelecem contatos próximos com falantes do espanhol, predominou o uso da variante [l], com tendência ao uso da variante [ɫ]. Já nos grupos que têm influência portuguesa, com característica monolíngue, predominou o uso da forma [w]. Com base nesses resultados, a autora defendeu a existência de uma regra de mudança da lateral em final de sílaba no estado do Rio Grande do Sul com os seguintes estágios: [l] > [ɫ] > [l^w] > [w].

A partir da análise de dados da cidade de Londrina, Paraná, Hahn e Quednau (2007) apresentaram um panorama da realização de /l/ em coda e constataram que a forma [w] representou 80% das realizações, enquanto que as outras duas variantes encontradas ([ɫ] e [l]) somaram 20% do total. Na análise, verificou-se que a variante semivocalizada foi favorecida, especialmente, pela vogal [a] no contexto fonológico precedente.

Ao estudar a variável /l/ em coda silábica em localidades da região Sul nos dados extraídos do projeto VARSUL, Collischonn e Quednau (2009) apontaram que o município de São José do Norte, Rio Grande do Sul, registrou uso de 43% de [w], 1% de [ɫ], 9% de [ø], 15% de [l] e 30% de [ɫ]. Nesse município, diferentemente de outras localidades da mesma região, em que [w] alcançou índices em torno de 80%, a frequência da variante semivocalizada não chegou a atingir nem 50% das ocorrências. Destacaram-se também as localidades de Lages, Santa Catarina, com 51% de [w], e Irati, Paraná, com 63% para essa mesma variante.

Collischonn e Quednau (2009) destacaram que os índices apresentados no emprego da forma [w] nas cidades de São José do Norte (RS), Lages (SC) e Irati (PR) se diferenciaram dos números obtidos em outras localidades do Paraná: Curitiba, com 81%; Pato Branco, com 91%; e Londrina, com 80%. As autoras associaram essa diferenciação à ideia de que houvesse uma tendência de semivocalização mais acentuada no Paraná que se reduziria, gradativamente, em direção ao sul, conforme se verificou em Dal Mago (1998).

No que diz respeito às variáveis linguísticas, os resultados de Collischonn e Quednau (2009) revelaram que o contexto precedente atuou na inibição da semivocalização quando a vogal foi [u], com 0,38 de peso relativo. Para a variável acento, o apagamento da lateral foi favorecido quando em posição postônica.

Outro estudo que também analisou o /l/ em final de sílaba foi o de Battisti e Moras (2016). Com base no recurso do tempo real, a investigação tratou da semivocalização da variável dependente no município de Flores da Cunha a partir dos *corpora* extraídos de dois bancos de dados: o VARSUL, com dados da década de 1990; e o BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha), com dados de 2008-2009. A vocalização apresentou um aumento expressivo nesse período de quase 20 anos, de modo que passou de 12% em 1990 a 77% em 2008-2009.

Destacam-se aqui os fatores sociais, em que, tanto no *corpus* do VARSUL quanto no do BDSer, os sujeitos mais jovens favoreceram o emprego da variante [w], com valores acima de 0,80 de pesos relativos, revelando a tendência à semivocalização pela nova geração. Nos dados de 2008-2009, as mulheres das duas faixas mais novas (25-39 e 40-59 anos), com 100%, fizeram uso categórico e as da faixa mais velha (60 anos ou mais), com 80%, fizeram uso

variável da regra [w], enquanto os homens apresentaram um quadro de implementação em que os mais velhos fizeram pouco uso da variante [w], com aumento na faixa etária intermediária, até aproximadamente 80% na faixa mais nova.

Battisti e Moras (2016) consideraram que, diante da proporção verificada no progresso de implementação da regra [w], forças sociais, além das de gênero e idade, estivessem atuando sobre essas variáveis. Os autores, ao consultarem fontes de dados socioeconômicos e demográficos, verificaram que os setores de indústria, comércio e, principalmente, serviços cresceram exponencialmente entre 1991 e 2009. Somou-se a isso a redução da população rural nesse período, que passou de aproximadamente 10.000 habitantes para aproximadamente 5.000, enquanto que a população urbana saiu de pouco mais de 5.000 para mais de 20.000 habitantes, uma inversão significativa entre as duas zonas, com aumento populacional considerável na cidade e diminuição drástica no campo, mudanças na comunidade de fala que foram acompanhadas pelas mudanças linguísticas.

O estudo variacionista especificamente sobre a semivocalização de /l/ em final de sílaba foi empreendido por Azambuja (2017) na comunidade de Antônio Prado, RS, a partir de dados obtidos do BDSer. Os 20 informantes da pesquisa foram distribuídos segundo sexo, idade, escolaridade e localidade (rural e urbana). Verificou-se que, dos 1247 dados levantados, [w] obteve frequência de 31%, com 392 ocorrências, e [ɫ], 69%, com 855 registros.

Os mais jovens (0,89), entre 15 e 30 anos, da comunidade de Antônio Prado lideraram o favorecimento de aplicação da regra [w], seguidos pelos informantes de meia idade (0,79), entre 31 e 50 anos; por outro lado, os sujeitos mais velhos (0,35), entre 51 e 70 anos, e os acima de 71 anos (0,05) desfavoreceram o uso de [w]. Esse quadro se apresentou principalmente na zona urbana (0,80), visto que a zona rural (0,19) inibiu a aplicação da variante [w], conservando a forma [ɫ].

Quanto aos fatores linguísticos, Azambuja (2017) verificou que a semivocalização foi favorecida diante da vogal [u] (0,64). No entanto o que outros estudos – Quednau (1993), Hora (2006), Santos (2017) etc., por exemplo – revelaram foi que essa vogal não favoreceu a variante [w]. Uma análise mais detalhada sobre esse fato precisaria ser empreendida para se observar o comportamento desse fator no confronto da semivocalização com outra(s) variante(s), visto que a tendência é o apagamento da consoante diante da vogal posterior alta. Azambuja (2017) observou também o favorecimento das mulheres (0,57) na aplicação de [w].

A partir de um *corpus* extraído do banco de dados do Projeto ALiB, Santos e Silva Neto (2019) observaram o comportamento variável da lateral em quatro cidades do Rio Grande do Sul: Passo Fundo, São Borja, Santa Cruz do Sul e São José do Norte. Foram computadas 495

ocorrências da variável na fala de 16 informantes, dois homens e duas mulheres por localidade, contemplando duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos –, conforme metodologia empregada pelo Projeto na recolha de dados.

Em termos percentuais, no conjunto das quatro localidades que fizeram parte da rede de pontos do Projeto ALiB, a semivocalização [w] mostrou-se mais produtiva, com 418 ocorrências, representado 84% do total dos dados encontrados; a variante [ɫ], com 48 registros de uso, correspondeu a 10% das realizações; a lateral plena [l] e o apagamento [∅] obtiveram, respectivamente, 5% e 1% do total.

Santos e Silva Neto (2019) apontaram que a variante velarizada da lateral registrou maior presença na fala dos informantes de 50 a 65 anos, 38 dados dos 48 registrados. Nesse sentido, a semivocalização [w] de /l/ em final de sílaba se mostrou amplamente difundida no conjunto dessas localidades.

O balanço geral dessas análises revelou que a conservação da velarizada [ɫ] da lateral em final de sílaba no português brasileiro foi favorecida pelo contato com outras línguas, a exemplo do espanhol de fronteira e os grupos étnicos de colonização alemã e italiana, por pessoas de faixa etária mais velha e por localidades rurais; noutra direção, a variante semivocalizada [w] foi favorecida pelas pessoas de faixa etária jovem e por centros urbanos, sobretudo as capitais. Destacou-se também o favorecimento da variante [w] pelas posições tônica ou pretônica que ocupa no vocábulo e pelo contexto precedente com a presença das vogais [a] e [e].

2.3.2 O /l/ em variação na Região Nordeste

Apesar de a análise ter sido baseada apenas em termos percentuais, um dos estudos sociolinguísticos pioneiros sobre a realização variável das consoantes líquidas /l/ e /r/ em final de sílaba no português brasileiro foi empreendido por Teixeira (1988). Nesse estudo, foram investigadas a variação e a mudança linguística na região de Monte Santo, Bahia, mais especificamente no povoado de Saco Fundo, a partir da análise das consoantes líquidas /l/ e /r/ em final de sílaba.

Para a análise do /l/ em final de sílaba, foram selecionados oito informantes naturais do povoado, homens e mulheres, distribuídos em três faixas etárias: jovens, entre 15 e 30 anos; meia idade, entre 31 e 50 anos; mais velhos, acima de 50 anos. Na sua maioria, os informantes

eram analfabetos, com exceção de dois estudantes das antigas 6^a e 7^a séries do primeiro grau, da faixa etária jovem.

Na análise de Teixeira (1988), o *corpus* reuniu 590 ocorrências da lateral em posição de coda silábica distribuídas pelos percentuais de realização das seguintes variantes: lateral velarizada [ɮ] (ex. “revo[ɮ]ver” para “revolver”), com aproximadamente 45%; alveolar com apoio vocálico [lⁱ] (ex. ma[lⁱ] para “mal”), com 8%; semivogal [w] (ex. a[w]ma para “alma”), com aproximadamente 31%; fricativa velar [x]¹⁰, com aproximadamente 2%; e o apagamento da lateral [∅] (ex. difici[∅] para “difícil”), com aproximadamente 14%. Esses percentuais mostraram que a forma [ɮ] foi a mais frequente na comunidade, seguida por [w].

No que diz respeito à posição da variável na palavra, Teixeira (1988) verificou que, das ocorrências internas (325 dados) e externas (265 dados) do vocábulo, a variante velarizada [ɮ] (60%) foi a mais realizada em contexto interno, enquanto que a semivocalização [w] (37%) foi mais recorrente em contexto externo. Destacou-se que a fricativa velar [x] (9%) se restringiu à posição interna de palavra, enquanto que a variante [lⁱ] foi registrada em apenas dois dados, menos de 1%, em posição interna, concentrando as ocorrências em posição externa, com 17% neste contexto.

Em final de sílaba interna, a realização [ɮ] foi mais efetivada diante dos segmentos antecedentes [a], [ɔ], [u]; a forma [w], por sua vez, se efetivou mais diante de [ɛ], [i] e [a], nessa ordem, principalmente quando a consoante subsequente apresentou características de nasalidade, labialidade e mais sonoridade; já o apagamento ocorreu mais diante da vogal [u], especialmente em sílabas não acentuadas.

Em final de sílaba externa, destacaram-se as variantes [w], mais recorrente, e [∅], que apresentaram resultados interessantes: diante de [a], [ɛ] e [i], nessa ordem, com pausa subsequente e em vocábulos de duas sílabas, a variante [w] se revelou mais efetiva; por outro lado, diante [u] e [ɔ], em sílabas menos acentuadas em vocábulos trissilábicos, a variante [∅] apresentou percentuais mais significativos.

Teixeira (1988) também analisou a distribuição das variantes de /l/ por faixa etária e verificou a preferência pela semivocalização (78%) na fala dos mais jovens, seguida pelo apagamento (20%) do segmento lateral. Os percentuais de menos de 1% das variantes [ɮ] e [lⁱ] nessa faixa etária, com apenas um dado cada, demonstraram que os jovens da comunidade tanto não as empregavam como as evitavam, visto que, quando não aplicavam a forma [w], tendiam a cancelar a consoante em final de sílaba. Os sujeitos de meia idade e os mais velhos,

¹⁰ A autora não apresenta exemplos de ocorrências da variante no *corpus*.

principalmente, aplicaram a variante [ɮ] nas proporções respectivas de 48% e 75%. Isso, em termos percentuais, representou uma aplicação crescente da variante [w], mais velhos < meia idade < jovens, e uma conservação decrescente da variante [ɮ], mais velhos > meia idade > jovens.

É interessante que, na distribuição das faixas etárias por posição na palavra, em contexto interno, os informantes de meia idade, mesmo com menor percentual de aplicação, ainda acompanharam os mais velhos no uso da realização [ɮ]; enquanto que, em contexto externo, os de meia idade acompanharam os jovens na aplicação tanto da forma [w] quanto de [∅].

Cabe destacar ainda que, conforme observou Teixeira (1988), o município de Monte Santo foi uma das 50 localidades da Bahia que integraram a rede de pontos do *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB) (ROSSI, 1963), mais exatamente o ponto 14. Nesse ponto, Teixeira (1988) lembrou que o /l/ em coda silábica foi realizado como uma lateral velarizada na palavra “solta”. Foi o que se verificou também em Cardoso e Ferreira (2000).

As formas cartografadas no APFB, de 1963, e no *Atlas linguístico de Sergipe* (ALS), de 1987, foram reunidas em um glossário organizado por Cardoso e Ferreira (2000), compondo um conjunto de 880 verbetes. Dentre os fenômenos fonético-fonológicos tratados nesse léxico rural, destacou-se a realização variável do /l/ em final de sílaba, em que se verificou a ampla realização da variante semivocalizada [w] e, com menos frequência, a ocorrência das variantes alveolar [l] e velarizada [ɮ] da consoante, tanto em final interno quanto em final de palavra. Além dessas variantes, exemplos com realizações da consoante /r/ em substituição à lateral também foram registrados – [ˈsɔhtɐ], [ˈsɔxtɐ] etc. – bem como o apagamento frequente do segmento em final de vocábulo – [siˈna∅].

Ao apresentar um estudo do comportamento variável da lateral na comunidade de João Pessoa, capital da Paraíba, com base nos dados do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), Hora (2006) verificou que, dos 3.703 dados da lateral em posição de coda, o maior número de ocorrências foi da variante [w], com 3.109 realizações, seguida da variante zero fonético [∅], com 583 efetivações. Outras duas variantes também foram registradas, a aspiração [h] e a velar [ɮ], com oito e três casos, respectivamente. Diante das poucas ocorrências de [h] e [ɮ], o autor optou por realizar uma análise binária das variantes [w] e [∅].

Hora (2006) constatou que o apagamento da lateral ocorreu tanto em meio quanto em final de palavra, com maior frequência nesta última posição, enquanto que a aspiração se restringiu ao interior de vocábulo. Nesse estudo, foi evidenciada a preferência pela variante [w], que se configurou como norma na comunidade, favorecida principalmente pelos mais escolarizados e pelo contexto fonológico precedente, vogal baixa ([a]) e vogal anterior ([e], [ɛ])

e [i]). Já a variante [ø] foi mais usada diante da vogal [u] e por falantes menos escolarizados. Foi apontada uma tendência à mudança, visto que os falantes mais jovens favoreceram mais o uso da variante [w], enquanto que os mais velhos empregaram a variante [ø] com maior frequência.

A investigação da lateral em posição de coda silábica em comunidades baianas pertencentes à rede de pontos do Projeto ALiB foi empreendida por Santos (2017). O *corpus* foi composto a partir de 24 entrevistas com informantes naturais das seguintes localidades: Euclides da Cunha, Barra, Jacobina, Seabra, Santo Amaro e Santa Cruz Cabrália. Os informantes foram distribuídos segundo os critérios metodológicos do Projeto ALiB, aqui já pontuados.

As variantes da consoante lateral encontradas na pesquisa foram as seguintes: [w], [ø], [h] e [ʃ]. A variante [ʃ] obteve percentual de apenas 1% dos resultados; a realização [h] também apresentou baixos índices de ocorrências, apenas 2% do total. Desse modo, a variante [w], com 84%, liderou os registros de ocorrências, seguida pelo apagamento, com percentual de 13%.

No confronto entre o apagamento e a semivocalização, a variante [ø] foi favorecida pelas vogais posteriores [ɔ], [o] e [u], com pesos relativos, respectivamente, de 0,89, 0,94 e 0,99, enquanto a variante [w] foi favorecida pelas vogais [a] e [ɛ]. A posição átona da sílaba e palavras dissílabas, com 0,76 e 0,63 de peso relativo, respectivamente, também favoreceram o apagamento. As localidades que favoreceram o apagamento foram Jacobina, com 0,70 de peso relativo, e Santa Cruz Cabrália, com 0,64 de peso relativo. Apesar da proximidade do peso neutro, os homens (0,56) e os mais velhos (0,55) favoreceram a variante [ø], o que apontou para uma tendência à mudança em favor da semivocalização no conjunto das localidades analisadas.

Santos (2020) realizou um confronto entre duas variedades do português brasileiro, urbana e rural, a partir dos estudos de Santos (2015), sobre a variação da lateral pós-vocálica /l/ no português quilombola de Alto Alegre, comunidade pertencente ao município baiano de Tancredo Neves, e Santos (2017), já apresentado aqui. Santos (2020) realizou novas rodadas do *corpus* de Alto Alegre e confrontou qualitativa e percentualmente os resultados das duas variedades.

Santos (2020) constatou que as variantes [h] (21%) e [ø] (26%) ocorreram com frequências mais elevadas na variedade rural de Alto Alegre; e a semivocalização [w], difundida nas duas variedades analisadas, obteve maior frequência na urbana, com percentual de até 90% em Euclides da Cunha, e com menor registro na rural, 53%.

Santos, Mota e Santos (2020) aproveitaram esse mesmo *corpus* da comunidade de Alto Alegre e realizaram uma análise dos fatores sociais. Dos dois fatores controlados, sexo e idade

dos informantes, verificaram que apenas este último foi selecionado pelo programa estatístico, o que revelou o abandono das variantes [h] e [ø] em favor da variante [w] pelos mais jovens.

No confronto entre [h] e [w], apenas a faixa etária mais velha (0,94) se mostrou altamente favorecedora da aspiração [h] da consoante, sendo as faixas etárias intermediária (0,27) e jovem (0,18) inibidoras dessa variante, o que demonstrou a atuação delas no favorecimento da variante [w], visto que se tratou de um confronto binário entre as duas variantes.

No confronto entre [ø] e [w], Santos, Mota e Santos (2020) perceberam que a faixa etária intermediária (0,61) apresentou para [ø] comportamento diferente daquele visto em relação a [h], uma vez que o apagamento foi inibido apenas pela faixa etária jovem (0,17) e favorecido pela faixa etária mais velha (0,86), o que não poderia ser diferente, já que os mais jovens lideraram a implementação da semivocalização na comunidade, com certa resistência da faixa intermediária em abandonar a variante [ø]. Desse modo, os autores verificaram um quadro variável da lateral em final sílaba em que o amplo uso da variante [w] apontou para uma sugestiva mudança em favor desta.

Em resumo, os resultados dos estudos visitados mostraram que a semivocalização da lateral foi a variante amplamente difundida nas comunidades estudadas, à exceção de Saco Fundo, em Monte Santo, na Bahia, que ficou em segundo lugar na frequência de uso, perdendo para a variante [h], mas que já indicava uma possível mudança em favor da variante [w], com o seu avanço entre os mais jovens da comunidade. O uso da variante [w] também mostrou ser favorecido, de modo geral, pela faixa etária mais jovem, por comunidades de características urbanas e quando antecedida pelas vogais [a], [e] e [i].

O apagamento [ø] e a aspiração [h] indicaram ser favorecidos pelo sexo masculino, pela faixa etária mais velha e por comunidades rurais, sendo que a ocorrência da variante [h] ficou restrita ao contexto interno de palavra, enquanto a variante [ø] revelou também ser favorecida pela posição átona que ocupa no vocábulo e quando antecedida pela vogal [u].

2.3.3 O /l/ em variação nas capitais brasileiras Porto Alegre e Salvador

Ao confrontar áreas dialetais brasileiras a partir do exame de dados extraídos do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta (Projeto NURC), Leite, Callou e Moraes (2007) buscaram confirmar a existência de variação na realização do /l/ em final de sílaba. Com foco nas realizações semivocalizada e velarizada nas capitais brasileiras Porto Alegre, São Paulo, Rio de

Janeiro, Salvador e Recife, os autores verificaram que o estágio do processo de vocalização era diferenciado entre Porto Alegre e as outras cidades, de modo que a capital do Rio Grande do Sul (em torno de 50%) destacou-se em relação às demais (em torno de 90%) quanto à realização da forma semivocalizada.

No confronto entre Porto Alegre e Salvador, observou-se um aumento progressivo da variante [w] entre os mais jovens nas duas capitais, de modo que, na capital baiana, se anulou completamente a distinção de gênero, homens e mulheres, enquanto que, em Porto Alegre, ainda se manteve uma distinção, verificando estabilidade na fala das mulheres e mudança na fala dos homens. Destacou-se que a vocalização foi quase categórica na fala dos mais jovens (25-35 anos) das duas capitais, mesmo na capital do Rio Grande do Sul, em que o índice de vocalização girou em torno de 50%.

Referente aos fatores estruturais, Leite, Callou e Moraes (2007) confirmaram que o processo de vocalização foi mais frequente após uma vogal baixa, mas foi inibido após a vogal posterior alta [u]. Verificaram ainda que a variante velarizada foi favorecida quando se apresenta uma consoante velar subsequente. Os autores concluíram que, apesar de a semivocalização da lateral /l/ apresentar registros milenares, o avanço do processo no português brasileiro é inovador, abrangendo até mesmo áreas consideradas mantenedoras da variante velarizada [ɫ].

Pinho e Margotti (2010) realizaram uma análise da lateral pós-vocálica com base nos dados do Projeto ALiB de todas as capitais brasileiras e encontraram um índice geral de uso da variante semivocalizada [w] de aproximadamente 88%. Os autores observaram que Salvador, Bahia, registrou 70 dados de [w] e 14 de apagamento e Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 71 dados de [w] e oito tanto para [l] quanto para [ɫ]. A diferença entre essas duas capitais apresentou-se principalmente no fato de que Salvador está no grupo das capitais nordestinas, que se destacaram pelo maior número de realizações da variante [ø], e Porto Alegre por ser a única capital a registrar as variantes [l] e [ɫ]. Ainda nessas duas capitais, referente aos fatores estruturais, em especial o contexto precedente, as vogais posteriores [o], [ɔ] e [u], principalmente, favoreceram o apagamento do segmento lateral.

A seção seguinte trata dos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa pauta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoologia pluridimensional (THUN, 2005; CARDOSO, 2010) e da Sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), caracterizando-se como um estudo de cunho dialetológico e de cunho sociolinguístico, que assume por princípio a imbricação dos aspectos sociais sobre os usos linguísticos dos diferentes dialetos, bem como alinha-se também à fonética articulatória e à fonologia estruturalista (CAMARA JR., 2011 [1970]; SILVA, 2009), uma vez que se debruça sobre as propriedades articulatórias dos sons da fala e se ocupa da relação entre o /l/ em final de sílaba e os fonemas vizinhos, contextos fonológicos precedente e subsequente. Para investigar a realização da lateral pós-vocálica no *corpus* do Projeto ALiB e confrontar as duas áreas representativas das regiões Sul e Nordeste do país, respectivamente, Rio Grande do Sul e Bahia, são apresentados nesta seção os principais aspectos da Dialetoologia pluridimensional, da Sociolinguística variacionista e da fonética e fonologia de cunho estruturalista.

3.1 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

Por vezes, a interface entre diferentes ciências resultou num novo ramo do conhecimento, a exemplo da Sociologia da linguagem e da Etnolinguística, respectivamente, resultantes da interrelação entre a Sociologia e a Linguística e entre a Linguística e a Etnologia, ligada à Antropologia cultural. No entanto não é o que se tem observado no contato entre a Dialetoologia e a Sociolinguística, muito provavelmente pelo fato de o nascimento desta última estar intimamente ligado à expertise da primeira.

O próprio texto fundador das bases dos estudos sociolinguísticos, “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística”, de 1968, nasceu dos trabalhos desenvolvidos pelos linguistas dialetólogos Uriel Weinreich e Marvin I. Herzog, principalmente, e William Labov. Nesse contexto, os autores da obra valeram-se especialmente do testemunho da Geografia linguística para fundamentar a proposta do tratamento da língua enquanto um sistema diferenciado, defendendo uma abordagem sistemática das estruturas heterogêneas.

Ao se observar a história das duas ciências, compreende-se que os estudos dialetológicos e os sociolinguísticos tomaram rumos independentes e paralelos; mas, muitas vezes, convergentes, tanto no compartilhamento de princípios sobre a língua e seu uso quanto no

intercâmbio de seus métodos de abordagem. Nesse ínterim surgem epítetos especificativos e, às vezes, substitutivos para expressar essa inter-relação; no entanto se faz necessária uma breve visita à história dos estudos dialetais para compreender melhor a proposta da Dialetologia pluridimensional.

Nos estudos linguísticos, a variação da língua não recebeu apenas o tratamento da Sociolinguística, mas também da Dialetologia, aliás, respeitando a cronologia, essa ordem pode ser invertida, uma vez que o início dos estudos dialetológicos antecede os estudos sociolinguísticos.

A história dos estudos dialetológicos mostra que os dialetos começaram a receber tratamento mais sistemático ainda no fim do século XIX, de modo que, segundo Chambers e Trudgill (1994), a primeira pesquisa dialetal com base na Geografia linguística teve início em 1876, na Alemanha, com Georg Wenker, por meio de cartas com listas de frases enviadas a professores de escola do norte do país, solicitando a transcrição das respostas em dialeto local.

O desenvolvimento da Geografia linguística se deu a partir da necessidade de descrições sistemáticas de áreas dialetais, visto que, até a primeira metade do século XIX, tais descrições eram intuitivas e fortuitas. Diante dessa indigência que a Geografia linguística foi aprimorada a ponto de ser qualificada como “uma metodologia ou – mais exatamente – um conjunto de métodos para recolher de modo sistemático os dados das diferenças dialetais”¹¹ (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 37). Essa sistematização metodológica surgiu como resposta à afirmação dos neogramáticos de que a mudança fonética não admitiria exceções, no entanto os resultados dos estudos dialetológicos mostravam o contrário de tal afirmação, revelando a heterogeneidade presente nos usos linguísticos.

Conforme se verificou em Chambers e Trudgill (1994), a França foi o palco do desenvolvimento dos estudos dialetológicos. Nesse cenário, Jules Gilliéron, considerado o fundador da Geografia linguística, auxiliado pelo inquiridor Edmond Edmont, lançou a empresa para a elaboração do *Atlas Linguístico da França* (ALF), marco dos estudos dialetológicos. Os trabalhos para a realização do ALF tiveram início em 1896, com a recolha de dados realizada por Edmond Edmont, que percorreu vastos territórios sobre uma bicicleta. As publicações dos volumes das cartas do ALF se deram entre os anos 1902 e 1910.

Nessa direção, Brandão (1991) lembrou que, a partir dos resultados do ALF, Gilliéron mostrou as fragilidades do argumento dos neogramáticos sobre a generalidade dos princípios

¹¹ Do original: “una metodología o – más exactamente – un conjunto de métodos para recopilar de un modo sistemático los testimonios de las diferencias dialectales”. (tradução nossa).

da regularidade linguística, referendando a necessidade de se considerar a distribuição espacial no estudo da língua. Os trabalhos de Gilliéron influenciaram fortemente outros pesquisadores em vários estudos de cunho dialetológico na França e nas Américas, sobretudo pelo rigor metodológico empreendido.

Um dos resultados para a aplicação da Geografia linguística é a elaboração de atlas linguísticos. Brandão (1991, p. 25) descreveu um atlas linguístico como “o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico”. Esse mapeamento pode exibir as variações nos espaços geográficos, revelando as diferenças nos usos linguísticos.

No entanto, antes de se chegar à elaboração de mapas ou de um atlas linguístico, outras etapas precisam ser seguidas. Nesse sentido, Cardoso (2010) pontuou que a pesquisa dialetal é fundamentada num tripé básico: a rede de pontos, os informantes e os questionários.

No tocante à rede de pontos, Ferreira e Cardoso (1994) consideraram que a determinação do espaço de submissão à investigação dialetal deve pautar-se nas diferenças apresentadas entre as áreas a serem analisadas, sejam elas demográficas, históricas, linguísticas etc. Cardoso (2010) reafirmou que as características linguísticas do espaço são determinantes para a escolha da área a ser submetida a esse tipo de investigação, podendo estabelecer “como lócus da pesquisa uma única localidade, um estado, uma região, um país, um continente [...]” (p. 89).

A respeito do quesito informantes, são levadas em consideração questões como o número a ser inquirido em cada ponto da rede, a identificação (a naturalidade, a vinculação familiar, a inserção social) e as características sociais, tais como idade, sexo, escolaridade etc., que delineiam o perfil do informante e que retratam de alguma forma a comunidade de modo mais amplo, espelhando sua realidade social.

Quanto ao instrumento metodológico para a recolha de dados suscetíveis à comparação, utiliza-se, nos estudos dialetais, geralmente, um questionário, diferentemente das entrevistas mais espontâneas em que o pesquisador, quando for o caso, poderá até fazer uso discreto de um roteiro para realizar a entrevista sociolinguística.

A aplicação do questionário se dá normalmente por meio de entrevista junto aos informantes, considerando que a escolha do instrumento dependerá, sobretudo, da natureza da pesquisa e dos objetivos que se pretende atingir. Nesse sentido, o questionário pode ser do tipo fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, prosódico, pragmático-discursivo, metalinguístico etc.

Esse instrumento é de fundamental importância para a pesquisa dialetal, visto que possibilita a organização prévia dos temas a serem tratados na entrevista e serve de roteiro ao

pesquisador na execução do levantamento de dados. Essa etapa compreende o trabalho de campo propriamente dito.

Esse tripé contempla em suas partes outras subetapas importantes para a efetivação da pesquisa dialetal, a exemplo das etapas de arquivamento, transcrição de dados, as anotações dos documentadores etc. O uso de aparelhos tecnológicos como gravadores digitais, aparelhos celulares, computadores portáteis etc. auxiliam os inquiridores em seus trabalhos e, posteriormente, os pesquisadores na elaboração das cartas linguísticas.

Feita esta breve introdução sobre o método da Geografia linguística e da ciência que lhe abriga – a Dialectologia –, cabe destacar o desenvolvimento dessa metodologia a partir da incorporação de princípios sociolinguísticos no tratamento dos dados de natureza dialetal.

Com o surgimento da Sociolinguística na década de 1960, nos Estados Unidos, enxergou-se a possibilidade de aprimoramento da Geografia linguística, sobretudo a partir da sistematicidade de levantamento dos dados com base em critérios que dessem conta dos aspectos sociais imbricados na variação encontrada nas áreas geográficas.

Essa necessidade de assumir os aspectos sociais na variação já era sentida antes mesmo do advento da Sociolinguística, como se verifica em Chambers e Trudgill (1994, p. 99), ao dizerem que “também temos que admitir que já se via claramente antes de se efetuarem estudos dialetais urbanos desse tipo, que existia uma clara relação entre pronúncia e classe social [...]”¹². Um exemplo da preocupação com os aspectos sociais nos estudos dos dialetos que antecedem os trabalhos de William Labov foi o do *Linguistic Atlas of New England* (LANE), de 1943, em que Hans Kurath agrupou os informantes quanto à educação formal, ao nível de leitura, aos contatos sociais e à idade.

A Dialectologia testemunhou a Sociolinguística estabelecer a sistematicidade no tratamento dos efeitos dos fatores sociais sobre os usos linguísticos. Diante disso, a Dialectologia experimentou o desenvolvimento de seu método agregando à dimensão espacial de suas análises os aspectos sociais de modo mais sistemático. Ferreira e Cardoso (1994, p. 18) também lembraram que “a dialectologia já interpretava os fatos linguísticos segundo diferenças sociais, profissionais, de nível de escolaridade, etárias, de sexo etc.”.

Cardoso (2010) destacou que a Dialectologia assume a tarefa de identificar, descrever e situar os diferentes usos linguísticos, considerando sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Essa definição comporta os princípios da Sociolinguística no tratamento espacial

¹² Do original: “también tenemos que admitir que ya se veía claramente antes de que se efectuaran estudios dialectales urbanos de este tipo, que existía una clara relación entre pronunciación y clase social [...]”. (tradução nossa).

da variação. Segundo Thun (2005, p. 68), “será, pois, uma das tarefas mais importantes dessa geolinguística, a ‘dupla realização’ que vai da superfície ao eixo social ou, no movimento inverso, do eixo social à superfície”. Ao se assumir essa concepção, o especificador “pluridimensional” passou a ser utilizado no âmbito da dialetologia para adjetivar nomes como, por exemplo, “Geolinguística pluridimensional”.

Cardoso (2016) diz que a Dialetologia,

[...] inicialmente voltada para a análise das diferenças geográficas numa visão eminentemente monodimensional, vem a assumir uma perspectiva pluridimensional na abordagem dos fatos, incorporando ao confronto da variação diatópica a correlação entre fatores sociais e os diferentes usos registrados. (p. 13)

Ao adotar critérios sociolinguísticos, a Dialetologia passou a incluir fatores como idade, sexo, escolaridade etc. dos informantes na elaboração de atlas linguístico para mostrar os efeitos desses fatores sobre os fenômenos linguísticos no plano espacial. Esse compromisso da Geografia linguística ou Geolinguística pode ser considerado como o primeiro ponto de interface entre Dialetologia e Sociolinguística, e essa rica iniciativa da Dialetologia se desdobrou em muitos outros pontos de contato entre essas duas ciências.

Ao incorporar princípios sociolinguísticos, a Geolinguística, apesar de ser o método por excelência da Dialetologia, pode servir à própria Sociolinguística, uma vez que os critérios adotados nesse método para o levantamento de dados passam a atender aos objetivos da investigação dos estudos sociolinguísticos. Essa relação que se estabelece entre a Sociolinguística e o método geolinguístico pode enriquecer sobremaneira as análises dessa ciência, visto que os instrumentos de coleta de dados da Geolinguística são capazes de extrair amostras da língua em uso de modo homogêneo, suscetíveis à sistematicidade, que possibilita a verificação dos efeitos dos fatores sociais e linguísticos sobre os usos da língua.

Se a Geolinguística, por um lado, incorporou técnicas de coleta de dados da Sociolinguística em seu arcabouço, a utilização dos dados oferecidos pela Geolinguística à Sociolinguística, por outro lado, pode permitir a observação da variação e de indícios de mudança linguística do ponto de vista dos aspectos sociais, bem como a verificação da distribuição espacial da variação.

Outros contatos entre a Sociolinguística e a Dialetologia podem ser estabelecidos nos seguintes pontos: as duas ciências estudam a língua em uso; compartilham princípios comuns sobre a heterogeneidade da língua; compartilham técnicas de análise estatística; compartilham instrumento de apresentação de resultados etc.

Essas considerações não significaram que a Sociolinguística pudesse substituir a Dialetoлогия pela sua capacidade de abordar, em alguma medida, a variação espacial, ou que a Dialetoлогия, pelo contrário, pudesse substituir a Sociolinguística pela capacidade de lidar com aspectos sociais da língua. A primeira é uma ciência que se ocupa precipuamente da variação social e a segunda, da variação espacial. A Dialetoлогия busca estabelecer, sobretudo, fronteiras entre os diferentes usos linguísticos no espaço geográfico e/ou confrontos entre diferentes áreas dialetais através da confecção de cartas e/ou mapas reunidos num atlas linguístico, ou por meio de estudos monográficos. A Sociolinguística, por sua vez, tem o objetivo de estabelecer os efeitos dos fatores internos e externos à língua sobre os diferentes usos registrados em uma comunidade linguística para tentar explicar a variação e, em especial, a mudança linguística.

Silva-Corvalán (1988) disse que a Sociolinguística e a Dialetoлогия são ciências muito próximas que, até certo ponto, são consideradas sinônimas, pelo fato de ambas estudarem a língua em uso e estabelecerem relações entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. No entanto essa mesma autora considerou que a Dialetoлогия é uma ciência com larga tradição e com uma metodologia bem estabelecida, que trouxe contribuições muito valiosas à Sociolinguística. Essa referência é importante para demarcar a independência entre as duas ciências. Apesar da afinidade e da interação entre elas, os papéis dessas ciências não se confundem, visto que seus objetivos são bem definidos.

Cabe destacar que a inter-relação que se tem apontado entre a Geolinguística e a Sociolinguística não é estanque, ou seja, não se limita apenas a nutrir a robustez do método, como se poderia dar a entender, uma vez que essa é a discussão que tem ganhado bastante atenção ao se falar de fatores sociais no tratamento da variação em pesquisas dialetológicas, em que se discorre bastante sobre os ganhos do método da Geolinguística na relação com a Sociolinguística.

A questão central é que, nessa interface entre o referido método e a Sociolinguística, a própria Dialetoлогия foi instada a redirecionar seus objetivos na identificação, descrição e alocação dos diferentes usos linguísticos em suas análises. No entanto isso se caracterizou apenas como uma confluência indireta entre essas duas ciências, o que pode ser verdadeiro ao se levar em consideração os aspectos sociais na análise da variação linguística em sua distribuição geográfica, sobretudo nos resultados apresentados nos mapas ou atlas pluridimensionais com base na chamada “Geolinguística pluridimensional”.

Outra possibilidade que se tem utilizado para tratar da relação entre os estudos dialetológicos e sociolinguísticos é o que se tem denominado “Geo-sociolinguística” ou “Geossociolinguística”, termo cunhado por Cardoso e Razky (1997) em referência à

confluência dos métodos dessas duas áreas para levantamento de dados do Atlas Geolinguístico do Pará, o que seria uma conjunção de métodos para suprir lacunas tanto da Sociolinguística quanto da Geografia linguística ou Geolinguística tradicional. O fato é que, apesar de se propor um certo avanço nessa interface, as discussões ainda são centradas no método geolinguístico.

Na proposição de uma Geossociolinguística por Razky (2021), não foi defendida uma teoria, mas uma abordagem de trabalho que focalizasse diferentes aspectos da língua, sejam diatópicos, estatísticos, políticos, antropológicos, sociais etc., harmonizando metodologias que atuam no tratamento da diversidade linguística, podendo também integrar a dimensão da Dialetologia pluridimensional.

Esse ponto de vista não se ocupa especificamente do método geolinguístico ou, muito menos, da Dialetologia, mas, sobretudo, de uma abordagem de trabalho aberta ao relacionamento de diferentes metodologias que possam dar conta do objetivo de responder às questões da diversidade linguística, incluindo a própria Geografia linguística ou Geolinguística.

Chambers e Trudgill (1994) defenderam uma reorientação nos estudos dialetais para dar conta da compreensão da relação entre a ordenação da variação linguística e sua distribuição espacial a partir da confluência entre a Geografia linguística, a Dialetologia urbana (Sociolinguística) e a Geografia humana. Nesta última, consideraram os avanços de modelos dinâmicos de difusão que integram variáveis como a atitude e as redes sociais da comunidade. A contribuição da Sociolinguística partiria, sobretudo, da inovação apresentada em sua metodologia e em seus resultados.

Nessa concepção, Chambers e Trudgill (1994) consideraram a junção entre essas três correntes como uma disciplina unificada. Para tanto, elegeram o termo “Geolinguística” para designar essa associação direcionada, especialmente, pela sociolinguística. No entanto os avanços verificados na história dos estudos dialetais demonstraram que a proposição desses autores prosperou em parte, visto que o papel da confluência postulada foi direcionado, principalmente, ao método da Geografia linguística, resultando no que hoje se conhece como Geolinguística pluridimensional. Nesse sentido, o desempenho da Dialetologia no tratamento dos aspectos sociais da variação linguística precisaria ser provocado ou, como já se disse, a ciência precisaria ser instada por seu método a tratar esses aspectos da variação.

Corroborando Chambers e Trudgill (1994), precisa-se assumir a importância de se relacionarem os aspectos sociais da variação à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos como princípio da própria Dialetologia, englobando essa ciência nas discussões e críticas sobre a Geografia linguística ou a Geolinguística tradicional, de modo que essa

reorientação seja incorporada, sobretudo, à ciência linguística e perpassada em seus instrumentos metodológicos.

Desse modo, podemos negar o investimento de esforços da Dialetoлогия na busca de aspectos estáticos e unicamente descritivos e incorporar o tratamento do fenômeno linguístico ao princípio de que a variação linguística se encontra associada também a aspectos sociais da língua na distribuição geográfica dos diferentes dialetos.

Nessas considerações se reconhece a Dialetoлогия pluridimensional, assumindo a já conhecida concepção sociolinguística da variação. Não se trata de uma nova disciplina, mas apenas do avanço de uma ciência com seus fundamentos já bem estabelecidos frente às suas próprias descobertas e ao aprendizado advindo da relação com outras ciências correlatas no tratamento da variação linguística.

Apesar de a Dialetoлогия ter seus fundamentos arraigados no método geolinguístico, não significa necessariamente que o avanço deste acarrete no aprimoramento de sua ciência; no entanto o contrário pode ser verdadeiro: o aprimoramento da ciência leva à melhoria de seu método. Desse modo, não basta que o método geolinguístico seja pluridimensional, mas é preciso, sobretudo, que o princípio da pluridimensionalidade nas abordagens dos fatos da língua seja componente constituinte da própria Dialetoлогия.

De fato, a própria concepção do método da Geolinguística pluridimensional (THUN, 2005) e/ou do método Geossociolinguístico (RAZKY, 1997) já permitem o estabelecimento de pontos de interface entre a Dialetoлогия e a Sociolinguística ao incorporar critérios que possibilitam o tratamento da variação social no mapeamento dialetal; no entanto, para além da combinação dos métodos das duas ciências para possivelmente potencializar a análise sobre os dados, a Dialetoлогия pluridimensional parece apontar para a ampliação dessa inter-relação, no sentido de expandir o campo de visão sobre o entrelaçamento das perspectivas vertical e horizontal da variação linguística e de lançar luz sobre o fazer dialetológico, não apenas sobre o método geolinguístico.

Nesse sentido, a incorporação de princípios sociolinguísticos deixa de ser tarefa apenas do método geolinguístico e passa a ser responsabilidade da própria ciência, da Dialetoлогия, da Dialetoлогия pluridimensional.

3.2 SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA

A Sociolinguística surgiu na segunda metade do século XX, contexto no qual diversos cientistas da linguagem empreendiam esforços para solucionar o problema criado pela

dicotomia língua *versus* história, ou seja, língua menos (-) história no âmbito da linguística moderna, uma vez que o passado da língua poderia servir alhures, mas não à linguística, que deveria se ocupar exclusivamente da estrutura interna do sistema linguístico homogêneo e sincrônico.

Colocava-se então a questão de como tratar aspectos da língua que não se sujeitavam à análise restrita da estrutura linguística. Essa necessidade de encontrar explicações extralinguísticas para fenômenos linguísticos fez com que muitos cientistas assumissem uma concepção de língua que iria de encontro às proposições estruturalistas, voltando-se não apenas para a história, mas para a relação língua, história e sociedade.

No que diz respeito à Sociolinguística variacionista, suas bases foram lançadas especialmente a partir da empresa assumida pelos pesquisadores Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog, na década de 1960, ao proporem o tratamento da mudança linguística sob uma ótica arraigada em fundamentos empíricos consistentes, o que viria a abrir espaços tanto para reacender o interesse pelos estudos de linguística histórica, ofuscados havia mais de meio século pela preponderância da concepção estruturalista, quanto para impulsionar o interesse pela relação língua e sociedade, com destaque para as motivações sociais da mudança. Não por acaso, o texto desses autores foi intitulado “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística”, apresentado em 1966 no Simpósio “Direções para a Linguística Histórica”, ocorrido na Universidade do Texas, e publicado em 1968 juntamente com os trabalhos apresentados no evento (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

A relação entre variação da língua e aspectos sociais já fora defendida há quase meio século antes do advento da Sociolinguística. Mikhail Bakhtin (1895-1975) já reunia ideias de que “a variação é inerente à língua e reflete variações sociais” (apud WEEDWOOD, 2002, p. 152). Considerando a linguística uma ciência social, o próprio Meillet (1982 [1921]), discípulo de Saussure, assumiu a linguagem enquanto um fato social, de modo que a mudança social seria o elemento variável capaz de dar conta de explicar a variação linguística. Esse posicionamento de Meillet a respeito do caráter social da linguagem viria a ser aproveitado por William Labov para assentar as bases da vertente sociolinguística vinculada ao seu nome.

Apesar da existência de postulados que já articulavam a relação língua e sociedade no começo do século XX, foi com os trabalhos do americano William Labov, da década de 1960 em diante, que a Sociolinguística ganhou robustez e se estabeleceu enquanto corrente linguística autônoma, desfazendo a submissão de ciência auxiliar da Linguística, da Sociologia e da Antropologia.

Segundo Calvet (2002, p. 30-31), “Bright só pode conceber a sociolinguística como uma abordagem anexa dos fatos de língua, que vem complementar a linguística ou a sociologia e a antropologia. Essa é a subordinação que vai pouco a pouco desaparecer com Labov”. William Bright, que sistematizou a ideia de que a variação não é livre, mas tem uma correlação com as diferenças sociais sistemáticas, foi responsável por reunir e publicar os trabalhos apresentados na conferência sobre a Sociolinguística em maio de 1964, evento por ele organizado.

O que é a Sociolinguística? A Sociolinguística é a própria linguística. “Por vários anos, resisti ao termo *sociolinguística*, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (LABOV, 2008 [1972], p. 13). Labov somente aceitou esse termo para marcar a abordagem social da língua distinta de uma abordagem fora do contexto social.

Entende-se que, na perspectiva da concepção de língua enquanto fato social, há a inseparabilidade desta de sua própria história e da história da sociedade, visto que o fenômeno linguístico carrega as digitais dessa relação intrínseca entre história da língua e história da sociedade. O próprio Meillet (1982 [1921]) já afirmava que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam. Nessa esteira, Alkmim (2012, p. 23) diz que a relação entre linguagem e sociedade “é a base da constituição do ser humano”, motivo pelo qual essa relação não deveria estar ausente das reflexões sobre a língua.

Apresentam-se a seguir definições da Sociolinguística de alguns manuais de linguística: Mollica (2010) entendeu a Sociolinguística como uma subárea da Linguística que se ocupa da linguagem numa comunidade linguística; Camacho (2012) lembrou que a Sociolinguística correlaciona as variações existentes na expressão verbal a diferenças de ordem linguística e de ordem social; Díaz-Campos (2014) reforçou que a Sociolinguística analisa a relação que se estabelece entre o uso de uma determinada maneira de pronunciar, usar as palavras e estruturas linguísticas e a interpretação social que fazem os indivíduos pertencentes a uma comunidade de fala.

Os fatores linguísticos e sociais se apresentam simultaneamente de modo estruturado e regular na realização do fenômeno linguístico e o papel da Sociolinguística é fazer a correlação desses fatores presentes na variação. Não foi por acaso que as definições sobre a Sociolinguística focaram em boa medida o fazer sociolinguístico, tratando de indicar o seu objeto e sua atuação na correlação entre língua e sociedade, de modo a contrapor uma abordagem socialmente realista da língua, a Sociolinguística, àquela voltada exclusivamente para a estrutura interna do sistema, a linguística operada pelo pensamento estruturalista e gerativista.

Diante das exigências empíricas para o tratamento da variação e da mudança linguística e da inoperância dos postulados estruturalistas para responder a essa demanda, o primeiro passo dado pela Sociolinguística foi justamente o de romper com os laços da homogeneidade linguística que já ganhava um novo capítulo da história da linguística com o gerativismo de Chomsky, que incorporou essa noção de língua. Desse modo, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) contrapuseram-se à ideia de que a língua seria um sistema invariável e sustentaram que a estrutura do sistema é na verdade heterogênea e ordenada, negando radicalmente o axioma da homogeneidade linguística. Contudo esse rompimento não foi tão fácil, uma vez que, segundo os autores, muitos dos escritos teóricos sobre Linguística Histórica das últimas décadas se ocuparam de propor uma disciplina que fosse ao mesmo tempo estrutural e histórica, sem confrontar diretamente o postulado da homogeneidade da língua.

O próprio Labov (2008 [1972], p. 13) considerou que “uma linguística socialmente realista parecia uma perspectiva remota nos anos 1960”. No entanto o rompimento com o axioma da homogeneidade linguística é o que torna possível a descrição da diferenciação ordenada numa língua, não mais abstrata, mas “numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a ausência de heterogeneidade ordenada é que seria disfuncional” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 36).

Entraram em cena então as questões da homogeneidade da estrutura, de um lado, e da heterogeneidade ordenada, de outro. A primeira diz que, para uma língua funcionar, ela tem de ser estruturada, o sistema tem que ser em si mesmo autônomo e homogêneo. A segunda questão diz o contrário: o sistema nada tem de homogêneo, ele é dotado de heterogeneidade, e é essa característica da língua que a torna funcional, pois existe ordenamento ou regras em meio à heterogeneidade que lhe é inerente.

Assim sendo, diante da proposição de que uma língua para funcionar precisaria ser estruturada, surgiu o questionamento de como ela poderia funcionar enquanto sua estrutura muda. Diante disso, com o objetivo de chegar a essa resposta, a partir do pressuposto de que a variação é inerente à língua e de que a heterogeneidade é imanente à própria estrutura linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) propuseram cinco princípios da teoria da mudança. No entanto, antes disso, o primeiro passo seria romper de uma vez por todas com a identificação da estruturalidade com a homogeneidade, substituindo-a pela sistematização da diferenciação ordenada dentro da língua, ou seja, sistematicidade e variabilidade não se excluem mutuamente. A variação é perfeitamente sistematizável, uma vez que há regularidade nesse princípio linguístico universal.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) apresentam os seguintes achados empíricos que consideraram importantes para a teoria da mudança linguística, que foram descritos em termos de problemas a serem resolvidos: o problema dos fatores condicionantes, o problema da transição, o problema do encaixamento, o problema da avaliação e o problema da implementação.

O problema dos fatores condicionantes refere-se aos fatores extralinguísticos e linguísticos que se inter-relacionam na promoção da mudança, cabendo à teoria determinar o conjunto de condições possíveis para uma mudança linguística.

O problema da transição opera à medida que um falante adquire uma forma alternativa durante o período em que duas maneiras de se dizer a mesma coisa se alternam dentro de sua competência linguística e quando uma das formas cai em desuso e se torna obsoleta. Nesse sentido, observando a transição da mudança nos estágios intervenientes das faixas etárias, é possível para a teoria linguística ver a mudança da língua enquanto ocorre.

O problema do encaixamento linguístico diz respeito ao sistema linguístico e à estrutura social. O encaixamento na estrutura linguística assume a variável como um elemento estrutural que se encontra em covariação com outros elementos linguísticos e extralinguísticos, caracterizando uma unidade estrutural e fomentando a competição entre variantes da variável linguística. O encaixamento na estrutura social se dá através do apontamento da motivação social da mudança, indicando o grau de correlação social existente e revelando como essa motivação pesa no sistema linguístico de modo mais amplo.

O problema da avaliação diz respeito à determinação do nível de consciência social dos indivíduos de uma comunidade de fala sobre os usos linguísticos e ao estabelecimento de correlatos subjetivos das avaliações de variáveis numa estrutura linguística heterogênea.

O problema da implementação retoma os quatro problemas já discutidos anteriormente, uma vez que se trata do processo e da compleição da mudança linguística. Ao deixar de existir a alternância entre variantes em determinado contexto linguístico (variação linguística), de modo que uma delas se torna constante, categórica, pode-se dizer que houve a implementação da forma, deixando de alternar com outra(s).

Verifica-se que a mudança não é abrupta. É na verdade um processo de implementação de uma forma linguística alternativa que se estabelece no sistema a partir de estímulos favorecedores bem como de fatores que restringem formas alternativas concorrentes. Assim como a variação pode ser responsável por iniciar o processo da mudança linguística, a compleição da mudança pode encerrar a variação linguística com a implementação de uma das variantes, tornando outras formas alternativas obsoletas. Contudo é preciso levar em conta que

“nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 125).

Dentre seus objetivos, a Sociolinguística busca explicar a mudança enquanto ela ocorre, adotando o axioma da heterogeneidade ordenada, contrapondo-se ao axioma da homogeneidade postulado pelo estruturalismo e acompanhado pelo gerativismo. Para a Sociolinguística, a variação linguística não é aleatória. Trata-se de uma diferenciação ordenada por fatores empíricos. A própria estrutura linguística comporta a diferenciação ordenada dos falantes através de regras que governam a variação na comunidade. O controle dessa estrutura heterogênea está incluído no domínio do falante nativo sobre a língua; e os “fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 126).

Para Labov (2008 [1972]),

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (p. 21)

Considera-se que nenhuma mudança acontece num vácuo social. As diferenças na estrutura social precisam ser levadas em conta no tratamento da mudança linguística e na explicação do funcionamento dos mecanismos que nela operam. A reconstrução da história da mudança sonora e a identificação da mudança enquanto ocorre no momento presente são possíveis a partir do isolamento dos fatores linguísticos e dos fatores sociais, correlacionando padrões linguísticos com diferenças na estrutura social.

É consenso entre os linguistas da área que, dos trabalhos de Labov, se tem originado o que hoje leva o nome de Sociolinguística quantitativa ou Sociolinguística variacionista, ramo da linguística que dá ênfase à quantificação dos fatores linguísticos e sociolinguísticos que condicionam os fenômenos da língua no tratamento da variação e mudança.

3.2.1 Sociolinguística: conceitos básicos

Como em toda teoria linguística, a Sociolinguística apresenta diversos conceitos e princípios que norteiam a aplicação de seu método e de sua análise. Nessa perspectiva, são

discutidos alguns conceitos considerados básicos no âmbito dessa corrente linguística e que dão suporte à análise aqui proposta.

Tendo os aspectos linguísticos variáveis como principal ocupação, a concepção de *língua* assumida pela Sociolinguística, apesar da manutenção do entendimento estruturalista de encará-la como um sistema estruturado, foi a de que é um sistema, na verdade, dotado de variabilidade sistemática, possibilitada pela heterogeneidade ordenada inerente à própria estrutura linguística. Essa concepção emergiu justamente a partir da adoção do entendimento de que qualquer análise sobre a estrutura linguística dar-se-á exclusivamente por meio de sua realização concreta – a fala –, tão excluída do labor estruturalista.

A bem da verdade foi que o estruturalismo nunca negou que a fala fosse o lugar da variação por natureza, mas sempre negou que a mesma pudesse ter alguma (in)gerência sobre a estrutura da língua e que a variação na fala pudesse transparecer o real funcionamento do sistema linguístico. O que a Sociolinguística fez foi justamente assumir que a fala é “a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos” (LABOV, 2008 [1972], p. 13). Em outras palavras, a Sociolinguística se volta para a língua em funcionamento na comunidade que a usa, acessando fenômenos do sistema linguístico através de sua concretização na fala.

O axioma da *homogeneidade linguística* foi desenvolvido pelo estruturalismo com o objetivo de especificar o objeto de estudo na defesa de uma ciência linguística, considerando que “a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (SAUSSURE, 2006, p. 23). Na perspectiva estruturalista, a língua é o objeto de estudo da Linguística em contrapartida da fala ou da linguagem como um todo, uma vez que a língua é considerada a parte essencial da linguagem.

Sob essa perspectiva, a homogeneidade seria uma característica da língua, reafirmada a partir dos postulados de Saussure ao dizer que essa parte da linguagem não se submete à vontade de seus usuários. Ela está imune a qualquer influência externa e sua estrutura é um sistema puro e autônomo. Trata-se de um produto social, enquanto que a fala foi concebida como um ato individual.

A contrapartida proposta pela Sociolinguística à ideia de homogeneidade verificada nos escritos de Saussure é a concepção de *heterogeneidade linguística*. A língua foi concebida como um sistema que comporta variabilidade em sua estrutura devido à heterogeneidade que lhe é

inerente. Essa característica do sistema é que lhe dá funcionalidade, uma vez que a variabilidade nele contida é regida por regras resultantes da interação de fatores de ordem interna e externa.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), é necessário aprender a ver a língua como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada. Ao compreender a variabilidade da estrutura linguística enquanto heterogeneidade ordenada, os autores enfraqueceram a tese de que a instância da variação seria caótica e de difícil análise, assumindo que a variação linguística está sujeita à sistematização e ao exame, bem como os mecanismos do processo da mudança linguística.

A *variação linguística* foi descrita por Dubois (1973, p. 609) como “fenômeno no qual, na prática corrente, uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social”. Essa seria uma definição um tanto ampla a ponto de incluir aí a perspectiva histórica. Contudo, considerando a variação como a mola propulsora que acompanha o processo da mudança linguística, entende-se a abrangência de tal definição. Em outras palavras, são contempladas as perspectivas histórica, diatópica e social da variação linguística.

Na perspectiva extralinguística, a *variação diacrônica* é aquela que perdura ao longo do tempo ou, nos termos de Ilari e Basso (2009, p. 152), “se dá *através do tempo*”; a mudança linguística não é abrupta, acontece com o tempo e o estudo de diferentes fases da mudança pode revelar o papel da variação em seu processo. A *variação social* ou *diastrática* diz respeito às diferenças dos usos linguísticos de estratos e de grupos sociais, levando em conta, por exemplo, o sexo, a idade, a escolaridade, a classe socioeconômica dos sujeitos etc. A *variação diatópica* é aquela que abrange o plano geográfico; é verificada na dimensão horizontal, de modo que abarca as diferenças nos usos linguísticos existentes nas variadas regiões do espaço geográfico. Há ainda a *variação diamésica*, que compreende a comparação entre língua falada e língua escrita em diferentes meios e veículos, e a *variação diafásica* ou *estilística*, que diz respeito ao grau de monitoramento do indivíduo sobre seu uso linguístico, de acordo com a (in)formalidade da situação comunicativa.

Na perspectiva linguística, a variação perpassa os diferentes níveis da língua: fonético-fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico e pragmático, demonstrando a propriedade heterogênea da língua, que nada tem de estável.

A variação é um princípio presente em toda e qualquer língua natural, toda língua varia. Nesse sentido, a substituição de uma forma por outra não acarretaria mudança de significado no mesmo contexto linguístico. É o que ocorre com a alternância entre as variantes semivocalizada [w] e velarizada [ɰ] da consoante lateral /l/ em posição final de sílaba no

português brasileiro, a exemplo do vocábulo “sal”, que pode ser realizado como ['saw] ou ['sał] dentre outras possibilidades, em que a alternância entre [w] e [ɥ] não altera o significado num mesmo contexto.

O conhecimento da realização variável da lateral pós-vocálica /l/ pode ajudar aqui na compreensão de alguns outros conceitos importantes da sociolinguística. O /l/ em final de sílaba, por exemplo, é uma *variável linguística* ou *variável dependente*, apresentando diferentes formas alternativas de realização nesse contexto: [l], [ɥ], [w], [h] e [∅], por exemplo. Assim, a variável linguística depende da interação entre fatores de ordem linguística e/ou social para ser realizado de uma ou de outra forma. Já as formas alternativas de realização da variável /l/ ([l], [ɥ], [w], [h] e [∅],) são entendidas como *variantes linguísticas*.

O termo “variável” também é utilizado para se referir tanto aos fatores linguísticos como aos fatores extralinguísticos, com a diferença que, nestes casos, se trata de *variável independente*. Uma variável independente corresponde a fatores extralinguísticos, a exemplo do grau de escolaridade, do sexo, da faixa etária do informante etc., ou a fatores linguísticos, a exemplo do contexto seguinte de ocorrência da variável dependente, da posição do segmento no vocábulo, da tonicidade da sílaba, da extensão do vocábulo etc. Nesse sentido, pode-se dizer que variável independente e fatores condicionadores são sinônimos.

A *mudança linguística* tem início com o surgimento de uma forma nova como alternativa a outra já existente na língua. Essa alternância no uso das formas é a *variação linguística*, já referida anteriormente. A variação linguística poderá ou não acarretar mudança na estrutura da língua. A mudança linguística será efetivada se uma das formas deixar a condição de alternância e passar a ser uma constante, tendo como consequência o desuso de sua concorrente.

Para identificação do processo de mudança linguística, recorrem-se a dois recursos metodológicos de análises que acessam a dimensão histórica: tempo aparente e tempo real. Para Labov (2008 [1972], p. 318), o recurso do *tempo aparente* apoia-se no “comportamento diferenciado dos falantes em várias faixas etárias”, de modo a se obter uma projeção temporal entre pontos distintos a partir do contraponto entre diferentes faixas etárias dos falantes num dado momento do tempo. Segundo esse autor, o recurso do *tempo real*, por sua vez, apoia-se em dois ou mais pontos distintos do tempo cronológico (tempo real) para observar esse comportamento diferenciado dos mesmos falantes ou de falantes de mesmos perfis, de modo a se obter uma medida de contraste entre o comportamento de um ponto A e o comportamento de um ponto B no tempo real.

Para o estudo em tempo aparente, uma amostra extraída junto à uma população atual num dado momento do tempo é suficiente desde que a faixa etária dos informantes seja um dos fatores controlados no levantamento dos dados, de modo que forneça acesso a duas ou mais gerações de falantes. No entanto, para o estudo em tempo real, é preciso que sejam levantadas e comparadas duas ou mais amostras dos mesmos falantes ou de falantes de mesmo perfil em diferentes momentos do tempo real.

Labov (1994) considerou que o estudo da mudança linguística requer observações de dois estados de uma língua, com a garantia de alguma continuidade entre os dois, o que bastaria a uma análise puramente qualitativa para marcar a presença ou a ausência de elementos de um ou outro estado da língua. Essa consideração leva a crer que o recurso do tempo aparente possa responder a essa demanda por meio da correlação das variáveis linguísticas com o fator idade.

Uma análise quantitativa exige, segundo Labov (1994), observações mais extensas em cada período de tempo para o exame de valores médios em cada momento e verifica se as diferenças são significativas no processo de mudança ao longo do tempo. Para o autor, a complexidade de um estudo quantitativo da mudança abrange dois tipos de abordagem em tempo real: o *estudo de painel* (localizar os mesmos informantes em um momento posterior) e/ou o *estudo de tendência* (construção de uma segunda amostra representativa da comunidade com o mesmo perfil da amostra anterior).

Nesse sentido, em relação à idade dos informantes, o controle da faixa etária na análise linguística permite monitorar o comportamento diferenciado dos falantes de distintas gerações no uso de variáveis na comunidade linguística, no sentido de possibilitar a verificação de um quadro variável e/ou a observação de possíveis indícios ou alguma direção geral da mudança linguística.

A hipótese de que os padrões linguísticos de uma comunidade podem apresentar diferenças no comportamento de distintos grupos geracionais está associada à ideia de que, até à adolescência, o indivíduo já tenha adquirido as normas ou os usos linguísticos de sua geração, permitindo que estados da língua possam ser acessados a partir da seleção de faixas etárias representativas de grupos geracionais, ou seja, sugere-se que, por exemplo, um falante de 35 anos faça uso de um estado da língua de mais ou menos 20 anos atrás.

Labov (1994) disse que o rastreamento da mudança linguística no tempo aparente é a forma mais direta de se investigar a mudança em andamento, verificando a distribuição das variáveis linguísticas entre os níveis de idade. O autor reconheceu que “a forma mais significativa de interpretar os dados dos falantes mais velhos é estudar as mudanças nos mesmos indivíduos em

tempo real¹³” (p. 46); no entanto a análise da mudança em andamento no tempo aparente não é desprezível, podendo ser benéfica quando não há dados em tempo real disponíveis.

Labov (2008 [1972]), ao tratar do encaixamento social da mudança linguística, sugeriu que as mulheres tendem a usar as variantes mais prestigiadas e, em alguns casos, a liderar a inovação linguística quando essas formas estão em competição com outras menos prestigiadas no uso da comunidade. No entanto isso não pode ser generalizado, uma vez que a diferenciação sexual da fala, sobretudo, vai depender da posição da mulher em cada comunidade. Nesse sentido, essa distinção do comportamento linguístico de homens e de mulheres muitas vezes apresenta um papel importante no mecanismo de variação e mudança linguística.

Nesse sentido, ainda parafraseando Labov (2008 [1972]), apesar de a diferenciação sexual da fala poder desempenhar um papel importante no mecanismo da mudança linguística, tal diferenciação vai depender de padrões de interação da vida diária, que normalmente operam sob um conjunto de valores sociais convencionais a respeito de homens e de mulheres numa dada comunidade, ou seja, a diferenciação sexual não se restringe a fatores físicos, mas inclui “uma postura expressiva [do] que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro” (LABOV, 2008 [1972], p. 348-349).

No que diz respeito à *comunidade de fala*, Labov (2008 [1972], p. 188) a definiu como “um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Essa definição foi retomada por Díaz-Campos (2014), ao dizer que a comunidade de fala em Labov é importante pelo fato de demonstrar que os membros da comunidade compartilham juízos avaliativos comuns, uma vez que essas normas permitem reconhecer quem pertence ao grupo e distinguir os membros de outras comunidades.

3.2.2 Método sociolinguístico

O método da Sociolinguística variacionista ou da Teoria da variação e da mudança linguística trabalha com números, realizando o tratamento quantitativo e estatístico dos dados linguísticos, com o objetivo de estabelecer a correlação entre variáveis linguísticas e sociais na realização da variável dependente, para elencar quais desses fatores favorecem determinada variante linguística e restringem sua concorrente.

¹³ Do original: “The most decisive way to interpret the data of older speakers is to study changes in the same individuals in real time”. (tradução nossa)

A realização de uma variável dependente não é condicionada por apenas um fator linguístico ou sociolinguístico. O fenômeno variável resulta da coocorrência de diferentes fatores tanto linguísticos como extralinguísticos. Nesse sentido, Naro (2010, p. 16) disse que “a operação de uma regra variável é sempre o efeito da atuação simultânea de vários fatores” e que o problema central da teoria da variação é justamente “isolar e medir separadamente o efeito de um fator” (p. 17), uma vez que ele nunca se apresenta de modo isolado nos dados.

Ao tratar do instrumental de análise da Sociolinguística quantitativa, Guy e Zilles (2007) avaliaram que o pesquisador deverá observar a disposição das formas linguísticas e a significação social de seus usos. Para os autores, “[...] toda pesquisa dialetal, seja ela geográfica ou social, é inerentemente quantitativa” (GUY; ZILLES, 2007, p. 19). No entanto o objetivo derradeiro da metodologia não é apresentar apenas números, mas que esses números permitam identificar e explicar os fenômenos linguísticos, agregando valor qualitativo à análise quantitativa dos dados.

Uma metodologia quantitativa e qualitativa para tratamento dos dados permite a testagem de hipóteses e a realização de prognósticos e de inferências. Programas computacionais servem à metodologia sociolinguística para o processamento estatístico de dados linguísticos, a exemplo do programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), utilizado nesta pesquisa. São recursos metodológicos dessa natureza que possibilitam mensurar os efeitos da atuação simultânea dos vários fatores atuantes na realização de uma variável dependente.

Para Tagliamonte (2006), programas como o Goldvarb X são ferramentas imprescindíveis tanto para conduzir análises estatísticas sofisticadas como também para auxiliar a compreender os dados linguísticos e até mesmo organizá-los. Trata-se de um dos métodos mais apropriados disponíveis para a realização de análises estatísticas em fala natural. O entendimento de como funciona o programa proporciona detalhes minuciosos sobre os dados, organizando-os de maneira a torná-los acessíveis e analisáveis ao máximo.

Sem adentrar em minudências de modelos matemáticos, é importante apresentar alguns conceitos utilizados na metodologia quantitativa e no tratamento estatístico dos dados. Para Guy e Zilles (2007), a *hipótese nula* pode ser uma das formas para se chegar aos valores de significância. Ela aponta que não há uma afinidade entre fatores que atuam na variável dependente, tratando-se de distribuição aleatória dos dados, de modo que a correlação entre os grupos de fatores e a variável é verdadeira quanto mais baixa for sua probabilidade $p=0,05$ ou $p=0,01$.

Com base em Guy e Zilles (2007), o *peso relativo* pode ser entendido como um valor convencionalizado entre 0 e 1 conferido aos fatores imbricados na realização da variável. O valor recebido indica como um fator se comporta em relação aos demais e seu peso na aplicação da regra variável. A regra se aplica no contexto em que se insere o fator quando o valor for próximo a 1 e não se aplica quando for próximo de 0. Desse modo, favorece a aplicação da regra um valor acima de 0,5, desfavorece a aplicação um valor abaixo de 0,5, e um valor igual a 0,5 nem favorece nem desfavorece.

Para a interpretação dos resultados obtidos na análise estatística processada pelo programa computacional, o *log likelihood* e os *knockouts* são relevantes. Segundo Guy e Zilles (2007), o *log likelihood* mede a qualidade da aproximação entre o modelo apresentado pelos pesos relativos e os dados observados, quanto mais próximo de zero o *log likelihood*, maior será a robustez dos dados. Os *knockouts* podem ser entendidos como a frequência de 0% ou de 100% alcançada por um fator linguístico ou extralinguístico em relação a uma das variantes da variável dependente; nestes casos, conforme Tagliamonte (2006), não há variação, o que leva à exclusão ou à recodificação do fator de frequência absoluta.

Desse modo, retomando Naro (2010), a metodologia da teoria da variação, ao se utilizar de instrumentos estatísticos, “constitui uma ferramenta poderosa e segura que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações linguísticas” (p. 25). No entanto não basta apenas o domínio de uma ferramenta estatística para dar conta da análise do uso linguístico socialmente realista. É preciso compreender e empreender as etapas necessárias à pesquisa sociolinguística quantitativa para se alcançar ou se chegar à explicação dos efeitos dos multifatores sobre a variável dependente.

O método sociolinguístico faz o levantamento de dados linguísticos levando em conta aspectos extralinguísticos que possam estar de alguma forma relacionados à variável investigada, a exemplo de idade, sexo, escolaridade, classe socioeconômica etc. Esses critérios, com o auxílio de modelos estatísticos operados em programas computacionais, permitirão esclarecer a realização do encaixamento social do fenômeno linguístico. O mesmo valerá para o encaixamento na estrutura linguística a partir do arrolamento de aspectos linguísticos relacionados à variável.

O próprio Labov (2008 [1972]), ao tratar do *paradoxo metodológico*, considerou ser uma tarefa um tanto difícil localizar e contatar os informantes para fazê-los falar de modo espontâneo diante de um gravador. A necessidade de um grande volume de dados para a pesquisa sociolinguística requer mais que anotações manuscritas; na verdade, a natureza da pesquisa exige gravações de boa qualidade da fala natural dos membros de uma comunidade.

Esse primeiro paradoxo leva ao *paradoxo do observador*, que é, a partir de um trabalho de observação junto aos membros da comunidade, descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas para tentar identificar os estilos mais e menos monitorados dos informantes, no sentido de subsidiar a coleta de amostras mais espontâneas possíveis da fala. Como nem sempre essa tarefa é executável, Labov (2008 [1972]) propôs criar situações ou contextos de envolvimento emocional dos entrevistados a partir de perguntas, a exemplo, de temas que envolvem risco de vida dos informantes para dispersar o monitoramento sobre sua fala e, com isso, extrair uma amostra mais próxima do vernáculo.

Os questionários do Projeto ALiB, mesmo com base em critérios de perguntas e respostas adotados pelo método da Dialetoologia, buscaram incorporar alguns aspectos da pesquisa sociolinguística no levantamento dos dados, de modo que subsidiassem os trabalhos dos inquiridores nas entrevistas dos informantes das localidades visitadas. O levantamento de dados em discursos semidirigidos, por exemplo, pode oferecer amostras da fala mais espontânea, o que, de certa maneira, se aproxima do entendimento de Labov (2008 [1972], p. 244) de que “a única maneira de obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a entrevista individual, gravada, ou seja, por meio do tipo mais óbvio de observação sistemática”.

Feito o levantamento dos dados em situações reais de uso da língua, o sociolinguista precisaria estabelecer um *corpus* de estudo que permitisse a sistematização dos aspectos linguísticos e extralinguísticos relacionados ao fato linguístico investigado para processamento, análise e interpretação dos resultados, verificando os efeitos de cada fator sobre as variantes em uso.

3.3 PRESSUPOSTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS

O presente exame dos aspectos linguísticos do /l/ em final de sílaba pauta-se numa abordagem de modelo estruturalista, que busca a formalização do componente fonético-fonológico da língua, para subsidiar a análise e as discussões das variáveis linguísticas aqui selecionadas. Para tanto, o tratamento linguístico da variável dependente apoiou-se em Camara Jr. (2011 [1970]) e em Silva (2009), que apresentam descrições da estrutura da língua portuguesa referente aos aspectos fonético-fonológicos.

Nesse sentido, esta análise alinha-se à Fonética e à Fonologia estruturalistas, uma vez que a investigação, por um lado, se debruça sobre as propriedades articulatórias dos sons da

fala no tratamento dos dados, examinando as diferentes realizações do /l/ em final de sílaba a partir da observação de aspectos articulatórios dos fonemas vizinhos ao segmento lateral, tais como o tipo de consoante subsequente (ex.: modo e lugar de articulação) e o tipo de vogal precedente (ex.: altura e recuo ou avanço do órgão articulador) etc.; por outro, se ocupa da relação entre o fonema /l/ em final de sílaba e os fonemas que lhes são antecedentes e subsequentes.

3.3.1 Estruturalismo linguístico

O estruturalismo é uma corrente dos estudos linguísticos que, considerando a língua como uma estrutura, abarcou diferentes perspectivas de abordagem e que teve o pensamento de Ferdinand de Saussure (1857-1913) como principal alicerce para sua ramificação. Considerando a cronologia dos acontecimentos no campo dos estudos linguísticos, no período pré-saussuriano, destacaram-se dois importantes pensadores do século XIX, William D. Whitney (1827-1894) e Wilhelm von Humboldt (1767-1835), que influenciaram significativamente o desenvolvimento da linguística do século XX.

Na defesa do argumento de que o século XIX preparou extensivamente o corte saussuriano, Faraco (2011) mencionou que o próprio Saussure fez referência ao pensamento de Whitney para embasar algumas de suas principais teses: a língua é uma instituição social pura e a natureza do signo linguístico é convencional devido ao seu caráter arbitrário.

Para o mestre genebrino, é justamente esse caráter arbitrário do signo que separa a língua de todas as outras instituições. Essas ideias se opuseram à concepção da língua como organismo natural, como propunha o botânico de formação Schleicher. Nesse sentido, Saussure considerou que o pensamento de Whitney colocou a Linguística em seu verdadeiro eixo.

Conforme pontuou Faraco (2011), as ideias de Whitney foram fundamentais na construção da linguística saussuriana. Whitney defendia a atuação de uma ciência autônoma da linguagem, independente das ciências naturais e da psicologia, assumindo a linguagem (seu objeto) enquanto sistema autônomo de signos arbitrários e convencionais, definido por relações de imanência. Propunha ainda o distanciamento dos estudos da língua da perspectiva histórico-comparatista, ocupando-se exclusivamente com o sistema em detrimento da história da língua.

Em Humboldt se apresentou um quadro epistemológico bem diferente das ideias de Saussure e Whitney, contudo se verificou um traço em comum, a concepção de língua como uma totalidade organizada, de modo que o elemento só faz sentido dentro do próprio conjunto (forma). Essa concepção viria a subsidiar os desdobramentos da linguística do século XX.

Uma diferença importante na concepção de Humboldt em relação às ideias de Saussure e Whitney diz respeito a como o primeiro concebia a “forma”. Para ele, a forma da língua diz respeito a todos os aspectos do trabalho mental da construção da expressão, não uma forma gramatical ou um sistema de signos. A linguagem e o pensamento constituiriam assim uma unidade em que a língua seria um processo ou uma atividade constitutiva do pensamento, o que negaria a concepção de língua como apenas manifestação do pensamento.

Segundo Weedwood (2002), uma das ideias de Humboldt “era a de que a língua é algo dinâmico, e não estático, sendo em si mesma uma atividade (uma *energeia*, como ele escreveu, usando um termo grego) e não o mero produto de uma atividade (*ergon*)”. A partir dessa concepção, entende-se que regras subjacentes governariam os princípios que possibilitam aos falantes a produção de um número ilimitado de enunciados, ponto de vista que é contrário à ideia de língua como um conjunto de enunciados prontos produzidos pelos falantes. A influência do pensamento de Humboldt chegou ao século XX, subsidiando, em especial, a agenda do programa gerativo do linguista americano Noam Chomsky.

Nesse sentido, concorda-se com os argumentos de Faraco (2011) de que o século XIX não foi tão tímido assim com relação aos estudos linguísticos; pelo contrário, as ideias dos pensadores dessa época legaram ao século XX imprescindíveis concepções a respeito da língua e de princípios de abordagens da linguagem, preparando, por tanto, os caminhos que viriam a ser seguidos pela linguística moderna. O século XX viria a ser, então, a época dos empreendimentos em linguística, em que muitas dessas concepções e especulações do século XIX sobre a língua seriam criteriosamente reunidas e sistematizadas, propiciando terreno fértil para o lançamento das bases da ciência linguística, para o corte saussuriano em especial.

Publicado em 1916 como obra póstuma de Saussure, o livro *Cours de linguistique Générale* foi de fundamental importância para o lançamento das bases do estruturalismo. As ideias saussurianas assumiram uma sequência de decisões teóricas a partir de um conjunto de dicotomias (língua x fala, forma x substância, significante x significado, sincronia x diacronia etc.) que contribuíram para o estabelecimento da ciência linguística e para a definição de seu objeto de estudo.

Sem adentrar aqui nas várias dicotomias saussurianas, observa-se que o mestre genebrino elegeu o sistema linguístico – a língua – como objeto científico, do qual a Linguística deveria se ocupar, em detrimento de sua realização concreta – a fala. Esse corte metodológico foi comparado a um jogo de xadrez, em que o que realmente importa são as regras do jogo e não o material de que são feitas as peças do tabuleiro. Partindo dessa metáfora, à ciência

linguística interessa essa parte abstrata que é a língua (regras do jogo), sendo a ocupação com a fala (peças do jogo) atribuída a alguma disciplina, ainda que auxiliar.

O sistema de dicotomias, veiculado nas ideias saussurianas, teve como base a noção de “valor” para o entendimento do objeto e da própria ciência linguística. Nesse sentido, essa noção levou à consideração de que o escopo da pesquisa linguística se encontra na dimensão social do funcionamento da linguagem, colocando de lado a dimensão individual, uma vez que a língua (o sistema) é compartilhada socialmente.

Conforme lembrou Ilari (2011), os fonólogos estruturalistas aplicaram exemplarmente a noção de valor e o princípio saussuriano de que o que importa na descrição de um sistema linguístico é a descrição de sua funcionalidade e não a descrição física de seus elementos. Nesse sentido, o que foi entendido como pertinente ou relevante num sistema linguístico em Saussure passou posteriormente a ser denominado “distintivo” por fonólogos estruturalistas, a exemplo de “faca” e “vaca”, em que a diferença de sonoridade entre as consoantes /f/ e /v/ distingue significados, ou seja, é pertinente em português.

Por outro lado, no exemplo “carro”, as pronúncias ['kahʊ] ['kaxʊ] ou ['kaʁʊ], como fricativa posterior glotal desvozeada, fricativa posterior velar desvozeada ou vibrante alveolar vozeada, não apresentam alteração de significado, ou seja, o lugar de articulação desse fonema entre vogais em português não é opositivo ou pertinente. Nesse mesmo contexto de vocábulo em português, o exemplo “caro” se diferencia de “carro” apenas pela oposição entre /R/ e /r/ (['kahʊ] ['kaxʊ] ou ['kaʁʊ], para ‘carro’, e ['karʊ], para “caro”), que mostra o valor distintivo ou a pertinência do modo da consoante no português.

O sistema defendido em Saussure foi perpassado pela noção de valor das formas linguísticas que estariam constantemente em relação de oposição entre si. Na primeira metade do século XX, essa observação sobre a relação entre os elementos do sistema levou muitos pesquisadores da linguagem a acompanhar Saussure no entendimento de que a língua deveria ser considerada em si mesma e por si mesma e a romper com a perspectiva histórica dos estudos sobre a linguagem que marcou o século XIX, destacando-se Roman Jakobson (1896-1982), Nikolai Troubetzkoy (1890-1938), André Martinet (1908-1999) etc. na Europa e Leonard Bloomfield (1887-1949), Franz Boas (1858-1942), Edward Sapir (1884-1939) etc. na América do Norte.

Nesse sentido, a partir desses dois núcleos de desenvolvimento dos estudos linguísticos, o estruturalismo apresenta duas principais vertentes: o estruturalismo europeu e o estruturalismo americano.

A vertente europeia esteve mais ligada diretamente às principais teses saussurianas e a americana, às postulações de Leonard Bloomfield de que o linguista deveria dispor apenas do *corpus* de análise para iniciar seus trabalhos, abrindo mão de qualquer informação prévia, visto que cada língua teria sua própria gramática e que as categorias gramaticais deviam ser extraídas diretamente dos dados, e não encontradas em experiências prévias de análises.

A partir dessas considerações, conclui-se que a corrente estruturalista não surgiu abruptamente do pensamento saussuriano ou do trabalho pontual de algum estudioso da linguagem, mas se constituiu como orientação de estudos da linguagem ao longo do século XX, sobretudo a partir do corte saussuriano, que rompeu com a maneira de estudar a língua do século XIX, e do florescimento das ideias atribuídas ao mestre genebrino entre seus adeptos.

O estabelecimento da noção de língua como uma estrutura autônoma, uma totalidade organizada, e a constituição da ciência linguística que se ocupa de uma malha de relações de oposição entre os elementos do sistema, ou seja, da estrutura em si mesma foram os principais motivadores da denominação “estruturalismo”.

Nesse sentido, os estudos da língua que buscaram de algum modo a formalização de aspectos da estrutura linguística foram caracterizados como de cunho estruturalista, seja do âmbito da Fonologia, da Morfossintaxe, da Semântica etc.

No Brasil, um dos pioneiros na abordagem estruturalista da linguagem foi o linguista Joaquim Mattoso Camara Jr. (1904-1970), ex-aluno de Roman Jakobson, que, a partir da década de 1930, atuou no Rio de Janeiro, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde promoveu o ensino da linguística.

3.3.2 Fonética e Fonologia do português

A Fonética e a Fonologia são áreas distintas, mas correlacionadas, que estudam os sons da fala. Enquanto a primeira, independentemente da função linguística dos sons, estuda a realização concreta do material sonoro da fala, a segunda estuda sua função no sistema linguístico.

A Fonética é entendida como a disciplina que se ocupa dos sons vocais da fala humana, detendo-se sobre suas propriedades articulatórias, acústicas e auditivas, abrangendo a análise da produção (Fonética articulatória), da propagação ou transmissão (Fonética acústica) e da percepção (Fonética auditiva ou perceptual) do material acústico.

A Fonética articulatória, base das transcrições feitas nesta pesquisa, tem como unidade de estudo o fone, ou seja, a realização concreta de cada segmento, seja consonantal ou vocálico,

do inventário fonético da língua, os quais são transcritos entre colchetes, a exemplo das realizações [ɫ], [w] e [h] do fonema /l/ em final de sílaba no vocábulo “altura”: [aɫ'turɐ], [aw'turɐ] e [ah'turɐ].

A Fonologia tem o fonema como unidade de estudo e utiliza barras transversais para transcrição dos segmentos, a exemplo de /k/ e /m/, que distinguem “cola” e “mola” (/ˈkɔla/ e /ˈmɔla/, que foneticamente podem ser realizados como [ˈkɔlə] e [ˈmɔlə]). Os fonemas são unidades fonológicas que possuem valor distintivo numa língua, opondo-se a outras unidades fonológicas ou à ausência destas (“alto” e “ato”). O fonema por si só é desprovido de significado, mas a oposição entre esses segmentos distingue unidades maiores da língua, a exemplos de /b/ e /p/ em “bata” e “pata”, de /d/ e /g/ em “dado” e “gado”. Esse mecanismo de oposição entre palavras com diferença em apenas um segmento na cadeia sonora, a exemplo de “dado” e “gado”, é denominado de “par mínimo” nos estudos fonológicos. Silva (2009, p. 126) apresenta a seguinte definição de par mínimo: “o procedimento habitual de identificação de fonemas é buscar duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora seja idêntica”.

A transcrição convencional dos segmentos vocais entre colchetes (transcrição fonética) tem o objetivo de representar a realização concreta dos sons da língua, sem a pretensão de indicar o fonema; já a transcrição feita por meio de barras transversais (transcrição fonológica), convencionalmente, tem o objetivo de representar o valor distintivo do segmento numa determinada língua, com o propósito de indicar o fonema.

Um fonema pode ter diferentes realizações fonéticas. Essas realizações de um mesmo fonema são denominadas de “variantes” ou “alofones”, que, na perspectiva estruturalista, podem ser “posicionais” ou “livres”. O conceito de “variação livre”, proposto pela corrente estruturalista, foi fortemente refutado pelos estudos sociolinguísticos, que tratam a variação linguística a partir de seus fatores condicionadores, com base em regras variáveis. Em relação aos alofones posicionais, Camara Jr. (2011 [1970]) disse o seguinte:

[...] depende[m] do ambiente fonético em que o som vocal se encontra[m].
Dá-se uma assimilação aos traços dos outros sons contíguos ou em afrouxamento ou mesmo mudança de articulações em virtude da posição fraca em que o fonema se acha (por exemplo, nas vogais portuguesas, a posição átona, especialmente em sílaba final). (p. 35)

A referida posição fraca (átona) que o segmento ocupa em final de palavra também pode ser observada nos ambientes fonético-fonológicos da própria estrutura silábica do português brasileiro, ou seja, em final de sílaba, a exemplo do vocábulo “pólvora”, em que o /l/, apesar de compor a sílaba acentuada do vocábulo, ocupa a coda na sílaba, que é uma posição com

intensidade tonal decrescente da cadeia sonora em relação ao seu núcleo silábico, o que pode levar ao afrouxamento do segmento e sua conseqüente mudança de articulação ([l] para [ɫ], que, no português brasileiro, pode ainda apresentar realizações como [w], [ɦ] e [ø], verificadas em ['pɔɫvorɐ], ['pɔwvorɐ], ['pɔɦvorɐ] e ['pɔøvorɐ] para /'pɔlvora/), variação que não se verifica quando a consoante /l/ encontra-se em início de sílaba (“lua”), onde se manifesta como uma lateral alveolar ou dental.

Referente às variantes livres, Camara Jr. (2011 [1970], p. 35) as definiu como divergência na articulação de um mesmo fonema pelos falantes da língua, a exemplo da situação de fala (registro), como ocorre no português com o uso das fricativas posteriores velar [x] e glotal [h] em vocábulos como “rato”, que pode ser pronunciado ['xatɔ] ou ['hatɔ], sem mudança de significado.

Camara Jr. (2011 [1970]) descreveu um inventário fonológico do português composto por sete vogais, com base na posição tônica do vocábulo, e 19 consoantes, com base na posição intervocálica que o segmento ocupa: a) as vogais foram /a/, /ɛ/, /e/, /ɔ/, /o/, /i/ e /u/; b) as consoantes foram /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, /m/, /n/, /ɫ/, /r/, /ɲ/, /ʎ/ e /r/. Por seus verdadeiros traços distintivos, esse autor considerou tais segmentos vocais como fonemas do português, sendo os demais apenas variação de um mesmo fonema, a exemplo de [ɫ], [w] e [h] para /l/ em final de sílaba (['altɔ], ['awtɔ], ['ahtɔ] para “alto”), [ɐ] para /a/ em posição átona de final de vocábulo (['awtɐ] para “alta”) e [x] e [ɣ] ou [h] e [ɦ] para /r/ (['kaxtɐ] e ['goɣdɔ] ou ['kahtɐ] e ['goɦdɔ] para “carta” e “gordo”) etc. Silva (2011) acompanhou Camara Jr. nesse posicionamento a respeito do quadro fonológico do português. Opta-se por seguir o pensamento desses autores na presente pesquisa, sobretudo pelo fato de o sistema de sete vogais do português brasileiro atender aos objetivos de investigação da lateral pós-vocálica, já que não se identificam registros de ocorrência da consoante em contexto pós vogal nasal ou pós elemento nasal.

O critério fonético-articulatório foi inicialmente adotado por Camara Jr. (2011 [1970]) para a classificação dos segmentos vocálicos e consonantais do português. No que tange aos vocálicos, o autor disse que, para se deduzirem os segmentos distintivos no português, “a classificação das vogais como fonemas tem de partir da posição tônica” (CAMARA JR., 2011 [1970], p. 41), sendo agrupadas com base no avanço e na elevação da parte anterior da língua (vogais anteriores) e no recuo e na elevação da parte posterior desse órgão articulador (vogais posteriores).

Essa divisão entre anteriores e posteriores foi aplicada ao agrupamento dos segmentos tanto vocálicos quanto consonantais para a classificação dos segmentos fonológicos do

português, baseando-se no formato de uma caixa de ressonância criada na boca a partir dos movimentos articulatórios. A esse respeito Camara Jr. (2011 [1970]) disse que:

[...] há uma caixa de ressonância indivisa com a saída voltada para fora (consoantes labiais, *lato sensu*); onde a língua não atua. Há outra caixa de ressonância, também indivisa, voltada para dentro, com a elevação da língua no fundo da boca (fonemas póstero-linguais, ou, digamos, posteriores). E há uma terceira caixa de ressonância, dividida em duas partes, com a elevação da língua no sentido dos dentes, dos alvéolos ou do pré-palato (fonemas ântero-linguais, ou, digamos, anteriores). (p. 37)

Esse critério de classificação dos segmentos vocais do português cria grupos de fonemas que compartilham traços articulatórios semelhantes, como /b/, /p/ (bilabiais) e /v/, /f/ labiodentais), que têm em comum o ponto de articulação, ou seja, consoantes labiais, no sentido amplo, e, do ponto de vista auditivo, as consoantes oclusivas agrupam-se sob o rótulo “plosivas” e as constrictivas, “fricativas”.

A diferença entre consoantes e vogais na língua pode ser estabelecida a partir do seguinte critério fonético: o som vocálico é produzido pela ressonância bucal, onde a corrente do ar passa livremente, e a consoante, ao contrário, apresenta uma obstrução na passagem da corrente de ar na caixa de ressonância.

Desse modo, na perspectiva de Camara Jr. (2011 [1970]), as consoantes do português podem ser agrupadas da seguinte maneira: oclusivas ou plosivas – /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/; fricativas ou constrictivas – /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/; nasais – /m/, /n/, /ɲ/; laterais – /l/, /ʎ/; e vibrantes – /r/ e /ʀ/. As oclusivas e fricativas estão organizados em pares, com elementos que se opõem quanto ao vozeamento (com vibração das cordas vocais) e ao desvozeamento (sem a vibração das cordas vocais), partindo do ponto de articulação mais anterior, com as bilabiais, ao posterior, com as velares.

Camara Jr. (2011 [1970]) considerou as consoantes oclusivas e fricativas como fonemas consonânticos puros e as nasais, laterais e vibrantes como uma combinação do consonântico com o vocálico, ou seja, sonântico. Já para as vogais que se apresentam em posição de coda silábica, esse autor postulou que são alofones assilábicos ([ɪ] e [ʊ]) das vogais /i/ e /u/ ou semivogais, que não podem ocupar o núcleo da sílaba.

Acompanhando Camara Jr. (2011 [1970]), Silva (2009) apresentou um detalhamento fonético dos segmentos consonantais do português brasileiro, com o agrupamento dos fones a partir do modo e do lugar de articulação, indicando o estado de vozeamento ou o de desvozeamento do som, conforme Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Símbolos fonéticos das consoantes do português brasileiro

Articulação		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	desv	p		t			k	
	voz	b		d			g	
Africada	desv				tʃ			
	voz				dʒ			
Fricativa	desv		f	s	ʃ		X	h
	voz		v	z	ʒ		Y	ɦ
Nasal	voz	m		n		ɲ ỹ		
Tepe	voz			r				
Vibrante	voz			ʀ				
Retroflexa	voz			ɻ				
Lateral	voz			l ł		ʎ ɭ		

Fonte: Silva (2009, p. 37)¹⁴.

Os símbolos fonéticos apresentados no Quadro 1 foram considerados relevantes para a transcrição dos sons consonantais do português brasileiro.

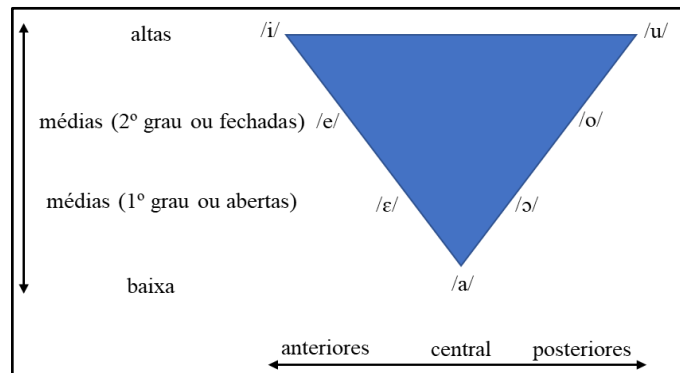
Nesse quadro de símbolos fonéticos, destaca-se a realização de [ɭ] ao lado de [l] para a consoante /l/. Trata-se, conforme descreve Silva (2009), de uma produção articulatória secundária ([ɭ]) em relação às propriedades articulatórias fundamentais ([l]) do segmento (/l/). Ao caso dessa produção articulatória secundária do /l/ atribui-se o termo “velarização”, que:

[...] consiste no levantamento da parte posterior da língua em direção ao véu palatino concomitantemente com a articulação de um determinado segmento consonantal. A consoante l apresenta a propriedade articulatória secundária de velarização em certos dialetos do sul do Brasil e do português europeu. O contexto em que a velarização ocorre é quando a lateral encontra-se em final de sílaba: sal, salta. Utilizamos o símbolo [ɭ] para transcrever a lateral velarizada que acabamos de descrever. (SILVA, 2009, p. 35)

Esse processo de velarização resulta no que Camara Jr. (2011 [1970]) classificou como alofone posicional ou variante de um mesmo fonema dependente do ambiente fonético em que o som vocal se encontra, com alteração apenas nas propriedades articulatórias do segmento, sem mudança do valor distintivo do fonema.

Para as vogais do português em posição tônica, Camara Jr. (2011 [1970]) propôs o seguinte sistema:

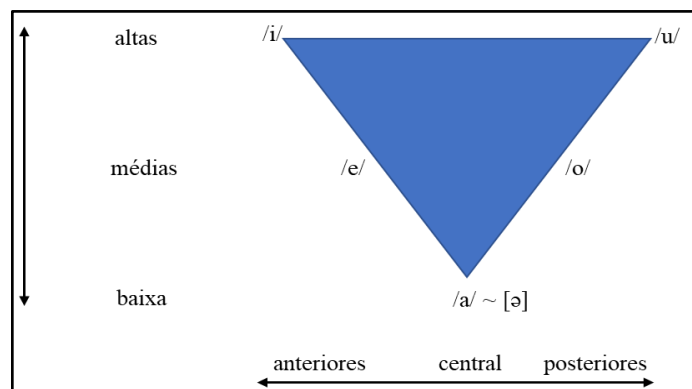
¹⁴ Estes símbolos também podem ser consultados em: <https://fonologia.org/>.

Figura 2: Sistema vocálico do português em sílaba tônica

Fonte: Elaboração própria a partir de Camara Jr. (2011 [1970]).

A Figura 2 apresenta o sistema vocálico no formato triangular, com a base do triângulo invertida para cima. Essa configuração simula a articulação da língua na cavidade bucal, com a elevação ou o abaixamento do articulador no sentido vertical (altas, médias fechadas, médias abertas e baixa) e o avanço ou o recuo da língua no sentido horizontal (posteriores, central e anteriores).

Esse grupo de sete vogais verificado em posição tônica no português reduz-se a cinco (/u/, /o/, /a/ ([ə]¹⁵), /e/, /i/) diante de consoante nasal na sílaba seguinte, como apresentado na Figura 3, a seguir:

Figura 3: Sistema vocálico do português em sílaba tônica diante de consoante nasal na sílaba seguinte

Fonte: Elaboração própria a partir de Camara Jr. (2011 [1970]).

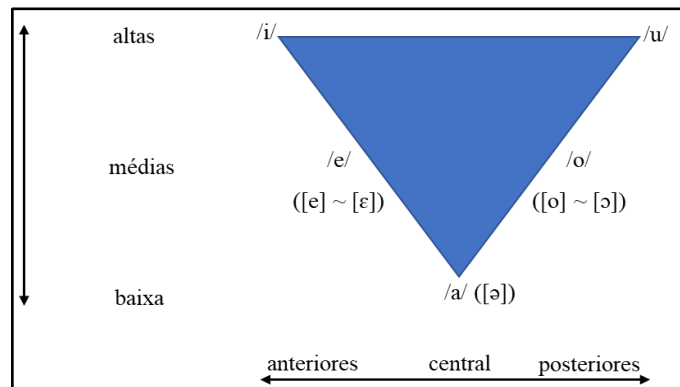
Verifica-se na Figura 3 que as vogais médias abertas ou de 1º grau são eliminadas nesse contexto (exemplo: “lenha” e “sono”). Também se observa o surgimento de uma variante

¹⁵ A utilização deste símbolo indica que há certo grau de fechamento e leve posteriorização da vogal central aberta /a/, que, a depender do grau de abertura ou fechamento na articulação vocálica, também pode ser representado por [ɐ], levemente mais posterior e mais aberto em relação a [ə].

posicional semiaberta e levemente posterior do fonema central /a/ ([ə], exemplo: “amo”, “cama”, “cana”).

As vogais do português em posição átona apresentam-se em três diferentes quadros, os quais são exibidos na sequência: posição pretônica, postônica não final e átona final. No que diz respeito ao sistema de vogais do português em posição átona pretônica, verifica-se o seguinte:

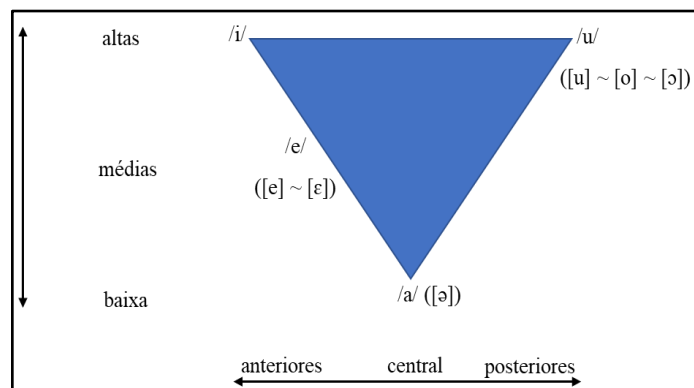
Figura 4: Sistema vocálico do português em sílaba pretônica



Fonte: Elaboração própria a partir de Camara Jr. (2011 [1970]).

Observa-se na Figura 4 que, em posição átona, a vogal central aberta /a/ desaparece e dá lugar a uma realização semiaberta e levemente mais posterior [ə]. O número de fonemas reduziu-se devido ao processo de neutralização da oposição entre as vogais médias de 1º e 2º graus, a exemplo do que ocorre em vocábulos como “soldado” e “fechar”, que podem ser realizados como [sow'dado] ou [sɔw'dado] e [fe'jah] ou [fe'ʃah]. Na sílaba postônica não final do português, apresenta-se o seguinte:

Figura 5: Sistema vocálico do português em sílaba postônica não final

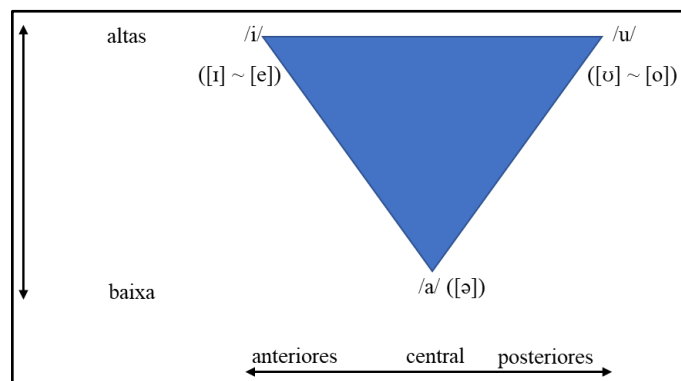


Fonte: Elaboração própria a partir de Camara Jr. (2011 [1970]).

Na Figura 5, observa-se que, referente à posição pretônica, a neutralização se amplia um pouco mais na posição postônica não final, desfazendo também a oposição entre as vogais posteriores alta /u/ e as médias /o/ e /ɔ/, estas últimas já como variantes [o] ~ [ɔ] do mesmo fonema /o/ em contexto pretônico. Têm-se os seguintes vocábulos como exemplo da neutralização entre /u/ e /o/: “pérola”, que pode ser realizado como [ˈpɛrulɐ], [ˈpɛrolɐ] ou [ˈpɛrɔlɐ], e “pólvora”, que pode ser realizado como [ˈpɔwvurɐ], [ˈpɔwvorɐ] ou [ˈpɔwvɔrɐ].

Para o sistema vocálico do português em sílaba átona final, apresenta-se o seguinte:

Figura 6: Sistema vocálico do português em sílaba átona final



Fonte: Elaboração própria a partir de Camara Jr. (2011 [1970]).

Na Figura 6, observa-se uma redução ainda mais ampla dos fonemas em final átono de vocábulo, de modo que a neutralização atinge a oposição entre as médias posteriores e a alta posterior bem como entre as médias anteriores e a alta anterior, sendo reduzidas para /a/, /u/ e /i/, a exemplo de “calda” “lago”, “torre”, respectivamente, [ˈkawdɐ], [ˈlagʊ] e [ˈtoɦɪ].

Apesar de Camara Jr. (2011 [1970]) realizar a descrição fonológica com base na variedade utilizada no Rio de Janeiro, o que se coloca em relevo, independentemente do dialeto de referência, é a possibilidade da perda de oposição (neutralização) entre segmentos vocálicos no português brasileiro conforme a posição da sílaba em relação ao acento do vocábulo.

Um critério apontado por Camara Jr. (2011 [1970]) para distinguir vogais e consoantes foi o comportamento do fonema na instância da sílaba. O núcleo silábico é exclusivamente ocupado por vogais no português e as consoantes e as semivogais ocupam o redor do núcleo, de modo que podem figurar em contexto pré-vocálico ou pós-vocálico da sílaba, sendo que somente algumas consoantes ocupam a posição pós-vocálica, entre elas estão o elemento nasal (/N/ (/m/ e /n/), exemplos: “cantar”, “vontade”) e as chamadas “líquidas”, ou seja, a lateral (/l/, exemplo: “alma”) e as vibrantes (/r/ e /ʀ/, exemplo: “carta”), bem como as fricativas não labiais

(/z/, /s/, /ʒ/ e /ʃ/, exemplos: “rasga” e “pasta”). O /l/ do vocábulo “anel” é subsequente ao núcleo silábico /ɛ/, ocupando a posição final, caracterizando-a como uma sílaba travada ou fechada do português, enquanto a vogal /a/, núcleo da primeira sílaba, figura como uma sílaba aberta ou livre, sem a presença de segmento pós-vocálico.

Destaca-se também que, segundo Camara Jr. (2011 [1970]), devido ao seu caráter de emissão reduzida, os alofones assilábicos das vogais /i/ e /u/ ou semivogais [ɪ] e [ʊ] ocupam posições adjacentes e nunca o núcleo da estrutura silábica do português, formando o que se denomina “ditongos”, que é o encontro de uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba, a exemplo de /ei/ ([eɪ]), /au/ ([aʊ]), /ai/ (aɪ) em “peito”, “pauta”, “pais”. Esse segmento pós-vocálico em estudos mais recentes, a exemplo de Silva (2009), é denominado de “glide”.

Essa descrição fonético-fonológica dos segmentos vocais do português brasileiro subsidia o tratamento linguístico da variável aqui investigada, na medida em que orienta a escolha de fatores estruturais que podem estar associados à variação da lateral pós-vocálica. Nesse sentido, analisa-se a realização do /l/ em final de sílaba, considerando as propriedades de seus fonemas vizinhos (antecedente e subsequente), com o objetivo de verificar em que medida os aspectos da vogal antecedente e da consoante subsequente podem influenciar na realização variável do /l/ bem como a tonicidade da sílaba, a extensão do vocábulo e a posição da variável no vocábulo.

A próxima seção apresenta os aspectos sócio-históricos das localidades dos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia, que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB.

4 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DAS LOCALIDADES

O objetivo desta seção é apresentar alguns aspectos sócio-históricos das localidades interioranas do Rio Grande do Sul e da Bahia, pertencentes à rede de pontos do Projeto ALiB, verificando em que medida esses aspectos podem ser associados à variação da lateral pós-vocálica /l/ nos dois estados.

Para tanto, três importantes fatores são levados em consideração: a) o processo tardio de povoamento do Rio Grande do Sul em relação ao da Bahia, visto que, de um lado, se apresenta a singularidade sócio-histórica da região Sul do país no tange à contribuição da política migratória para o povoamento, especificamente a do Rio Grande do Sul, iniciada ainda nos períodos colonial, por volta de 1750, com os imigrantes açorianos, e imperial, especialmente com os imigrantes alemães e italianos entre os anos de 1824 e 1875, respectivamente; de outro, se considera a condição da Bahia de ter sediado o Governo Geral do Brasil a partir de 1549, fato que contribuiu para o avanço do povoamento no estado já nos dois primeiros séculos do período colonial; b) os elementos participantes do processo de povoamento dos dois estados: o Rio Grande do Sul, com menor participação dos povos africanos escravizados e de suas culturas, teve intensa contribuição de imigrantes tanto portugueses quanto alemães, italianos etc.; a Bahia, com menor participação de imigrantes de origem não portuguesa, teve a contribuição de povos africanos e indígenas, portugueses, brasileiros filhos de portugueses e filhos de portugueses com a população escravizada; c) e a região de influência da localidade, considerando a ligação do município com a região metropolitana do estado ou com uma capital regional de menor porte.

Com base nessas considerações, assume-se como hipótese que o falar sul-rio-grandense é mais conservador na realização da lateral pós-vocálica /l/ do que o falar baiano, sobretudo pelo fato de as políticas de colonização e povoamento do Rio Grande do Sul, em meados do século XVIII, terem favorecido a manutenção de núcleos familiares¹⁶ nos assentamentos dos imigrantes portugueses, fator que pode ter contribuído para conservação de aspectos culturais, religiosos, linguísticos etc. dessa população, bem como a intensa participação de imigrantes não lusos no povoamento e na formação das localidades, especialmente alemães e italianos.

¹⁶ Em meados do século XVIII, com o objetivo de povoar o Rio Grande do Sul e de garantir a posse do território na disputa com a Espanha, a Coroa portuguesa efetivou a política de envio de casais provenientes da Ilha dos Açores, estabelecendo critérios de aceitação de candidatos e prometendo vantagens aos emigrantes açorianos selecionados.

4.1 RIO GRANDE DO SUL

Segundo o Censo 2010¹⁷ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estado do Rio Grande do Sul, com 497 municípios, tinha uma população de 10.693.929 pessoas, com densidade demográfica de 37,96 habitantes por km² e com estimativa populacional de 11.466.630 pessoas para o ano de 2021.

O Rio Grande do Sul localiza-se no extremo sul do país e seus limites fazem fronteira com o estado de Santa Catarina, com o Uruguai e com a Argentina. Na direção leste e sudeste do território, o litoral sul-rio-grandense é banhado pelo oceano Atlântico e a capital do estado é Porto Alegre. O gentílico é sul-rio-grandense.

Segundo registros históricos, a colonização do território do estado foi objeto de disputa entre Espanha e Portugal desde a chegada dos colonizadores europeus no século XVI até o início do século XIX, quando o território dos Sete Povos das Missões foi conquistado pela Coroa portuguesa. Para manter o domínio sobre as terras e demarcar os limites de fronteira, as tropas portuguesas travaram diversas batalhas com as forças espanholas, sobretudo na segunda metade do século XVIII.

Ainda no século XVIII, por volta de 1750, a Coroa portuguesa promoveu a colonização açoriana do território do Rio Grande do Sul, o então Rio Grande de São Pedro, com o envio de casais portugueses procedentes especialmente das Ilhas dos Açores. Os imigrantes açorianos, segundo Pesavento (2014), espalharam-se irregularmente no território, com núcleos próximos ao litoral, onde viria a ser a região metropolitana do estado, ficando quase 20 anos sem receberem as terras prometidas pela Coroa.

Ao tratar da imigração açoriana no estado sul-rio-grandense, Torres (2004, p. 177) disse que “este capítulo épico no povoamento do Rio Grande do Sul acarretou o surgimento de várias cidades gaúchas e a difusão de hábitos alimentares, de linguajar, de práticas agrícolas, de adaptações arquitetônicas etc., expressos nas singularidades da cultura luso-açoriana”, e que essa população teve papel colonizatório essencial para o desenvolvimento urbano, demográfico e econômico de muitas localidades do estado.

O IBGE (1964) destacou que “os açorianos, a rigor os primeiros colonos que o Estado recebeu, embora tivessem entrado em pequeno número, exerceram grande influência na formação étnica do Rio Grande do Sul”. A partir dos relatos históricos sobre o povoamento do

¹⁷ O Censo Demográfico 2010 do IBGE foi utilizado como referência por ser o último censo realizado no território brasileiro bem como por sua contemporaneidade à finalização dos trabalhos de levantamento de dados do Projeto ALiB.

território sul-rio-grandense, pode-se atribuir o destaque dado à participação açoriana na formação étnica do estado ao fato de que esses colonos compartilhavam da língua e da cultura portuguesas. Some-se a isso o fato de que, com a Reforma de Pombal a partir da segunda metade do século XVIII, a língua portuguesa passou a ser politicamente imposta pela metrópole à população de origem não portuguesa e aos autóctones.

Koch (2000) apontou que a ocupação do território do Rio Grande do Sul praticamente abrangia apenas as áreas abertas dos campos até o início do século XIX, com a criação de gado como atividade econômica, região onde foram instalados principalmente os imigrantes açorianos. As áreas de mata somente começaram a ser exploradas e ocupadas a partir da política de imigração promovida pelo Governo Imperial, com a chegada dos imigrantes alemães, por volta de 1824, e italianos, por volta de 1875.

Nesse sentido, a ocupação do estado iniciou-se mais ao sul do território, na região dos pampas gaúchos, com os imigrantes açorianos, e avançou para o norte, mais especificamente para o noroeste em meio à Mata Atlântica até o Rio Uruguai, principalmente com os imigrantes alemães e italianos.

A agropecuária, com a produção de charque, fortaleceu a economia do Rio Grande do Sul durante o período colonial. A carne charqueada abastecia o mercado interno, sobretudo na alimentação da mão de obra escravizada, empregada nas grandes lavouras de cana de açúcar, algodão, tabaco e café em outras regiões do Brasil colônia.

Após a Independência do Brasil em 1822, foi dada continuidade ao processo de povoamento das terras sul-rio-grandenses a partir da política brasileira de imigração alemã por volta de 1824. A partir de 1875, foi dado início a um novo projeto de povoamento do território, com a chegada de imigrantes italianos, que seria mais um projeto oficial de colonização das terras do sul do país.

Com a concessão de terras aos colonos por meio do sistema de doação denominado de “sesmarias”, assim como os portugueses, os imigrantes alemães e italianos foram distribuídos pelo território sul-rio-grandense e contribuíram para o povoamento e fundação de muitos dos atuais municípios do estado. Nesse sentido, são apresentados a seguir alguns aspectos sócio-históricos das localidades interioranas do estado do Rio Grande do Sul pertencentes à rede de pontos do Projeto ALiB.

4.1.1 Três Passos

Segundo o IBGE (1959), o município surgiu a partir de uma colônia criada em 1879, que, em 1884, contava com uma população de 582 habitantes, sendo 559 brasileiros e 23 estrangeiros. Transformado em distrito em 1933, o município de Três Passos foi criado no ano de 1944 e sua instalação se deu em 01 de janeiro de 1945, desmembrando-o de sua antiga sede, o município Palmeira das Missões. Relata-se que, a partir de 1930, a colônia de Três Passos registrou forte presença de descendentes das antigas colônias italianas e, principalmente, alemãs em busca de locais ainda inexplorados.

Um dos fatores apontados por Altenhofen (2000), ao tratar dos chamados “português de interferência”¹⁸ e “português de contato”¹⁹ na região Sul do Brasil, foi a área ocupada pelos diversos grupos imigrantes no processo de colonização. Como em muitos municípios sul-riograndenses, Três Passos registrou em sua história de formação a contribuição sociocultural e linguística de seus primeiros colonizadores. No caso da colonização alemã no município, o contato com a variante do dialeto Hunsrückisch do alemão utilizado pelos colonos pode ter contribuído para distinguir variedades diatópicas do português.

Figura 7: Três Passos – casa de madeira²⁰ e descendentes de alemães, 1959²¹



Fonte: IBGE, 2021.

¹⁸ Na definição do autor, trata-se de uma variedade do português aprendido como segunda língua, supondo a presença de uma série de elementos da língua materna do falante bilíngue.

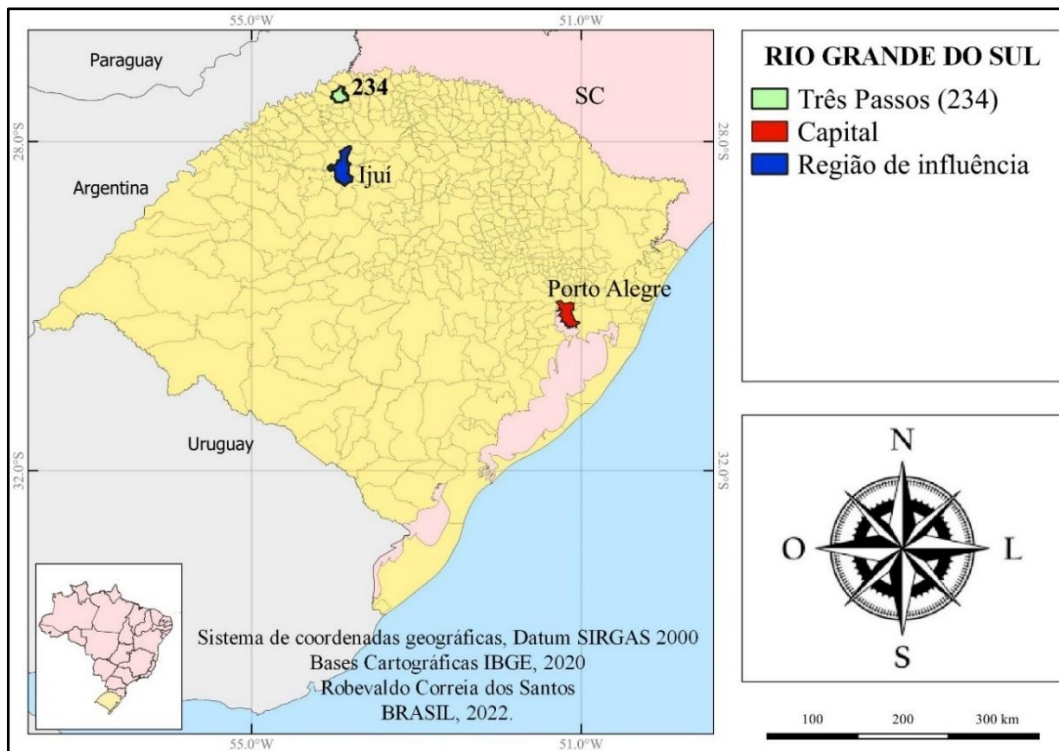
¹⁹ Entendido como uma variedade diatópica que pode ser falada tanto por monolíngues quanto por bilíngues, seguindo um critério geolinguístico sujeito à influência do grupo sociocultural que a usa.

²⁰ Casas com estrutura de madeira são originárias do período da colonização da região Sul do Brasil. Trata-se de um tipo de habitação muito utilizado pelos imigrantes alemães, italianos, entre outros, no período de colonização dos estados dessa região.

²¹ Retrata a presença de imigrantes não portugueses na localidade sul-riograndense de Três Passos.

A Figura 7 retrata a presença de imigrantes na localidade de Três Passos, na medida em que mostra alguns descendentes de colonos alemães e um tipo de habitação de madeira bastante utilizado por eles no processo colonizatório bem como uma extensão de mata ao fundo, que assinala o aspecto da vegetação das principais áreas de assentamento dos imigrantes alemães, italianos etc.

Figura 8: Localização de Três Passos (234²²)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Conforme se verifica na Figura 8, o município está situado no noroeste do estado, à distância de 470 km da capital Porto Alegre, tendo o município de Ijuí como região de influência²³. Com 89,29 habitantes por km², o município computou 23.965 pessoas no Censo 2010 do IBGE, com projeção populacional estimada de 23.799 habitantes para o ano de 2021. O gentílico do município é três-passense.

²² Identificação da localidade no Projeto ALiB.

²³ Segundo se verifica no *site* do IBGE, cada cidade se vincula diretamente à região de influência de pelo menos uma outra cidade, sintetizando a relação interurbana mais relevante da cidade de origem, tanto para acessar bens e serviços quanto por relações de gestão de empresas e órgãos públicos. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/tres-passos/panorama>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

4.1.2 Erechim

Erechim originou-se de uma colônia instalada em 1908 no município de Passo Fundo, que recebeu grande leva de colonos por volta de 1910, sobretudo devido à chegada da ferrovia na região nesse mesmo ano.

Segundo o IBGE (1959), em 1917, o então povoado de Erechim apresentava uma diversidade populacional formada por imigrantes, principalmente, e por brasileiros. Os imigrantes eram de nacionalidades diversas: poloneses, russos, alemães, italianos, austríacos etc. O nome “Erechim” provém do tupi-guarani e significa “campo pequeno”. O município foi criado em 1918.

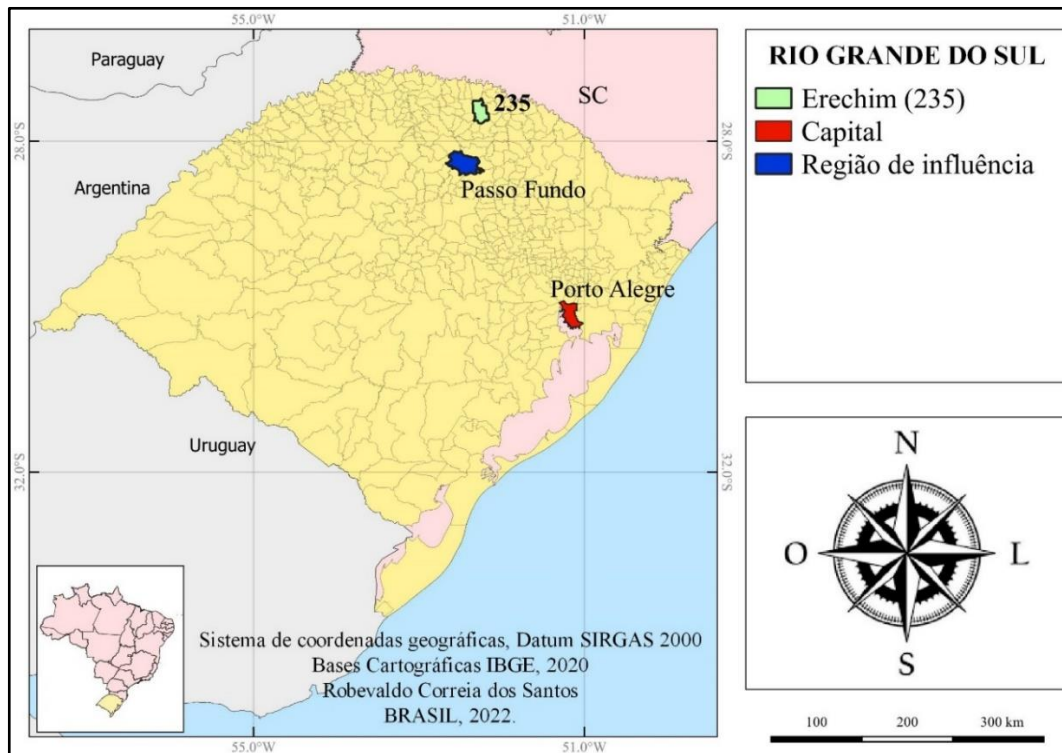
Figura 9: Erechim – monumento ao imigrante anônimo, 1959²⁴



Fonte: IBGE, 2021.

A Figura 9 mostra um monumento em homenagem ao imigrante anônimo, que prestigia todos os estrangeiros que deram sua parcela de contribuição para o povoamento e para a formação do município de Erechim.

²⁴ Retrata a presença de imigrantes não portugueses na localidade sul-rio-grandense de Erechim.

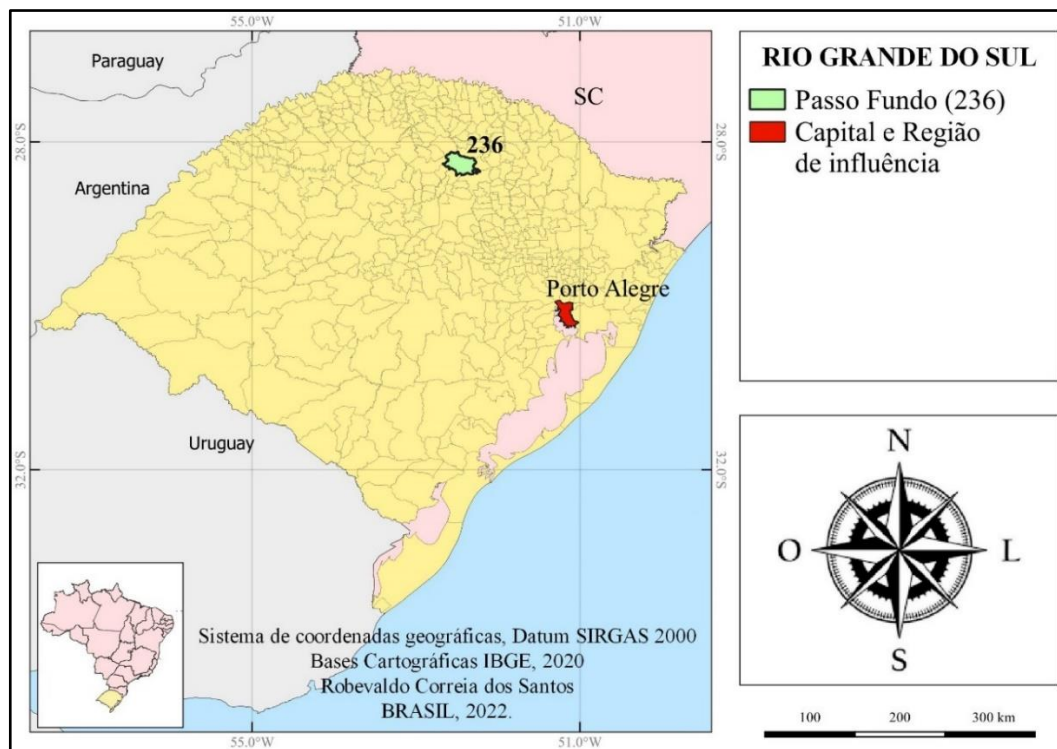
Figura 10: Localização de Erechim (235)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

A Figura 10 mostra a localização do município ao norte do estado. Erechim fica à distância de 373 km da capital Porto Alegre e tem como região de influência o município de Passo Fundo. O Censo 2010 do IBGE contou 96.087 pessoas, com densidade demográfica de 223,11 habitantes por km². A estimativa populacional para o ano de 2021 é de 107.368 pessoas. O gentílico do município é erechinense.

4.1.3 Passo Fundo

A localização de Passo Fundo resultou da pousada obrigatória dos tropeiros vindos da fronteira sul com destino ao estado de São Paulo. A partir de 1827, atraídos pelas extensas áreas devolutas existentes na época, luso-brasileiros estabeleceram-se na região onde viria a ser fundado o município, que foi criado em 1857 e instalado em 7 de agosto desse mesmo ano, tendo sido o seu território desmembrado do município de Cruz Alta. A emancipação de Passo Fundo teve a importante contribuição de imigrantes de diversas nacionalidades, especialmente alemã e italiana. Segundo o IBGE (1959), em 1889, foi criada a Colônia Canfield, iniciada com famílias de agricultores italianos.

Figura 11: Localização de Passo Fundo (236)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

A Figura 11 apresenta a localização geográfica da cidade, situada ao norte do estado, à distância de 289 km de sua região de influência – a capital Porto Alegre. No ano de 2010, Passo Fundo tinha 184.826 pessoas residentes no município, segundo o Censo 2010 do IBGE, com densidade demográfica de 235,92 habitantes por km² e com estimativa populacional de 206.103 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é passo-fundense.

4.1.4 Vacaria

O local onde se originou o município de Vacaria foi cenário de resistência dos índios Gaigans, que travaram intensos conflitos com os fazendeiros pela exploração do território, levando grande parte das famílias que lá residiam a abandonar a região.

A colonização da área foi iniciada pelos jesuítas por volta de 1700, com a exploração dos campos para a criação de grandes levas de gado, que foram trazidos das missões e criados soltos, sem a intervenção humana.

Segundo o IBGE (1959), o povoamento de Vacaria, área ocupada por portugueses por volta da segunda metade do século XVIII, foi favorecido pela abertura de estradas que ligavam o nordeste sul-rio-grandense às atuais capitais dos estados do Paraná e de São Paulo. A abertura dessas estradas foi motivada principalmente pelo comércio de gado, que necessitava de passagem para as tropas com os rebanhos. Apesar da presença dos fazendeiros portugueses na região desde o final do século XVIII e da criação do distrito de Vacaria em 1805, o município somente foi fundado em 22 de outubro de 1850.

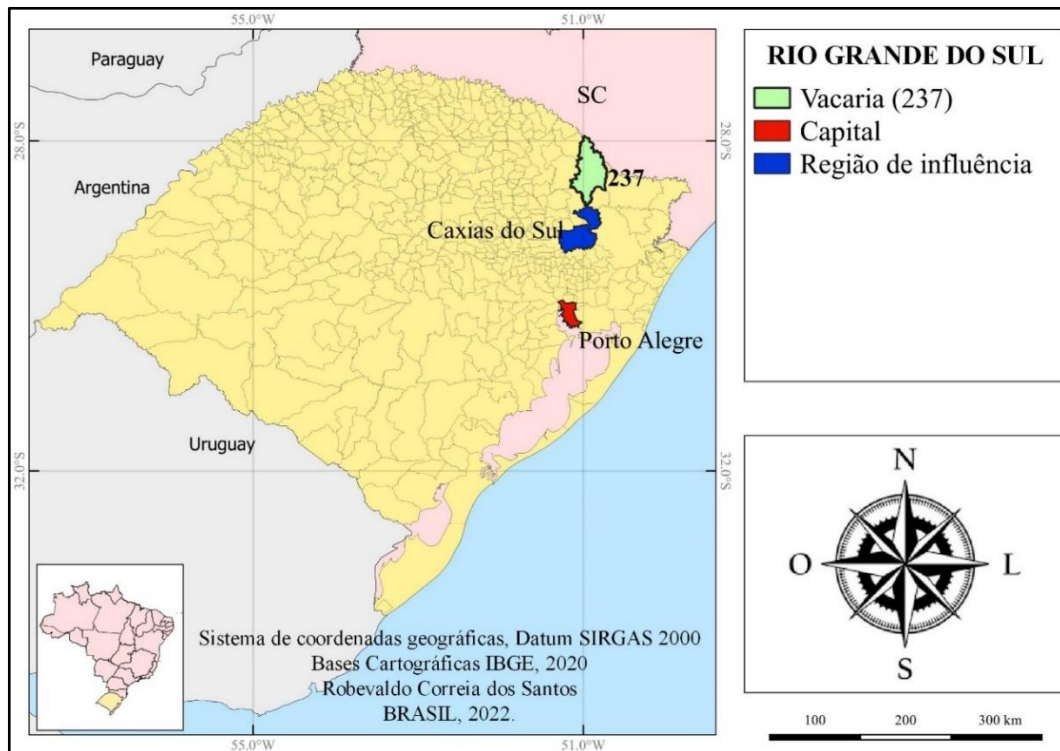
No livro *Lembranças de Vacaria*, publicado em 2013, pela Secretária Municipal de Educação de Vacaria, verifica-se o seguinte:

Nas grandes fazendas ligadas à pecuária viviam diversos escravos que participaram como os lusos do povoamento regional. Os registros de batismos atestam que muitos moradores de Vacaria eram provenientes de outras regiões. Não eram apenas os açorianos os povoadores dos campos serranos. É interessante observar a mobilidade existente na região desde o século XVII. Tal mobilidade pode ser constatada nos registros de batismos e casamentos. Na região viviam pessoas vindas de muitos lugares; alguns eram militares, outros, funcionários públicos. Enfim, Vacaria estava ligada ao Brasil e a Portugal. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2013, p. 23)

Essas considerações destacam a participação do elemento português e seus descendentes no povoamento da região, apontando a ligação da história de fundação do município com as demais regiões do Brasil e com Portugal. No entanto se observa, provavelmente com menor intensidade, a participação de pessoas escravizadas nesse processo. Além disso,

[...] em meados do século XIX, por meio do casamento, também alguns alemães se radicaram nos Campos e se tornaram proprietários de terras e de escravos. Entre eles: Kröeff e Hoffmann. Os últimos a chegar aos Campos foram os imigrantes italianos, vindos das colônias Caxias e Antônio Prado. Sua chegada está ligada à busca de terras para seus filhos. Eles avançam sobre os Matos Particulares (Ipê) e, em poucos anos, chegam a São Paulino, Segredo e, enfim, a Vacaria. Compraram lotes dos fazendeiros e copiaram seu modo de vida. Estabeleceram-se nos sítios e fazendas e nas serrarias. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2013, p. 23-24)

Assim como ocorreu em muitos municípios do Rio Grande do Sul, Vacaria também recebeu imigrantes alemães e italianos em seu território durante a vigência das políticas de imigração do império brasileiro.

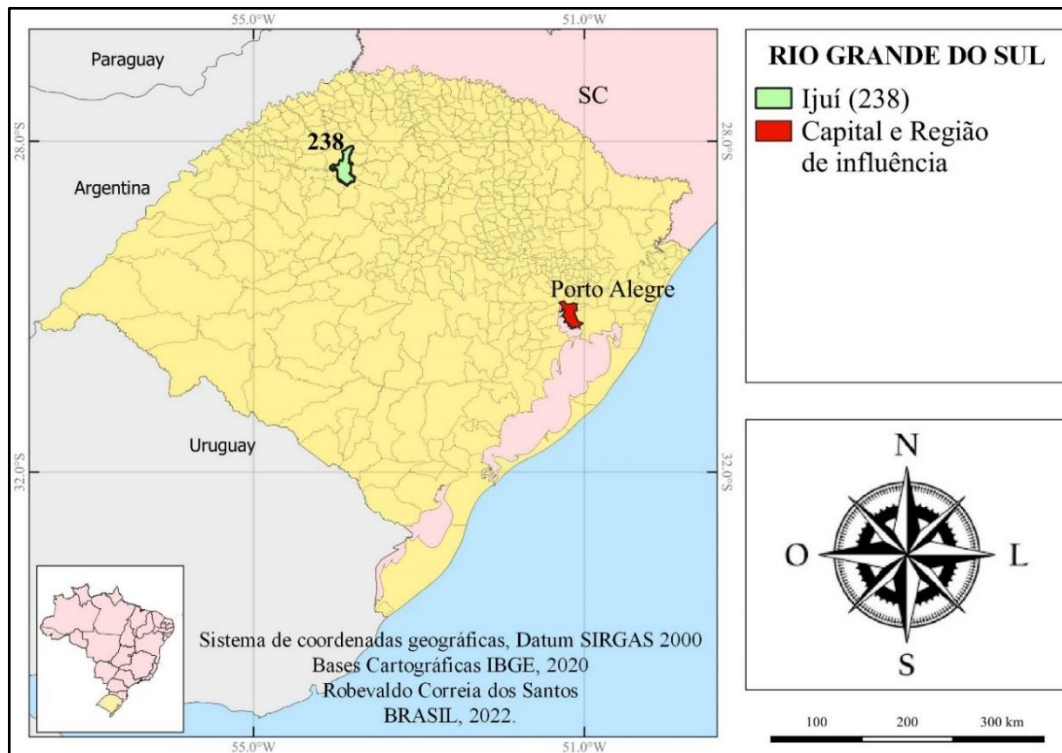
Figura 12: Localização de Vacaria (237)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

A Figura 12 mostra a localização do município mais ao nordeste do Rio Grande do Sul, à distância de 240 km da capital Porto Alegre. Vacaria, que tem a cidade de Caxias do Sul como região de influência, registrou uma população de 61.342 pessoas no Censo 2010 do IBGE, com densidade demográfica de 28,87 habitantes por km² e com estimativa populacional de 66.916 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é vacariense.

4.1.5 Ijuí

A então colônia de Ijuí foi fundada em 1890, com o objetivo de assentar imigrantes de diferentes origens: alemães, principalmente, italianos, poloneses e russos etc. A colônia foi elevada à categoria de município em 31 de janeiro de 1912. O município de Ijuí é conhecido como “Terra das culturas diversificadas” por reunir variado grupo étnico.

Figura 13: Localização de Ijuí (238)

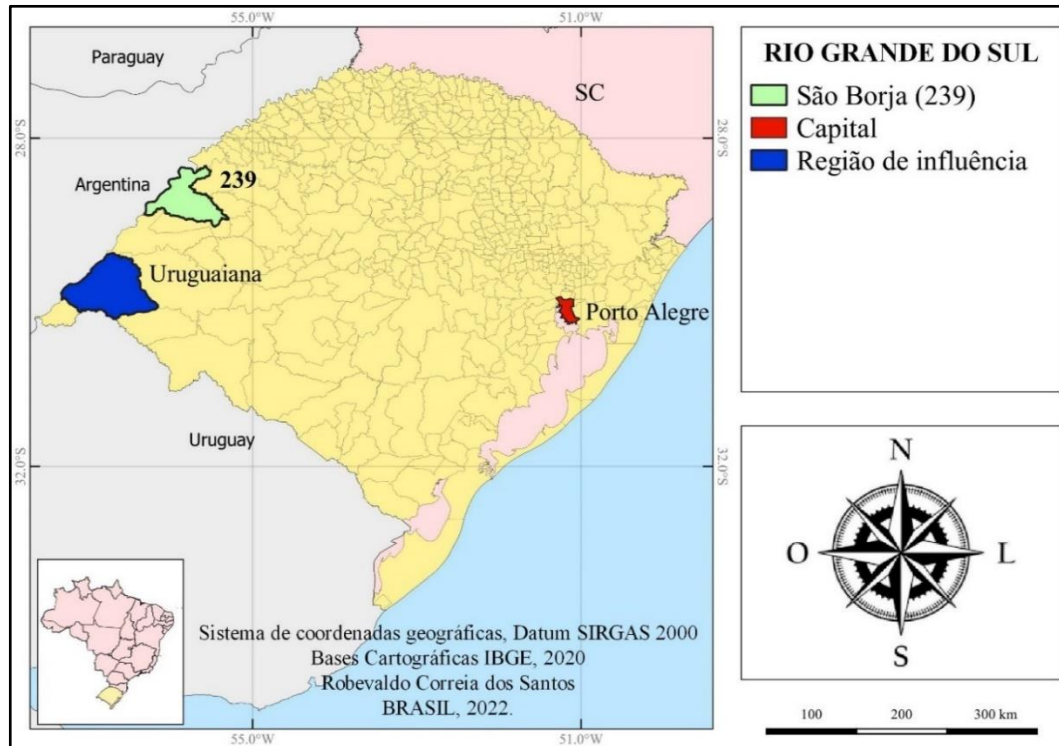
Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Conforme se verifica na Figura 13, a cidade de Ijuí está localizada no noroeste do Rio Grande do Sul, a 395 km de sua região de influência, a capital Porto Alegre. No Censo de 2010 do IBGE, Ijuí tinha um número populacional de 78.915 pessoas, com densidade demográfica de 114,51 habitantes por km² e com uma população estimada de 84.041 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é ijuiense.

4.1.6 São Borja

São Borja foi fundado em 10 de outubro de 1682 pelos jesuítas espanhóis, sendo o primeiro dos Sete Povos das Missões. Em 1817, foi elevado à condição de vila e, em 1833, à de município. Segundo o IBGE (1959), por muitos anos, a área foi cenário de disputas entre portugueses e espanhóis que exploravam os povos autóctones nas batalhas pelo domínio do território. O povoamento de São Borja deu-se principalmente a partir da catequização dos índios pelos jesuítas, que assentaram missão nas terras onde viria a ser o município, com posterior expulsão dos religiosos e domínio luso-brasileiro.

Figura 14: Localização de São Borja (239)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Na Figura 14, observa-se que a localidade de São Borja está situada na fronteira oeste do Rio Grande do Sul com a Argentina, a 585 km da capital Porto Alegre, tendo como região de influência o município de Uruguaiana. No Censo 2010 do IBGE, São Borja registrou uma população de 61.671 pessoas, com densidade demográfica de 17,05 habitantes por km² e com estimativa populacional de 59.768 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é são borjense.

4.1.7 Flores da Cunha

O atual território de Flores da Cunha, segundo o IBGE (1959), por volta de 1877, recebeu quantidade significativa de imigrantes vindo da Itália. Com o crescimento populacional, o então distrito foi criado em 1890, recebendo a denominação de Nova Trento, por desejo dos habitantes para lembrar a Itália. Foi elevado à categoria de município em 17 de maio de 1924. Por decreto municipal, o município teve a denominação substituída para Flores da Cunha em 1935, em homenagem a José Antônio Flores da Cunha, ex-governador do estado,

Entre os anos de 1878 e 1892, foi o período em que a região recebeu a maior leva de colonizadores italianos, sendo assentados em dois povoados, o de São Pedro e, posteriormente, o de São José, os quais, no final dos anos de 1880, foram unificados e passaram a formar a Vila de Nova Trento. O município ainda conserva o talian²⁵, língua cooficial desde 2015.

Figura 15: Monumento do Galo

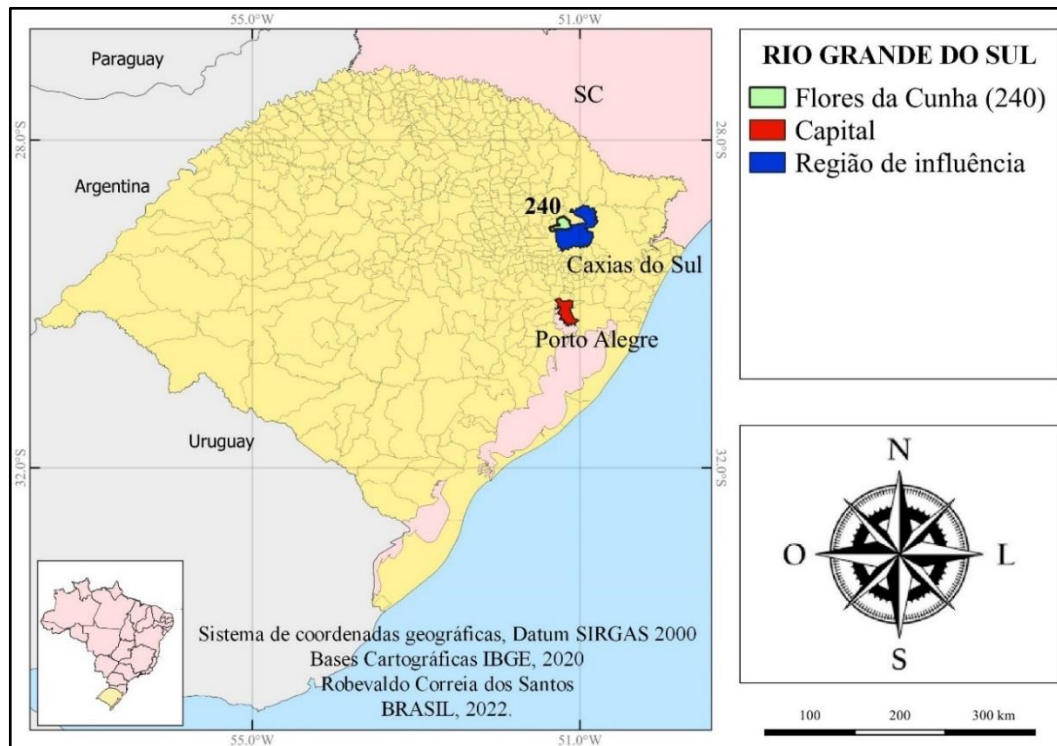


Fonte: Flores da Cunha, 2021.

O Monumento do Galo, na Figura 15, traduz-se em graça e em alegria, que são características da história de formação da população florense. Por muito tempo Flores da Cunha foi conhecida como “Terra do Galo”, denominação que teria surgido por volta de 1934, a partir de uma história de graça e de alegria, quando um mágico forasteiro teria prometido cortar a cabeça de um galo durante o espetáculo e o faria cantar novamente, com sua mágica. Na hora da apresentação, no entanto, o mágico, ao avistar autoridades na plateia, viu-se em apuros e fugiu, deixando todos à espera. O mágico nunca mais foi visto²⁶.

²⁵ Variante da língua vêneta falada no Rio Grande do Sul por descendentes de imigrantes italianos oriundos do norte da Península Itálica.

²⁶ Disponível em: < <https://www.floresdacunha.rs.gov.br/secao.php?id=2>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

Figura 16: Localização de Flores da Cunha (240)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

A Figura 16 mostra que a cidade de Flores da Cunha está situada no nordeste do Rio Grande do Sul, a 150 km da capital Porto Alegre, e tem o município de Caxias do Sul como região de influência. O número de pessoas contadas no Censo 2010 do IBGE em Flores da Cunha foi 27.126, com densidade demográfica de 99,20 habitantes por km² e com população estimada para o ano de 2021 de 31.352 indivíduos. O gentílico do município é florense.

4.1.8 Santa Cruz do Sul

Segundo o IBGE (1959), o território onde atualmente se situa o município de Santa Cruz do Sul teve seu processo de povoamento iniciado no fim do ano de 1849, com a chegada de cinco famílias alemãs para colonização da localidade. A criação da colônia deu-se por iniciativa da Câmara Municipal de Rio Pardo para estabelecer comunicação e comércio com outras zonas da região.

Chegaram mais levas de imigrantes alemães nos anos seguintes, o que contribuiu para tornar Santa Cruz do Sul uma colônia próspera. Com o desenvolvimento experimentado, o governo da província escolheu o local para a futura povoação e elevou a condição da colônia a

freguesia em 1859. O município foi criado em 1877, com instalação efetivada em 29 de agosto de 1878.

Santa Cruz do Sul foi um dos principais núcleos da colonização alemã no estado do Rio Grande do Sul, de modo que, ao lado do português, se preserva o dialeto Hunsrückisch da língua alemã entre os descendentes da antiga colônia de Picada Velha ou Linha Santa Cruz.

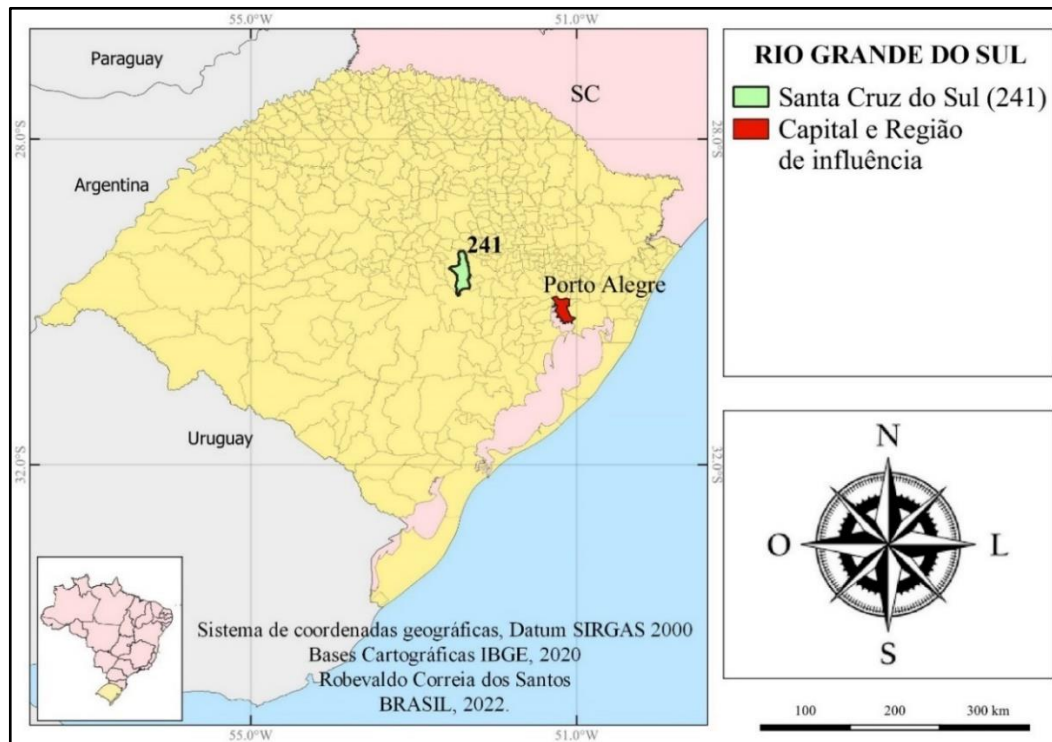
Figura 17: Santa Cruz do Sul – Monumento ao Imigrante Alemão, 1972²⁷



Fonte: IBGE, 2021.

A Figura 17 apresenta uma imagem que homenageia o imigrante alemão por se destacar no processo de colonização da região de Santa Cruz do Sul.

²⁷ Retrata a presença de imigrantes não portugueses na localidade sul-rio-grandense de Santa Cruz do Sul.

Figura 18: Localização de Santa Cruz do Sul (241)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Na Figura 18, observa-se que o município de Santa Cruz do Sul está localizado no centro do estado, a 155 km de Porto Alegre, e tem como região de influência a capital do Rio Grande do Sul. Foi verificada uma população de 118.374 pessoas no último censo de 2010 do IBGE, com densidade demográfica de 161,40 habitantes por km² e com população estimada de 132.271 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é santa-cruzense.

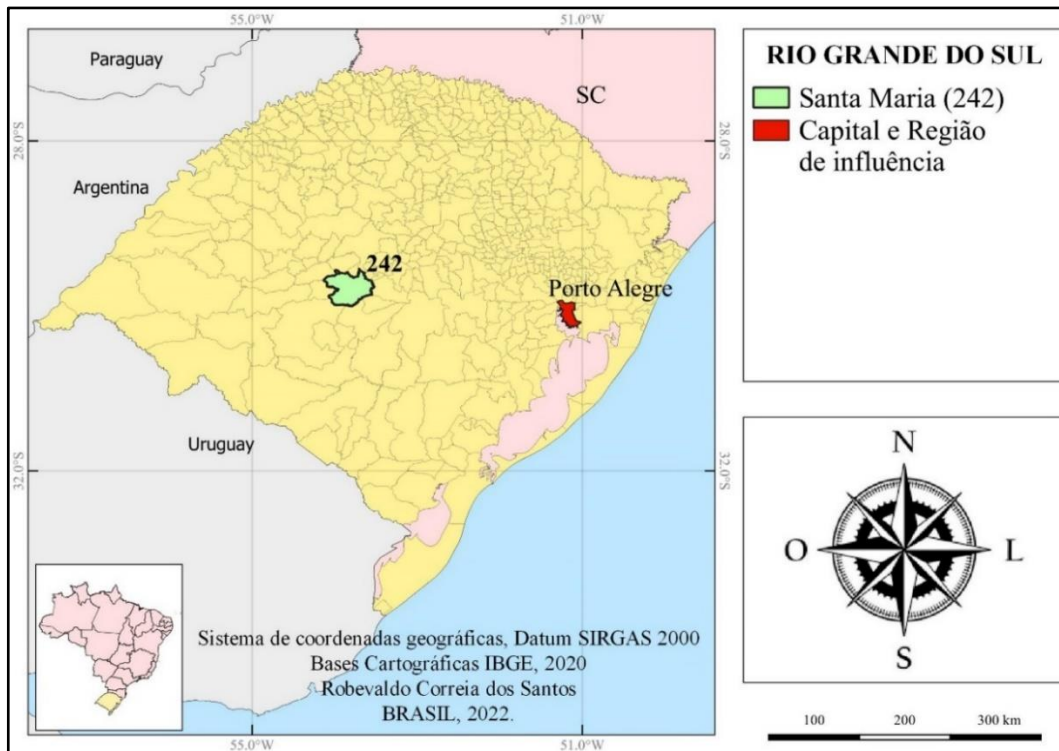
4.1.9 Santa Maria

O município de Santa Maria foi fundado em 1797 e elevado à categoria de cidade em 6 de abril de 1876. Conforme o IBGE (1959), o povoamento da área do município teve início por volta de 1784 e 1797, período em que se registra o trabalho de demarcação entre as terras do sul do Brasil e as terras de domínio espanhol, sobretudo a partir do estabelecimento de estancieiros das redondezas e de índios.

Santa Maria recebeu cinquenta famílias guaranis entre 1801 e 1803, que vieram das Missões Orientais, somando-se aos descendentes de açorianos e a alguns açorianos natos. Em 1828, a localidade também recebeu o elemento germânico, com a chegada do 28º Batalhão de

Estrangeiros, composto de alemães, dos quais a maioria permaneceu no território após ser dissolvida a tropa a serviço do Brasil.

Figura 19: Localização de Santa Maria (242)

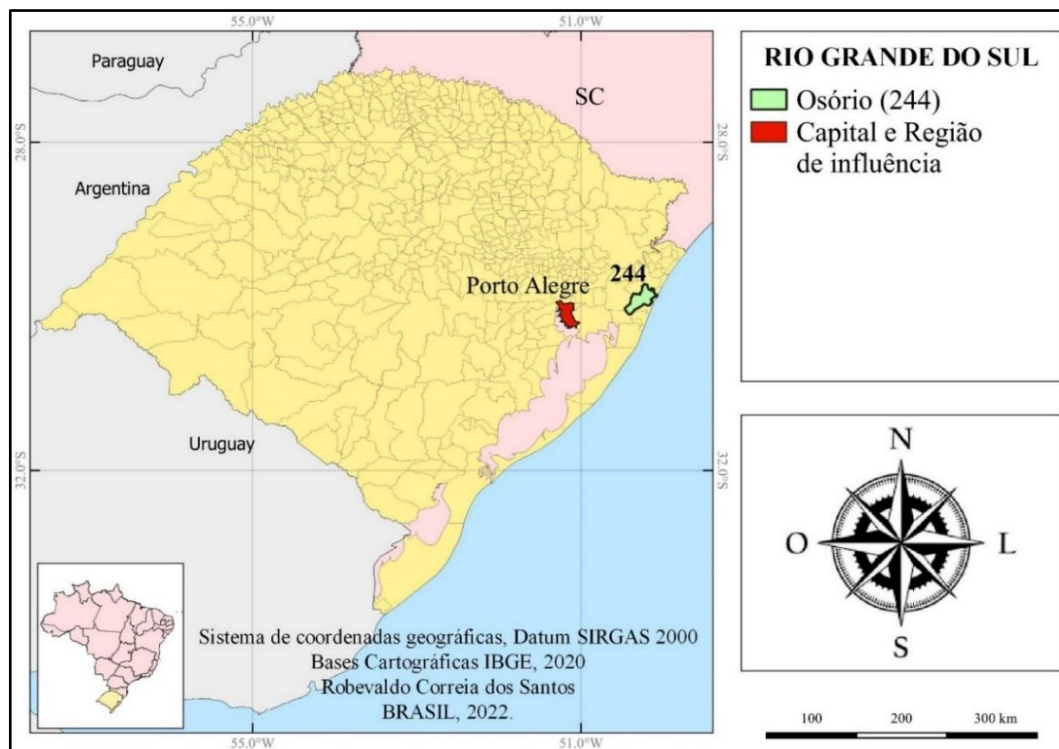


Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Localizada na região central do estado, como se pode ver na Figura 19, tendo como região de influência a capital Porto Alegre, à distância de 290 km, Santa Maria tinha uma população de 261.031 pessoas e densidade demográfica de 145,98 habitantes por km², segundo o Censo 2010 do IBGE, com estimativa populacional para o ano de 2021 de 285.159 pessoas. O gentílico do município é santa-mariense.

4.1.10 Osório

O município de Osório, distrito denominado Conceição do Arroio em 1773, foi emancipado em 16 de dezembro de 1857. Segundo o IBGE (1959), o território de Osório foi povoado inicialmente por portugueses, com posterior chegada de alemães e italianos que se instalaram nos arredores da então Conceição do Arroio, por volta desse mesmo ano de emancipação.

Figura 20: Localização de Osório (244)

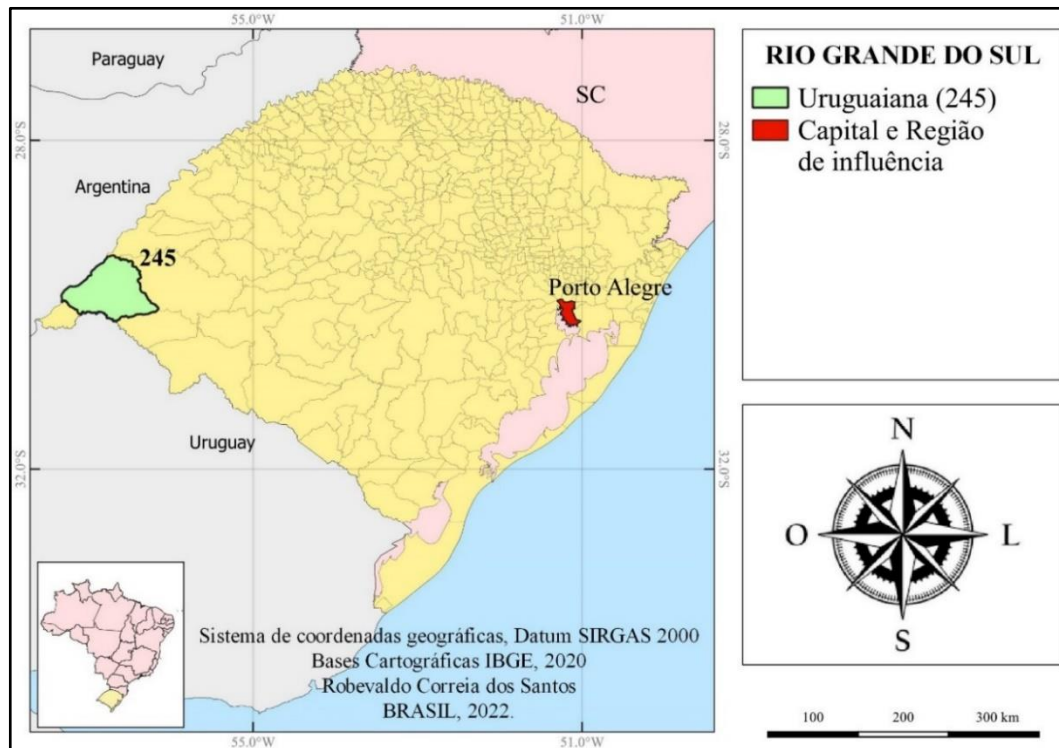
Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Tendo a capital do estado como região de influência e, conforme se verifica na Figura 20, localizado no litoral nordeste da área metropolitana, a 95 km de Porto Alegre, o município de Osório, segundo o Censo 2010 do IBGE, tinha uma população de 40.906 pessoas, com densidade demográfica de 61,65 habitantes por km² e com população estimada para o ano de 2021 de 46.815 pessoas. O gentílico do município é osoriense.

4.1.11 Uruguaiana

Uruguaiana foi fundada em 1843, sendo elevada à categoria de município em 29 de maio de 1846. O povoamento do município teve inicialmente a participação de portugueses, africanos e espanhóis, recebendo posteriormente, com a migração moderna, a participação dos elementos italiano, alemão, francês e árabe, conforme *site*²⁸ do IBGE.

²⁸ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/uruguaiana/historico>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

Figura 21: Localização de Uruguaiana (245)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

A Figura 21 mostra que o município de Uruguaiana está situado no sudoeste do estado sul-rio-grandense e os limites de seu território fazem divisa tanto com o Uruguai quanto com a Argentina. Apesar da distância da capital, 649 km, Uruguaiana tem Porto Alegre como região de influência. Segundo o Censo 2010 do IBGE, o município registrou uma população de 125.435 pessoas, com densidade demográfica de 21,95 habitantes por km² e com estimativa populacional de 126.766 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é uruguaiense.

4.1.12 Caçapava do Sul

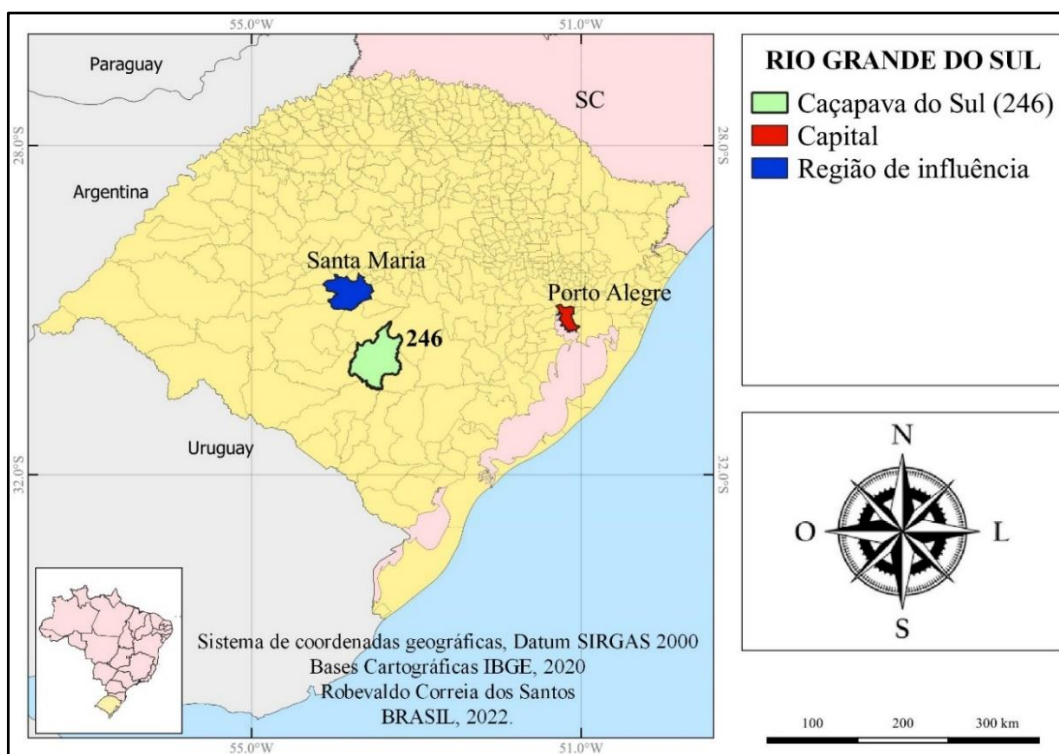
O município de Caçapava do Sul nasceu por volta de 1777, elevado à categoria de vila em 1831 e à condição de cidade em 9 de dezembro de 1855. O IBGE (1959) sugere que o município pode ter sua origem a partir de um acampamento militar, localizado num aldeamento de índios, cuja denominação Caçapava, no tupi-guarani, significa “clareira na mata”, “fim da estrada na mata” ou “fim da travessia no monte”.

Caçapava do Sul, durante a Guerra dos Farrapos, ficou sob o domínio das forças revolucionárias entre os anos de 1837 e 1840, passando à condição de capital republicana no

último ano de domínio dos farrapos sobre o município. Em 1840 as forças do império retomaram o controle da cidade.

No século XX, a partir da década de 40, o município destacou-se na mineração do cobre, sendo considerado a “Capital Brasileira do Cobre”. A partir do mês de março de 2011, juntamente com outras 12 cidades do estado, Caçapava do Sul passou a integrar a Associação das Cidades Históricas do Rio Grande do Sul (ACHRS), o que significou para o município um marco histórico da preservação de seu patrimônio cultural e memorial.

Figura 22: Localização de Caçapava do Sul (246)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

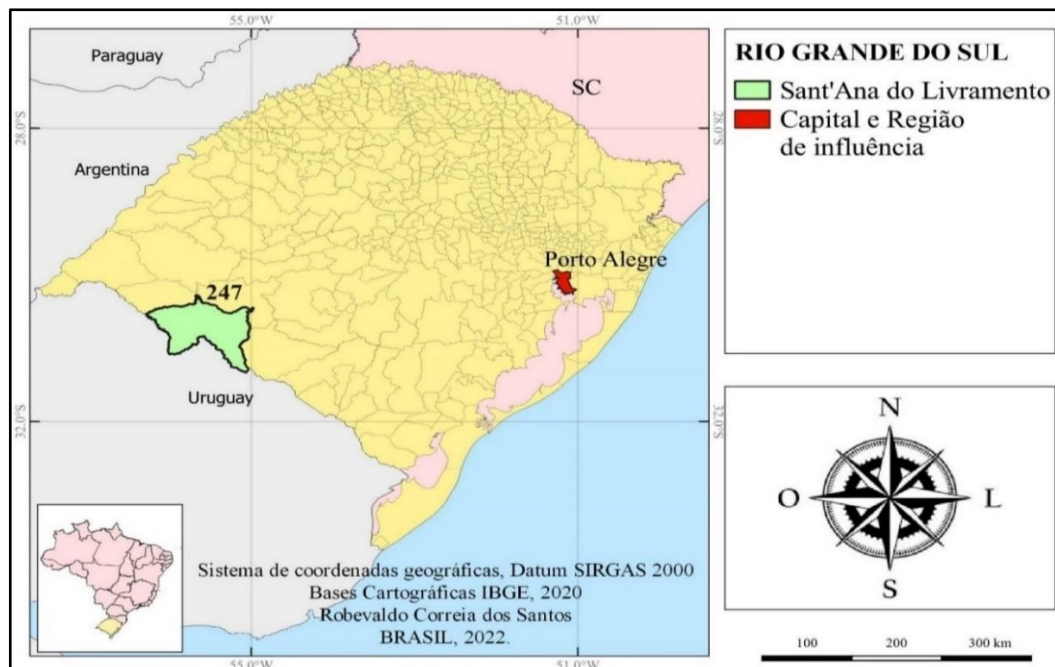
Observa-se, na Figura 22, que o município de Caçapava do Sul está localizado no sudeste do Rio Grande do Sul, a 272 km da capital, tendo como região de influência a cidade de Santa Maria. Segundo o Censo 2010 do IBGE, a população local era de 33.690 pessoas, com densidade demográfica de 11,06 habitantes por km² e com população estimada de 33.476 pessoas para o ano 2021. O gentílico do município é caçapavano.

4.1.13 Santana do Livramento

Fazem parte da história do povoamento do município os índios charruas e minuanos, os jesuítas espanhóis, os portugueses e os italianos. Conforme se verifica no *site*²⁹ da prefeitura do município, a região era originariamente habitada pelos índios Charruas e Minuanos, pertencentes ao grupo Guaicurus do Sul, tendo recebido no século XVII os primeiros colonizadores europeus do Rio Grande do Sul, os jesuítas espanhóis, que habitaram a região do Prata e contribuíram com a formação e povoamento de Santana do Livramento.

Com o domínio português sobre o território, foram feitas doações das primeiras sesmarias na região por volta de 1814. Em 1818, o então governador da província, Dom José Castelo Branco da Cunha de Vasconcelos e Souza, realizou a concessão de sesmarias em maior número para incentivar o povoamento da área. No início da segunda metade do século XIX, o município passou a receber a contribuição dos imigrantes italianos, sobretudo a partir do acontecimento da imigração italiana que atingiu diversas áreas do estado do Rio Grande do Sul. Santana do Livramento foi fundada em 30 de julho de 1823.

Figura 23: Localização de Santana do Livramento (247)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

²⁹ Disponível em: < <http://www.sdolivramento.com.br/cidade/>>. Acesso em: 26 mar. 2022.

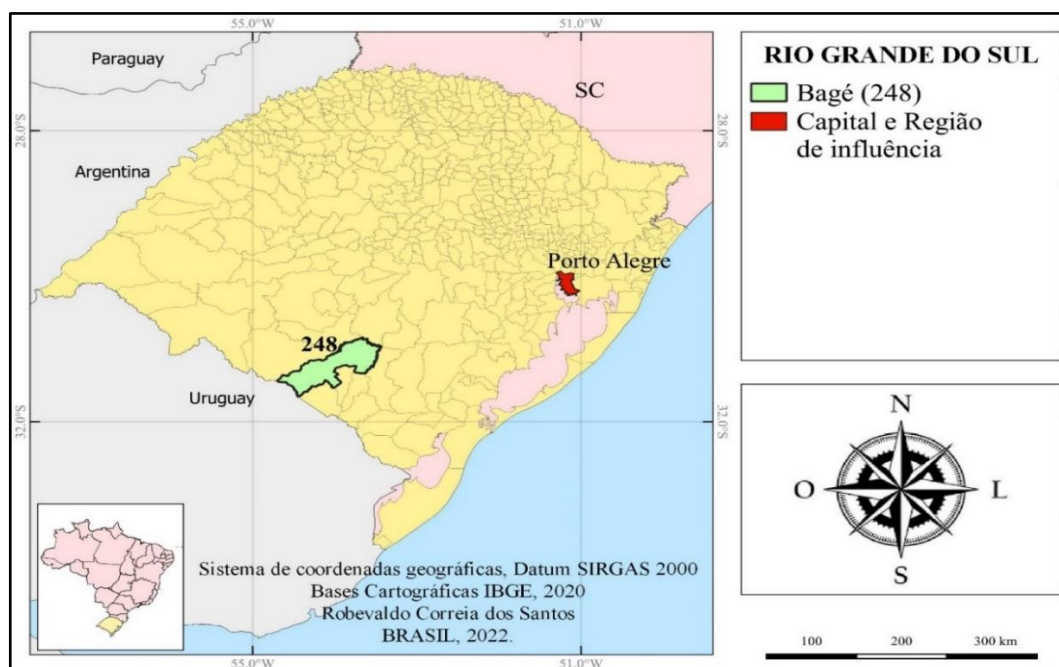
A Figura 23 mostra que o município está localizado na fronteira com o Uruguai, ao sudoeste do Rio Grande do Sul, distante 498 km da capital, com influência da região metropolitana de Porto Alegre. Santana do Livramento apresentou uma população de 82.464 pessoas no Censo 2010 do IBGE, com densidade demográfica de 11,86 habitantes por km² e com população estimada para 2021 de 75.647 pessoas. O gentílico do município é santanense.

4.1.14 Bagé

Segundo o IBGE (1959), Bagé foi fundada em 1811, sendo elevada à categoria de cidade em 15 de dezembro de 1859. O povoamento do território do município teve início a partir do assentamento de um grande número de pessoas que não puderam seguir as tropas do exército luso-brasileiro que haviam deixado o acampamento, permanecendo em Bagé parte dos soldados, comerciantes e mulheres que acompanhavam o exército, alguns doentes e cirurgiões, que lá se enraizaram.

A região onde seria fundado o município de Bagé foi cenário de intensos conflitos entre europeus e nativos e entre as forças portuguesas e espanholas. No caso das batalhas entre as tropas ibéricas, estava em questão o estabelecimento dos limites de fronteira dos territórios colonizados pelas coroas portuguesa, ao norte, e espanhola, ao sul.

Figura 24: Localização de Bagé (248)



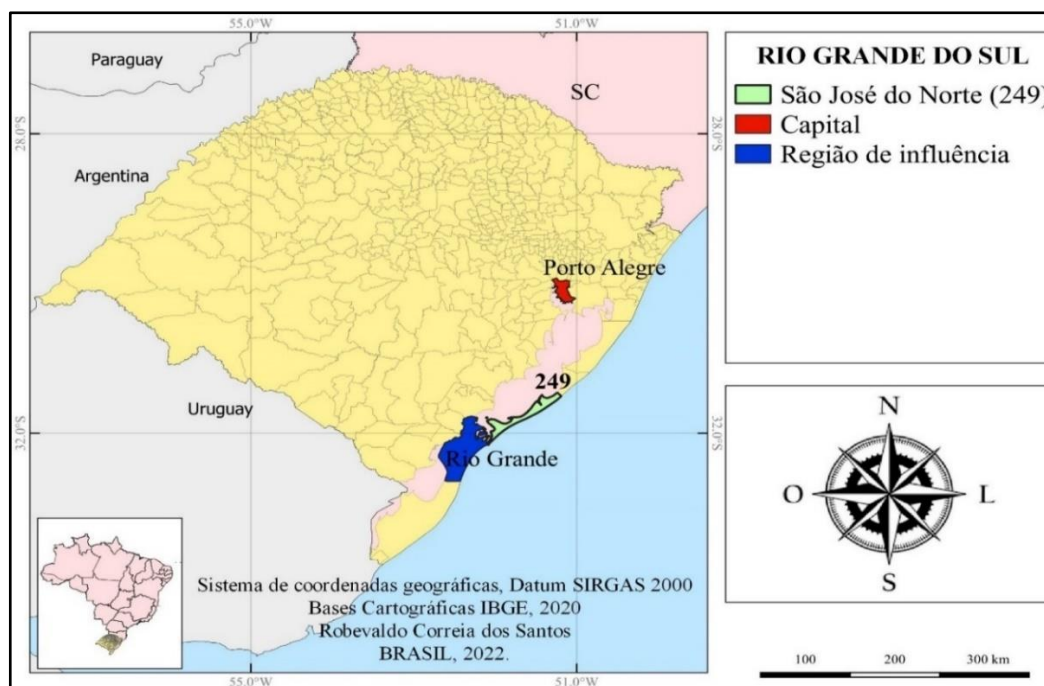
Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Como se observa na Figura 24, o município de Bagé está localizado na fronteira sul com o Uruguai, ao sudoeste do Rio Grande do Sul, a 374 km da capital do estado, e tem como região de influência o território metropolitano de Porto Alegre. No Censo 2010 do IBGE, Bagé tinha uma população de 116.794 pessoas, com densidade demográfica de 28,52 habitantes por km² e com população estimada de 121.518 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é bageense.

4.1.15 São José do Norte

Em 1822 foi criada a freguesia de São José do Norte e em 1831 a área foi desmembrada do município de Rio Grande, com a criação da vila de São José do Norte, sendo elevada à categoria de cidade em 31 de março de 1938. Segundo consta no *site*³⁰ do município, o povoamento do território de São José do Norte teve início a partir da chegada dos açorianos, que se dedicavam ao cultivo da terra.

Figura 25: Localização de São José do Norte (249)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

³⁰ Disponível em: <<https://www.saojosedonorte.rs.gov.br/pagina/apresentacao-do-municipio>>. Acesso em: 26 mar. 2022.

Conforme mostra a Figura 25, o município de São José do Norte está localizado no litoral do sudeste do estado, a 372 km da capital Porto Alegre, e tem como região de influência a cidade de Rio Grande. O Censo 2010 do IBGE contou 25.503 pessoas na região, com densidade demográfica de 22,81 habitantes por km² e com estimativa populacional de 27.866 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é nortense.

4.1.16 Chuí

Criado com a denominação de Chuí em 1939, o município foi emancipado de Santa Vitória do Palmar em 1995. Seu território foi centro da área disputada por Espanha e Portugal nos séculos XVIII e XIX e cenário de conflitos bélicos para garantir a posse das terras demarcadas pelos reinos ibéricos.

O então povoado do Chuí se originou do posto militar de Cristóvão Pereira, instalado nessa localidade de fronteira para garantir o domínio português sobre o território. Reza a história que o povoado do Chuí, que orbitava o posto militar, foi destruído e reconstruído muitas vezes devido aos intensos confrontos militares entre as tropas portuguesa e espanhola.

O município do Chuí brasileiro é separado do Chuy uruguaio apenas por um canteiro da Avenida Internacional, que faz a divisa entre o Brasil e o Uruguai. Verifica-se no *site*³¹ da prefeitura do Chuí que, pela situação de limite de fronteira e pela proximidade que irmana, o desenvolvimento econômico e cultural do Chuí brasileiro sempre esteve ligado ao Chuy uruguaio, de modo que a atividade principal das duas cidades é o comércio e o povo é formado por uma mistura de etnias e nacionalidades.

Diferentemente de outras localidades de fronteira entre Brasil e Uruguai, considera-se que:

[...] o caráter único da fronteira Chuy-Chuí é explicado [...] pela convergência de fatores geográficos, povoamento e a fraca presença do poder político, tanto durante o período de domínio colonial quanto durante a fase de formação do Estado nacional no Brasil e no Uruguai³². (CLEMENTE BATALLA; HERNÁNDEZ NILSON, 2019, p. 32)

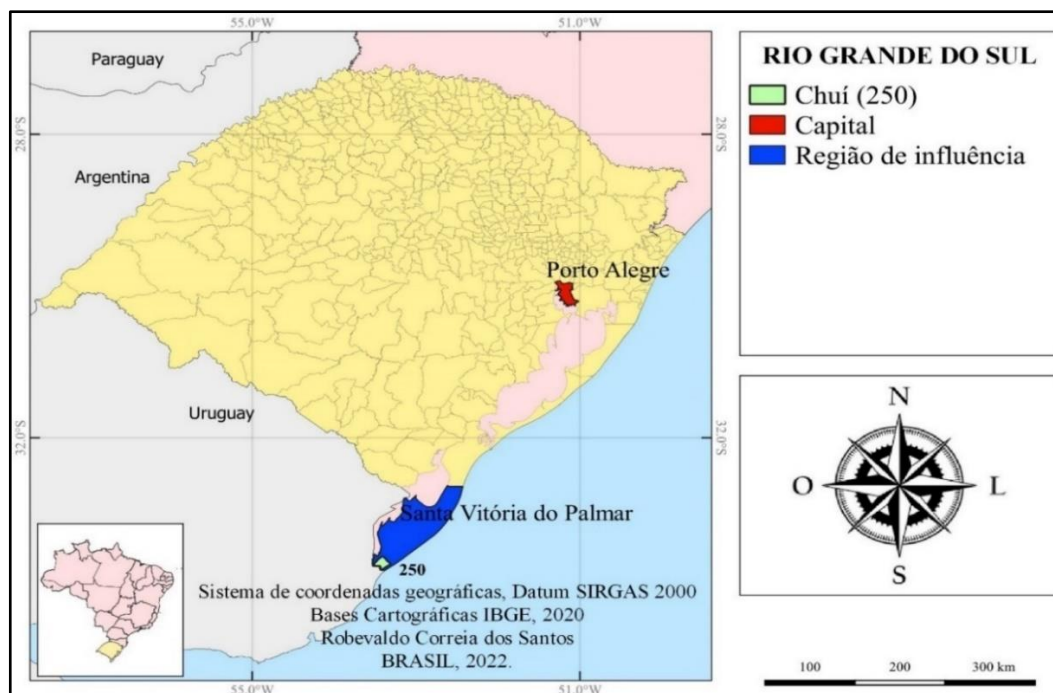
³¹ Disponível em: <<https://www.chui.rs.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

³² Do original: “El carácter singular de la frontera Chuy-Chuí es explicado [...] por la convergencia de factores geográficos, de poblamiento y de débil presencia del poder político, tanto durante el período de dominio colonial como durante la fase de formación del Estado nacional en Brasil y Uruguay”. (tradução nossa)

Enquanto o Chuy se encontrava bem conectado às demais cidades uruguaias, o Chuí, por muito tempo, experimentou certo isolamento geográfico do restante do território brasileiro, devido a obstáculos naturais, sobretudo de planícies cercadas por obstáculos lacustres. A partir da segunda metade do século XX, com a construção da rodovia BR 471, que liga o Chuí aos demais municípios sul-rio-grandenses, especialmente às cidades Santa Vitória do Palmar e Rio Grande, esse isolamento diminui.

Nesse contexto, o Chuí brasileiro, além da introdução de imigrantes vindos do Oriente Médio ainda no início do século XX, historicamente se constituiu na relação com o Chuy uruguaio, favorecendo o contato mais intenso entre a língua portuguesa e a língua espanhola.

Figura 26: Localização do Chuí (250)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Verifica-se na Figura 26 que o município do Chuí está localizado na região mais ao sul do estado, na fronteira com o Uruguai, a 525 km da capital Porto Alegre, e tem como região de influência a cidade de Santa Vitória do Palmar. A população do Chuí, no Censo 2010 do IBGE, foi de 5.917 pessoas, com densidade demográfica de 29,21 habitantes por km² e com população estimada de 6.832 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é chuiense.

4.1.17 Síntese das localidades sul-rio-grandenses do ALiB

A partir do que foi apresentado sobre os aspectos sócio-históricos das localidades sul-rio-grandenses do Projeto ALiB, podem ser destacados dois fatores: a) a participação do grupo étnico no povoamento e na formação da localidade; b) a região de influência da localidade, ou seja, a relação interurbana que a cidade estabelece com um determinado centro regional ou com a região metropolitana de Porto Alegre.

A participação dos grupos étnicos no povoamento e na formação das localidades, sobretudo a dos portugueses e seus descendentes e a dos imigrantes não lusos, destacando-se a participação de alemães e de italianos, é esquematizada no Quadro 2, a seguir:

Quadro 2: Participação étnica no povoamento e na formação das localidades sul-rio-grandenses do Projeto ALiB

Localidades	Surgimento do povoado³³	Participação alemã e/ou italiana	Criação do município	Data da presença alemã e/ou italiana
Três Passos	1879	sim	1944	1930
Erechim	1908	sim	1918	1910
Passo Fundo	1835	não	1857	1889
Vacaria	1805	não	1878	1860
Ijuí	1890	---- ³⁴	1912	1890
São Borja	1682	não	1833	1870
Flores da Cunha	1878	sim	1924	1877
Santa Cruz do Sul	1859	sim	1877	1849
Santa Maria	1797	não	1857	1828
Osório	1773	não	1857	1857
Uruguaiana	1843	não	1846	1850 ³⁵
Caçapava do Sul	1800	não	1831	1875
Santana do Livramento	1823	não	1857	1870
Bagé	1811	não	1846	1870
São José do Norte	1822	não	1831	----
Chuí	1939	----	1995	----

Fonte: Elaboração própria.

³³ As datas registram normalmente atos oficiais ou extraoficiais indicativos de organização política e administrativa que possibilitou a elevação da localidade à condição de município, a exemplo da fundação de povoados, colônias, freguesia, vilas etc.

³⁴ Considerando o caráter étnico diversificado desde a criação e a ocupação da colônia de Ijuí, não foi possível enquadrá-la nos fatores elegidos.

³⁵ Data consultada no Documento de apresentação da cidade Uruguaiana - RS, da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico (SEMUDE), da Prefeitura Municipal de Uruguaiana. Disponível em: <<https://www.uruguaiana.rs.gov.br/uploads/pagina/18581/q8pprowc4r24fnh5pujldohwaffffwu8.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2022.

Além dos *sites* do IBGE e das prefeituras das localidades do estado do Rio Grande do Sul, pertencentes à rede pontos do Projeto ALiB, as datas de criação dos municípios foram consultadas na obra *Genealogia dos municípios do Rio Grande do Sul*³⁶.

Levando em consideração o principal grupo étnico do povoamento e da formação e as datas de surgimento e de criação das localidades e de registro da presença de imigrantes não lusos, pode-se estabelecer a seguinte distinção para os municípios sul-rio-grandenses pertencentes à rede de pontos do Projeto ALiB: indicativo ou não indicativo da participação alemã e/ou italiana na constituição da localidade, a partir do cotejo entre a data de presença de imigrantes estrangeiros e as datas de surgimento e de criação do município bem como dos destaques dados pelos registros históricos consultados à participação do elemento estrangeiro nesse processo.

Tal distinção serve à análise do /l/ em final de sílaba, de modo que pode ser observado qualitativamente em que medida a participação de determinado grupo étnico no povoamento e na formação da localidade pode estar associada à realização variável do segmento.

O Quadro 3, a seguir, apresenta as localidades sul-rio-grandenses do Projeto ALiB e suas respectivas regiões de influência.

Quadro 3: Região de influência das localidades sul-rio-grandenses do Projeto ALiB

Localidades	Região de influência
Passo Fundo	Porto Alegre
Ijuí	Porto Alegre
Santa Cruz do Sul	Porto Alegre
Santa Maria	Porto Alegre
Osório	Porto Alegre
Uruguaiana	Porto Alegre
Santana do Livramento	Porto Alegre
Bagé	Porto Alegre
Vacaria	Caxias do Sul
Flores da Cunha	Caxias do Sul
Três Passos	Ijuí
Erechim	Passo Fundo
São Borja	Uruguaiana
Caçapava do Sul	Santa Maria
São José do Norte	Rio Grande
Chuí	Santa Vitória do Palmar

Fonte: Elaboração própria.

³⁶ Disponível em: <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201803/27155415-spgg-genealogia.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

Conforme se verifica no *site*³⁷ do IBGE, as cidades se vinculam diretamente à região de influência de pelo menos uma outra cidade, sintetizando a relação interurbana mais relevante da cidade de origem, tanto para acessar bens e serviços quanto por relações de gestão de empresas e órgãos públicos. A organização da oferta do serviço público nas esferas municipal, estadual e federal à população no Brasil pode ser um exemplo dessa relação interurbana entre as cidades, podendo citar o caso dos hospitais regionais, a alocação de instituições de ensino superior por região, a centralização da administração pública tanto estadual quanto federal.

Nessa relação interurbana, considerando a capacidade de oferta de bens e serviços prestados à população por empresas e órgãos públicos, a metrópole do estado é a região mais relevante, sendo seguida por outros centros regionais, que oferecem acesso a bens e serviços a municípios menores. Nesse sentido, pode ser verificada qualitativamente a existência de alguma correlação entre a realização variável do /l/ em final de sílaba na localidade e a região de influência do município, considerando dois fatores: metrópole e centro regional.

4.2 BAHIA

A Bahia é o estado da região Nordeste com maior número populacional. O IBGE, no censo do ano de 2010, registrou 14.016.906 pessoas no estado, com densidade demográfica de 24,82 habitantes por km², e estimou uma população de 14.985.284 pessoas para o ano de 2021 nos 417 municípios do território.

O estado da Bahia localiza-se no nordeste do país e faz fronteira com os estados de Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Piauí, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Espírito Santo. Na direção leste do território, o litoral baiano é banhado pelo oceano Atlântico e a capital do estado é a cidade de Salvador. O gentílico é baiano.

A história do povoamento do território baiano mostrou que, após as primeiras expedições portuguesas oficiais realizadas até o ano de 1548, a partir da missão dada pela Coroa a Tomé de Sousa para estabelecer a sede do Governo Geral português no Brasil, o avanço dos colonizadores rumo ao interior se deu inicialmente com a ocupação da região do Recôncavo baiano, após a fundação da cidade de Salvador em 1549.

³⁷ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/rio-pardo/panorama>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

Com a expulsão dos nativos que aldeavam o Recôncavo, os colonizadores estabeleceram suas fazendas e engenhos de açúcar, ocupando o território com a extensão das lavouras.

Mais ao sul do litoral da então capital da colônia, os territórios pertencentes às capitâneas de Ilhéus e de Porto Seguro não apresentaram similar expansão de povoamento se comparado ao que foi experimentado na extinta capitania Bahia de Todos os Santos, então sede do Governo Geral. Isso foi motivado por diferentes fatores que levaram ao fracasso das capitâneas hereditárias, a exemplo da resistência indígena, a inexperiência administrativa dos comandatários, o isolamento das capitâneas que careciam de apoio da Coroa etc. Pesava a favor da antiga capitania da Bahia o fato de gozar de privilégios administrativos e econômicos da condição de ser sede do Governo Geral.

Segundo o IBGE (1958), a partir da segunda metade do século XVI, foram intensificadas as atividades pastoris em direção ao sertão baiano por iniciativa do então governador geral do Brasil Tomé de Sousa, que mandou embarcações carregadas de produtos florestais a Cabo Verde, com a determinação para que as caravelas retornassem com carregamentos de gado.

Os currais passaram a ocupar a paisagem ao longo dos prósperos sertões do Vale do São Francisco e o sucesso da empresa impediu o avanço do domínio dos bandeirantes paulistas no território. A pecuária teve papel muito importante na expansão do povo baiano sobre o território, possibilitando prosperidade, sobretudo promovendo a ocupação e o domínio baiano sobre longas faixas de terras.

O IBGE (1960) relatou que, nos últimos anos do século XVI, o deslocamento de criadouros para o interior do território baiano, principalmente com a fixação de fazendas em áreas dos sertões banhadas por reservas de água, e a expansão das lavouras canavieiras no litoral e, principalmente, no recôncavo contribuíram para o fortalecimento do sistema de economia mista, a agropecuária. Nos finais do século XVII, a pecuária já abrangia, entre outras, as áreas de Jacobina e Juazeiro.

As cidades sertanejas têm suas origens principalmente a partir da expansão das fazendas de gado nos séculos XVII e XVIII, possibilitando o surgimento de numerosos arraiais que, ao longo do tempo, se transformaram em importantes aglomerados urbanos. O IBGE (1960) apontou que as origens de cidades sertanejas, entre elas as baianas, resultaram das paradas de tropeiros em locais elegidos para descanso dos animais e das tropas e do aldeamento de populações indígenas promovido pelos jesuítas por meio de missões catequizadoras. Entre as

idades baianas que tiveram origem no aldeamento dos povos indígenas, citam-se Jacobina, Jeremoabo, Ribeira do Pombal e Juazeiro.

O povoamento do território baiano, além dos colonizadores europeus e dos povos autóctones, teve a participação do negro africano escravizado e transportado para a colônia, sobretudo para a região do Recôncavo, que demandava intensa mão de obra escrava nas lavouras canavieiras e nos engenhos de açúcar. Segundo Vianna Filho (1946), o sertão baiano não demandou a mesma intensidade de mão de obra escrava exigida pelo recôncavo, visto que a pecuária requisitava pequenos contingentes de trabalhadores, as características do trabalho com os rebanhos não permitiam a vigilância contínua de que carecia o trabalho escravo, os altos custos de aquisição de mão de obra escrava não compensavam seu emprego nas atividades pastoris etc.

Vianna Filho (1946) mencionou que a miscigenação se deu principalmente entre brancos e índios no sertão baiano e entre brancos e negros no litoral e no recôncavo.

Por volta da segunda metade do século XIX, foi iniciada a criação de colônias no sul da Bahia, com o objetivo de solucionar a questão do grande contingente populacional desocupado no litoral e no interior, ao centro e ao norte, da então província.

Lyra (2007) considerou que a política de criação das colônias, sob o pretexto de povoamento do território a partir da fixação de colonos nacionais na região, tinha como verdadeiro intento ocupar o excedente populacional existente na província; entretanto, antes mesmo de findar o século XIX, as colônias já não existiam, sobretudo devido à falta de cumprimento das obrigações assumidas pela administração junto aos colonos tanto nacionais quanto estrangeiros.

Após o fracasso da política de assentamento de colonos no sul da Bahia, o início do século XX foi marcado pela transferência do polo econômico do recôncavo para o sul da Bahia, quando o cacau passou a ser o principal produto de exportação do estado. Lyra (2007) destaca que o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX foram importantes para o povoamento da região devido à cultura do cacau, que provavelmente absorveu a mão de obra dos ex-colonos sem terras. Nesse período, segundo Lyra (2007), o sul da Bahia se tornou um polo atrativo aos imigrantes nordestinos, que se tornaram proprietários de terras ou trabalhadores das lavouras de cacau. O autor relatou que os imigrantes alemães e poloneses das ex-colônias baianas tiveram destinos incertos nos registros históricos, sendo alguns transferidos para outras colônias do império, outros se dirigiram à capital ou seguiram rumo desconhecido após abandonarem a colônia.

Diante do exposto, verifica-se que o povoamento do território baiano teve a participação principalmente da população africana escravizada, dos povos autóctones e dos colonizadores portugueses, o que resultou na miscigenação da população baiana, com características culturais próprias dessa mistura.

No estado da Bahia, de acordo com o censo demográfico do IBGE do ano de 2010, 76,3% da população se autodeclararam pretas ou pardas e 22,2%, brancas, sendo que as demais pessoas se consideraram amarelas (1,1%) ou indígenas (0,4%). A Bahia é a unidade da federação com maior percentual de pessoas que se autodeclararam pretas (17,1%), visto que as autodeclaradas pardas representaram 59,2% da população³⁸.

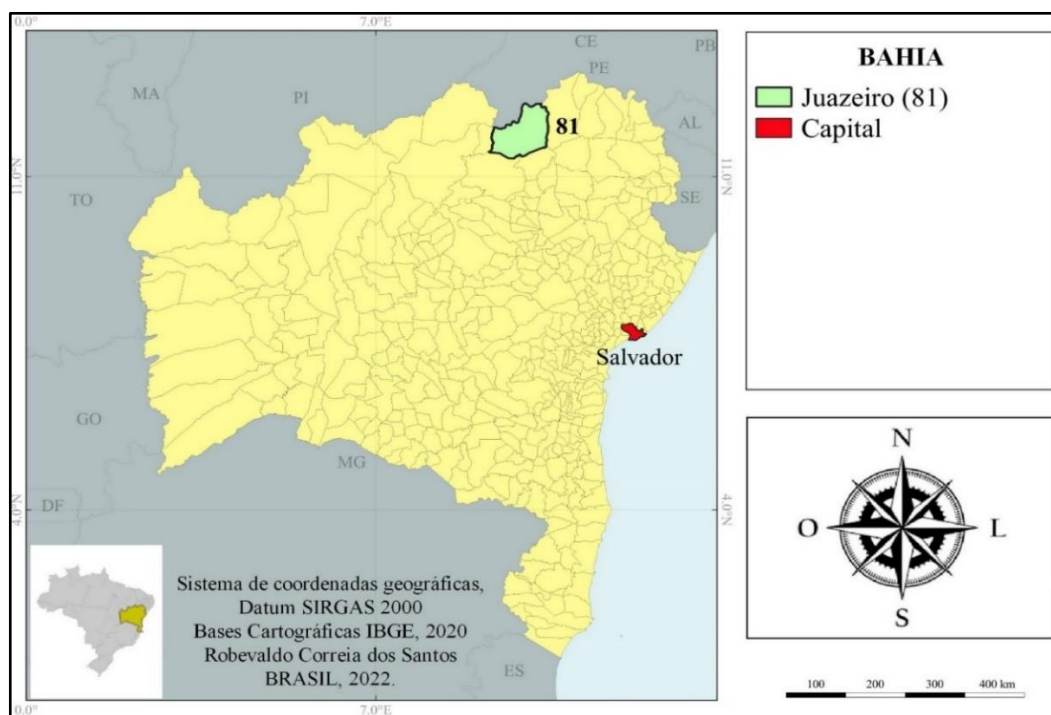
Desse modo, são apresentados alguns aspectos sócio-históricos dos municípios interioranos do estado da Bahia, pertencentes à rede de pontos do Projeto ALiB.

4.2.1 Juazeiro

Segundo o IBGE (1958b), Juazeiro surgiu no fim do século XVII no ponto de passagem do cruzamento da via fluvial do Velho Chico e dos caminhos terrestres dos bandeirantes paulistas. A via fluvial do Rio São Francisco fazia a integração entre o norte e o sul da Bahia e uma estrada aberta pelos tropeiros fazia a ligação com o litoral do estado, mais especificamente onde é hoje a Praia do Forte.

A então vila somente foi elevada à categoria de cidade em 15 de julho de 1878, ocasião de seu desmembramento do território de Santo Sé. O povoamento do território de Juazeiro teve a participação de colonos portugueses, de africanos escravizados e de brasileiros descendentes de portugueses, africanos e indígenas. A atividade pastoril, a lavoura e o comércio foram fundamentais para assegurar o povoamento da região de Juazeiro.

³⁸ Os dados foram gerados a partir do Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3175>>. Acesso em: 8 fev. 2022.

Figura 27: Localização de Juazeiro (81)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Como mostra a Figura 27, Juazeiro localiza-se no sertão baiano, ao norte do estado, à beira do Rio São Francisco, o Velho Chico, na divisa com o município de Petrolina no estado de Pernambuco. À distância de 502 km da capital Salvador, Juazeiro forma um arranjo populacional e um polo econômico com a cidade de Petrolina, tendo como região de influência a área metropolitana do Recife.

De acordo com o Censo Demográfico de 2010 do IBGE, o município de Juazeiro tinha 197.965 pessoas, com densidade demográfica de 30,45 habitantes por km² e com estimativa populacional de 219.544 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é juazeirense.

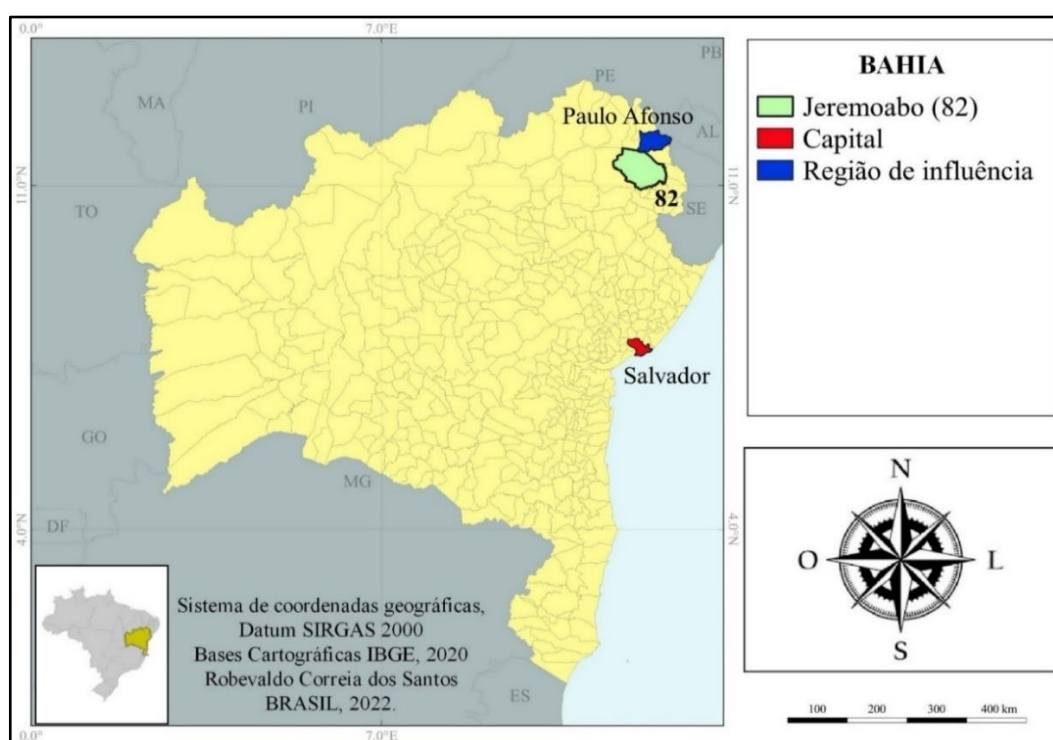
4.2.2 Jeremoabo

O município de Jeremoabo, considerado importante centro colonizador, segundo o IBGE (1958b), surgiu no fim do século XVII e foi elevado à categoria de cidade em 6 de junho de 1925. De seu território foram desmembrados vários outros municípios da região, antigos aldeamentos indígenas, a exemplo de Cícero Dantas, Tucano, Ribeira do Pombal, Monte Santo etc.

No século XVI, o rei João III de Portugal concedeu ao português Garcia D'Ávila uma sesmaria de 60 léguas quadradas, incluindo o território do município. As terras onde se localiza o atual município de Jeremoabo eram habitadas por Tupinambás, que tiveram seu povoamento incendiado pelo sesmeiro português, devido à oposição dos missionários à escravidão dos índios. No entanto, com a intervenção do governo colonial e do Papa, D'Ávila reconstruiu o povoamento.

A Figura 28 mostra a localização do município de Jeremoabo no território baiano.

Figura 28: Localização de Jeremoabo (82)



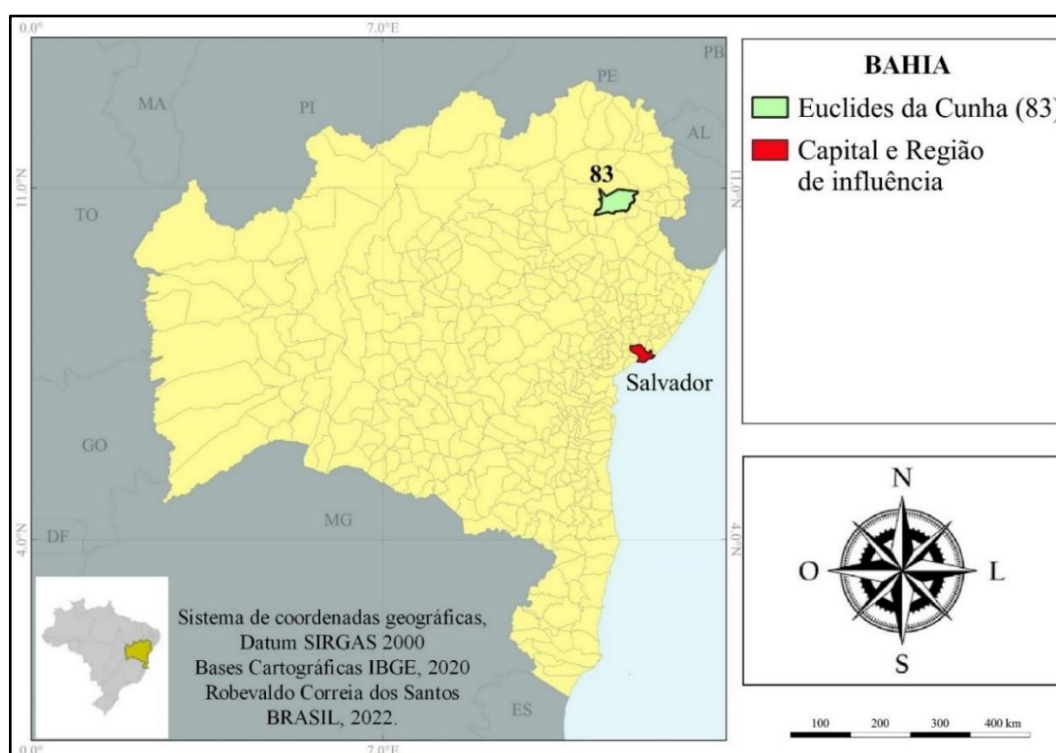
Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Localizado no nordeste da Bahia, à distância de 370 km da capital do estado, o município de Jeremoabo tem Paulo Afonso como região de influência. No censo do IBGE do ano de 2010, Jeremoabo contava com 37.680 pessoas em seu território, com densidade demográfica de 8,09 habitantes por km² e com estimativa populacional de 40.832 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é jeremoabense.

4.2.3 Euclides da Cunha

Habitado por índios caimbés da tribo dos tupiniquins, o território de Euclides da Cunha foi desbravado por colonos vindos das localidades adjacentes, a exemplo de Monte Santo e de Tucano. As famílias dos colonos instalaram-se na localidade e dedicaram-se à lavoura e ao criatório de gado. O município de Euclides da Cunha foi fundado em 11 de junho de 1898, sendo emancipado em 19 de setembro de 1933.

Figura 29: Localização de Euclides da Cunha (83)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Conforme exibe a Figura 29, Euclides da Cunha localiza-se no nordeste da Bahia, à distância de 311 km da capital Salvador, e tem a área metropolitana de Salvador como região de influência. Em 2010, no último censo do IBGE, o município contava com 56.289 pessoas residentes em seu território, com densidade demográfica de 27,75 habitantes por km² e com previsão populacional de 61.112 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é euclidense.

4.2.4 Barra

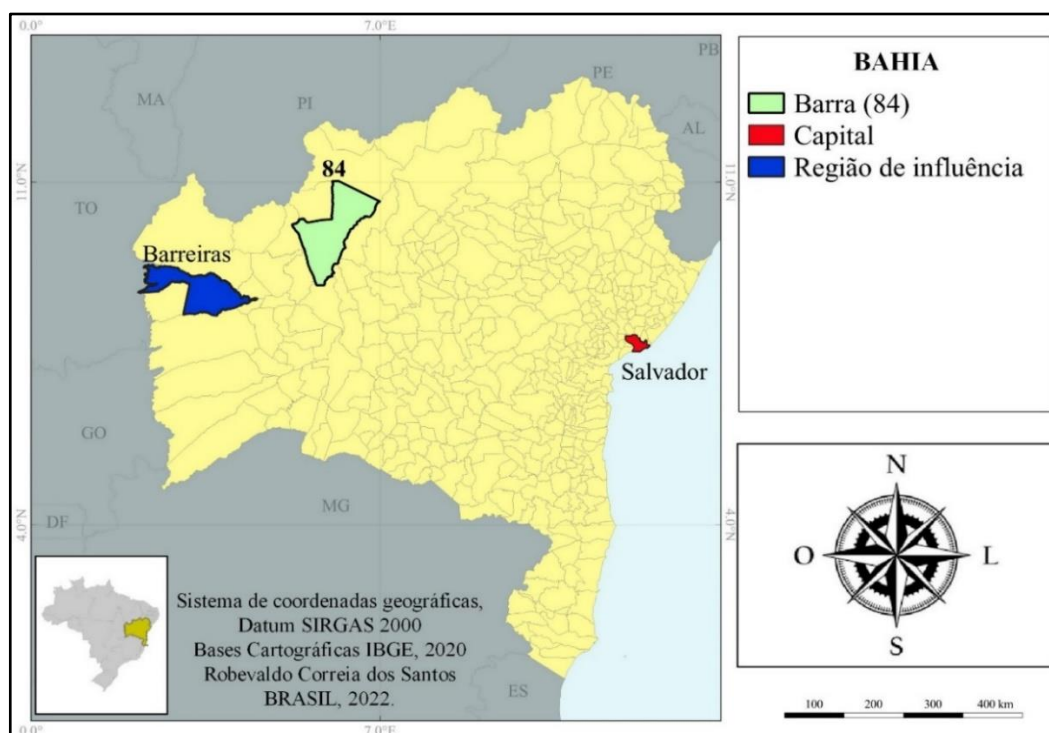
Entre os anos de 1670 e 1680 foi assentada uma fazenda de gado no lugar onde atualmente se localiza o município de Barra, no ponto em que o Rio Grande deságua no Rio São Francisco. As imediações também serviram de aldeamento de indígenas catequizados pelos frades franciscanos. Entre 1699 e 1700, a instalação da então Povoação de São Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande do Sul ficou subordinada a Pernambuco e depois a Minas Gerais até 1827, quando a vila foi incorporada à jurisdição da Bahia.

Conforme o IBGE (1958b), o povoamento do território barrense teve a participação de portugueses, brasileiros filhos de portugueses, índios e brasileiros filhos de portugueses com índios, alguns elementos holandeses, italianos e espanhóis e africanos escravizados para o trabalho nas lavouras de cana de açúcar.

Apesar de a origem do município de Barra datar das últimas décadas do século XVII, o povoado somente foi elevado à condição de vila em 1753 e à categoria de cidade em 16 de junho de 1873.

A Figura 30 exibe a localização do município de Barra no território baiano.

Figura 30: Localização de Barra (84)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

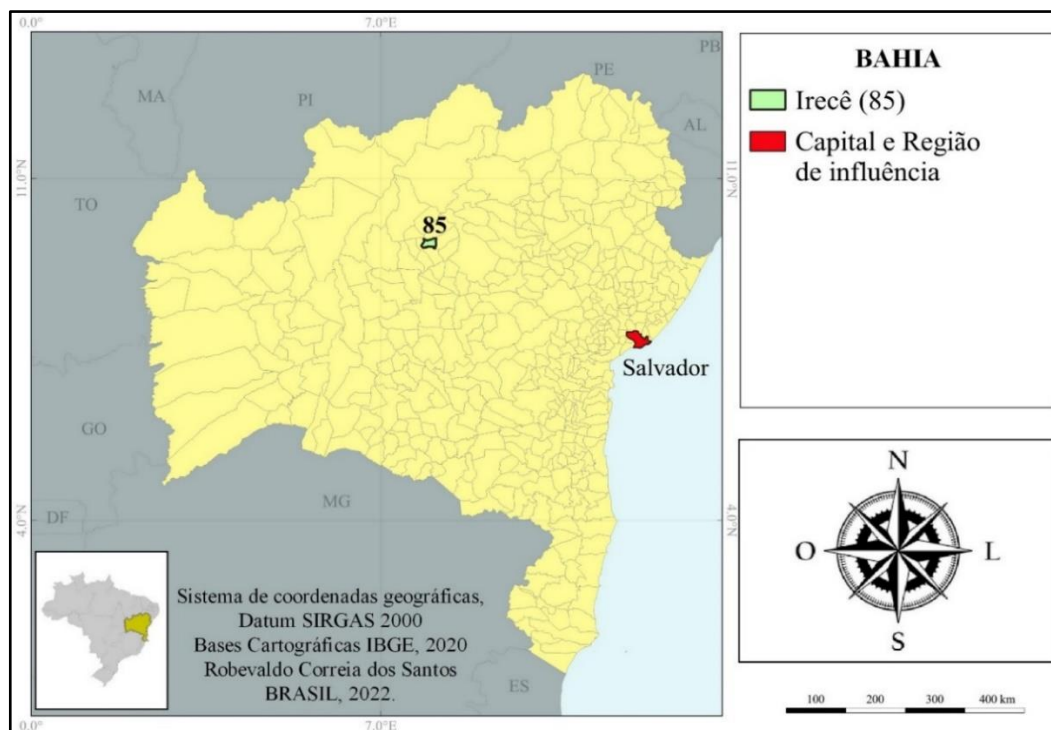
Localizado no encontro do Rio Grande com o Rio São Francisco, no oeste da Bahia, à distância de 650 km da capital Salvador, o município de Barra tem como região de influência a cidade de Barreiras. O Censo Demográfico de 2010 do IBGE computou 49.325 residentes no território barrense, com densidade demográfica de 4,32 habitantes por km² e com estimativa populacional de 54.225 pessoas para o ano de 2021. O gentílico de Barra é barrense.

4.2.5 Irecê

O território onde atualmente se localiza o município de Irecê foi povoado a partir do ano de 1887, com a chegada de sertanejos descendentes de portugueses, retirantes do próprio interior do estado devido à seca que assolou o sertão da Bahia. A emancipação política do município de Irecê ocorreu em 31 de maio de 1933, sendo desmembrado do território de Morro do Chapéu.

A Figura 31 apresenta a localização do município de Irecê no território baiano.

Figura 31: Localização de Irecê (85)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Localizado na zona fisiográfica da Chapada Diamantina, à distância de 478 km da capital baiana, o município de Irecê tem como região de influência a área metropolitana de

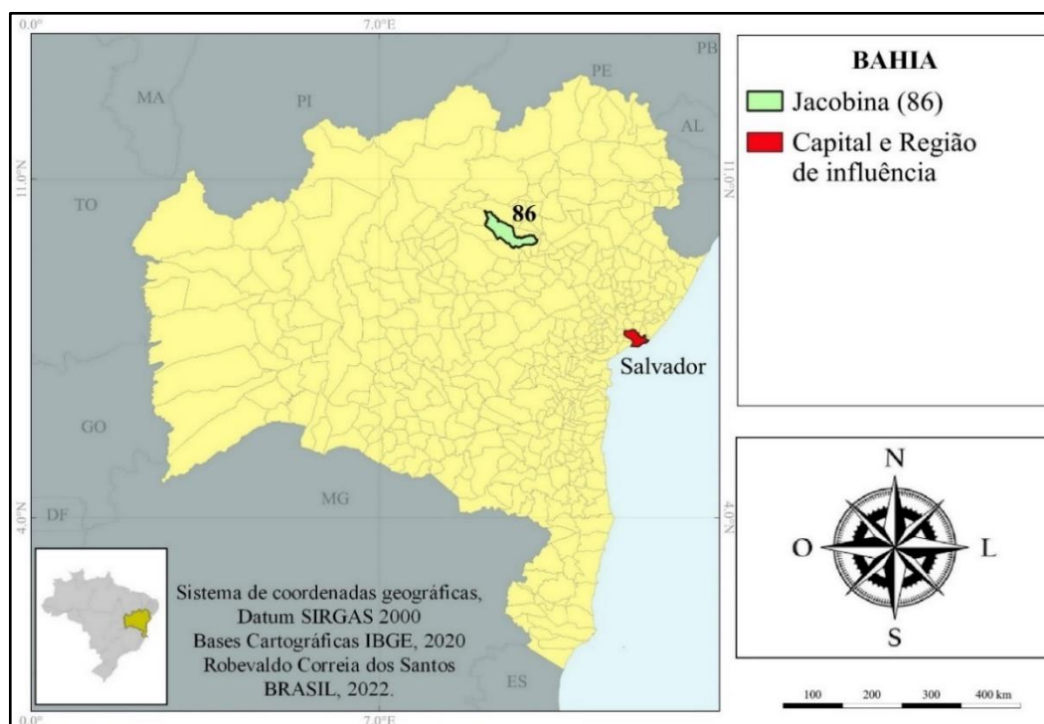
Salvador. Em 2010, o censo do IBGE contou 66.181 pessoas, com densidade demográfica de 207,45 habitantes por km² e com previsão populacional de 74.050 pessoas para o ano de 2021. O gentílico de Irecê é ireceense.

4.2.6 Jacobina

O povoamento de Jacobina teve início no começo do século XVII a partir da chegada de bandeirantes paulistas e portugueses para exploração das minas de ouro no território, trazendo consigo mão de obra escravizada. Contribuiu também para a povoação local o aldeamento de indígenas na região pelos franciscanos entre fins do século XVII e início do século XVIII.

Apesar da chegada de grande leva de pessoas atraídas pela notícia do ouro no arraial, que recebeu a qualidade de vila em 1720, o município de Jacobina foi elevado à condição de cidade somente em 28 de julho de 1880. Esse atraso na emancipação, segundo o IBGE (1958b), foi devido principalmente à notícia da descoberta de diamante na Chapada a partir de 1848, o que motivou o êxodo de grande número de mineiros.

Jacobina ficou conhecida como a cidade do ouro, devido à exploração de minas de ouro em seu território no início do século XVII.

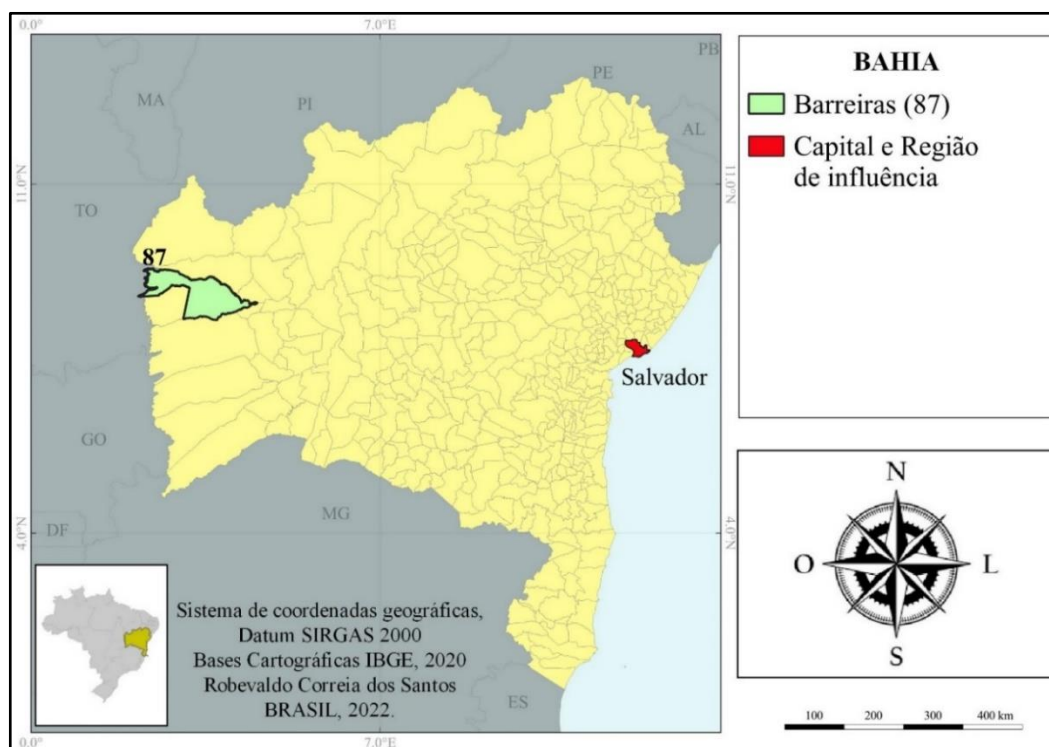
Figura 32: Localização de Jacobina (86)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Conforme se verifica na Figura 32, o município de Jacobina está situado no extremo norte da Chapada Diamantina, a 330 km da capital baiana, e tem como região de influência a metrópole do estado. Em 2010, o censo do IBGE computou 79.247 pessoas residentes no município, com densidade demográfica de 33,60 habitantes por km² e com estimativa populacional de 80.749 pessoas para o ano de 2021. O gentílico de Jacobina é jacobinense.

4.2.7 Barreiras

Segundo o IBGE (1958b), indícios do início do povoamento do território onde viria se formar a cidade de Barreiras dataram de 1850, com a chegada dos primeiros povoadores vindos das margens do Velho Chico e com progresso muito lento até o ano de 1880, época em que o vilarejo tinha apenas 20 casebres de taipa ou adobe. Em 1881, com a exploração da seiva da mangabeira utilizada na produção da borracha, o povoado experimentou um progresso significativo, que possibilitou obter a criação de sua freguesia. Em 6 de abril de 1891, Barreiras foi elevada à categoria de município. A Figura 33 apresenta a localização da cidade de Barreiras no estado da Bahia.

Figura 33: Localização de Barreiras (87)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

A 863 km da capital Salvador, no extremo oeste da Bahia, Barreiras tem como regiões de influência a metrópole baiana e a metrópole nacional - Brasília. O Censo Demográfico de 2010 do IBGE registrou 137.427 pessoas no município, com densidade demográfica de 17,49 habitantes por km² e com estimativa populacional de 158.432 pessoas para o ano de 2021. O gentílico de Barreiras é barreirense.

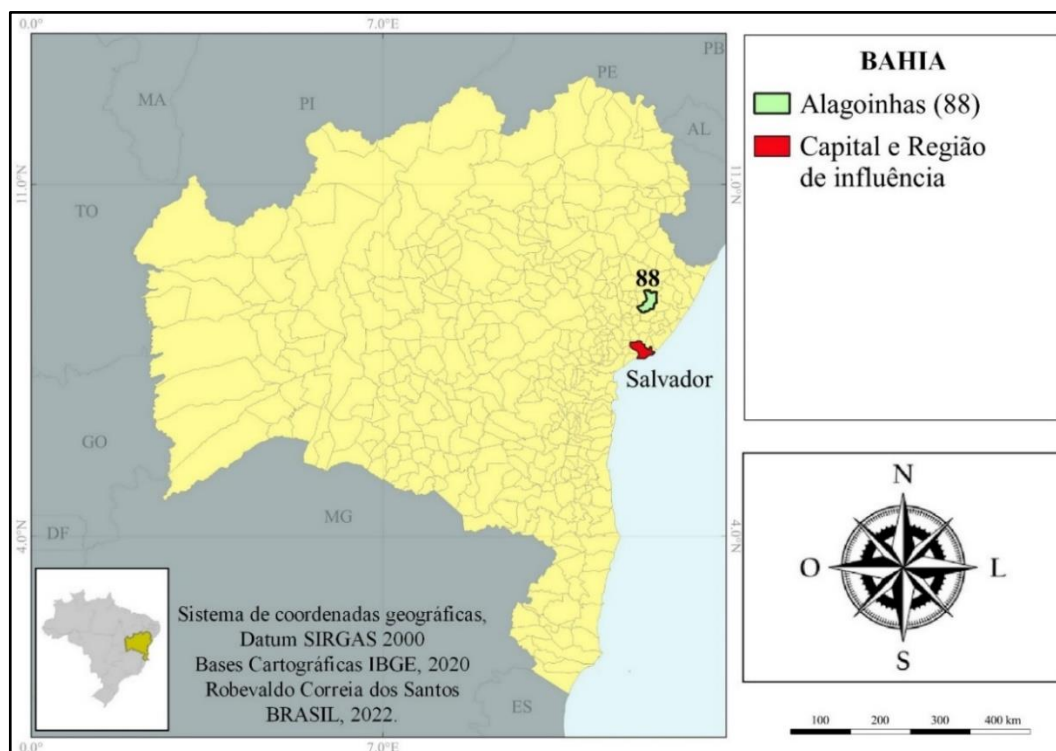
4.2.8 Alagoinhas

O povoado que deu origem a Alagoinhas surgiu no fim do século XVIII, sendo a localidade cortada pela velha estrada da boiada, passagem obrigatória para os que vinham da região litorânea da capital em direção ao sertão do norte da Bahia.

Com a chegada de imigrantes ao vilarejo, vindos das localidades vizinhas de Inhambupe, Iará e Santo Amaro, a criação da freguesia de Santo Antônio de Alagoinhas data de 1816. A partir da criação do município em 1852, Alagoinhas teve sua instalação efetivada em 2 de julho de 1853.

Em 1863, devido à construção do trecho da Estrada de Ferro Bahia ao São Francisco, o município passou por intensa reestruturação para acompanhar o rápido progresso experimentado na localidade. A localização do município de Alagoinhas no território baiano é apresentada na Figura 34.

Figura 34: Localização de Alagoinhas (88)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Localizado no Agreste do estado da Bahia, a 108 km de Salvador, Alagoinhas tem como região de influência a metrópole baiana. Dados do censo realizado em 2010 pelo IBGE mostram que o município tinha 141.949 pessoas, com densidade demográfica de 188,67 habitantes por km². Para o ano de 2021, a estimativa populacional de Alagoinhas é de 153.023 pessoas. O gentílico de Alagoinhas é alagoinhense.

4.2.9 Seabra

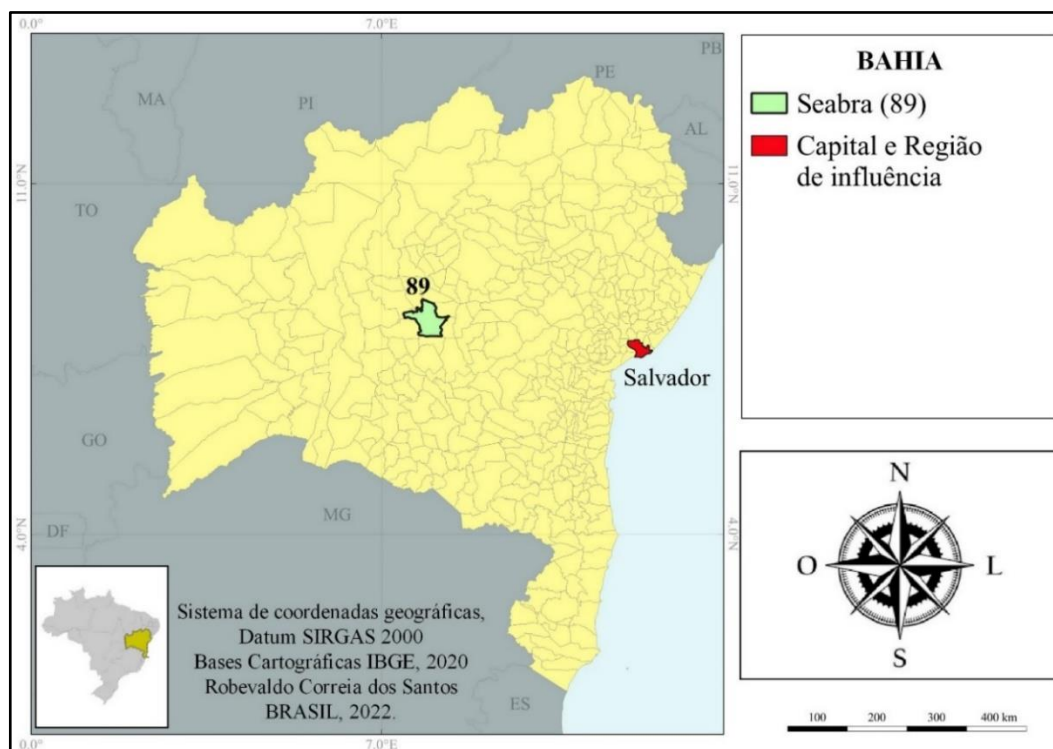
No começo do século XVII, a partir da abertura da estrada real para ligar os então núcleos de extração de ouro na Bahia – Rio de Contas e Jacobina –, teve início o povoamento da localidade onde se localiza atualmente o município de Seabra, a meio do caminho entre os

dois polos auríferos. Relatos do IBGE (1958c) dizem que se tratava de ponto de pouso dos viajantes, sendo denominado de Passagem de Jacobina.

Na sua maioria portugueses, viajantes desiludidos das atividades de exploração das minas de ouro fixaram-se no ponto da Passagem de Jacobina onde assentaram fazendas de criação e de lavoura. Posteriormente a povoação passou a se chamar Campestre, sendo fundado o município em 14 de maio de 1889. Em 1915, o município teve sua denominação mudada para Doutor Seabra em homenagem ao ex-governador da Bahia Dr. Joaquim José Seabra. Em 1931, o nome da cidade foi simplificado para Seabra.

A Figura 35 mostra a localização do município no território baiano.

Figura 35: Localização de Seabra (89)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

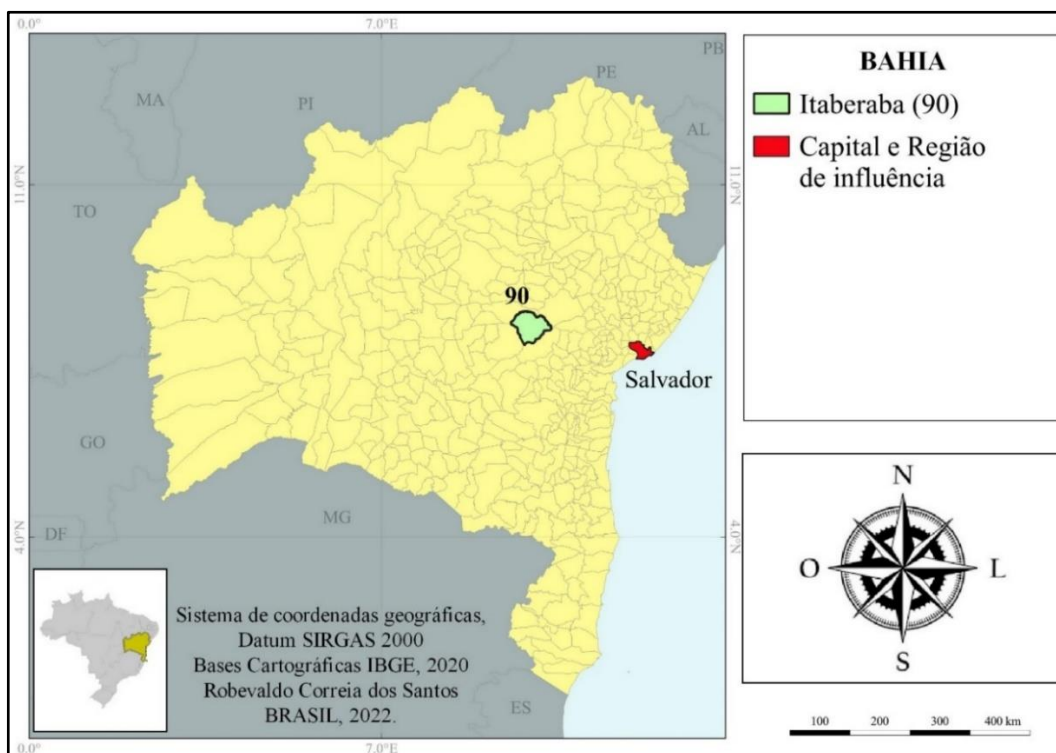
Situado no centro do território baiano, na Chapada Diamantina, a 474 km da capital Salvador, o município de Seabra tem como região de influência a metrópole baiana. No ano de 2010, segundo recenseamento do IBGE, o território seabrense tinha 41.798 pessoas, com densidade demográfica de 16,60 habitantes por km² e com estimativa populacional de 44.370 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é seabrense.

4.2.10 Itaberaba

A cidade de Itaberaba teve origem no povoamento formado em torno da capela da Fazenda São Simão, propriedade fundada em 1768. Em 1817, segundo o IBGE (1958b), o arraial era conhecido por Rosário do Orobó, pertencente ao município de Cachoeira. A vila de Orobó, fundada em 26 de março 1877, foi elevada à condição de cidade em 25 de junho de 1897, com o nome de Itaberaba.

A Figura 36 localiza o município de Itaberaba no mapa da Bahia.

Figura 36: Localização de Itaberaba (90)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

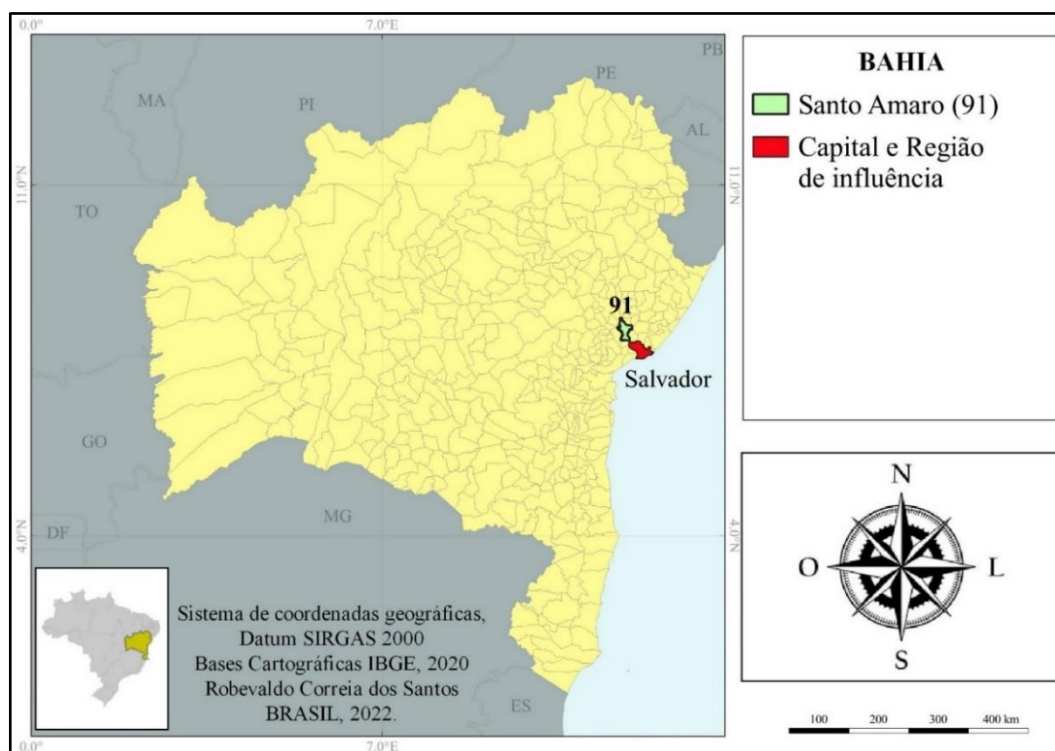
O município fica localizado a 264 km ao oeste da capital Salvador e tem a metrópole baiana como região de influência. No ano de 2010, o censo do IBGE mostrou o quantitativo de 61.631 pessoas residentes em Itaberaba, com densidade demográfica de 26,30 habitantes por km² e com previsão populacional de 64.795 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é itaberabense.

4.2.11 Santo Amaro

O município de Santo Amaro teve sua origem no povoamento nascido às margens do Rio Traripe em 1557, a partir do assentamento de colonos portugueses. À custa de muita mão de obra escravizada, o desenvolvimento das lavouras e dos engenhos de açúcar foi favorecido pelos rios Traripe, Pitinga e Subaé, que facilitavam o escoamento marítimo da produção para Salvador e para a Europa. A então vila de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro foi elevada à condição de cidade em 13 de março de 1837, com a denominação de Santo Amaro.

A Figura 37 situa o município de Santo Amaro no território baiano.

Figura 37: Localização de Santo Amaro (91)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

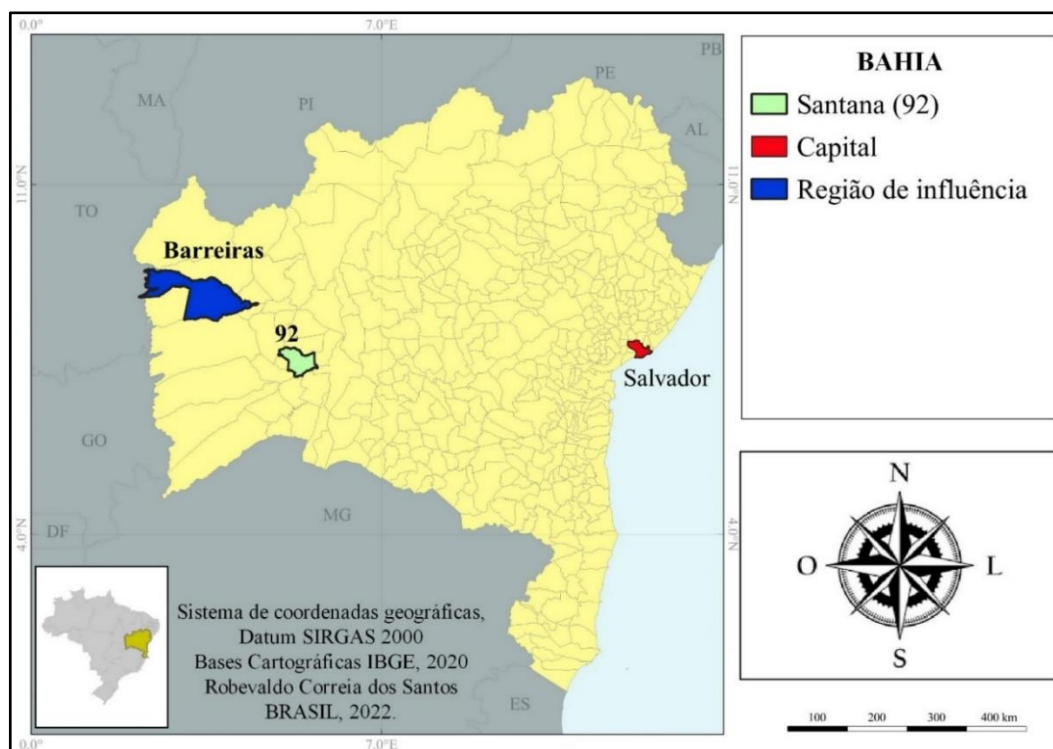
O município de Santo Amaro está situado no Recôncavo da Bahia, a 68 km da capital Salvador, e tem como região de influência a metrópole do estado. O Censo Demográfico de 2010 do IBGE contou 57.800 pessoas residentes no município, com densidade demográfica de 117,26 habitantes por km² e com previsão populacional de 60.190 pessoas para o ano de 2021. O gentílico de Santo Amaro é santo-amarense.

4.2.12 Santana

De uma antiga fazenda de cana de açúcar no território do atual município, com fundação em 1760, surgiu o arraial que deu origem a Santana, passando à categoria de cidade em 1890, após seu desmembramento do município de Santa Maria da Vitória.

A localização do município de Santana no território baiano é apresentada na Figura 38.

Figura 38: Localização de Santana (92)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Santana localiza-se no oeste da Bahia, a 813 km da capital Salvador, tendo como região de influência a cidade de Barreiras. Em 2010, segundo dados do recenseamento do IBGE, o município tinha 24.750 pessoas, com densidade demográfica de 13,60 habitantes por km² e com estimativa populacional de 26.792 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é santanense.

4.2.13 Valença

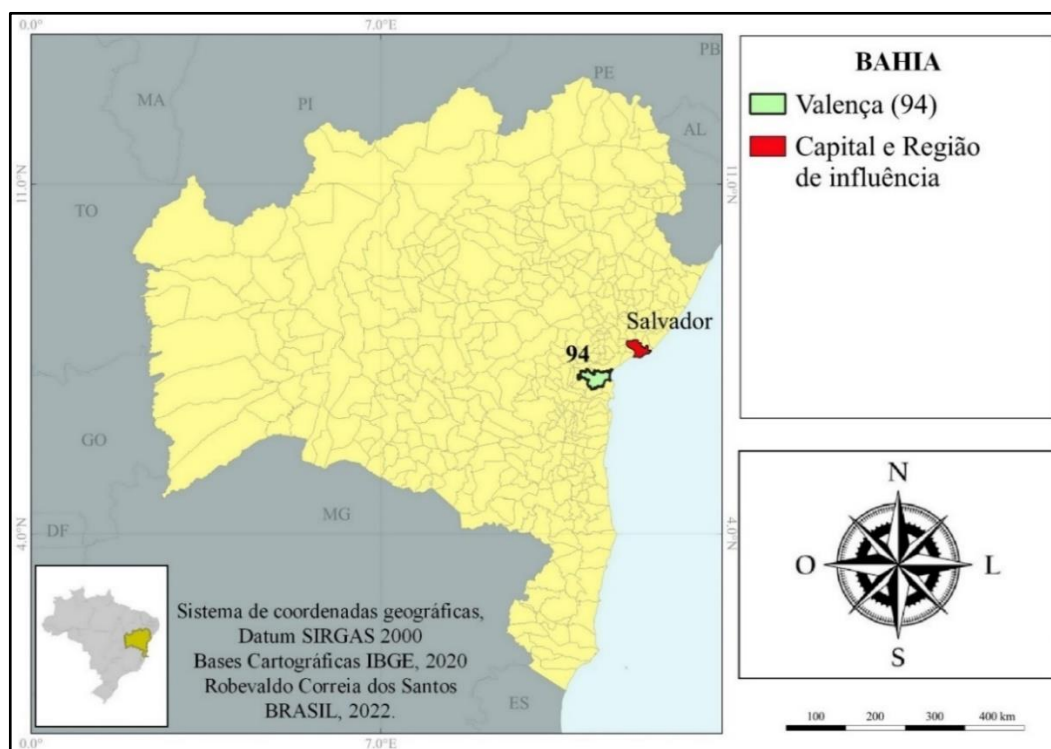
O atual território onde está situado o município de Valença era habitado originalmente por povos autóctones, os índios aimorés, que tinham aldeias com alta densidade populacional, originando diversas outras povoações nas imediações dessa área.

A partir de 1534, quando da divisão da colônia em capitâncias hereditárias pelo rei de Portugal Dom João III, a área onde seria situado o município de Valença ficou pertencendo à Capitania de Ilhéus, que começou a ser povoada pelos portugueses no final do século XVI.

Segundo o IBGE (1958c), os primeiros colonos chegaram no território do atual município de Valença por volta de 1571, ainda no período do governo de Mem de Sá, onde assentaram engenho de açúcar e curral. No entanto, entre 1573 e 1574, com a retomada da localidade pelos índios aimorés, os habitantes do povoado buscaram refúgio nas ilhas Tinharé, Cairu e Boipeba.

No século XVIII, após intensas batalhas dos bandeirantes contra os aimorés, os índios foram novamente derrotados e expulsos do território, permitindo a retomada da povoação, que, em 1799, obteve a condição de vila. Em 10 de novembro 1849, Valença foi elevada à categoria de cidade.

Valença é bastante visitada por turistas de diversas nacionalidades e de diferentes regiões do Brasil, especialmente por ser um dos principais acessos à Ilha de Tinharé, onde está localizado o povoado de Morro de São Paulo, uma das principais atrações turísticas da região. Valença também conta com a praia de Guaibim como atrativo turístico local, distante cerca de 17 km da sede do município. A Figura 39 exhibe a localização do município de Valença no mapa do estado da Bahia.

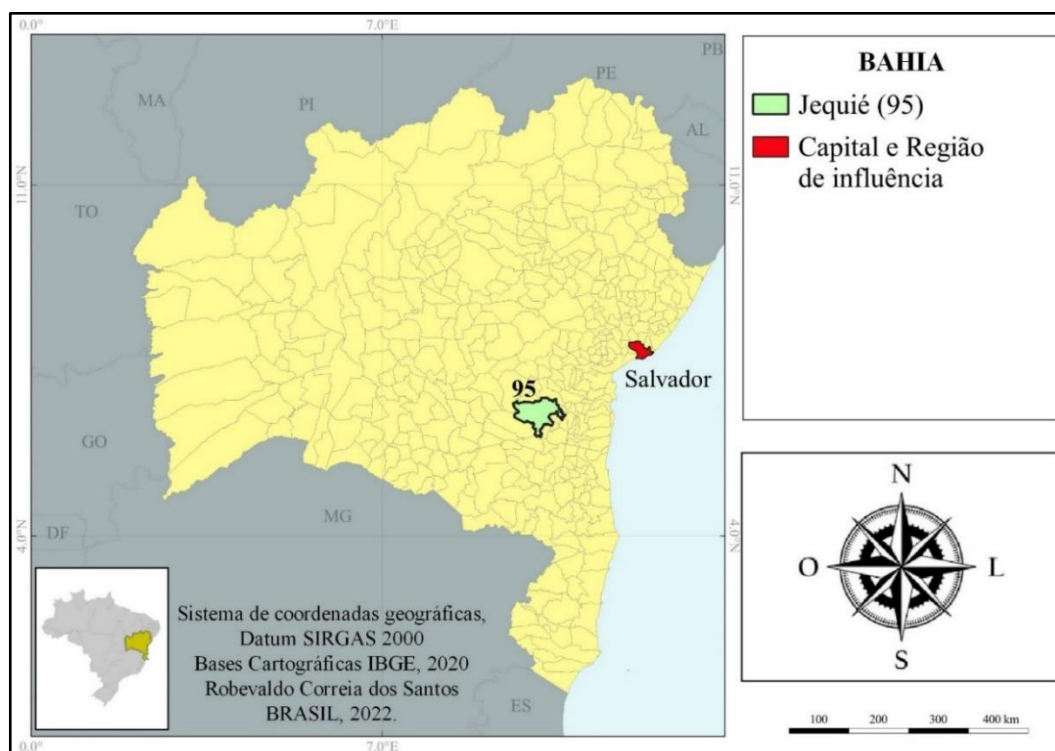
Figura 39: Localização de Valença (94)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Valença é uma cidade litorânea da Bahia, a 115 km da capital Salvador por via marítima, e tem a metrópole do estado como região de influência. O Censo Demográfico de 2010 do IBGE computou 88.673 pessoas, com densidade demográfica de 74,35 habitantes por km² e com estimativa populacional de 97.873 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é valenciano.

4.2.14 Jequié

O município de Jequié originou-se a partir do desenvolvimento de uma próspera feira às margens do Rio de Contas no final do século XIX, que atraía comerciantes de todas as localidades da região. O local se tornou ponto de parada de viajantes e de tropas, o que favoreceu o surgimento de casas de comércio e o progresso do povoado. Em 1897, com o desmembramento de suas terras, Jequié tornou-se independente do município de Maracás. A Figura 40 localiza o município de Jequié no mapa do estado da Bahia.

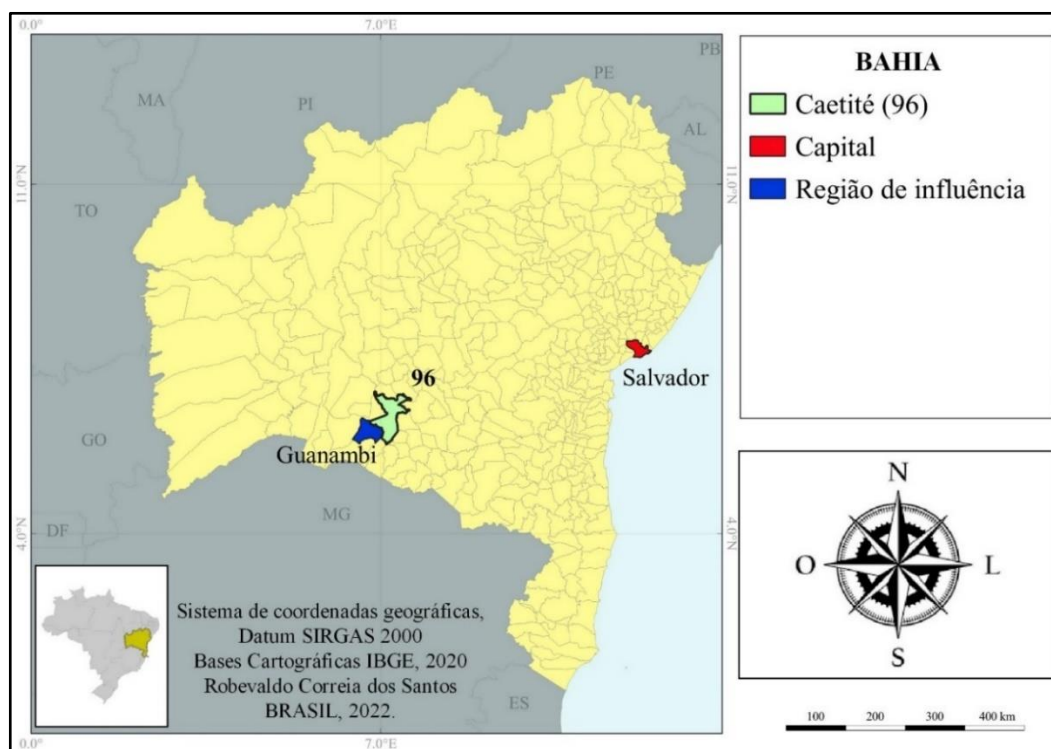
Figura 40: Localização de Jequié (95)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

A cidade de Jequié está situada a 365 km a sudoeste de sua região de influência, a capital Salvador. O Censo Demográfico de 2010 do IBGE contou 151.895 pessoas residentes no município, com densidade demográfica de 47,07 habitantes por km² e com população estimada de 156.277 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é jequieense.

4.2.15 Caetité

No fim do século XVII, a região, onde mais tarde seria fundado o município de Caetité, abrigou um posto de catequese e suas áreas foram destinadas a pastagens. No começo do século XVII, teve progresso o povoamento local devido à sua localização de entreposto, ponto de passagem obrigatória das bandeiras do sul para as minas do Rio de Contas e Monte Alto. Com a condição de freguesia adquirida em 1754, Caetité foi emancipada em 5 de abril de 1810. O mapa do estado da Bahia com a localização do município de Caetité é apresentado na Figura 41.

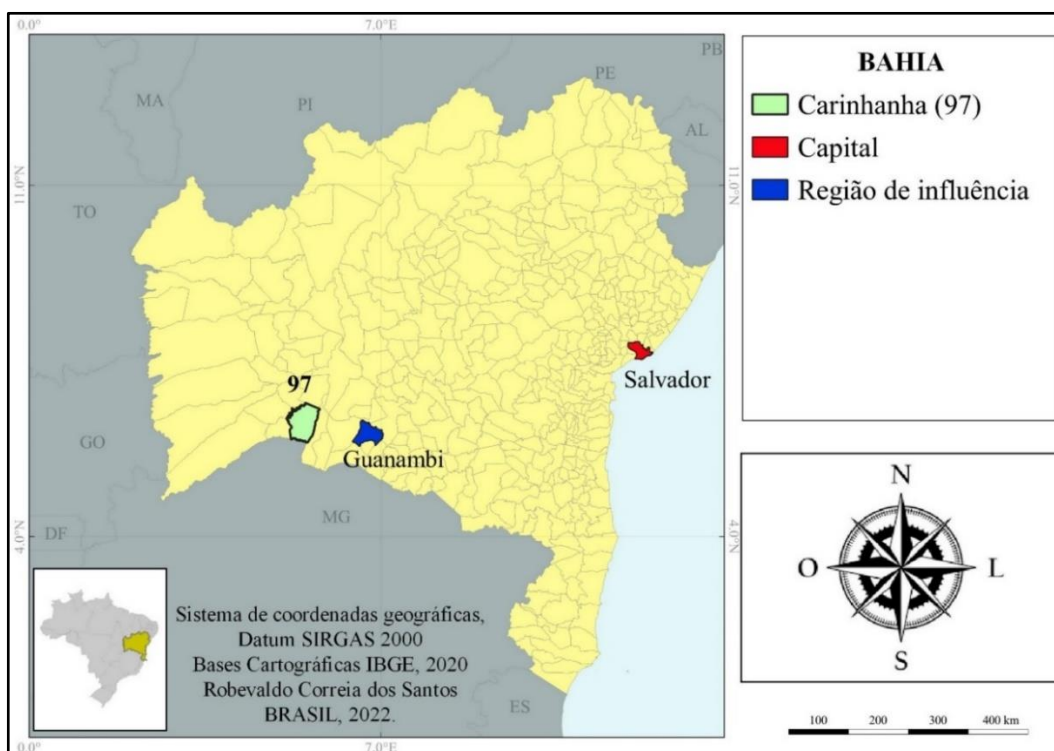
Figura 41: Localização de Caetité (96)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Localizada no sudoeste baiano, à distância de 645 km da capital Salvador, a cidade de Caetité tem a cidade baiana de Guanambi como região de influência. Segundo o Censo Demográfico de 2010 do IBGE, a população local era de 47.515 pessoas, com densidade demográfica de 19,45 habitantes por km² e com estimativa populacional de 51.184 pessoas para o ano de 2021. O gentílico de Caetité é caetiteense.

4.2.16 Carinhanha

Segundo o IBGE (1958b), por volta do ano de 1712, após o massacre da população indígena que habitava a região, teve início o povoamento que deu origem ao município de Carinhanha, que foi favorecido pelo intenso fluxo de migração nacional em busca do ouro. O então povoado obteve a categoria de freguesia em 1813 e foi elevado à categoria de cidade em 17 de agosto de 1909. A Figura 42 localiza Carinhanha no mapa do estado da Bahia.

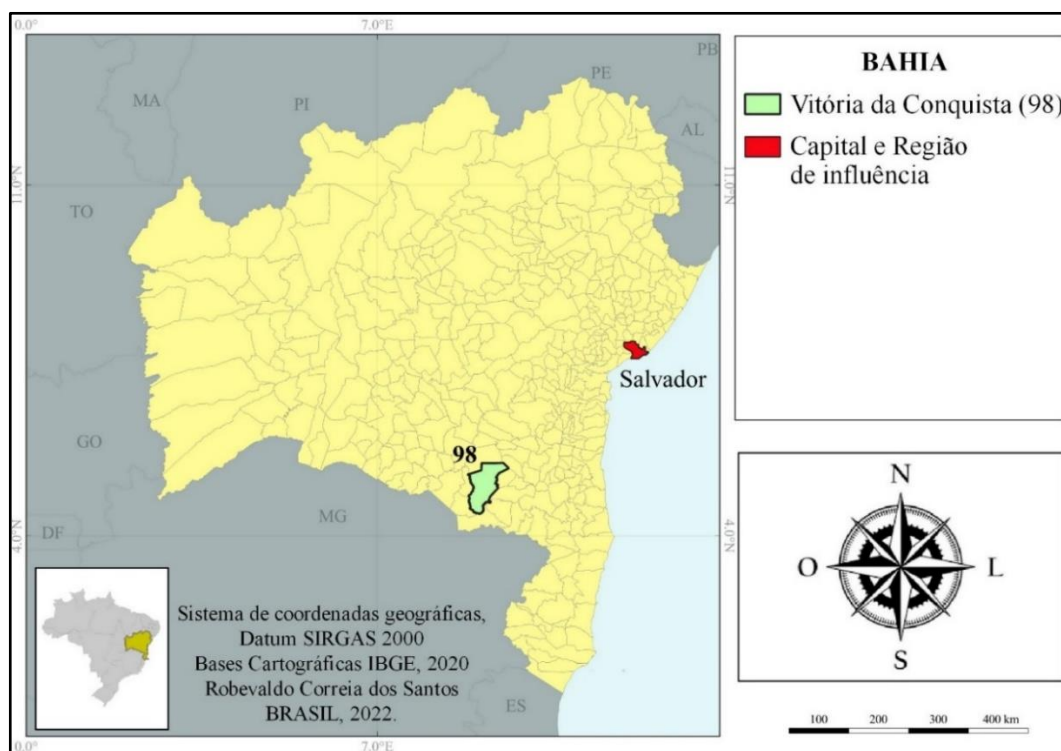
Figura 42: Localização de Carinhanha (97)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Situada à margem esquerda do Velho Chico, no sudoeste da Bahia, à distância de 784 km da capital Salvador, a cidade de Carinhanha tem como região de influência o município baiano de Guanambi. No último censo de 2010 do IBGE, Carinhanha tinha uma população de 28.380 pessoas, com densidade demográfica de 10,37 habitantes por km² e com estimativa populacional de 29.118 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é carinhanhense.

4.2.17 Vitória da Conquista

O território da cidade de Vitória da Conquista começou a ser povoado no final do século XVIII, a partir da construção de uma capela dedicada à Nossa Senhora das Vitórias em 1783. Em 1840, foi decretada a emancipação do território do município. O mapa com a localização do município de Vitória da Conquista é apresentado na Figura 43.

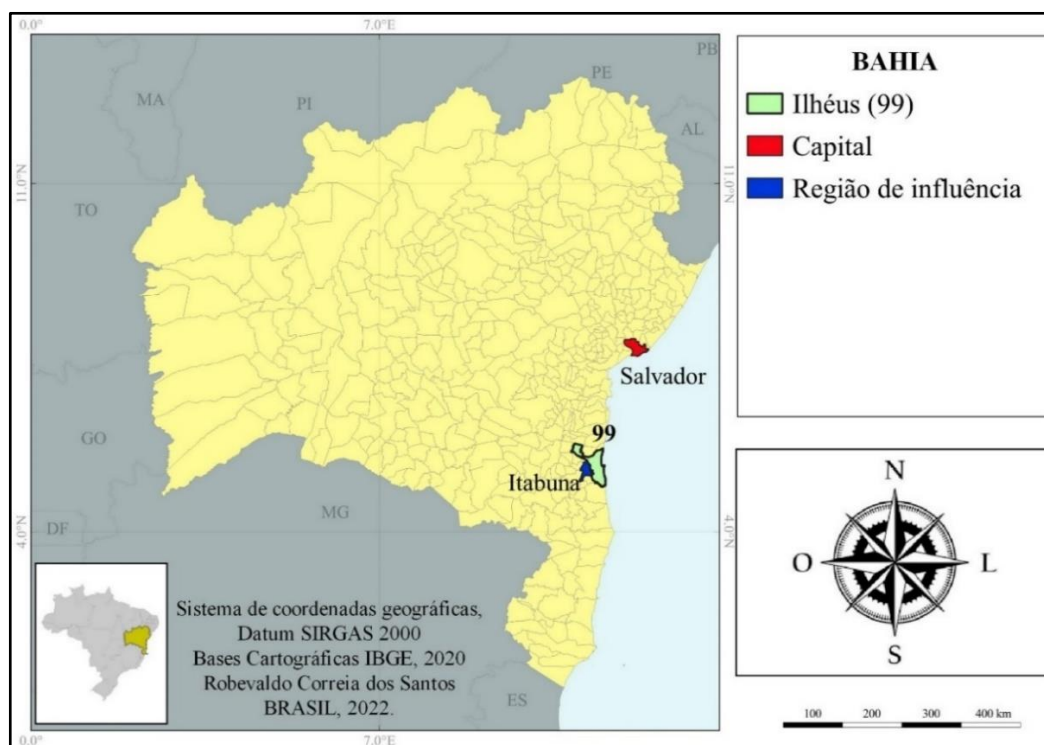
Figura 43: Localização de Vitória da Conquista (98)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Vitória da Conquista está situada no sudoeste da Bahia, à distância de 509 km de sua região de influência, a área metropolitana de Salvador. O Censo Demográfico de 2010 do IBGE contou 306.866 pessoas na cidade, com densidade demográfica de 91,41 habitantes por km² e com população estimada de 343.643 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é conquistense.

4.2.18 Ilhéus

O povoamento que deu origem ao município de Ilhéus teve início no ano de 1535, com a chegada da frota portuguesa trazendo a bordo o donatário das terras da região, recebidas como doação da Coroa. Em 1956, foi criada a freguesia de São Jorge do Ilhéus, sendo elevada à categoria de cidade em 28 de junho de 1881. A Figura 44 localiza o município de Ilhéus no território baiano.

Figura 44: Localização de Ilhéus (99)

Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Ilhéus situa-se no sul do litoral baiano, à distância de 303 km da capital por via marítima, tendo a cidade de Itabuna como região de influência. Em 2010, segundo o último censo do IBGE, Ilhéus tinha 184.236 pessoas, com densidade demográfica de 104,67 habitantes por km² e com estimativa populacional de 157.639 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é ilheense.

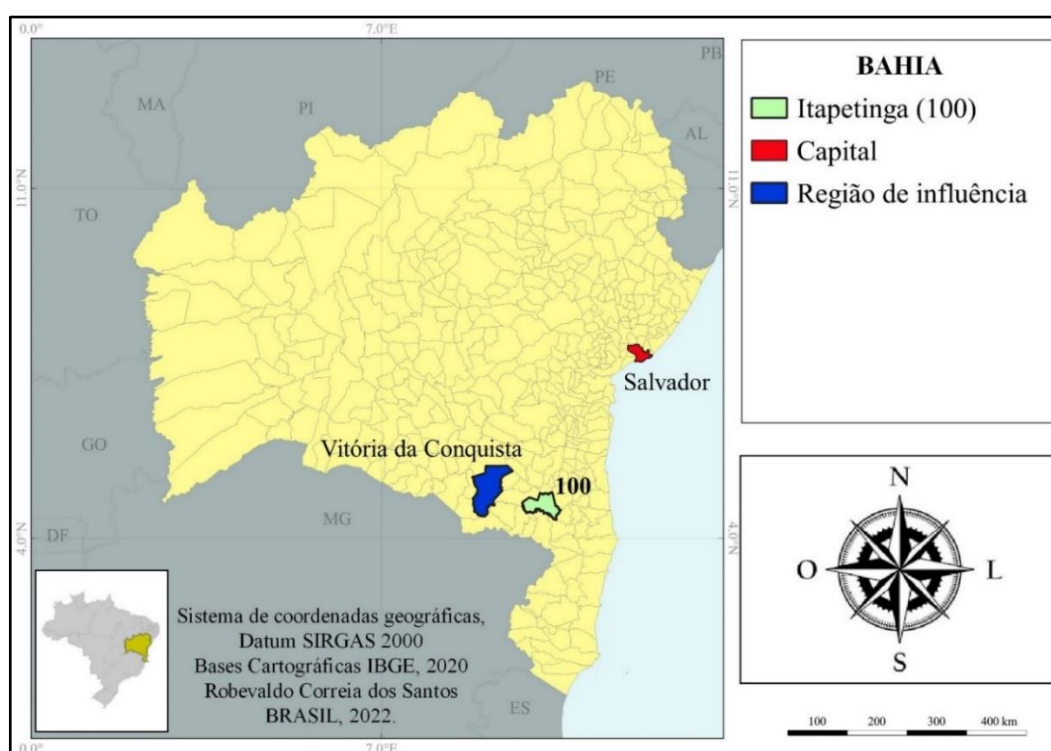
4.2.19 Itapetinga

Inicialmente pertencente a Vitória da Conquista, o território de Itapetinga teve seu povoamento iniciado em 1923, segundo o IBGE (1958b), a partir da iniciativa de um fazendeiro da região que construiu um núcleo habitacional em uma reserva de 10 hectares de terras. Com o progresso do povoado, foi criado o distrito por denominação de Itatinga, sendo elevado à categoria de cidade em 12 de dezembro de 1952 já com a denominação de Itapetinga.

Segundo consta no *site*³⁹ da prefeitura do município, Itapetinga é um importante centro econômico e social do sudoeste da Bahia e um dos municípios mais urbanizados do estado, com 97% da população concentrada na área urbana e apenas 3% na área rural. Ao longo de sua história a cidade ficou conhecida pela forte participação no setor pecuário no estado; no entanto, nas últimas décadas, Itapetinga passou a diversificar o setor econômico, abrigando um razoável parque industrial em desenvolvimento e um comércio forte na região.

A localização do município de Itapetinga no território baiano é exibida na Figura 45.

Figura 45: Localização de Itapetinga (100)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Localizado à distância de 562 km a sudoeste da capital Salvador, o município de Itapetinga tem como região de influência a cidade baiana de Vitória da Conquista. Em 2010, o IBGE recenseou 68.273 pessoas residentes em Itapetinga, com densidade demográfica de 41,95 habitantes por km² e com estimativa populacional de 77.408 pessoas para o ano de 2021. O gentílico do município é itapetinguense.

³⁹ Disponível em: <<http://www.itapetinga.ba.gov.br/cidade/>>. Acesso em: 8 abr. 2022.

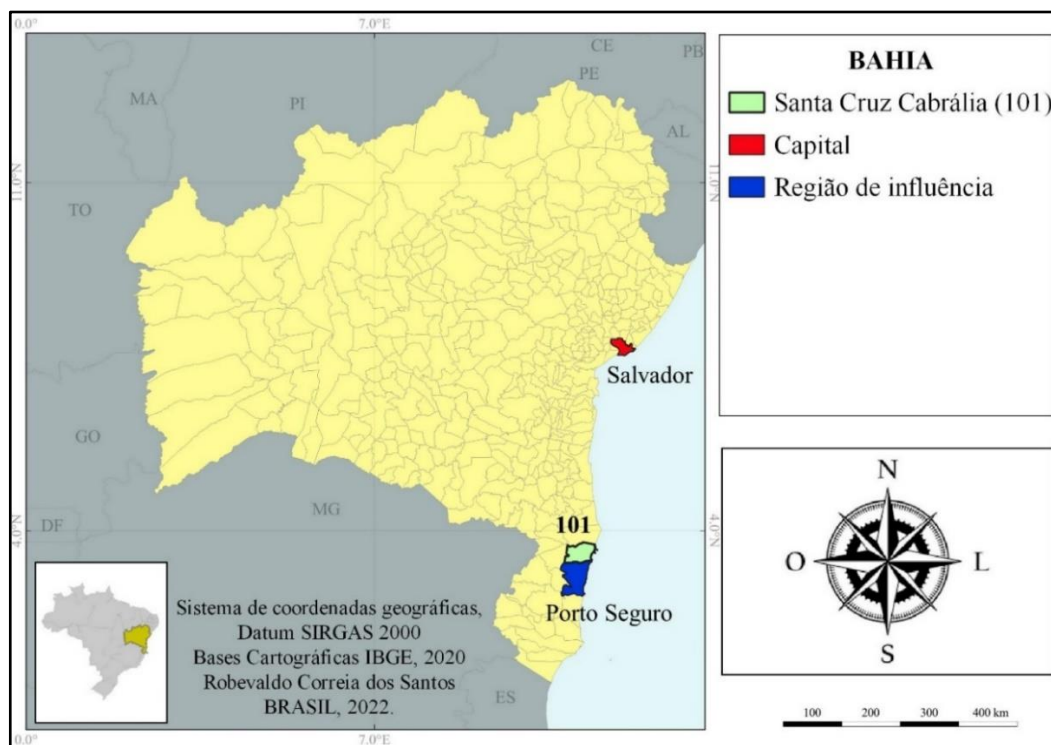
4.2.20 Santa Cruz Cabrália

A história do surgimento de Santa Cruz Cabrália iniciou-se a partir da chegada da primeira esquadra portuguesa na Costa do Descobrimento do Brasil no ano de 1500. Reza a história que, em 1534, a Coroa portuguesa organizou o território da colônia em capitanias e que Santa Cruz Cabrália pertenceu à capitania de Porto Seguro. Em 1536, foi fundada uma povoação nas imediações, a qual foi arrasada pelos aimorés em 1564. Neste mesmo ano, após a investida da população autóctone, os europeus sobreviventes transferiram o povoado para as margens do Rio Sernambetiba, com o nome de Santa Cruz, sendo elevada à categoria de cidade em 1938.

A região de Santa Cruz Cabrália é um polo de atração turística por suas belas praias e por fazer parte do cenário do chamado “descobrimento” do Brasil, sobretudo pela sua ligação com o polo turístico de Porto Seguro através da BR 101, importante via de acesso da região que conecta o município ao norte e ao sul do Brasil.

O município de Santa Cruz Cabrália tem sua localização apontada no mapa do estado da Bahia, na Figura 46.

Figura 46: Localização de Santa Cruz Cabrália (101)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

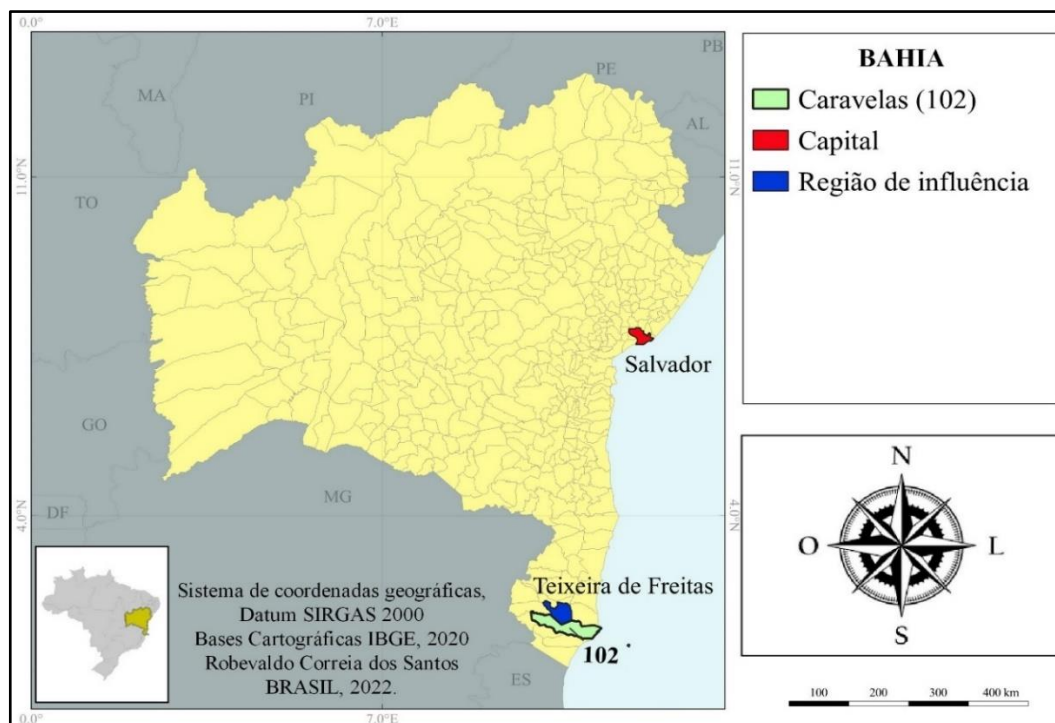
Distante 755 km da capital Salvador, no extremo sul do estado da Bahia, Santa Cruz Cabrália tem como região de influência a cidade baiana de Porto Seguro. O Censo Demográfico de 2010 do IBGE registrou 26.264 pessoas residentes no município, com densidade demográfica de 16,92 habitantes por km² e com estimativa populacional de 28.058 pessoas para o ano de 2021. O gentílico de Santa Cruz Cabrália é cabraliense.

4.2.21 Caravelas

Os portugueses chegaram ao atual município de Caravelas por volta de 1503, com a missão de explorar as terras então pertencentes à capitania de Porto Seguro, sendo a segunda povoação fundada por europeus no território. Segundo o IBGE (1958b), somente no período do Governo Geral do Brasil, por volta de 1581, o território do município de Caravelas teve o povoamento iniciado, sendo elevado à condição de cidade em 1855.

A Figura 47 apresenta a localização do município de Caravelas no território baiano.

Figura 47: Localização de Caravelas (102)



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

O município de Caravelas está situado no litoral sul da Bahia, à distância de 721 km da capital do estado, e tem o município baiano de Teixeira de Freitas como região de influência.

Em 2010, no último censo do IBGE, Caravelas tinha 21.414 pessoas em seu território, com densidade demográfica de 8,95 habitantes por km² e com população estimada de 22.166 pessoas para o ano de 2021. O gentílico de Caravelas é caravelense.

4.2.22 Síntese das localidades baianas do ALiB

Considerando o que foi apresentado sobre os aspectos sócio-históricos das localidades baianas do Projeto ALiB, destaca-se o seguinte fator: a relação interurbana que a cidade estabelece com um determinado centro regional ou com a metrópole, caracterizando a região de influência da localidade.

O Quadro 4, a seguir, apresentou as localidades baianas do Projeto ALiB e suas respectivas regiões de influência.

Quadro 4: Região de influência das localidades baianas do Projeto ALiB

Localidades	Região de influência
Euclides da Cunha	Salvador
Irecê	Salvador
Jacobina	Salvador
Barreiras	Salvador/Brasília
Alagoinhas	Salvador
Seabra	Salvador
Itaberaba	Salvador
Santo Amaro	Salvador
Valença	Salvador
Jequié	Salvador
Vitória da Conquista	Salvador
Barra	Barreiras
Santana	Barreiras
Caetité	Guanambi
Carinhanha	Guanambi
Juazeiro	Recife
Jeremoabo	Paulo Afonso
Ilhéus	Itabuna
Itapetinga	Vitória da Conquista
Santa Cruz Cabrália	Porto Seguro
Caravelas	Teixeira de Freitas

Fonte: Elaboração própria.

Conforme já mencionado, as cidades se vinculam diretamente à região de influência de pelo menos uma outra cidade, sintetizando a relação interurbana mais relevante da cidade de origem, tanto para acessar bens e serviços quanto por relações de gestão de empresas e órgãos

públicos. Essa relação interurbana pode apontar para um maior ou menor nível de desenvolvimento socioeconômico de determinado município, sobretudo pela capacidade de oferta de bens e serviços prestados à população por empresas e órgãos públicos, sendo a metrópole do estado a região mais relevante em termos de desenvolvimento socioeconômico, seguida por outros centros regionais de menor porte.

Desse modo, assim como foi feito para as áreas sul-rio-grandenses, pode ser verificado qualitativamente se existiria alguma correlação entre a realização variável do /l/ em final de sílaba na localidade e a região de influência do município a partir de dois fatores: metrópole e centro regional.

4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DOS ESTADOS DO RIO GRANDE DO SUL E DA BAHIA

Em que pesem alguns pontos em comum nos aspectos sócio-históricos dos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia, a exemplo da ocupação territorial a partir da intensificação de atividades agropecuárias, sobretudo da expansão de fazendas de criação de gado nas campinas sul-rio-grandenses e nos sertões baianos, e do modelo latifundiário de apropriação das terras, com concessões de sesmarias, o processo tardio de povoamento do Rio Grande do Sul em relação ao da Bahia e os elementos participantes⁴⁰ do processo de povoamento dos dois estados destacam-se como importantes fatores diferenciadores dos aspectos sócio-históricos dessas duas áreas.

Considera-se aqui que a história da língua não passa imune a esses fatores sócio-históricos imbricados na formação das populações sul-rio-grandense e baiana, assumindo que tais fatores são condicionadores significativos tanto para a formação da língua quanto para a conservação ou o abandono de aspectos linguísticos que podem definir dialetos de uma mesma língua.

Sem a pretensão de aprofundar discussões sobre a sócio-história geral do português brasileiro, destaque-se que, a partir das políticas estatais de sobreposição da língua do colonizador às diversas línguas dos povos autóctones, às várias línguas africanas transplantadas para o Brasil e aos idiomas trazidos pelos diversos grupos de imigrantes, o português foi

⁴⁰ Essa referência se aproxima do conceito de Demografia histórica, adotado por alguns autores ao tratarem da participação dos elementos europeus, indígenas, africanos e brasileiros descendentes desses povos na sócio-história da língua no Brasil, a exemplo de Mattos e Silva (2004), que considerou a Demografia histórica fator significativo na formação do português brasileiro.

privilegiado como língua nacional desde a Reforma de Pombal em meados do século XVIII, com a proibição do uso de outros idiomas que não o da Corte portuguesa, até a definição do português como língua oficial do Brasil pela Constituição de 1988 e tornou-se língua oficial dos atos da administração pública e instrumento de prestígio e de possibilidade de ascensão social, visto que sempre foi a língua das classes política e econômica dominantes da Colônia à República do Brasil.

Contemporânea à reforma pombalina, em meados do século XVIII, a política de emigração da Coroa portuguesa nas ilhas dos Açores promoveu a vinda de várias famílias açorianas ao Brasil, de modo que a presença dessas células familiares, introduzidas após mais de dois séculos do início da colonização, pode ser considerada um fator significativo para a manutenção de aspectos conservadores da língua portuguesa no sul do país, neste caso no território do Rio Grande do Sul, em comparação a outras regiões do Brasil.

Contemporaneamente, Altenhofen (2013), ao analisar cartas do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), constatou “[...] uma tendência maior dos pontos bilíngues para a adoção de traços [+padrão] [...]” (p. 195) no contato e aprendizagem do português em relação aos monolíngues dessa língua. O autor atribui esse fato ao modelo escolar de aprendizagem do português baseado na escrita, considerando “[...] possível também que a ocorrência de variantes fonéticas mais próximas da forma escrita, como p. ex. a manutenção e não-vocalização da lateral /l/, em final de sílaba (p. ex. em calça e revólver) [...]” (p. 196) seja indicativo dessa mesma tendência.

O contexto de colonização do território baiano, apesar da presença hegemônica dos portugueses no processo de povoamento, não experimentou a formação consistente de numerosos núcleos familiares que pudessem contribuir para a propagação da língua portuguesa tal como falada pelos emissários da Coroa. Com certa distância temporal da Reforma de Pombal, ainda na segunda metade do século XVI, o avanço do povoamento no território sede do Governo Geral era subsidiado pela força do trabalho escravizado dos indígenas e, principalmente, dos povos transplantados do continente africano ao Brasil.

Nesse cenário de subjugação das populações escravizadas e de coexistências de multiplicidades de línguas, imperava a necessidade da comunicação para atender ao cumprimento de ordens para o serviço. Mattos e Silva (2004) aponta que os principais responsáveis pela difusão do português nos primeiros séculos da colonização foi a parcela não branca da população, que correspondia a 70% do contingente populacional, sendo que a maior parte desse percentual adquiriu o português em situações consideradas não favoráveis à aprendizagem da língua, em condições de escravidão.

Quando a Reforma de Pombal foi implementada a partir de 1750, com a proibição do uso de outras línguas que não o português nos aldeamentos indígenas e nas colônias, a Bahia, além das línguas gerais indígenas, já experimentava uma variante sociolinguística do português europeu, que Mattos e Silva (2004) designou de “português geral brasileiro”, antecedente do atual português popular, que provavelmente teve como principais difusores os africanos e afrodescendentes.

Desse modo, considerando os fatores que diferenciaram os aspectos sócio-históricos dos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia, a partir do confronto dessas duas áreas, verifica-se em que medida essa diferenciação pode apresentar alguma correlação com a realização da lateral pós-vocálica /l/ na amostra das populações dos dois estados. Na próxima seção, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A partir da análise da realização variável da lateral pós-vocálica /l/, a tese tem o objetivo de confrontar os estados do Rio Grande do Sul e da Bahia – representantes das regiões Sul e Nordeste do Brasil – para comprovar a diferenciação no uso do fonema entre esses dois estados brasileiros.

A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoologia pluridimensional e da Sociolinguística variacionista, inserindo-se na interface dessas duas correntes linguísticas, o que a caracteriza como um estudo de cunho dialetológico e sociolinguístico, ao tempo em que assume por princípio a imbricação dos aspectos sociais sobre os usos linguísticos dos diferentes dialetos.

Uma vez que o *corpus* da pesquisa é extraído do acervo do Projeto ALiB, a análise dos dados pauta-se nos critérios de escolha dos informantes e das localidades assumidos pelo referido Projeto.

Esta seção apresenta a metodologia empregada na pesquisa. Inicialmente, faz-se uma breve apresentação da metodologia do Projeto ALiB para justificar o perfil dos informantes e a escolha das localidades investigadas na presente pesquisa e, na sequência, apresentam-se os critérios de seleção do *corpus*, a variável dependente e as variáveis independentes.

5.1 BREVE APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA DO PROJETO ALiB

Como se verifica no próprio *site*⁴¹ do Projeto ALiB, sua rede de pontos abrangeu 250 municípios brasileiros, incluindo as capitais do país, à exceção de Brasília, Distrito Federal, e de Palmas, Tocantins, pelo fator de serem cidades de fundação recente. A escolha das localidades também buscou incluir todos os estados do território nacional, contemplando as cinco regiões do Brasil: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

O Projeto ALiB entrevistou o total de 1.100 informantes nascidos nas localidades, priorizando filhos de pais pertencentes à área selecionada. O perfil dos entrevistados incluiu o controle das variáveis sociais Idade (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), Sexo (homem e mulher) e Escolaridade (para as capitais). Foram entrevistados quatro informantes nas localidades do interior, tendo cursado, no máximo, o ensino fundamental, e oito informantes nas capitais, quatro tendo cursado, no máximo, o ensino fundamental e outros quatro de nível universitário.

⁴¹ Disponível em: <<https://alib.ufba.br/>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

A inclusão do controle de variáveis sociais como Idade, Sexo e Escolaridade no levantamento dos dados permitiu ao Projeto ALiB um mapeamento geolinguístico pluridimensional da realidade dos usos linguísticos do português brasileiro em seus diferentes níveis de análise – fonético-fonológico, morfossintático, semântico-lexical e pragmático –, possibilitando o tratamento tanto dialetal como sociolinguístico, ou seja, o tratamento pluridimensional do material coletado junto aos informantes das diferentes áreas brasileiras selecionadas.

O Quadro 5 a seguir mostra o número de entrevistados por localidade e a distribuição igualitária por sexo, idade e escolaridade dos informantes do Projeto ALiB.

Quadro 5: Perfil dos informantes do Projeto ALiB

Localidade	Sexo	Faixa etária	Escolaridade	Número de informantes
Interior	homem	18 a 30 anos	Fundamental	4
	mulher			
	homem	50 a 65 anos		
	mulher			
Capital	homem	18 a 30 anos	Fundamental	8
	mulher			
	homem	50 a 65 anos		
	mulher			
	homem	18 a 30 anos	Universitário	
	mulher			
	homem	50 a 65 anos		
	mulher			

Fonte: Elaboração própria.

Com o objetivo de mapear a realidade dos usos linguísticos do português brasileiro, os questionários aplicados pelo Projeto ALiB foram direcionados para os seguintes aspectos: fonético-fonológico, com 159 perguntas, acrescidas de 11 questões de prosódia; semântico-lexical, com 202 perguntas; e morfossintático, com 49 perguntas. Além desses questionários, utilizaram-se também quatro questões de pragmática, quatro temas para discursos semidirigidos, contemplando relatos pessoal e não pessoal, comentário e descrição, seis perguntas metalinguísticas e um texto para leitura, a “Parábola dos sete vimes”.

Das 159 questões do questionário fonético-fonológico, 11 tiveram o objetivo de coletar dados dos seguintes contextos de ocorrência da lateral pós-vocálica: pólvora, almço, sal, mel,

sol, azul, Brasil, soldado, calção, alta, anel. Na presente pesquisa, além desses contextos, levam-se em consideração todas as ocorrências obtidas nas escutas das gravações do referido questionário e dos temas para discursos semidirigidos.

5.2 INFORMANTES DA PESQUISA

Em conformidade com a metodologia empregada pelo Projeto ALiB na coleta dos dados, os informantes foram distribuídos igualmente por sexo e faixa etária, no total de quatro sujeitos por localidade do interior dos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia, representantes das regiões Sul e Nordeste, respectivamente. A visualização dessa distribuição é apresentada no Quadro 6 a seguir:

Quadro 6: Perfil dos informantes da pesquisa

Sexo	Faixa etária	Número de informantes
homem	18 a 30 anos	4
mulher		
homem	50 a 65 anos	
mulher		

Fonte: Elaboração própria.

O total de informantes desta pesquisa foi de 148, dos quais 64 estão distribuídos em 16 localidades sul-rio-grandenses e 84 em 21 localidades baianas.

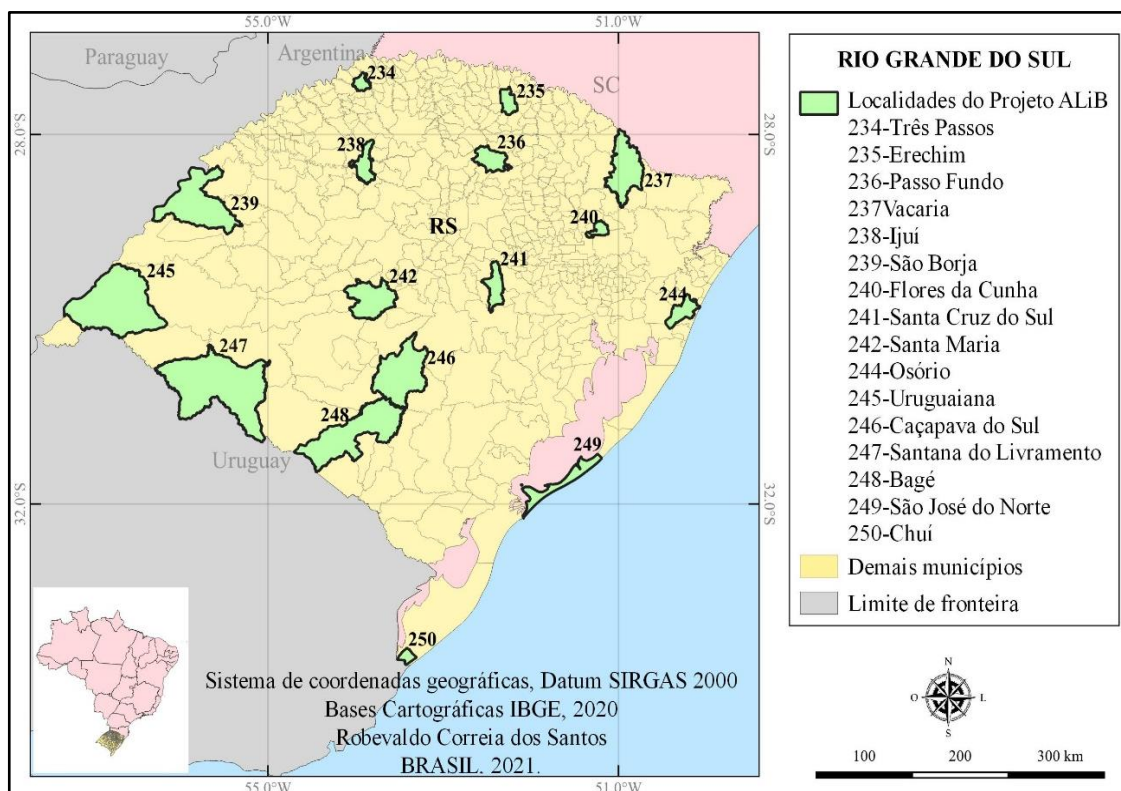
5.3 LOCALIDADES DA PESQUISA

A pesquisa abrange as áreas do interior dos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia, pertencentes à rede de pontos do Projeto ALiB. As capitais desses estados não foram incluídas pelo fato de os dados referentes à variação da lateral pós-vocálica já terem sido objeto de análise

do estudo de Pinho e Margotti (2010), o que reforça a necessidade de direcionar a investigação da variável dependente para as localidades do interior dos estados.

A localização da rede de pontos do Projeto ALiB no estado do Rio Grande do Sul é apresentada na Figura 48, a seguir:

Figura 48: Localização da rede de pontos do Projeto ALiB no Rio Grande do Sul

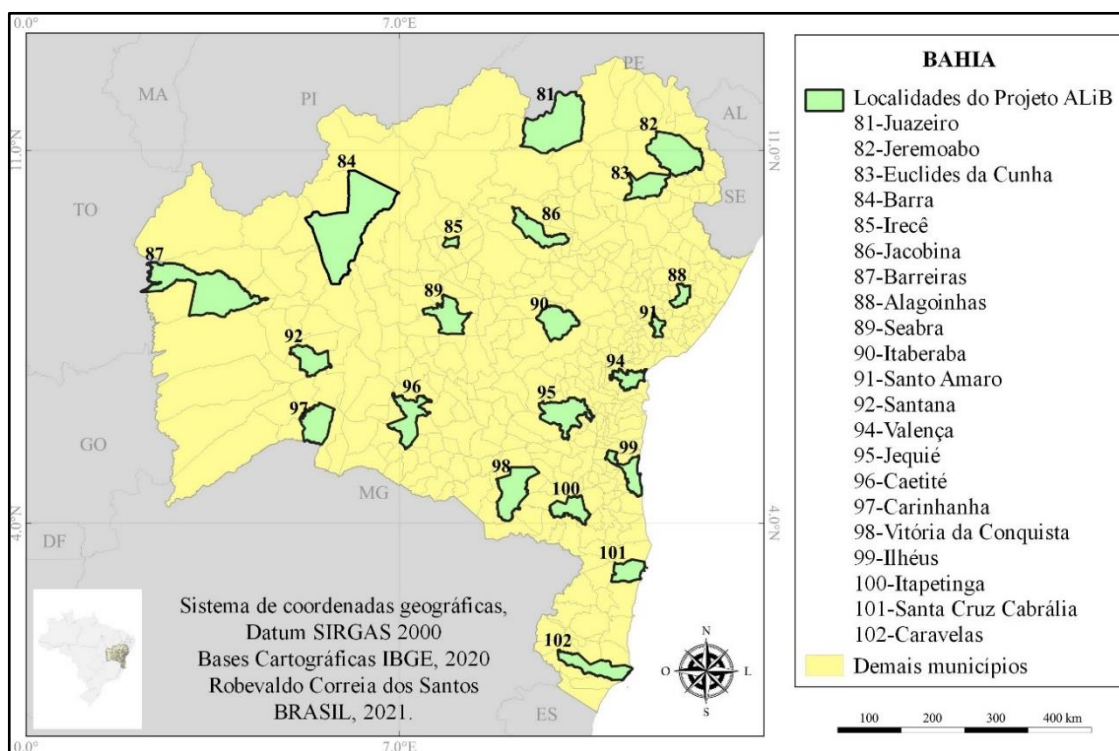


Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Destacam-se as localizações dos pontos 239, 245, 247, 248 e 250, situados no limite de fronteira com outros países que têm o espanhol como língua oficial, Argentina e Uruguai. O estado do Rio Grande do Sul está localizado no extremo da região Sul do Brasil, a qual é composta também pelos estados de Santa Catarina e Paraná. Os municípios que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB no interior do estado, que são tratados nesta pesquisa, somam 16 localidades.

A Figura 49, a seguir, apresenta a localização da rede de pontos do Projeto ALiB no estado da Bahia:

Figura 49: Localização da rede de pontos do Projeto ALiB na Bahia



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

As 21 localidades do interior baiano, que são tratadas nesta pesquisa, e a capital do estado, Salvador, somam um total de 22 municípios que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB. O estado da Bahia está localizado na região Nordeste do Brasil e é o maior em extensão territorial e número populacional dessa região. A Figura 49 mostra que a seleção dos pontos contempla os aspectos geográficos e populacionais, visto que as localidades se encontram equilibradamente distribuídas pelo território baiano, com certa concentração em direção ao litoral.

5.4 CORPUS DA PESQUISA

O *corpus* da pesquisa foi composto de 3.262 ocorrências da lateral pós-vocálica extraídas do banco de dados do Projeto ALiB, sendo 1.400 das localidades do Rio Grande do Sul e 1.862 das localidades da Bahia. Os dados foram selecionados a partir de escutas dos

registros sonoros do referido projeto, mais especificamente do questionário fonético-fonológico e dos temas para discursos semidirigidos⁴².

5.4.1 Critérios de seleção de dados

A composição do *corpus* da pesquisa levou em conta as ocorrências da lateral em final de sílaba tanto nos dados obtidos pelo questionário fonético-fonológico, ou seja, nas 11 questões que objetivaram levantar dados da consoante, quanto nos registros espontâneos do próprio questionário e dos temas para discursos semidirigidos. Desse modo, realizaram-se as escutas das gravações tanto do questionário fonético-fonológico quanto dos temas para discursos semidirigidos de todos os informantes das localidades do interior que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB nos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia.

Foram computadas no máximo as três primeiras ocorrências de cada vocábulo por informante, sendo desconsideradas aquelas que apresentaram os seguintes aspectos:

- a) Alto grau de dificuldade de reconhecimento da variante nas audições;
- b) Repetição da fala do inquiridor;
- c) Seguida de palavra iniciada por vogal (sal a gosto);
- d) Apagamento da sílaba em que ocorre a variável (alvenaria/øvenaria);
- e) Repetições sequenciadas (sal, sal).

Os dados foram compilados em planilha a partir da transcrição fonética dos contextos de ocorrências da lateral pós-vocálica e codificados segundo critérios previamente definidos para submissão à análise estatística do programa computacional Goldvarb X.

5.5 CONTROLE DE VARIÁVEIS DA PESQUISA

Nas subseções a seguir, são apresentadas a variável dependente investigada e as variáveis independentes controladas nesta pesquisa.

⁴² A composição do *corpus* a partir da escolha do questionário fonético-fonológico e dos temas para discursos semidirigidos teve o objetivo de fornecer critérios de análise dos aspectos da fala mais monitorada e da fala mais espontânea em estudos futuros.

5.5.1 Variável dependente

A variável dependente em estudo é a consoante lateral pós-vocálica /l/, que pode apresentar diferentes realizações no português brasileiro, como [w], [ʎ], [ø] ou [h], verificadas nos seguintes exemplos: pó[w]vora, pó[ʎ]vora, pó[ø]vora ou pó[h]vora para “pólvora”; a[w]moço, a[ʎ]moço, a[h]moço para “almoço”; sa[w], sa[ʎ], sa[ø] para “sal”. Essa variável dependente sofre efeitos de fatores tanto linguísticos quanto extralinguísticos que podem favorecer ou inibir o uso de uma ou de outra variante da lateral.

5.5.2 Variáveis independentes

A partir do entendimento de que a variável linguística dependente e as variáveis independentes coocorrem, são controladas tanto variáveis extralinguísticas quanto linguísticas no tratamento da lateral pós-vocálica. Apresentam-se inicialmente as variáveis extralinguísticas e, na sequência, as linguísticas.

5.5.2.1 Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas tratadas nesta pesquisa abrangeram as dimensões geolinguística e sociolinguística da variação, as quais são apresentadas na seguinte ordem: variáveis geolinguísticas e variáveis sociolinguísticas.

5.5.2.1.1 Variáveis diatópicas ou geolinguísticas

Referente às variáveis geolinguísticas, busca-se compreender o quadro variável da consoante lateral pós-vocálica /l/ a partir do confronto entre o Rio Grande do Sul e a Bahia e entre as localidades de seus respectivos estados, relacionando o quadro variável com os aspectos sócio-históricos dessas duas áreas e verificando em que medida as cidades situadas em limites de fronteira com outros países, especificamente as sul-rio-grandenses, se diferenciam no uso da consoante nesse contexto em relação às demais comunidades localizadas fora desses limites.

Nesse sentido, respeitando o critério da ortogonalidade nas rodadas binomiais do Goldvarb X, trabalham-se os seguintes grupos de fatores:

- a) Estado: Rio Grande do Sul e Bahia. Este grupo de fatores é aplicado na análise conjunta dos dados dos dois estados para conferir a hipótese de que essas áreas

podem se diferenciar no uso do /l/ em final de sílaba, em que o falar sul-rio-grandense seria mais conservador na realização da lateral pós-vocálica /l/ do que o falar baiano, sobretudo por influência dos processos sócio-históricos de formação das localidades.

- b) Localidade: municípios dos seus respectivos estados. Este grupo de fatores é levado em consideração no tratamento dos dados de cada uma das duas áreas, separadamente, para verificar a hipótese de que as localidades de seus respectivos estados podem apresentar diferenças entre si na realização da variável.
- c) Região: região de fronteira e região de não fronteira. Este grupo de fatores é controlado especificamente na análise da área do Rio Grande do Sul para averiguar a hipótese de que pode haver diferenças na realização do /l/ em final de sílaba entre as localidades de limites de fronteira e as de não fronteira com outros países.

5.5.2.1.2 Variáveis sociolinguísticas

Considerando os diferentes papéis que a estrutura social tenta atribuir a homens e a mulheres, é verificada se tal diferenciação pode refletir no uso da lateral pós-vocálica, levando em conta também a faixa etária dos informantes da pesquisa.

Quanto às variáveis sociolinguísticas, foram consideradas as seguintes:

- d) Sexo do informante: homem e mulher. Considerando que a variante [w] é considerada inovadora e de maior prestígio, conforme apontaram outros estudos (QUEDNAU, 1993; HORA, 2006; SANTOS, 2017), este grupo de fatores testa a hipótese de que as mulheres podem apresentar maior preferência pelo uso da variante de maior prestígio em relação aos homens.
- e) Faixa etária do informante: mais jovem (18 a 30 anos) e mais velha (50 a 65 anos). Este grupo de fatores verifica a hipótese de que os mais jovens podem preferir o uso da variante mais inovadora nas comunidades do que os mais velhos.

5.5.2.2 Variáveis linguísticas

No que diz respeito às variáveis linguísticas, listam-se os seguintes grupos e seus fatores relacionados aos contextos de ocorrência da lateral pós-vocálica:

- f) Tonicidade da sílaba: tônica e átona. Parte-se da hipótese de que as sílabas átonas podem favorecer a semivocalização do /l/, como variante inovadora;
- g) Extensão do vocábulo: monossílabo, dissílabo e com três ou mais sílabas. Considera-se que os vocábulos com maior extensão podem favorecer o apagamento do segmento lateral nas comunidades;
- h) Vogal precedente⁴³: /i/, /u/, /e/, /o/, /ɛ/, /ɔ/ e /a/. A hipótese é que o contexto precedente pode atuar na realização variável da consoante /l/ em final de sílaba;
- i) Altura da vogal precedente: alta ([i] e [u]), média alta ([e] e [o]), média baixa ([ɛ] e [ɔ]), e baixa ([a]). Como já verificado em diferentes dialetos do português brasileiro, sugere-se que o apagamento do /l/ em final de sílaba pode ser favorecido quando precedido de vogais altas;
- j) Zona de articulação da vogal precedente: anterior ([ɛ], [e], [i]), central ([a]) e posterior ([u], [ɔ] e [o]). Pelo compartilhamento da propriedade articulatória posterior entre as variantes do /l/ em final de sílaba, a hipótese é que o apagamento da consoante pode ser favorecido quando precedido de vogais mais posteriores;
- k) Consoante subsequente⁴⁴: /p, b, f, v, m, t, d, n, l, s, z, ʃ, ʒ, ɲ, ʎ, k, g, h⁴⁵, r/. A hipótese é que o contexto subsequente pode atuar na realização variável da consoante /l/ em final de sílaba;
- l) Modo da consoante subsequente: oclusiva, fricativa, nasal. Considera-se a possibilidade de o modo de articulação da consoante subsequente ser um dos fatores linguísticos correlacionados à realização variável do /l/ em final de sílaba;
- m) Zona de articulação da consoante subsequente: anterior (labiais), média (alveolares e palatais) e posterior (velares). A hipótese é que o agrupamento dos

⁴³ Em respeito ao princípio da ortogonalidade entre os grupos de fatores, o grupo Vogal precedente será rodado separadamente dos seus subgrupos Altura da vogal precedente e Zona de articulação da vogal precedente.

⁴⁴ Em respeito ao princípio da ortogonalidade entre os grupos de fatores, o grupo Consoante subsequente será rodado separadamente dos seus subgrupos Modo da consoante subsequente e Zona de articulação da consoante subsequente.

⁴⁵ O símbolo [h] foi utilizado como representante dos diferentes modos de se realizar o “R” forte no português ([h,fi,x,ʝ])

segmentos por lugar de articulação pode indicar alguma correlação com a realização variável do /l/ em final sílaba;

- n) Posição da variável no vocábulo: medial (pólvora) e final (anel). A hipótese é que a posição que o /l/ pós-vocálico ocupa no vocábulo pode estar correlacionada à realização da variável dependente.

5.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente o *corpus* extraído do acervo do Projeto ALiB é codificado e submetido ao processamento preliminar no Goldvarb X para a obtenção da distribuição dos números percentuais das variantes nas áreas sul-rio-grandense e baiana bem como para a verificação do comportamento das realizações da variável segundo os grupos de fatores elencados.

Diante disso, são apresentados os índices percentuais de distribuição das variantes do /l/ em final de sílaba e o confronto da semivocalização [w] *versus* as demais variantes da variável no conjunto dos dados das duas áreas. Esse confronto é priorizado porque a variante [w] se mostrou amplamente difundida em todas as localidades dos dois estados, enquanto que as demais apresentaram especificidades tanto em relação à menor frequência de uso quanto à ausência em uma das áreas.

Após o exame dos dados no conjunto das duas áreas investigadas, são apresentados os resultados da análise da lateral pós-vocálica no estado do Rio Grande do Sul, exibindo os índices gerais de emprego das variantes e os valores dos pesos relativos de cada fator selecionado pelo programa estatístico a partir da realização dos seguintes procedimentos:

- a) Confronto binário da regra de aplicação [w] *versus* as demais variantes;
- b) Confronto binário da regra de aplicação [ɬ] *versus* as demais variantes;
- c) Confronto binário da regra de aplicação [ø] *versus* as demais variantes;
- d) Confronto binário da regra de aplicação [ɬ] *versus* variante [w].

No tratamento dos dados do estado da Bahia, são adotados os seguintes procedimentos:

- a) Confronto binário da regra de aplicação [w] *versus* as demais variantes;
- b) Confronto binário da regra de aplicação [ø] *versus* [w].

Quando necessário é feita a amalgamação de fatores no Goldvarb X para otimizar a apresentação dos resultados. A apresentação dos resultados desses confrontos se dá a partir da exibição dos valores percentuais das variantes confrontadas e das discussões dos valores dos pesos relativos dos fatores diatópicos, sociais e linguísticos, nessa ordem, seguida da síntese

dos fatores favorecedores para cada uma das variantes assumidas como valor de aplicação das rodadas binomiais do programa Goldvarb X.

Na próxima seção são apresentados os resultados da análise dos dados do interior dos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia bem como de cada uma dessas duas áreas separadamente.

6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção trata da análise dos dados e da discussão dos resultados da pesquisa. Inicialmente são apresentados os números de ocorrências e os índices percentuais gerais da distribuição das variantes da lateral pós-vocálica /l/, seguidos do confronto da regra de aplicação [w] *versus* as demais variantes para verificação dos efeitos dos fatores geolinguísticos, sociolinguísticos e linguísticos na presença da semivocalização no conjunto dos dados das duas áreas investigadas, uma vez que a variante [w] é a mais difundida nos dois estados.

Na sequência, são apresentados os dados em percentuais e em pesos relativos e discutidos os resultados da realização variável da lateral em final de sílaba no interior dos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia, separadamente.

6.1 /l/ PÓS-VOCÁLICO NAS DUAS ÁREAS

Quanto à análise da consoante nas duas áreas investigadas, as variantes da lateral pós-vocálica /l/ identificadas na análise são as seguintes: semivogal, [w]; apagamento, [ø]; lateral velarizada, [ɫ]; tepe, [ɾ]; fricativa laríngea (aspirada), [h]; e lateral anterior com vogal de apoio, [lⁱ]. O total de 3.262 ocorrências da consoante nas localidades dos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia compõe o *corpus* da pesquisa, sendo 1.400 dados do território sul-rio-grandense e 1.862 do território baiano. A seguir é detalhada a distribuição das variantes de /l/ em final de sílaba nas duas unidades federativas investigadas a partir dos números e dos percentuais de realização.

Exemplos extraídos do *corpus*: “almoço” (a[w]moço), “azul” (azu[ø]), “anel” (ane[ɫ]), “qualquer” (qua[ɾ]quer), “desculpe” (descu[h]pe), “sal” (sa[lⁱ]).

Tabela 1: Distribuição geral do /l/ pós-vocálico nas duas áreas

Estados	Variantes						Totais
	[w]	[ø]	[ɫ]	[ɾ]	[h]	[l ⁱ]	
Rio Grande do Sul							
N	1.017	138	192	44	0	9	1.400
%	73	10	14	3	0	0	43
Bahia							
N	1.479	296	49	2	25	11	1.862
%	79	16	3	0	1	1	57
Totais							
N	2.496	434	241	46	25	20	3.262
%	77	13	7	1	1	1	100

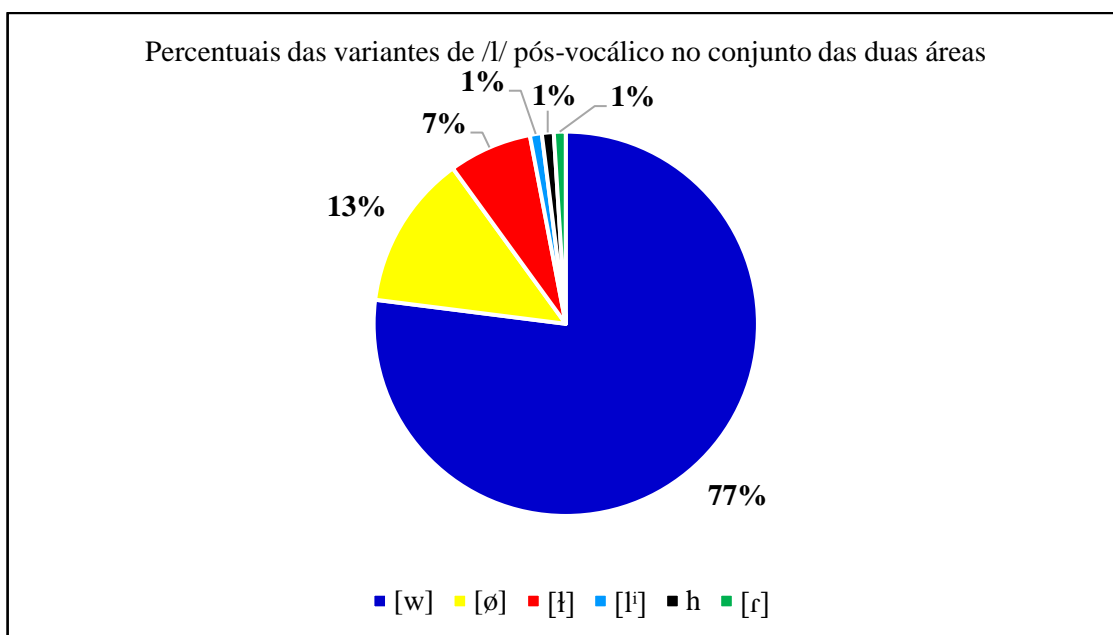
Fonte: Elaboração própria.

A variante [w] mostrou-se amplamente difundida no conjunto das localidades tanto sul-rio-grandenses quanto baianas, com percentuais de aplicação de 73% e 79%, respectivamente, indicando a probabilidade levemente maior de aplicação dessa variante no estado nordestino. Essa diferença nos percentuais de realização da variante [w] nos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia associada ao emprego de outras variantes características, mas não restrita, de uma ou outra região, de certa forma, podem distinguir dialetos locais ou regionais.

Uma distinção entre as variedades sul-rio-grandense e baiana foi percebida, dentre outros aspectos, pela presença da variante [ɫ] entre os falantes da região Sul, com ocorrências isoladas entre os falantes baianos. A variante [ø] mostrou-se menos produtiva entre os informantes sul-rio-grandenses (10%), sendo um pouco mais recorrente entre os informantes da Bahia (16%). Nessa mesma direção se apresentaram os usos das variantes [r] (3%), na fala gaúcha, e [h] (1%), na fala baiana.

Levando em consideração o conjunto de dados das duas áreas, verifica-se o seguinte:

Gráfico 1: Percentuais das variantes de /l/ pós-vocálico nas duas áreas

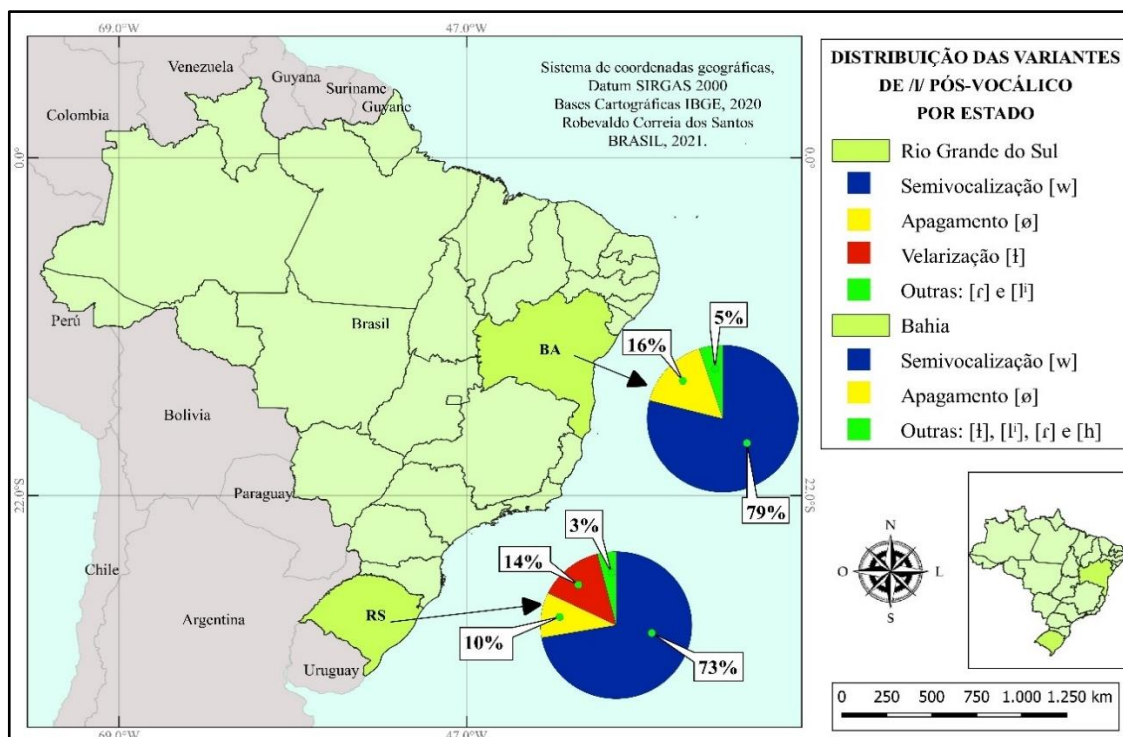


Fonte: Elaboração própria.

Do total geral dos dados, a variante [w] atingiu percentual de 77%, as variantes [ø] e [ɫ] alcançaram, respectivamente, 13% e 7% e as variantes [l̥], [r] e [h] obtiveram apenas 1% cada, sendo a semivocalização a variante mais empregada pelos informantes no conjunto das duas áreas investigadas.

A Figura 50, a seguir, apresenta um desenho da distribuição das variantes da consoante lateral pós-vocálica /l/ por estado, agrupando sob o mesmo rótulo (outras) as realizações com baixa frequência de uso nas duas áreas. Esse agrupamento se justifica tanto pelos pequenos números de ocorrência quanto pela restrição de emprego das variantes [lⁱ] e [r], no Rio Grande do Sul, e [ɫ], [lⁱ], [r] e [h], na Bahia.

Figura 50: Distribuição das variantes de /l/ pós-vocálico por estado



Com base nos gráficos da Figura 50, percebe-se que a variante [ɫ] foi o principal fator, mas não o único, de diferenciação dos dois dialetos em cotejo, com significativa frequência de uso dessa variante no estado da região Sul. A Bahia apresentou uma leve vantagem da semivocalização (79%) e do apagamento (16%) em relação ao Rio Grande do Sul, que apresentou, respectivamente 73% e 10%, o que contribui para acentuar a diferença na realização da lateral em final de sílaba entre os dois estados.

Cabe destacar que a variante [lⁱ] não foi encontrada na fala das mulheres nem na fala dos mais jovens dos dois estados brasileiros em questão, restringindo-se à fala de alguns informantes masculinos da faixa etária mais velha. O mesmo ocorreu com a variante [r] no Rio Grande do Sul e com a variante [ɫ] na Bahia.

Nesse sentido, a análise da correlação entre fatores linguísticos e extralinguísticos na realização da lateral pós-vocálica /l/ focaliza o emprego das variantes [w], [ø] e [ɫ] na área sul-

rio-grandense e [w] e [ø], na área baiana. Nas duas áreas em conjunto, é tratada a variante semivocalizada no confronto com as demais ocorrências da lateral em final de sílaba.

6.1.1 Semivocalização nas duas áreas

Levando em conta o objetivo de verificar as diferenças na realização da lateral em final de sílaba nas áreas sul-rio-grandense e baiana, especialmente para a realização [w], faz-se o confronto da regra de aplicação [w] *versus* as demais variantes no conjunto dos dados, uma vez que se trata de uma variante amplamente empregada nos dois estados. Desse modo, as demais variantes marcam a ausência da variante semivocalizada.

Os baixos índices de frequência das variantes [lⁱ], [r] e [h], apenas 1% cada, levaram a um grande número de *knockouts* distribuídos praticamente por todos os grupos de fatores elencados inicialmente para as rodadas estatísticas, o que se pode considerar mais um argumento que justifica o confronto da variante [w] com o conjunto das demais ocorrências da variável dependente. Nessa esteira, as especificidades diatópicas e sociais apresentadas pelas variantes [t], [lⁱ], [r] e [h], no sentido de que as variantes [t], com poucas ocorrências na Bahia, e [r] ficaram concentradas no dialeto sul-rio-grandense e a variante [h] no dialeto baiano, justificam a opção no enfoque do referido confronto.

Nesse sentido, são apresentados no Quadro 7 os grupos de fatores diatópicos, sociais e linguísticos selecionados na rodada de confronto entre presença e ausência da variante [w], segundo a ordem de importância atribuída pelo programa computacional Goldvarb X.

Quadro 7: Grupos de fatores selecionados nas duas áreas – variante [w]

Ordem de importância dos grupos de fatores	Semivocalização: presença x ausência
1	Vogal precedente
2	Faixa etária
3	Consoante subsequente
4	Tonicidade da sílaba
5	Sexo dos informantes
6	Estado
7	Posição no vocábulo

Fonte: Elaboração própria.

A partir desse quadro, fez-se a análise de cada grupo de fatores, considerando as dimensões da variação espacial ou diatópica (Estado), social (Faixa etária e Sexo dos informantes) e linguística (Vogal precedente, Consoante subsequente, Tonicidade da sílaba e

Posição no vocábulo). No entanto verificou-se uma desproporcionalidade na distribuição dos dados entre os fatores dos grupos, especialmente para aos fatores linguísticos, inviabilizando a apresentação de tais resultados.

O grupo de fatores Estado apresentou pequena relevância estatística na rodada de confronto entre a semivocalização e as demais variantes, indicando que o tratamento conjunto dos dados pode ter sido inviabilizado pelo fato de se tratar de duas áreas linguisticamente diferentes, considerando o peso relativo desfavorecedor do Rio Grande do Sul (0,39) e os índices de ocorrência de outras variantes nesse mesmo estado, a exemplo da variante velarizada (14%). A Tabela 2, a seguir, apresenta os resultados do grupo de fatores Estado:

Tabela 2: Variante [w] nas duas áreas

Estados	Oc./Total	%	PR
Bahia	1.479/1.862	79	0,58
Rio Grande do Sul	1.017/1.400	73	0,39
		<i>range</i> ⁴⁶	0,19
<i>Input final: 0,845</i>		<i>Log likelihood: -1089,312</i>	<i>Significância: 0,049</i>

Fonte: Elaboração própria.

Apesar da pequena diferença apresentada entre os percentuais dos dois estados para a variante [w], os valores dos pesos relativos indicam comportamentos diferenciados entre as duas áreas no emprego da semivocalização, de modo que a Bahia (0,58) favoreceu essa variante, enquanto que o Rio Grande do Sul (0,39) a desfavoreceu.

Levando em conta que a semivocalização do /l/ em final de sílaba é considerada uma variante inovadora em relação à variante velarizada no português brasileiro, conforme evidenciaram outros estudos sobre a variável dependente, a exemplo de Teixeira (1988), Quednau (1993), Espiga (1997), Tasca (2002), Hora (2006) Santos (2017) etc., o estado da Bahia mostrou-se ligeiramente mais inovador no uso da variante [w], pois alcançou peso relativo de 0,58, favorecendo a regra de aplicação.

Os resultados mostram que as duas áreas se diferenciam na realização do segmento lateral, confirmando a hipótese aventada anteriormente de que os dois estados poderiam se diferenciar no uso do /l/ em final de sílaba, em que o falar sul-rio-grandense se mostrou mais

⁴⁶ Mede o efeito de uma variável independente a partir da diferença entre o peso relativo mais baixo e o peso relativo mais alto: $(0,58 - 0,39 = 0,19)$ (TAGLIAMONTE, 2006). Quanto maior o valor do *range*, maior será o efeito da variável independente.

conservador na realização da lateral pós-vocálica /l/ do que o falar baiano, provavelmente por influência dos processos sócio-históricos de formação das localidades.

Em resumo, a análise da lateral pós-vocálica /l/ no conjunto dos dados das duas áreas investigadas mostra que a semivocalização é a variante mais difundida nos dois estados, com percentuais de aplicação de 73% e de 79%, respectivamente, para o Rio Grande do Sul e para a Bahia, com o favorecimento da variante [w] pelo estado baiano, com peso relativo de 0,58.

Percebe-se uma distinção entre as variedades sul-rio-grandense e baiana, dentre outros aspectos, pela presença da variante [ɫ] entre os falantes da região Sul, com ocorrências isoladas entre os falantes baianos, com a indicação de que a realização [ɫ] seria o principal fator, mas não o único, de diferenciação dos dois dialetos em cotejo, tanto pela maior frequência de uso dessa variante no estado da região Sul quanto pela baixa frequência de uso no estado da região Nordeste.

Se por um lado, do ponto de vista diatópico, pode-se observar o comportamento diferenciado entre os dois estados no emprego do /l/ em final de sílaba; por outro lado, a diferença linguística entre as duas áreas impossibilita o tratamento conjunto dos dados para a correlação das variantes e das demais variáveis independentes, especialmente considerando a presença de variantes não comuns às duas áreas, a exemplo da variante velarizada no Rio Grande do Sul, que ocupa o segundo lugar em índice de frequência, com pouquíssimas ocorrências na fala de alguns informantes homens da faixa etária mais velha no estado baiano.

Nas seções seguintes são feitas as análises dos dados dos dois estados, separadamente. Nesse sentido, inicialmente é realizada a análise dos dados do Rio Grande do Sul, focando os aspectos de inovação e conservação das variantes encontradas nos dados.

6.2 /l/ PÓS-VOCÁLICO NO RIO GRANDE DO SUL

Para tratar a variação do /l/ pós-vocálico no estado do Rio Grande do Sul, são realizadas rodadas no programa estatístico Goldvarb X de modo que cada uma das variantes – [w], [ɫ] e [ø] – possa figurar como valor de aplicação em relação ao conjunto das demais, a exemplo de [w] *versus* [ɫ], [l], [ø] e [r], o que permite analisar o comportamento da presença/ausência de determinada variante. Essa estratégia respeita o princípio de que uma variante linguística compete contra todas as outras concorrentes ao mesmo tempo.

Também são feitas rodadas binárias entre duas variantes, especificamente entre a variante velarizada [ɫ] e a variante semivocalizada [w], o que pode contribuir para o tratamento

dos aspectos conservadores, especialmente, da variante [ɫ] do segmento frente ao caráter inovador da variante [w]. Quando necessário é feita a amalgamação de fatores.

6.2.1 /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [w]

Visto que a semivocalização da lateral pós-vocálica apresentou amplo emprego na fala sul-rio-grandense, realiza-se a análise da presença dessa variante, considerando as realizações [ɫ], [lⁱ], [r] e [∅] como ausência. São apresentados a seguir os índices de uso da variante [w].

Tabela 3: /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul

Estados	[w]	demais variantes	Totais
Rio Grande do Sul			
N	1.017	383	1.400
%	73	27	100

Fonte: Elaboração própria.

Conforme já apontado, a semivocalização lidera em números de ocorrência entre os informantes sul-rio-grandenses, com índice de 73%, mas o quadro variável se mantém, sobretudo, pela ausência dessa variante, ou seleção de outras variantes ([ɫ], [lⁱ], [r] e [∅]), sendo a variante [w] preterida em 27% do total de dados, a exemplo de “almoço” ([aɫ'mosɔ]), “pólvora” ([ˈpɔɔvɔrɐ]) etc.

Nesse sentido, apresenta-se a seguir a análise dos grupos de fatores atuantes na realização da variante semivocalizada na área do estado do Rio Grande do Sul, direcionando as discussões para as dimensões da variação espacial ou diatópica, social e linguística, ou seja, a dimensão pluridimensional da variação.

6.2.1.1 Análise pluridimensional do /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [w]

A análise da correlação entre fatores na realização da lateral pós-vocálica é feita a partir do confronto da variante [w] *versus* as demais variantes. A rodada apresentou o *input* inicial de 0,726.

A partir da seleção dos grupos de fatores pelo Goldvarb X, é realizada a análise de cada grupo, considerando as dimensões da variação espacial ou diatópica, social e linguística, nessa ordem, para organizar melhor a apresentação da análise.

6.2.1.1.1 Fatores diatópicos – variante [w]

A seguir é apresentada a listagem dos grupos de fatores diatópicos selecionados pelo programa Goldvarb X cujos elementos são descritos em ordem de importância atribuída pela ferramenta estatística.

Quadro 8: Grupos de fatores diatópicos selecionados no Rio Grande do Sul – variante [w]

Ordem de importância⁴⁷	Grupos de fatores
3	Localidade
5	Região

Fonte: Elaboração própria.

Os grupos de fatores diatópicos selecionados pelo programa Goldvarb X foram o de Localidade e o de Região, apresentados a seguir. Destaque-se que esses dois grupos de fatores foram selecionados em rodadas diferentes, ou seja, não foram incluídos numa mesma rodada do programa estatístico para não enviesar os resultados.

6.2.1.1.1.1 Localidade

A Tabela 4, a seguir, apresenta os números e os percentuais de ocorrência da semivocalização da lateral em final de sílaba, assim como os pesos relativos dos fatores no emprego da variante.

A listagem das localidades é apresentada segundo a ordem decrescente dos valores dos pesos relativos.

⁴⁷ A ordem de importância atribuída aos grupos de fatores pelo programa Goldvarb X é respeitada no âmbito das dimensões da variação diatópica, sociolinguística e linguística em que os grupos são apresentados.

Tabela 4: Localidade – variante [w]

Localidade	Oc./Total	%	PR
Osório	86/96	90	0,81
Vacaria	97/109	89	0,79
Ijuí	86/102	84	0,76
São José do Norte	80/93	86	0,75
São Borja	52/64	81	0,66
Santa Maria	48/59	81	0,66
Três Passos	89/112	80	0,64
Santana do Livramento	81/99	82	0,58
Bagé	47/63	75	0,50
Uruguaiana	50/68	74	0,50
Passo Fundo	61/94	65	0,41
Flores da Cunha	58/88	66	0,28
Santa Cruz do Sul	44/68	65	0,27
Caçapava do Sul	50/82	61	0,21
Erechim	48/91	53	0,16
Chuí	40/112	36	0,08
		<i>range</i>	0,73

Input final: 0,860

Log likelihood: -471,761

Significância: 0,003

Fonte: Elaboração própria.

O *range* bastante robusto de 0,73 indica que o grupo de fatores Localidade apresenta efeito forte para a semivocalização da lateral em final de sílaba no Rio Grande do Sul.

Verifica-se que os percentuais de até 75% resultaram em valores de pesos relativos desfavorecedores ou neutros para a presença da variante [w] nas localidades, enquanto que os percentuais mais altos, entre 80% e 90%, se traduziram em valores de pesos relativos entre 0,58 e 0,81, favorecendo a regra de aplicação.

Comparando esses resultados ao estudo de Tasca (2002), dentre as comunidades analisadas por essa autora, a capital Porto Alegre, de ascendência açoriana, registrou peso relativo de 0,95 para a semivocalização [w], com significativo favorecimento de emprego da variante. Valores percentuais próximos a esses foram verificados em Osório (0,81) e Vacaria (0,79), que também são localidades com ascendência portuguesa.

Outra pesquisa que tratou um *corpus* extraído do banco de dados do Projeto ALiB foi a de Santos e Silva Neto (2019), que observaram o comportamento da lateral nas cidades de Passo Fundo, São Borja, Santa Cruz do Sul e São José do Norte, onde verificaram que, no conjunto

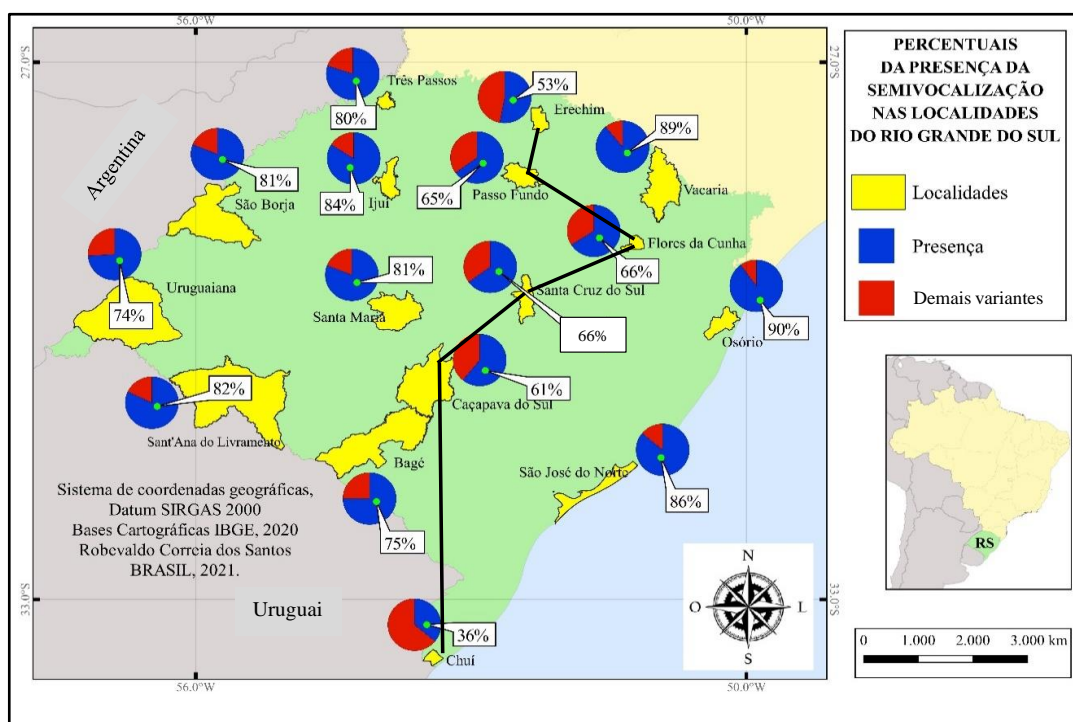
das quatro localidades, a semivocalização [w] se mostrou mais produtiva, com 418 ocorrências dos 495 dados, representando 84% desse total, sendo que a semivocalização [w] de /l/ em final de sílaba se mostrou amplamente difundida no conjunto dessas localidades.

Para aclarar a apresentação dos resultados, os percentuais e os pesos relativos da presença da semivocalização nas localidades sul-rio-grandenses analisadas são apresentados a seguir, cujos valores dos gráficos retratam o favorecimento ou desfavorecimento de cada uma das cidades sobre o uso dessa variante bem como a frequência de aplicação da presença da variante [w] por município.

Para não poluir visualmente a figura, optou-se por não colocar em evidência os percentuais de frequência referentes à ausência da semivogal, de modo que a leitura precisa levar em consideração a contraparte dos números visíveis, bem como a apresentação em separado dos valores dos pesos relativos. Nesse sentido, as Figuras 51 e 52 são apresentadas em seqüência para possibilitar uma análise relacional entre os valores dos percentuais e dos pesos relativos obtidos.

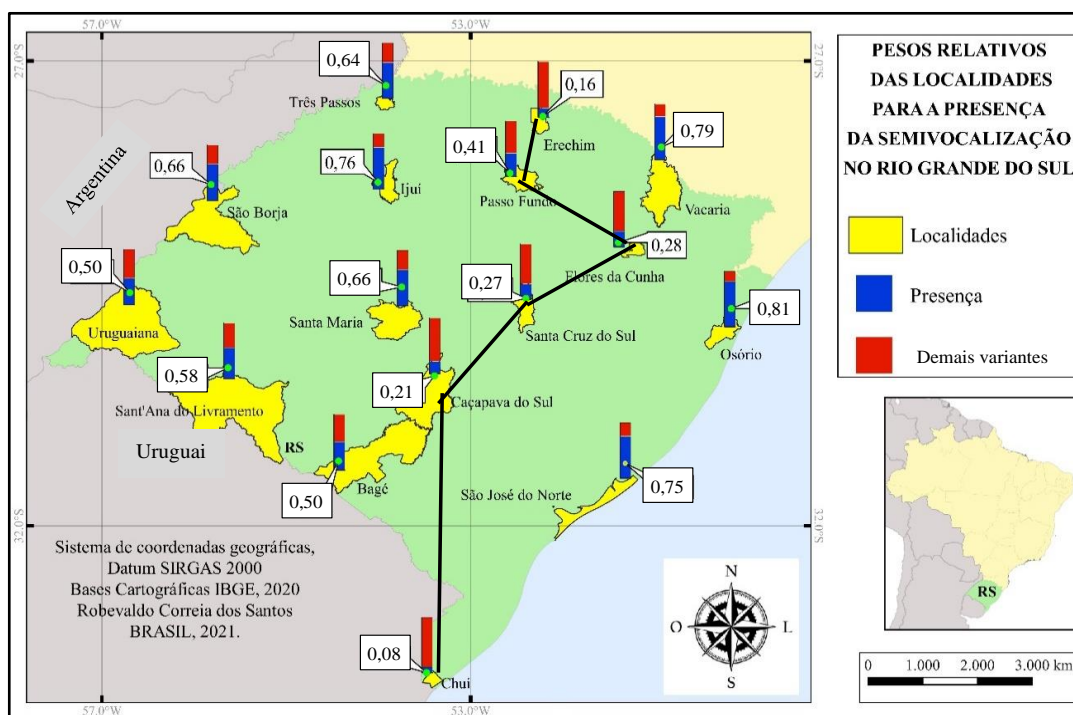
O traçado que vai de Erechim ao Chuí, que se encontra nas figuras 51 e 52 (passando por Passo Fundo, Flores da Cunha, Santa Cruz do Sul e Caçapava do Sul), visa a destacar as localidades com desfavorecimento e com menores frequências da variante semivocalizada.

Figura 51: Percentuais da variante [w] nas localidades do Rio Grande do Sul



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Figura 52: Pesos relativos das localidades do Rio Grande do Sul – variante [w]



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

No confronto entre a variante semivocalizada e as demais variantes, as localidades do estado do Rio Grande do Sul registraram percentuais de emprego da variante, que giraram em torno de 36%, no município do Chuí, a 90%, no município de Osório, aspecto revelador do quadro variável de realização da consoante lateral pós-vocálica nesse estado.

Verificou-se nos gráficos da Figura 51 que a frequência de uso da semivocalização apresentou índices menores em um traçado que foi da cidade do Chuí (36%) à cidade de Erechim (53%), perpassando mais ao centro do território sul-rio-grandense nas cidades de Caçapava do Sul (61%), Santa Cruz do Sul (66%), Flores da Cunha (66%) e Passo Fundo (65%).

O traçado entre Caçapava do Sul e Erechim coincidiu com parte da área explorada inicialmente por colonos estrangeiros, especialmente alemães e italianos, população que foi direcionada para o povoamento das regiões das matas sul-rio-grandenses. A forte presença de imigrantes estrangeiros na constituição das localidades dessa região pode ter contribuído para o atual quadro de diferenciação dialetal no estado no que tange ao uso da lateral em final de sílaba.

Os gráficos da Figura 52 corroboraram o que foi mencionado referente à menor frequência de uso da variante [w] nas localidades situadas no traçado entre os municípios do Chuí e de Erechim, visto que os pesos relativos indicaram o desfavorecimento da

semivocalização da lateral em final de sílaba, apresentando os seguintes valores: Chuí, 0,08; Caçapava do Sul, 0,21; Santa Cruz do Sul, 0,27; Flores da Cunha, 0,28; Passo Fundo, 0,41; e Erechim, 0,16.

As localidades litorâneas que não são região de fronteira com outros países apresentaram alta frequência na realização semivocalizada da lateral em final de sílaba, sendo 86% em São José do Norte e 90% em Osório, de modo que são acompanhadas por Vacaria, na divisa com o estado de Santa Catarina, com 89% de aplicação da variante [w]. Trata-se de uma região colonizada majoritariamente por imigrantes portugueses, principalmente açorianos. Segundo dados históricos (IBGE, 1964; Koch, 2000), o litoral e a área dos campados mais ao nordeste do estado foram exploradas, sobretudo, por portugueses e seus descendentes brasileiros.

Os valores dos pesos relativos obtidos para as localidades litorâneas de Osório (0,82) e de São José do Norte (0,76) bem como para o município de Vacaria (0,78) ratificaram o favorecimento da presença da variante [w] nessas comunidades.

Na fronteira do Brasil com o Uruguai, exceto no Chuí (0,08), que desfavoreceu a presença da semivocalização, os valores dos pesos relativos alcançaram o ponto neutro 0,50, de modo que Bagé (0,50) e Uruguiana (0,50) nem favoreceram nem desfavoreceram a semivocalização, enquanto que Santana do Livramento (0,58) registrou seu favorecimento. Na fronteira do Brasil com a Argentina, São Borja (0,66) favoreceu a semivocalização.

Os resultados apresentados em Tasca (2002) também apontaram que, nas localidades com descendentes de alemães ou de italianos e nas localidades onde os informantes estabelecem contatos próximos com falantes do espanhol, predominou o uso da variante [l], com tendência ao uso da variante [ʎ]. Já nos grupos que têm influência portuguesa, com característica monolíngue, predominou o uso da variante [w].

As localidades situadas entre a região central do território do estado do Rio Grande do Sul e o limite de fronteira com a Argentina apresentaram índices percentuais altos da regra de aplicação, tendo sido o favorecimento da semivocalização confirmado pelos valores dos pesos relativos alcançados pelas comunidades de Três Passos (0,64), de Ijuí (0,76) e de Santa Maria (0,66), respectivamente, com 80% 84% e 81% de índices de aplicação da regra.

A hipótese de que as localidades do estado poderiam apresentar diferenças entre si na realização da variável foi confirmada. A semivocalização teve a preferência dos falantes nas localidades, exceto no Chuí (36%).

A Tabela 5, a seguir, associa o que foi apresentado sobre os aspectos sócio-históricos das localidades sul-rio-grandenses do Projeto ALiB aos fatores favorecedores da variável

Localidade, em que se destaca a participação do grupo étnico no povoamento e na formação da localidade, sobretudo a dos portugueses e seus descendentes e a dos imigrantes não lusos – alemães e italianos.

Tabela 5: Participação étnica na formação sócio-histórica das localidades sul-rio-grandenses do Projeto ALiB, com pesos relativos do grupo de fatores Localidade – variante [w]

Localidades	Surgimento do povoado	Participação alemã e/ou italiana	Criação do município	Data da presença alemã e/ou italiana	Pesos relativos
Osório	1773	não	1857	1857	0,81
Vacaria	1805	não	1878	1860	0,79
Ijuí	1890	---- ⁴⁸	1912	1890	0,76
São José do Norte	1822	não	1831	---- ⁴⁹	0,75
São Borja	1682	não	1833	1870	0,66
Santa Maria	1797	não	1857	1828	0,66
Três Passos	1879	sim	1944	1930	0,64
Santana do Livramento	1823	não	1857	1870	0,58

Fonte: Elaboração própria.

Exceto Três Passos, que obteve 0,64 de peso relativo no grupo de fatores Localidade, as demais localidades desse grupo, elencadas na Tabela 5, que favoreceram a semivocalização não registraram significativa participação alemã e italiana em seu processo inicial de formação, visto que as datas de presença desses imigrantes nas localidades são bem posteriores a de surgimento dos povoados, menos Ijuí, que apresentou caráter étnico diversificado desde a criação e a ocupação da colônia. Nesse sentido, como já dito a propósito do povoamento e da formação das localidades, é possível considerar qualitativamente que a participação dos grupos étnicos provavelmente estar associada à realização variável do /l/ em final de sílaba.

Quanto à região de influência da localidade, ou seja, a relação interurbana que a cidade estabelece com um determinado centro regional ou com a região metropolitana não foi possível estabelecer alguma correlação qualitativa com o quadro variável apresentado.

O quadro variável apresentado nas localidades do Rio Grande do Sul apontou para a diferenciação no uso da semivocalização entre áreas que tiveram sua formação sócio-histórica mais ligada, de um lado, aos imigrantes estrangeiros, de outro, aos imigrantes lusos.

⁴⁸ Considerando o caráter étnico diversificado desde a criação e a ocupação da colônia de Ijuí, não foi possível enquadrá-la nos fatores elegidos.

⁴⁹ Não identificada.

6.2.1.1.1.2 Região

Com a retirada do grupo de fatores Localidade, foi incluído o grupo de fatores Região numa nova rodada, o qual foi selecionado pelo Goldvarb X. A seguir são apresentados os resultados para o grupo de fatores Região.

Tabela 6: Região – variante [w]

Região	Oc./Total	%	PR
Não fronteira	747/994	75	0,53
Fronteira	270/406	66	0,40
<i>range</i>			0,13

Input final: 0,814

Log likelihood: -610,706

Significância: 0,020

Fonte: Elaboração própria.

A região de não fronteira (0,53) apresentou peso relativo de valor próximo ao ponto neutro de 0,50, indicando um levemente favorecimento da variante [w], enquanto que a região de fronteira (0,40) desfavoreceu a semivocalização da lateral. Esses resultados associados ao valor de 0,13 do *range* revelam o efeito fraco da variável Região para a semivocalização.

Esses resultados reforçam o argumento de que a proximidade do português brasileiro com o espanhol da região de fronteira contribui para intensificar a competição entre a semivocalização e as demais variantes da lateral em final de sílaba.

Em Quednau (1993), os resultados também comprovaram que o grupo dos metropolitanos foi o que mais aplicou a semivocalização da lateral pós-vocálica, enquanto que os fronteiriços, com valores muito baixos, ficaram em segundo lugar e os italianos e os alemães, em terceiro.

Quanto aos grupos de fatores diatópicos, diferentemente da variável Região, que apresentou efeito fraco na presente rodada de análise, com *range* de 0,13, a variável Localidade se destacou na correlação com os demais grupos de fatores pela robustez do valor de 0,73 apresentado pelo *range*, indicando seu efeito forte na aplicação da semivocalização no Rio Grande do Sul.

6.2.1.1.2 Fatores sociais – variante [w]

A seguir é apresentada a listagem dos grupos de fatores sociais selecionados pelo programa Goldvarb X em uma das primeiras rodadas cujos elementos são descritos em ordem de importância atribuída pela ferramenta estatística.

Quadro 9: Grupos de fatores sociais selecionados no Rio Grande do Sul – variante [w]

Ordem de importância	Grupos de fatores
2	Faixa etária
4	Sexo dos informantes

Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito aos fatores sociais na realização da semivocalização da lateral pós-vocálica, são considerados os grupos Faixa etária e Sexo dos informantes.

6.2.1.1.2.1 Faixa etária dos informantes

A seguir são apresentados os números de ocorrência, os percentuais e os pesos relativos do grupo de fatores Faixa etária dos informantes.

Tabela 7: Faixa etária dos informantes – variante [w]

Faixa etária	Oc./Total	%	PR
18 a 30 anos	564/633	89	0,82
50 a 65 anos	453/767	59	0,22
		<i>range</i>	0,60
<i>Input final:</i> 0,860	<i>Log likelihood:</i> -471,761	<i>Significância:</i> 0,003	

Fonte: Elaboração própria.

No grupo de fatores Faixa etária dos informantes, os mais jovens, 18 a 30 anos, foram responsáveis por 89% do total de ocorrências da semivocalização, favorecendo a aplicação dessa variante com peso relativo de 0,82. Já na faixa etária mais velha, a semivocalização atingiu o índice de 59%, sendo os informantes de 50 a 65 anos desfavorecidos dessa variante, com peso relativo de apenas 0,22. O valor de 0,60 para o *range* mostra o forte efeito que a

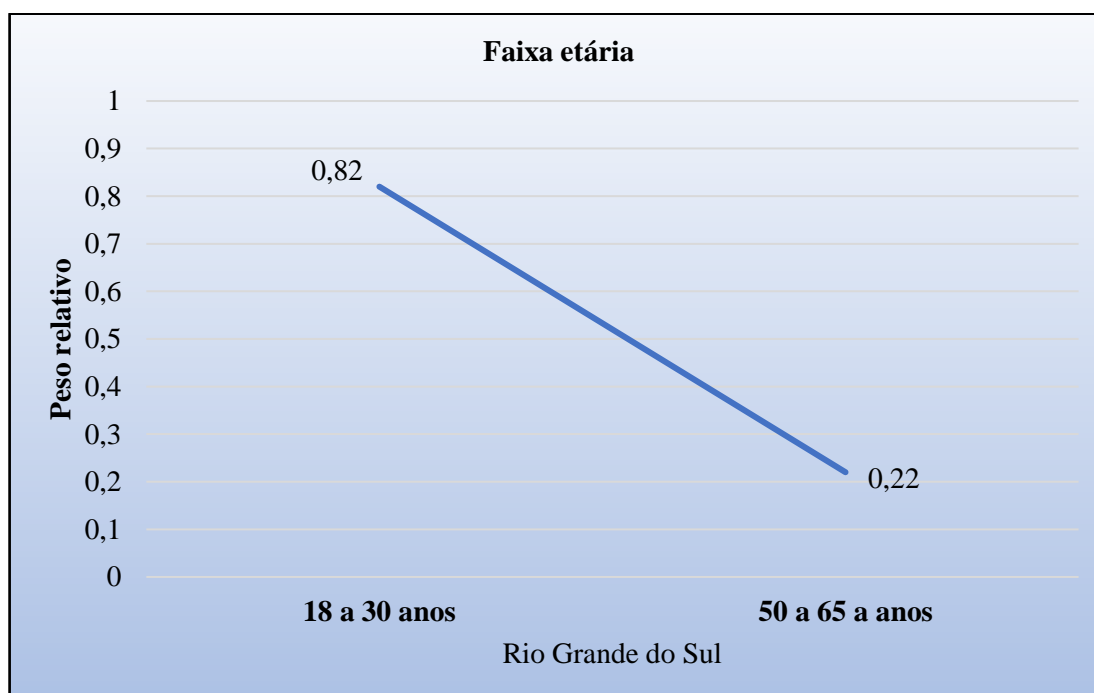
variável exerce sobre o segmento lateral no Rio Grande do Sul, mais especificamente sobre o emprego da variante [w].

Considerando o índice de emprego de 89% da semivocalização da consoante lateral em final de sílaba pelos informantes entre 18 a 30 anos e o percentual de 59% registrado pelos informantes entre 50 a 65 anos, a variante [w] parece encontrar-se já bem assentada na fala dos mais jovens, com avanço significativo entre os mais velhos da comunidade.

Nesse sentido, foi confirmada a hipótese de que os mais jovens (89%) poderiam preferir o uso da variante mais inovadora ([w]) nas comunidades do que os mais velhos (59%). Nessa mesma direção, Leite, Callou e Moraes (2007), ao analisarem dados de cinco capitais brasileiras, entre elas Porto Alegre, verificaram que a semivocalização é quase categórica nos mais jovens.

A seguir são ilustradas as diferenças entre os valores dos pesos relativos apresentados nos resultados do grupo de fatores Faixa etária dos informantes.

Gráfico 2: Faixa etária dos informantes em pesos relativos – variante [w]



Fonte: Elaboração própria.

O Gráfico 2 apresenta um retrato do peso das faixas etárias sobre a semivocalização da variável dependente na fala sul-rio-grandense, de modo que os informantes da faixa mais jovem (0,82), 18 a 30 anos, favorecem a implementação dessa variante na comunidade.

Tasca (2002), ao analisar variedades do português falado em algumas comunidades do Rio Grande do Sul, quando a variável Faixa etária foi considerada relevante, apontou que a tendência era de os mais jovens das comunidades favorecerem a variante mais inovadora, enquanto os mais velhos preservavam a variante mais antiga.

Não se pode falar categoricamente em processo de mudança linguística apenas com base no favorecimento dos mais jovens no emprego da variante [w], principalmente pelo fato de o grupo de fatores incluir somente duas faixas etárias no tempo aparente; no entanto, considerando tal favorecimento associado aos índices de emprego da semivocalização (73%) e aos índices das outras variantes (27%) no estado, parece haver sinais de um processo de mudança liderado pelos mais jovens da comunidade em favor da presença da variante [w]. O próprio Labov (2011 [1972]) considerou o recurso do tempo aparente como relevante, principalmente diante da falta de material da comunidade para ser submetido a uma análise em tempo real.

6.2.1.1.2.2 Sexo dos informantes

A Tabela 8 exhibe os resultados do grupo de fatores Sexo dos informantes.

Tabela 8: Sexo dos informantes – variante [w]

Sexo	Oc./Total	%	PR
mulher	502/656	77	0,59
homem	515/744	69	0,41
		<i>range</i>	0,18

Input final: 0,860

Log likelihood: -471,761

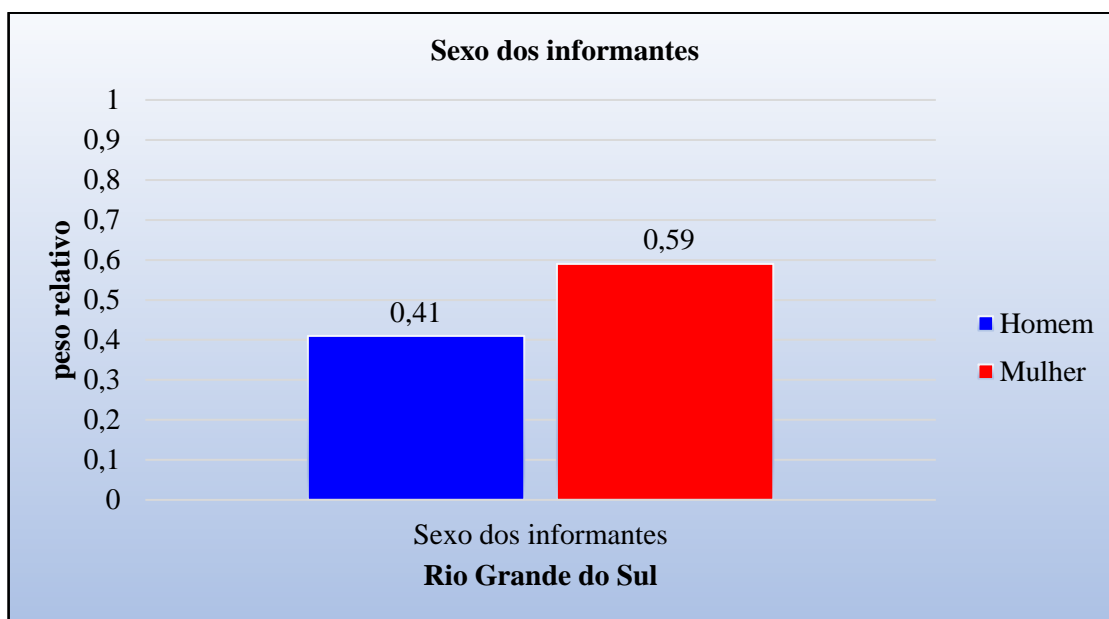
Significância: 0,003

Fonte: Elaboração própria.

Os percentuais de 69% para os homens e de 77% para as mulheres indicaram que a presença da semivocalização marca certo avanço entre os indivíduos dos dois sexos na área sul-rio-grandense.

Apesar do avanço da semivocalização da consoante lateral em final de sílaba nos dois sexos, as mulheres lideraram o emprego da regra de aplicação no estado do Rio Grande do Sul, com uma pequena diferença de oito pontos percentuais em relação aos homens.

O Gráfico 3, a seguir, apresenta os pesos relativos do grupo de fatores Sexo dos informantes para a variante [w]:

Gráfico 3: Sexo dos informantes em pesos relativos – a variante [w]

Fonte: Elaboração própria.

Os valores dos pesos relativos confirmam a liderança das mulheres nos índices de aplicação da semivocalização, visto que, enquanto os homens (0,41) desfavoreceram essa variante, as mulheres (0,59) favoreceram seu emprego.

Ressalte-se que a variante [w] é a mais empregada nos meios de comunicação do país, adotada especialmente pelos grandes telejornais brasileiros, o que contribui para elevá-la à posição de prestígio. O comportamento da mulher no mecanismo de variação linguística verificado na Tabela 8 e no Gráfico 3 encontra respaldo em Labov (2008 [1972]), que sugeriu que as mulheres tendem a usar mais as variantes de prestígio e, em alguns casos, a liderar a inovação linguística quando a forma inovadora não é estigmatizada.

Desse modo, o favorecimento das mulheres (0,59) à semivocalização confirmou a hipótese de que elas poderiam apresentar maior preferência pelo uso da variante mais inovadora em relação aos homens (0,41).

Considerando o que diz Labov (2008 [1972]) e outros estudos sociolinguísticos, a exemplo de Tasca (2002), a respeito da tendência de mulheres favorecerem o uso de variantes inovadoras e/ou prestigiadas nas comunidades, é possível que a semivocalização atue como variante de prestígio no falar sul-rio-grandense, apontando para a direção da mudança linguística.

Dos grupos de fatores sociais correlacionados, a variável Faixa etária dos informantes apresentou efeito forte para a semivocalização, com o *range* de 0,60, em comparação ao *range* de 0,18 obtido pela variável Sexo dos informantes.

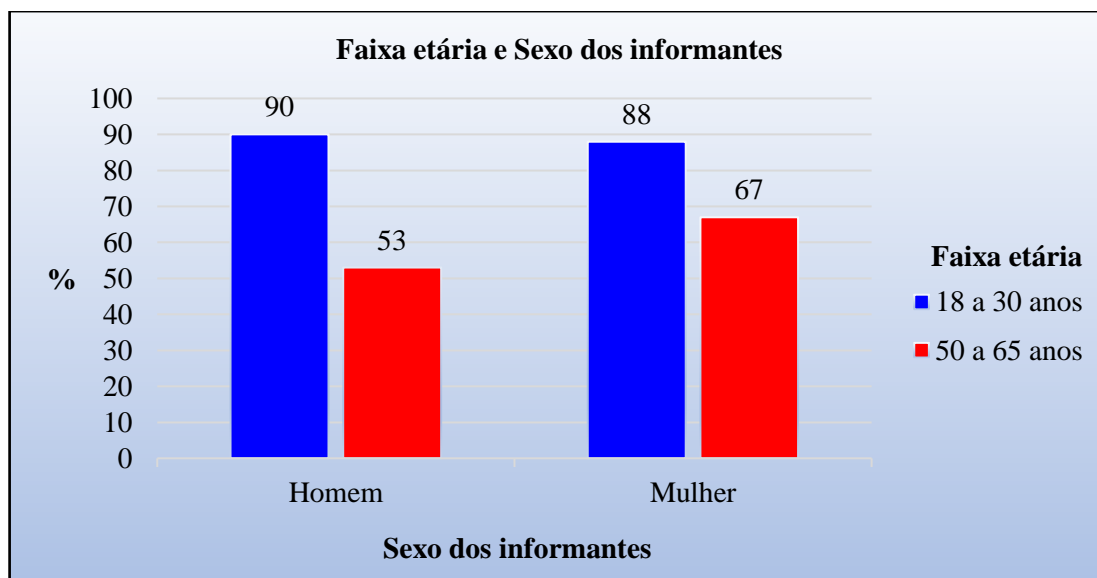
6.2.1.1.3 Cruzamento de grupos de fatores – variante [w]

O cruzamento entre grupos de fatores contribui para a compreensão da interação dos aspectos diatópicos e sociais no comportamento da semivocalização da lateral pós-vocálica /l/. Para tanto, são realizados cruzamentos entre os seguintes grupos de fatores: Faixa etária e Sexo dos informantes; Localidade e Faixa etária dos informantes; Localidade e Sexo dos informantes.

6.2.1.1.3.1 Faixa etária e Sexo dos informantes

O Gráfico 4, a seguir, apresenta o resultado do cruzamento entre os grupos de fatores Faixa etária e Sexo dos informantes.

Gráfico 4: Faixa etária e Sexo dos informantes – variante [w]



Fonte: Elaboração própria.

Observa-se no Gráfico 4 que são os mais jovens, 18 a 30 anos, e as mulheres os responsáveis pelos índices percentuais mais altos de uso da semivocalização no estado do Rio Grande do Sul, visto que a taxa de emprego da variante [w] pelos mais jovens girou em torno

de 90% e pelas mulheres, 67%. Já os homens da faixa etária mais velha atingiram apenas a taxa de 53% na aplicação dessa variante.

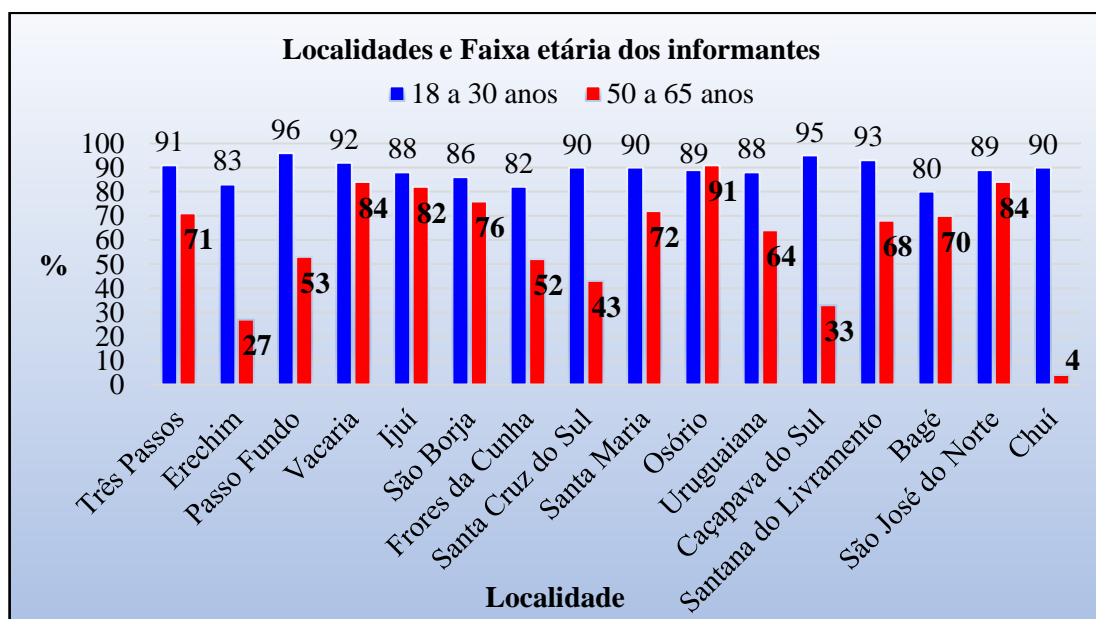
Battisti e Moras (2016) também fizeram o cruzamento entre as variáveis Faixa etária e Sexo dos informantes e observaram que, em Flores da Cunha, tanto em dados dos anos de 1990 quanto em dados dos anos 2008 a 2009, são as mulheres das faixas etárias mais jovens que lideram o emprego da semivocalização na localidade, sendo que os homens mais velhos apresentam baixas proporções da variante.

A preferência da faixa etária de 18 a 30 anos e das mulheres pela semivocalização confirma a hipótese de que esses dois grupos poderiam atuar na liderança do emprego dessa variante e reforça o argumento de que a semivocalização é uma variante inovadora na comunidade.

6.2.1.1.3.2 Localidade e Faixa etária dos informantes

O Gráfico 5 apresenta o cruzamento dos grupos de fatores Localidade e Faixa etária dos informantes, com os percentuais de emprego da semivocalização, permitindo verificar com melhor nitidez os resultados da presença dessa variante em cada uma das localidades sul-riograndense, segundo a faixa etária.

Gráfico 5: Localidade e Faixa etária dos informantes – variante [w]



Fonte: Elaboração própria.

Em todas as localidades do estado do Rio Grande do Sul, os percentuais da variante [w] giraram em torno de 80% a 96% entre os informantes da faixa etária mais jovem, liderando seu emprego praticamente em todas as localidades, exceto na cidade de Osório, onde os mais velhos (91%) da comunidade superaram levemente o índice de uso pelos mais jovens (89%), o que pode indicar maior avanço da semivocalização nessa localidade.

A faixa etária mais velha destaca-se pelos índices de aplicação da semivocalização abaixo de 60% nos municípios de Erechim (27%), Passo Fundo (53%), Flores da Cunha (52%), Santa Cruz do Sul (43%), Caçapava do Sul (33%) e, especialmente, Chuí (4%), situadas no já referido traçado que têm nas extremidades as localidades do Chuí e de Erechim.

Observa-se que as diferenças apresentadas por essas localidades podem ser explicadas pelo fato de os mais velhos dos municípios não apresentarem preferência pela semivocalização, como se verificou especialmente nas localidades Erechim (27%), Santa Cruz do Sul (43%), e Chuí (4%), onde os percentuais ficaram abaixo dos 50%.

O destaque apresentado pelo município do Chuí, criado em 1939, pode ser atribuído ao progresso socioeconômico advindo de sua recente emancipação de Santa Vitória do Palmar no ano de 1995.

O território do Chuí foi centro da área disputada por Espanha e Portugal nos séculos XVIII e XIX e cenário de conflitos bélicos para garantir a posse das terras demarcadas pelos reinos ibéricos, o que resultou na criação do posto militar de Cristóvão Pereira, instalado nessa localidade de fronteira para garantir o domínio português sobre o território, favorecendo o surgimento do povoado ao redor do posto militar.

O município do Chuí brasileiro sempre esteve ligado ao desenvolvimento econômico e cultural do Chuy uruguaio, de modo que a atividade principal das duas cidades é o comércio e o povo é formado por uma mistura de etnias e nacionalidades.

Conforme apontaram Clemente Batalla e Hernández Nilson (2019), ao longo da história de formação dos municípios brasileiros, o Chuí apresenta aspectos únicos como município de fronteira, devido a fatores geográficos, de povoamento e da quase inexistente presença do poder político na localidade, tanto durante o período de domínio colonial quanto durante a fase de formação do Estado nacional no Brasil.

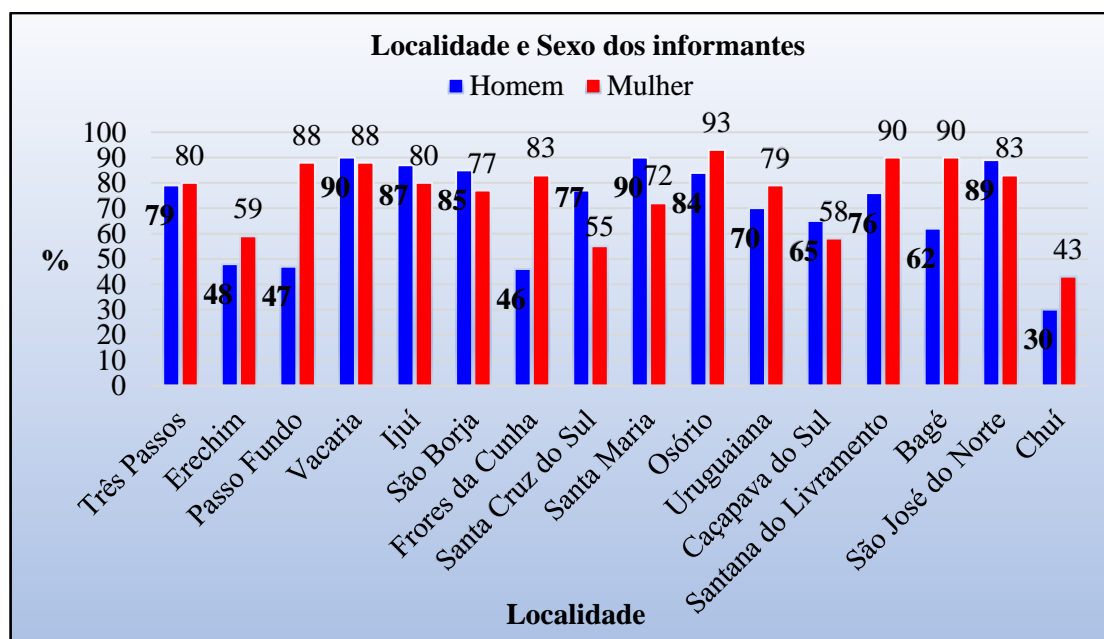
Enquanto o Chuy se encontra bem conectado às demais cidades uruguaias, o Chuí, por muito tempo, experimentou certo isolamento geográfico do restante do território brasileiro, devido a obstáculos naturais. A partir da segunda metade do século XX, com a construção da rodovia BR 471, que liga o Chuí aos demais municípios sul-rio-grandenses, especialmente às cidades Santa Vitória do Palmar e Rio Grande, esse isolamento diminuiu.

Nesse contexto, o Chuí brasileiro, além da introdução de imigrantes vindos do Oriente Médio ainda no início do século XX, historicamente se constituiu na relação com o Chuy uruguaio, favorecendo o contato mais intenso entre a língua portuguesa e a língua espanhola, o que provavelmente possa estar relacionado à diferenciação de emprego da semivocalização na localidade entre os falantes mais jovens (90%) e os mais velhos (4%).

6.2.1.1.3.3 Localidade e Sexo dos informantes

O cruzamento de cada uma das localidades sul-rio-grandenses com o grupo de fatores Sexo dos informantes é exibido a seguir:

Gráfico 6: Localidade e Sexo dos informantes – variante [w]



Fonte: Elaboração própria.

Verificou-se no Gráfico 6 que as mulheres lideraram na aplicação da semivocalização na maioria das localidades do Rio Grande do Sul, especialmente em Passo Fundo (homem, 47%, e mulher, 88%), Flores da Cunha (homem, 46%, e mulher, 83%) e Bagé (homem, 62%, e mulher, 90%), municípios onde as diferenças entre os percentuais de uso da variante [w] pelos dois sexos foram mais acentuadas, o que mostrou o papel inovador das mulheres no emprego da variante [w] em relação aos homens.

Em Santa Cruz do Sul e em Santa Maria, os percentuais de uso da semivocalização pelos homens superam de modo mais significativo os valores obtidos pelas mulheres. No entanto, em

boa parte das localidades, as mulheres, quando não lideraram a aplicação da regra, apresentaram índices percentuais próximos daqueles obtidos pelos homens.

6.2.1.1.4 Fatores linguísticos – variante [w]

A seguir é apresentada a listagem dos grupos de fatores linguísticos selecionados pelo programa Goldvarb X cujos elementos são descritos em ordem de importância atribuída pela ferramenta estatística.

Quadro 10: Grupos de fatores linguísticos selecionados no Rio Grande do Sul – variante [w]

Ordem de importância	Grupos de fatores
2	Altura da vogal precedente
3	Zona de articulação da vogal precedente
4	Zona de articulação da consoante subsequente
7	Modo de articulação da consoante subsequente

Fonte: Elaboração própria.

Com o objetivo de otimizar a análise, procedeu-se à amalgamação de fatores linguísticos para a submissão dos dados a uma nova rodada no Goldvarb X, sendo selecionados os grupos de fatores linguísticos apresentados no Quadro 10, analisados a seguir.

6.2.1.1.4.1 Altura da vogal precedente

Os resultados para o grupo de fatores Altura da vogal precedente são apresentados a seguir:

Exemplos⁵⁰ extraídos do *corpus*: “alto” (a[w]to), “anel” (ane[w]) “filme” (fi[w]me).

Tabela 9: Altura da vogal precedente – variante [w]

Altura da vogal precedente	Oc./Total	%	PR
Baixa	572/709	81	0,68
Média	330/440	75	0,46
Alta	115/251	46	0,12
		<i>range</i>	0,56
<i>Input final</i> : 0,817	<i>Log likelihood</i> : -622,021	<i>Significância</i> : 0,041	

Fonte: Elaboração própria.

⁵⁰ Todos os exemplos apresentados nesta análise são extraídos do banco de dados do Projeto ALiB.

Das variáveis linguísticas selecionadas pelo Goldvarb X, o grupo de fatores Altura da vogal precedente apresentou efeito mais significativo sobre a semivocalização em relação aos demais grupos, com *range* de 0,56.

O fator baixa (0,68) favoreceu a semivocalização, os fatores média (0,46) e alta (0,12) desfavoreceram a variante. No estudo de Espiga (1997), sobre a influência do espanhol na realização da lateral em final de sílaba no português de fronteira da comunidade do Chuí, verificou-se que a variante [w] foi favorecida nos contextos em que as vogais precedentes eram [a] (0,61) e, levemente, [e] (0,54). Nesse mesmo sentido, Leite, Callou e Moraes (2007, p. 425) verificaram que a semivocalização “ocorre mais frequentemente após uma vogal baixa, e inibe-se após a posterior alta arredondada [u]”.

Como não se tratou ainda da variante [ø], não foi possível testar a hipótese de que o apagamento do /l/ em final de sílaba poderia ser favorecido quando precedido de vogais altas. No entanto o fator alta (0,12), principalmente, inibiu a ocorrência da variante [w].

6.2.1.1.4.2 Zona de articulação da vogal precedente

São apresentados a seguir os resultados para o grupo de fatores Zona de articulação da vogal precedente.

Exemplos extraídos do *corpus*: “mel” (me[w]) e “sol” (so[w]).

Tabela 10: Zona de articulação da vogal precedente – variante [w]

Zona de articulação da vogal precedente	Oc./Total	%	PR
Anterior	207/283	73	0,74
Posterior	810/1.117	72	0,43
		<i>range</i>	0,31
<i>Input final: 0,817</i>	<i>Log likelihood: -622,021</i>	<i>Significância: 0,041</i>	

Fonte: Elaboração própria.

A realização vocálica anterior (0,74) favoreceu a semivocalização, enquanto que a realização vocálica posterior (0,43) a desfavoreceu. Collischonn e Quednau (2009), ao analisar a consoante lateral na fala de comunidades da região Sul, encontraram resultados semelhantes, em que principalmente a vogal [ɛ] (0,63) favoreceu a semivocalização e a vogal [u] (0,29) a desfavoreceu.

O valor do *range* foi de 0,31, indicando se tratar de uma variável importante no emprego da variante [w], uma vez que o *range* de menor valor entre os grupos de fatores foi de 0,09, considerado fraco.

O favorecimento da semivocalização diante de realização vocálica anterior (0,74) parece indicar que vogais de maior contraste com a variante [w] quanto à zona de articulação tendem a favorecer a semivocalização, a exemplo de [ɛ], como em “anel”, “mel”, “coronel” etc.

6.2.1.1.4.3 Zona de articulação da consoante subsequente

O grupo de fatores Zona de articulação apresentado a seguir classifica as consoantes do contexto seguinte à lateral pós-vocálica como anterior, média e posterior.

Exemplos extraídos do *corpus*: “soldado”, (so[w]dado), “pólvora” (pó[w]vora) e “alcança” (a[w]cança).

Tabela 11: Zona de articulação da consoante subsequente – variante [w]

Zona de articulação da consoante	Oc./Total	%	PR
Média (alveolares e palatais)	403/495	81	0,60
Anterior (labiais)	196/298	65	0,40
Posterior (velares)	61/92	66	0,29
		<i>range</i>	0,31
<i>Input final: 0,817</i>	<i>Log likelihood: -622,021</i>	<i>Significância: 0,041</i>	

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se que o fator média (0,60) favoreceu a semivocalização da lateral em final de sílaba. Consoantes com características de anterior (0,40) e de posterior (0,29) se mostraram desfavoráveis ao emprego da variante [w] na área do Rio Grande do Sul. O valor do *range* foi de 0,31, indicando se tratar de uma variável importante no emprego da variante [w].

Sá (2006) destacou que o contexto seguinte não interfere tanto na variação do segmento lateral no português brasileiro, mas alguns autores apontam que consoantes alveolares favorecem a semivocalização. Essa tendência também é verificada aqui, visto que as consoantes alveolares compõem o fator média.

O favorecimento da semivocalização por consoantes médias (0,60) confirmou a hipótese de que o agrupamento desses segmentos por lugar de articulação poderia indicar alguma correlação com a realização variável do /l/ em final de sílaba.

6.2.1.1.4.4 Modo da consoante subsequente

Referente ao grupo de fatores Modo da consoante subsequente, a Tabela 12, a seguir, exhibe os resultados para o valor de aplicação [w].

Exemplos extraídos do *corpus*: “alto” (a[w]to), “almoço” (a[w]moço), “alface” (a[w]face).

Tabela 12: Modo da consoante subsequente – variante [w]

Modo da consoante subsequente	Oc./Total	%	PR
Oclusiva	359/465	77	0,52
Nasal	152/205	74	0,49
Fricativa	143/201	71	0,43
		<i>range</i>	0,09
<i>Input final: 0,817</i>	<i>Log likelihood: -622,021</i>	<i>Significância: 0,041</i>	

Fonte: Elaboração própria.

Os fatores oclusiva (0,52) e nasais (0,49) apresentaram pesos relativos com valores muito próximos ao ponto neutro de 0,50. Diante do fator fricativa (0,43), a semivocalização foi desfavorecida. Além de o Modo da consoante subsequente ter sido selecionado pelo programa estatístico em último na ordem de importância, os fatores do grupo apresentam efeito fraco para a variante [w], considerando o valor de 0,09 do *range* em relação aos valores dos *ranges* dos demais grupos.

Destaque-se que as observações e constatações sobre os efeitos das variáveis linguísticas precisam levar em consideração a frequente repetição dos 11 vocábulos que fazem parte das questões fonética-fonológicas do Projeto ALiB: pólvora, almoço, sal, mel, sol, azul, Brasil, soldado, calção, alta, anel. Por um lado, isso favorece a testagem de determinados contextos; por outro, pode levar a uma distribuição desproporcional dos dados entre os fatores das variáveis independentes.

Dentre as variáveis linguísticas correlacionadas na rodada estatística, o grupo de fatores Altura da vogal precedente apresentou efeito forte mais significativo sobre a semivocalização em relação aos demais grupos, com *range* de 0,56.

6.2.1.2 Síntese da semivocalização no Rio Grande do Sul

A síntese da análise pluridimensional da semivocalização nas localidades do Rio Grande do Sul reúne os principais grupos de fatores testados nas rodadas do Goldvarb X, considerando a variável com *range* mais robusto em cada uma das dimensões da variação linguística.

Tabela 13: Principais grupos de fatores para a variante [w] no Rio Grande do Sul

Grupos de fatores		Fatores	%	Pesos relativos
Diatópico	Localidade	Osório	90	0,81
		Vacaria	89	0,79
		Ijuí	84	0,76
		São José do Norte	86	0,75
		São Borja	81	0,66
		Santa Maria	81	0,66
		Três Passos	80	0,64
		Santana do Livramento	82	0,58
		Bagé	75	0,50
		Uruguaiana	74	0,50
		Passo Fundo	65	0,41
		Flores da Cunha	66	0,28
		Santa Cruz do Sul	65	0,27
		Caçapava do Sul	61	0,21
		Erechim	53	0,16
Chuí	36	0,08		
		<i>range</i>	0,73	
Social	Faixa etária	18 a 30 anos	89	0,82
		50 a 65 anos	59	0,22
			<i>range</i>	0,60
Linguístico	Altura da vogal precedente	Baixa	81	0,61
		Média	75	0,46
		Alta	46	0,12
			<i>range</i>	0,56

Fonte: Elaboração própria.

Com base no valor do *range*, a Tabela 13 apresenta a variável independente de efeito mais forte em cada uma das dimensões diatópica, social e linguística da variação para o emprego da semivocalização do /l/ em final de sílaba, destacando-se os grupos de fatores Localidade, Faixa etária e Altura da vogal precedente.

Verifica-se que, no balanço dos fatores favorecedores da variante semivocalizada na área sul-rio-grandense, a aplicação da variante [w] nos dados do Projeto ALiB foi favorecida

pela faixa etária jovem (0,82), de 18 a 30 anos, e pelas oito localidades descritas na Tabela 13 (Osório (0,81), Vacaria (0,79), Ijuí (0,76), São José do Norte (0,75), São Borja (0,66), Santa Maria (0,66), Três Passos (0,64) e Santana do Livramento (0,58)).

Esse favorecimento também se deu quando a consoante lateral foi precedida de vogal baixa (0,61).

O avanço da semivocalização do /l/ em final de sílaba no estado sul-rio-grandense apresentou um direcionamento que vai tanto da região litorânea quanto da região de limites de fronteira, exceto no Chuí, ao interior desse território.

Nesse sentido, a semivocalização apresenta-se como variante inovadora devido ao fato de já se encontrar bem assentada na fala dos informantes da faixa etária jovem (89%) da comunidade, 18 a 30 anos, cujo comportamento indicou exercer papel importante nos indícios de mudança em favor da variante [w] na comunidade sul-rio-grandense.

6.2.2 /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [ɫ]

Verifica-se a presença da variante velarizada [ɫ] da consoante lateral em final de sílaba cujos resultados em relação às demais variantes do segmento ([w], [ø], [r] e [lⁱ]) são apresentados a seguir:

Tabela 14: /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [ɫ]

Estados	Velarizada	Demais variantes	Totais
Rio Grande do Sul			
N	192	1.208	1.400
%	14	86	100

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que a variante velarizada da lateral em final de sílaba foi registrada em 192 dados, representando 14% do total das 1.400 ocorrências registradas nas localidades do Rio Grande do Sul. A velarização do segmento é a variante em segundo lugar no número de ocorrências, de modo que se registra a presença de outras variantes em 86% dos dados.

6.2.2.1 Análise pluridimensional do /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [ɫ]

Para o conhecimento do comportamento da realização velarizada [ɫ] do /l/ pós-vocálico, procede-se à análise da interação dos fatores coocorrentes dessa variante, submetendo os dados

ao processamento estatístico do programa computacional Goldvarb X. Desse modo, o *input* inicial apresentado foi de 0,137.

Os resultados são descritos levando-se em conta os aspectos espacial ou diatópico, social e linguístico da variação. São apresentados também o cruzamento entre os grupos de fatores diatópico e social selecionados. Destaque-se também que é feita a amalgamação de fatores das variáveis linguísticas.

6.2.2.1.1 Fatores diatópicos – variante [ɫ]

A seguir são apresentados os grupos de fatores diatópicos selecionados no confronto entre a velarização e as demais variantes, de acordo com a ordem de importância atribuída a cada um deles pelo programa computacional.

Quadro 11: Grupos de fatores diatópicos selecionados – variante [ɫ]

Ordem de importância	Grupos de fatores
2	Localidade
3	Região

Fonte: Elaboração própria.

Foram selecionadas pelo Goldvarb X as variáveis diatópicas Localidade e Região cujos resultados são apresentados a seguir, destacando-se que a seleção dessas variáveis se deu a partir de rodadas diferentes, com a presença de apenas um dos grupos em cada rodada.

6.2.2.1.1.1 Localidade

As localidades de Vacaria e de São José do Norte apresentaram *knockout*, visto que marcaram ausência da variante [ɫ] da lateral em final de sílaba. Nesse sentido, a seguir são exibidos os resultados em percentuais e em pesos relativos para cada uma das localidades onde ocorreu a realização velarizada.

Tabela 15: Localidade – variante [ɣ]

Localidade	Oc./Total	%	PR
Chuí	50/112	45	0,89
Erechim	29/91	32	0,84
Caçapava do Sul	23/82	28	0,78
Flores da Cunha	19/88	22	0,70
Santa Cruz do Sul	11/68	16	0,60
Santana do Livramento	11/99	11	0,55
Três Passos	17/112	15	0,53
Uruguaiana	7/68	10	0,43
Bagé	5/63	8	0,41
Passo Fundo	10/94	11	0,39
São Borja	4/64	6	0,34
Santa Maria	2/59	3	0,18
Ijuí	3/102	3	0,15
Osório	1/96	1	0,06
Vacaria	0/93	0	----
São José do Norte	0/109	0	----
		<i>range</i>	0,83

Input final: 0,050

Log likelihood: -356,428

Significância: 0,003

Fonte: Elaboração própria.

O *range* apresentou robustez, com valor de 0,83, indicando que a variável Localidade tem efeito forte sobre a velarização no Rio Grande do Sul.

A Tabela 15 mostra que apenas seis localidades apresentaram pesos relativos favoráveis à variante [ɣ] da lateral em final de sílaba: Chuí, com 0,89; Erechim, com 0,84; Caçapava do Sul, com 0,78; Flores da Cunha, com 0,70; Santa Cruz do Sul, com 0,60 e Santana do Livramento, com 0,55, tendo Três Passos, com 0,53 de peso relativo, obtido valor próximo ao ponto neutro de 0,50, favorecendo muito levemente a variante.

Os municípios de Vacaria e de São José do Norte não apresentaram ocorrência da lateral velarizada, ou seja, a variante mais conservadora da lateral em final de sílaba não foi registrada na fala dos informantes desses municípios, indicando um comportamento mais inovador das duas localidades no emprego do /l/ pós-vocálico, as quais foram acompanhadas por Osório (0,06), Ijuí (0,15), Santa Maria (0,18), São Borja (0,34), Passo Fundo (0,39), Bagé (0,41), Uruguaiana (0,43), que desfavoreceram a variante velarizada.

Considere-se que o povoamento de Vacaria, ocupada por portugueses por volta da segunda metade do século XVIII, foi favorecido pela abertura de estradas que ligavam o nordeste sul-rio-grandense às atuais capitais dos estados do Paraná e de São Paulo. A abertura dessas estradas foi motivada principalmente pelo comércio de gado, que necessitava de

passagem para as tropas com os rebanhos. Nesse sentido, a participação majoritária do elemento português e de seus descendentes no povoamento da região e o progresso local experimentado desde a fundação do município, com importante ligação com as demais regiões do Brasil, são fatores que podem estar relacionados ao comportamento menos conservador no uso da varável.

No que tange ao município de São José do Norte, o povoamento do território da localidade teve início a partir da chegada dos açorianos, que se dedicavam ao cultivo da terra. Conforme têm apontado as pesquisas sociolinguísticas, as áreas sul-rio-grandenses colonizadas por açorianos apresentam comportamento mais inovador no uso do /l/ em final de sílaba, com preferência pela variante [w], do que aquelas colonizadas por imigrantes estrangeiros, especialmente alemães e italianos.

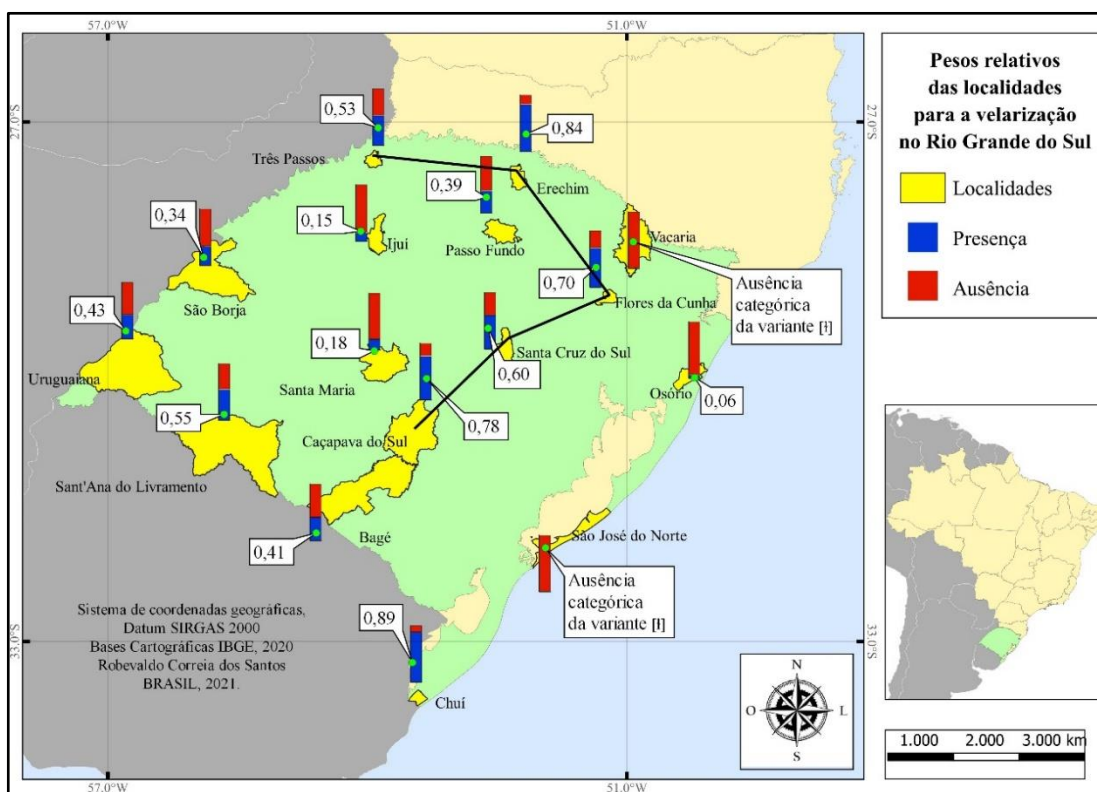
Noutra direção, destaca-se o município do Chuí com 50 ocorrências da variante velarizada, o que representou aproximadamente 26% dos 192 dados dessa variante registrados no estado do Rio Grande do Sul e 45% do total de dados da cidade.

Aqui se retomou o que já se disse anteriormente sobre o Chuí de que, por muito tempo, experimentou certo isolamento geográfico do restante do território brasileiro, devido a obstáculos naturais. A partir da segunda metade do século XX, com a construção da rodovia BR 471, que liga o Chuí aos demais municípios sul-rio-grandenses, especialmente às cidades Santa Vitória do Palmar e Rio Grande, esse isolamento diminuiu. Associe-se a isso o fato de que historicamente o município brasileiro se constituiu na relação com o Chuy uruguaio, favorecendo o contato mais intenso entre a língua portuguesa e a língua espanhola, o que provavelmente pode estar relacionado ao favorecimento do Chuí (0,89) à variante mais conservadora [ɫ] na localidade.

Em relação à Santana do Livramento, fundado em 30 de julho de 1823, o município passou a receber a contribuição dos imigrantes italianos no início da segunda metade do século XIX, sobretudo a partir do acontecimento da imigração italiana que atingiu diversas áreas do estado do Rio Grande do Sul, fator que, somado à condição de município de fronteira com o Uruguai, país de língua espanhola, pode ter contribuído para o atual quadro de variação da lateral em final de sílaba na localidade.

A Figura 53, a seguir, oferece um panorama da distribuição diatópica da presença da variante velarizada do segmento lateral em final de sílaba a partir dos pesos relativos apresentados em cada uma das localidades. Foi acrescentado um traçado para destacar as localidades favorecedoras da variante.

Figura 53: Pesos relativos das localidades do Rio Grande do Sul – variante [ɥ]



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Na Figura 53, com os pesos relativos das localidades, como já mencionado, observa-se a ausência categórica da variante [ɥ] nos municípios de Vacaria, na divisa com o estado de Santa Catarina, e de São José do Norte, no litoral sul-rio-grandense, bem como o forte desfavorecimento da variante na cidade litorânea de Osório (0,06). Assim como São José do Norte, a localidade de Osório também foi povoada inicialmente por açorianos, como ocorreu com a grande parte dos municípios litorâneos do Rio Grande do Sul.

A Tabela 16 apresenta a relação entre a participação étnica na formação das localidades e os pesos relativos favorecedores da variante [ɥ].

Tabela 16: Participação étnica na formação sócio-histórica das localidades sul-rio-grandenses do Projeto ALiB, com pesos relativos do grupo de fatores Localidade – variante [H]

Localidades	Surgimento do povoado	Participação alemã e/ou italiana	Criação do município	Data da presença alemã e/ou italiana	Pesos relativos
Chuí	1939	----	1995	----	0,89
Erechim	1908	sim	1918	1910	0,84
Caçapava do Sul	1800	não	1831	1875	0,78
Flores da Cunha	1878	sim	1924	1877	0,70
Santa Cruz do Sul	1859	sim	1877	1849	0,60
Santana do Livramento	1823	não	1857	1870	0,55
Três Passos	1879	sim	1944	1930	0,53

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que, dos seis municípios favorecedores da velarização da lateral, três deles (Erechim, Flores da Cunha e Santa Cruz do Sul) tiveram participação mais intensas de imigrantes estrangeiros, com data da presença alemã e/ou italiana próxima ao período de surgimento do povoado, podendo também incluir Três Passos, que apresentou um leve favorecimento da variante [H]. O Chuí e Santana do Livramento situam-se em limite de fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Nesse sentido, entre o surgimento do povoado e a criação do município, a participação estrangeira na formação das comunidades e o contato mais intenso com o espanhol de fronteira são fatores que provavelmente contribuíram para a conservação da variante [H] nessas localidades sul-rio-grandenses.

Nessa observação qualitativa pode-se destacar ainda o importante papel do município de Caçapava do Sul na história do Rio grande do Sul, no sentido de que a localidade foi palco de importantes acontecimentos, a exemplo da Guerra dos Farrapos, na qual foi elevada à categoria de capital farroupilha entre 1839 e 1840 e posteriormente retomada pelas tropas oficiais devido à sua localização estratégica tanto para o movimento revolucionário quanto para as forças do Governo. Some-se a isso o grande movimento de exploração de suas terras para a extração de cobre a partir da década de 1940. Esses foram fatos que contribuíram para intensas movimentações de pessoas na região do município ao longo de sua história, o que possivelmente refletiu na conservação da variante [H], sobretudo devido à chegada de grande fluxo de imigrantes estrangeiros para exploração de minérios na localidade de Caçapava do Sul.

Das localidades situadas nos limites de fronteira, apenas as comunidades do Chuí (0,89) e Santana do Livramento (0,55) apresentaram pesos relativos favorecedores da variante

velarizada. Nessa direção, os municípios localizados no já referido traçado que vai de Caçapava do Sul (0,78) à cidade de Erechim (0,84) se mostraram favorecedores da variante velarizada, exceto Passo Fundo (0,39) que desfavoreceu o emprego da variante [ɫ]: Flores da Cunha (0,70); Santa Cruz do Sul (0,60); e, muito levemente, Três Passos (0,53).

Desse modo, no que diz respeito ao território sul-rio-grandense, confirma-se a hipótese de que as localidades poderiam apresentar diferenças entre si na realização da variável, indicando o favorecimento da variante velarizada por seis das 16 localidades investigadas.

6.2.2.1.1.2 Região

A Tabela 17, a seguir, sistematiza os resultados da variante velarizada da lateral pós-vocálica por região de fronteira e de não fronteira. Nesta rodada, foi retirada a variável Localidade e incluída a variável Região.

Tabela 17: Região – variante [ɫ]

Região	Oc./Total	%	PR
Região de fronteira	77/406	19	0,62
Região de não fronteira	115/994	12	0,44
		<i>range</i>	0,18
<i>Input final: 0,072</i>		<i>Log likelihood: -455,433</i>	
		<i>Significância: 0,044</i>	

Fonte: Elaboração própria.

A variante [ɫ] foi favorecida pela Região de fronteira (0,62) e desfavorecida pela Região de não fronteira (0,44). Em algumas localidades de não fronteira, a velarização já não é realizada, a exemplo de Vacaria e de São José do Norte. Se comparado à variável Localidade, o grupo de fatores Região apresenta efeito fraco para a variante velarizada, com *range* de 0,18.

Esses resultados mostraram que os falantes de cidades de limite de fronteira (0,62) favorecem a velarização do /l/ em final de sílaba em relação aqueles de comunidades não fronteiriças (0,44), confirmando a hipótese de que poderia haver diferenças na realização da variável dependente entre essas localidades, sobretudo por influência do contato com o espanhol, das relações interculturais que se estabelecem entre as cidades de fronteira brasileiras e as cidades de outros países vizinhos, a exemplo do Chuí, e do processo sócio-histórico de formação das localidades.

6.2.2.1.2 Fator social – variante [H]

A seguir é apresentado o grupo de fatores social selecionado no confronto entre a velarização e as demais variantes, com a ordem de importância atribuída pelo programa computacional.

Quadro 12: Grupo de fatores social selecionado – variante [H]

Ordem de importância	Grupo de fatores
1	Faixa etária dos informantes

Fonte: Elaboração própria.

A Faixa etária dos informantes foi a única variável social selecionada pelo programa Goldvarb X.

6.2.2.1.2.1 Faixa etária dos informantes

A Tabela 18, a seguir, apresenta os resultados para o grupo de fatores Faixa etária dos informantes, de modo que, dos 192 dados da realização velarizada na área sul-rio-grandense, a faixa etária mais jovem, 18 a 30 anos, foi responsável por apenas 11 ocorrências, enquanto os mais velhos, 50 a 65 anos, computaram 181 registros.

Tabela 18: Faixa etária dos informantes – variante [H]

Faixa etária	Oc./Total	%	PR
50 a 65 anos	181/767	23	0,80
18 a 30 anos	11/633	2	0,14
<i>range</i>			0,66
<i>Input final: 0,050</i>		<i>Log likelihood: -356,428</i>	<i>Significância: 0,003</i>

Fonte: Elaboração própria.

Desse modo, os mais velhos (0,80) favoreceram a velarização enquanto os mais jovens (0,14) desfavoreceram a variante no dialeto sul-rio-grandense. O valor de 0,66 obtido pelo *range* indica o forte efeito da variável sobre a velarização no estado.

A faixa etária mais jovem, 18 a 30 anos, apresentou índice de uso da variante velarizada muito baixo (2%), variante que é conservada na fala dos mais velhos, 50 a 65 anos, com frequência de 27%, ou seja, sendo desfavorecida pelos mais jovens (0,14) e favorecida pelos

mais velhos (0,80) da comunidade, caracterizando indícios de um processo de mudança em desfavor da velarização.

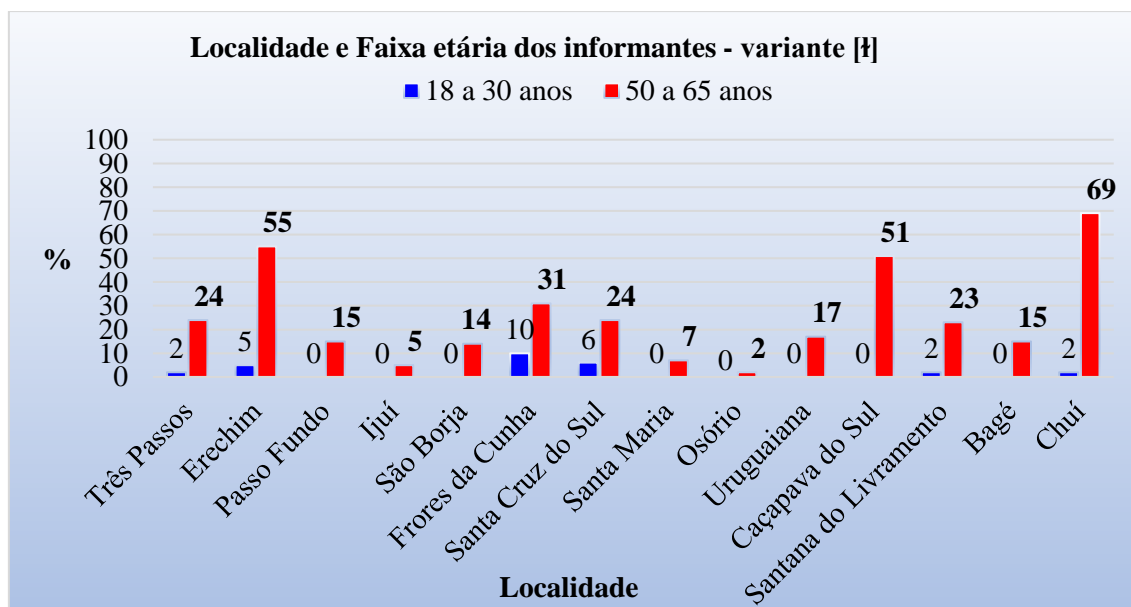
6.2.2.1.3 Cruzamento de grupos de fatores – variante [ʃ]

Com o objetivo de refinar um pouco mais a análise, é realizado o cruzamento entre os grupos de fatores Localidade e Faixa etária dos informantes.

6.2.2.1.3.1 Localidade e Faixa etária dos informantes

O cruzamento entre os grupos de fatores diatópico e social possibilitou a compreensão do comportamento da variante velarizada por faixa etária nas localidades investigadas. Nesse sentido, analisa-se, a seguir, o comportamento das faixas etárias em cada uma das localidades sul-rio-grandenses.

Gráfico 7: Localidade e Faixa etária dos informantes – variante [ʃ]



Fonte: Elaboração própria.

A faixa etária mais velha lidera a frequência de uso da variante velarizada em todas as localidades, com destaque para Erechim (55%), Caçapava do Sul (51%) e, especialmente, Chuí (69%).

A faixa etária jovem já não emprega a variante velarizada em boa parte dos municípios analisados, sendo que, em apenas seis das dezesseis localidades da pesquisa, os mais jovens apresentaram baixos índices de uso da variante [ɫ], com valores entre 2% e 10% de aplicação.

Como já dito, o quadro variável apresentado nas localidades associado ao alto grau de desfavorecimento da variante [ɫ] pelos jovens (0,14) parece indicar um processo de mudança em progresso, em que os mais jovens das localidades têm abandonado a velarização em prol de uma das variantes do grupo que marca sua ausência na realização do /l/ em final de sílaba.

6.2.2.1.4 Fatores linguísticos – variante [ɫ]

A seguir são apresentados os grupos de fatores linguísticos selecionados no confronto entre a velarização e as demais variantes, de acordo com a ordem de importância atribuída a cada um deles pelo programa computacional.

Quadro 13: Grupos de fatores linguísticos selecionados – variante [ɫ]

Ordem de importância	Grupos de fatores
2	Zona de articulação da vogal precedente
4	Extensão do vocábulo

Fonte: Elaboração própria.

No tocante às variáveis linguísticas, após a amalgamação de fatores, foram selecionados os seguintes grupos na nova rodada de análise: Zona de articulação da vogal precedente e Extensão do vocábulo, além dos grupos de fatores diatópico e social já discutidos.

6.2.2.1.4.1 Zona de articulação da vogal precedente

Os resultados para o grupo de fatores Zona de articulação da vogal precedente são apresentados a seguir.

Exemplos extraídos do *corpus*: “Brasil” (Brasi[ɫ]) e “volta” (vo[ɫ]ta).

Tabela 19: Zona de articulação da vogal precedente – variante [ɫ]

Zona de articulação da vogal precedente	Oc./Total	%	PR
Anterior	58/283	20	0,65
Posterior	134/1.117	12	0,45
		<i>range</i>	0,20
<i>Input final: 0,072</i>	<i>Log likelihood: -455,433</i>	<i>Significância: 0,044</i>	

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados exibidos na Tabela 19 mostram o favorecimento de vogais anteriores [0,65] à velarização do /l/ em final de sílaba, enquanto que as vogais posteriores (0,45) desfavoreceram a variante. O valor do *range* relativamente baixo (0,20) mostra o efeito fraco da varável sobre a velarização no Rio Grande do Sul.

6.2.2.1.4.2 Extensão do vocábulo

A Tabela 20 exhibe os resultados para o grupo de fatores Extensão do vocábulo. Exemplos extraídos do *corpus*: “mel” (me[ɫ]) e “papel” (pape[ɫ]).

Tabela 20: Extensão do vocábulo – variante [ɫ]

Extensão do vocábulo	Oc./Total	%	PR
Monossílabo	46/251	18	0,58
Não monossílabo	146/1.149	13	0,48
		<i>range</i>	0,10
<i>Input final: 0,072</i>	<i>Log likelihood: -455,433</i>	<i>Significância: 0,044</i>	

Fonte: Elaboração própria.

Levando em consideração os valores dos pesos relativos, verifica-se que os vocábulos com uma (0,58) favoreceram a realização velarizada do /l/, enquanto que os vocábulos com mais de uma sílaba (0,48) desfavoreceram a variante. No entanto a proximidade dos valores tanto entre os pesos relativos quanto entre os percentuais não permite conclusões definitivas. O valor de 0,10 do *range* revela o efeito fraco que a variável apresenta para a velarização do segmento.

Como observado, as variáveis linguísticas selecionadas pelo Goldvarb X exerceram um efeito fraco sobre a velarização no estado do Rio Grande do Sul.

6.2.2.2 Síntese da variante [ɫ] no Rio Grande do Sul

A seguir, os principais grupos de fatores para a presença da variante velarizada nas localidades do Rio Grande do Sul são reunidos na Tabela 21.

Tabela 21: Principais grupos de fatores para a variante [ɫ] no Rio Grande do Sul

Grupos de fatores		Fatores	%	Pesos relativos
Diatópico	Localidade	Chuí	45	0,89
		Erechim	32	0,84
		Caçapava do Sul	28	0,78
		Flores da Cunha	22	0,70
		Santa Cruz do Sul	16	0,60
		Santana do livramento	11	0,55
		Três Passos	15	0,53
		Uruguaiana	10	0,43
		Bagé	8	0,41
		Passo Fundo	11	0,39
		São Borja	6	0,34
		Santa Maria	3	0,18
		Ijuí	3	0,15
		Osório	1	0,06
		Vacaria	0	----
		São José do Norte	0	----
	Três Passos	<i>range</i>	0,83	
Social	Faixa etária	50 a 65 anos	23	0,80
		18 a 30 anos	2	0,14
		<i>range</i>		0,66
Linguístico	Zona de articulação da vogal precedente	Anterior	20	0,68
		Posterior	12	0,45
		<i>range</i>		0,20

Fonte: Elaboração própria.

A partir dos valores dos *ranges*, a Tabela 21 apresenta as variáveis independentes de efeitos mais significativos em cada uma das dimensões da variação, com os fatores favorecedores da velarização no Rio Grande do Sul e seus respectivos percentuais e pesos relativos.

A ordenação dos valores dos *ranges* indica uma escala decrescente dos efeitos das variáveis sobre a velarização do /l/ em final de sílaba no estado: Localidade (0,83), Faixa etária (0,66) e Zona de articulação da vogal precedente (0,20). Considerando o efeito fraco do grupo

de fatores linguístico sobre a variante, pode-se dizer que a velarização da lateral ocorre principalmente devido às forças diatópica e social sobre a variável dependente.

Os índices da variante velarizada nas seis localidades favorecedoras se mantiveram entre 11% e 45%, sendo o Chuí, município de fronteira, o de maior percentual de emprego da variante. Como dito anteriormente, o isolamento político, geográfico e cultural experimentado pelo Chuí promoveu o contato mais intenso entre a língua portuguesa e a língua espanhola, o que provavelmente pode estar relacionado ao favorecimento do Chuí (0,89) à variante mais conservadora [ʎ] na localidade.

A faixa etária mais velha (0,80) foi a principal responsável pela manutenção da variante [ʎ] nas localidades, especialmente em vocábulos nos quais a vogal precedente apresenta o traço de anterior (0,68), contrastando com a articulação posterior do /l/ velarizado ([ʎ]).

Os resultados apontaram para a manutenção da realização velarizada do /l/ em final de sílaba no estado, sendo preservada na fala da faixa etária mais velha (23%), 50 a 65 anos, e muito pouco empregada pelos falantes da faixa etária jovem (2%), 18 a 30 anos, das comunidades sul-rio-grandenses analisadas, o que caracteriza o Rio Grande do Sul como conservador na realização da consoante, sobretudo pelo favorecimento da velarização pelos mais velhos (0,80) da comunidade.

6.2.3 /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante apagamento ([ø])

O apagamento da lateral pós-vocálica /l/ apresentou ocorrências em todas as localidades do Projeto ALiB no estado do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, a tarefa nesta seção é verificar a correlação entre essa variante e os fatores coocorrentes na fala dos informantes das comunidades sul-rio-grandenses.

A seguir são apresentados os números de ocorrência e os percentuais de frequência da variante [ø] e das demais variantes no dialeto sul-rio-grandense.

Tabela 22: /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul

Estados	Apagamento	Demais variantes	Totais
Rio Grande do Sul			
N	138	1.262	1.400
%	10	90	100

Fonte: Elaboração própria.

Com registros de ocorrências em todas as localidades investigadas, o apagamento representa 10% do total de 1.400 dados da lateral em final de sílaba, de modo que as demais variantes somam 90% desse total.

Para conhecer o comportamento do apagamento da lateral em final de sílaba, realiza-se a seguir a análise estatística dessa variante no Rio Grande do Sul.

6.2.3.1 Análise linguística do /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [ø]

O processamento estatístico dos dados pelo programa Goldvarb X teve a variante [ø] como valor de aplicação confrontada às demais variantes do segmento consonantal. A análise apresentou o *input* inicial de 0,099. A submissão estatística do *corpus* nas rodadas iniciais apresentou uma distribuição desproporcional dos dados entre os grupos de fatores linguísticos. Nesse sentido, com o objetivo de solucionar tal questão, foi realizada a junção de fatores das variáveis linguísticas.

O programa estatístico selecionou como importantes para o apagamento do /l/ em final de sílaba somente grupos de fatores linguísticos, o que direciona o tratamento da coocorrência da variante e das variáveis para a dimensão linguística da variação, uma vez que essa variante foi condicionada apenas linguisticamente, não teve condicionamento social nem diatópico.

6.2.3.1.1 Fatores linguísticos – variante [ø]

São apresentados a seguir os grupos de fatores linguísticos selecionados pelo programa computacional, respeitando a ordem de importância atribuída estatisticamente.

Destaque-se que Brandão (2008), ao analisar a fala popular do Rio de Janeiro, também identificou que somente variáveis estruturais se mostraram atuantes para o apagamento do segmento lateral. Nesse mesmo sentido, Collischonn e Quednau (2009) verificaram na fala de comunidades da região Sul que apenas as variáveis Acento e Contexto precedente se mostraram importantes para a variante.

Quadro 14: Grupos de fatores linguísticos selecionados – variante [ø]

Ordem de importância	Grupos de fatores
1	Altura da vogal precedente
2	Zona de articulação da vogal precedente
3	Modo da consoante subsequente
4	Extensão do vocábulo
5	Posição no vocábulo
6	Zona de articulação da consoante subsequente
7	Tonicidade da sílaba

Fonte: Elaboração própria.

Como o programa computacional selecionou somente grupos de fatores linguísticos para a variante [ø], a seguir é realizada a análise de cada um deles.

6.2.3.1.1.1 Altura da vogal precedente

Os resultados para o grupo de fatores Altura da vogal precedente são apresentados na Tabela 23:

Exemplos extraídos do *corpus*: “azul” (azu[ø]), “solteiro” (so[ø]teiro) e “calções” (ca[ø]ções).

Tabela 23: Altura da vogal precedente – variante [ø]

Altura da vogal precedente	Oc./Total	%	PR
Alta	96/251	38	0,97
Média	32/440	7	0,68
Baixa	10/709	1	0,14
		<i>range</i>	0,83

Input final: 0,021

Log likelihood: -231,131

Significância: 0,024

Fonte: Elaboração própria.

Com 0,97 de peso relativo, a realização vocálica alta, a exemplo de [u] em vocábulos como “azul”, favoreceu semicategoricamente o apagamento do /l/ em final de sílaba, assim como vogais médias (0,68) também favoreceram a variante. A vogal baixa (0,14) desfavoreceu o apagamento da lateral.

Collischonn e Quednau (2009) observaram que o apagamento do /l/ em final de sílaba foi favorecido principalmente diante da vogal [u] (0,92) na fala de comunidades do sul do Brasil e consideram que “[...] realizações do tipo [uw] tendem a ser evitadas, resultando em uma preferência por uma realização [uø] neste caso”.

O *range* robusto de 0,83 indica o efeito forte da variável Altura da vogal precedente sobre o apagamento do /l/ em final de sílaba no Rio Grande do Sul.

Esses resultados confirmaram a hipótese de que o apagamento do /l/ em final de sílaba poderia ser favorecido quando precedido de vogais altas, a exemplo da vogal [u].

6.2.3.1.1.2 Zona de articulação da vogal precedente

Os resultados para o grupo de fatores Zona de articulação da vogal precedente são apresentados a seguir.

Exemplos extraídos do *corpus*: “desculpe” (descu[ø]pe), “fenomenal” (fenomena[ø]) e “hotel” (hote[ø]).

Tabela 24: Zona de articulação da vogal precedente – variante [ø]

Zona de articulação da vogal precedente	Oc./Total	%	PR
Posterior	124/1.117	11	0,69
Anterior	14/283	5	0,40
		<i>range</i>	0,29
<i>Input</i> final: 0,021	<i>Log likelihood</i> : -231,131	Significância: 0,024	

Fonte: Elaboração própria.

Esses resultados confirmaram que o traço de posterior (0,69) da vogal precedente foi favorecedor do apagamento do /l/ em final de sílaba. O traço de anterior da vogal precedente, com 0,40 de peso relativo, desfavoreceu a variante.

Resultados semelhantes foram apresentados por Pinho e Margotti (2010, p. 80), em que constataram que as vogais [o], [ɔ] e [u] constituem os contextos precedentes que favorecem o apagamento da lateral, ou seja, “[...] claramente se vê que as vogais posteriores são aquelas que, por motivos estruturais, fazem a lateral passar por seu último estágio evolutivo”.

Desse modo, confirma-se a hipótese de que o apagamento da consoante poderia ser favorecido quando precedido de vogais mais posteriores, sobretudo pelo compartilhamento da propriedade articulatória posterior entre as variantes do /l/ em final de sílaba e as vogais posteriores, especialmente o [u], resultando no apagamento da lateral.

6.2.3.1.1.3 Modo da consoante subsequente

Os resultados para o grupo de fatores Modo da consoante subsequente à variável são organizados na Tabela 25.

Exemplos extraídos do *corpus*: “pólvora” (pó[ø]vora), “pulmão” (pu[ø]mão) e “soldado” (so[ø]dado).

Tabela 25: Modo da consoante – variante [ø]

Modo da consoante	Oc./Total	%	PR
Fricativa	30/201	15	0,81
Nasal	12/205	6	0,43
Oclusiva	26/465	6	0,37
		<i>range</i>	0,44
<i>Input final: 0,021</i>	<i>Log likelihood: -231,131</i>	<i>Significância: 0,024</i>	

Fonte: Elaboração própria.

Conforme se verificou, o apagamento da lateral foi favorecido por consoante fricativa (0,81). As consoantes nasais (0,43) e oclusivas (0,37) mostraram-se desfavorecedoras da variante. O *range* de 0,44 mostra o efeito significativo da variável sobre o apagamento do /l/ em final de sílaba no falar sul-rio-grandense.

Confirma-se a hipótese de que o modo de articulação da consoante subsequente poderia ser um dos fatores linguísticos correlacionados à realização do /l/ em final de sílaba.

6.2.3.1.1.4 Extensão do vocábulo

A Tabela 26 apresenta os resultados dos percentuais de ocorrência da variante [ø] e os pesos relativos do grupo de fatores Extensão do vocábulo.

Exemplos extraídos do *corpus*: “farol” (faro[ø]), “saudável” (saudáve[ø]) e “sol” (so[ø]).

Tabela 26: Extensão do vocábulo – variante [ø]

Extensão do vocábulo	Oc./Total	%	PR
Não monossílabo	132/1.149	11	0,59
Monossílabo	6/251	2	0,14
		<i>range</i>	0,45
<i>Input final: 0,021</i>	<i>Log likelihood: -231,131</i>	<i>Significância: 0,024</i>	

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que os vocábulos de maior extensão, com duas ou mais sílabas (0,59), favorecem o apagamento do /l/ pós-vocálico, enquanto que os de apenas uma sílaba (0,14) desfavorecem a variante [ø].

Os resultados confirmam a hipótese de que os vocábulos com maior extensão poderiam favorecer o apagamento do segmento lateral nas comunidades. A variável Extensão do vocábulo apresentou efeito significativo sobre o apagamento da lateral em final de sílaba no Rio Grande do Sul, com *range* de 0,45.

6.2.3.1.1.5 Posição no vocábulo

A Tabela 27 reúne os resultados do grupo de fatores Posição no vocábulo.

Exemplos extraídos do *corpus*: “azul” (azu[ø]), “solteiro” (so[ø]teiro).

Tabela 27: Posição no vocábulo – variante [ø]

Posição no vocábulo	Oc./Total	%	PR
Final	82/731	11	0,72
Medial	56/669	8	0,25
		<i>range</i>	0,47
<i>Input final:</i> 0,021	<i>Log likelihood:</i> -231,131	<i>Significância:</i> 0,024	

Fonte: Elaboração própria.

A posição final de vocábulo (0,72) favoreceu o apagamento da lateral e a posição medial (0,25) desfavoreceu a variante. O valor do *range* (0,47) indica que a posição no vocábulo é uma variável linguística de efeito importante sobre o apagamento do /l/ em final de sílaba no Rio Grande do Sul, confirmando a hipótese de que a posição que o /l/ pós-vocálico ocupa no vocábulo poderia estar correlacionada à realização da variável dependente.

6.2.3.1.1.6 Zona de articulação da consoante subsequente

O grupo de fatores Zona de articulação da consoante subsequente é apresentado a seguir na Tabela 28.

Exemplos extraídos do *corpus*: “pólvora” (pó[ø]vora), “adultério” (adu[ø]tério), “algum” (a[ø]gum) e “qualquer” (qua[ø]quer).

Tabela 28: Zona de articulação da consoante subsequente – variante [ø]

Zona de articulação da consoante	Oc./Total	%	PR
Anterior (labiais)	47/298	16	0,68
Média (alveolares e palatais)	24/495	5	0,41
Posterior (velares)	2/92	2	0,33
		<i>range</i>	0,35
<i>Input final:</i> 0,021	<i>Log likelihood:</i> -231,131	Significância: 0,024	

Fonte: Elaboração própria.

O traço de anterior (0,68) da consoante subsequente favoreceu o apagamento do /l/ em final de sílaba no falar sul-rio-grandense. Os traços de média (0,41) e de posterior (0,33) desfavoreceram a variante. Esses resultados coincidem com a observação de Sá (2006), de que alguns estudos apontam que apenas as labiais favorecem o apagamento.

O valor do *range* (0,35), apesar dos baixos percentuais de ocorrência apresentados, indica um efeito considerável da variável Zona de articulação da consoante subsequente sobre o apagamento do /l/ em final de sílaba no estado, confirmando a hipótese de que o agrupamento desses segmentos por lugar de articulação poderia indicar alguma correlação com a realização variável do /l/ em final sílaba.

6.2.3.1.1.7 Tonicidade da sílaba

Os índices de frequência do apagamento [ø] e os pesos relativos dos fatores do grupo Tonicidade da sílaba são apresentados na Tabela 29.

Exemplos extraídos do *corpus*: “fácil” (fáci[ø]) e “nacional” (naciona[ø]).

Tabela 29: Tonicidade da sílaba – variante [ø]

Tonicidade da sílaba	Oc./Total	%	PR
Átona	35/460	8	0,62
Tônica	103/940	11	0,43
		<i>range</i>	0,19
<i>Input final:</i> 0,021	<i>Log likelihood:</i> -231,131	Significância: 0,024	

Fonte: Elaboração própria.

O apagamento do /l/ foi favorecido pelo contexto de sílaba átona (0,62). O contexto de sílaba tônica (0,43) desfavoreceu a variante. No entanto, considerando a importância das demais

variáveis da análise sobre o apagamento, a variável Tonicidade da sílaba apresentou efeito relativamente fraco sobre a variante, com *range* de 0,19.

Quanto à variável acento, assim como se observou na Tabela 29, os resultados de Collischonn e Quednau (2009) revelaram também que o apagamento da lateral foi favorecido quando em posição postônica (0,81) e pretônica (0,59), ou seja, posições átonas, sendo a posição tônica (0,33) desfavorecedora do apagamento.

Considerando o que disse Camara Jr. (2011 [1970]) sobre a posição átona final de vocábulo, pode-se entender que a posição átona (0,62), mais suscetível à variação no português brasileiro devido à posição fraca que ocupa no vocábulo, foi o contexto favorecedor do apagamento.

6.2.3.2 Síntese da variante apagamento [ø] no Rio Grande do Sul

Visto que apenas variáveis linguísticas foram selecionadas no confronto do apagamento da lateral com as demais variantes, a Tabela 30, a seguir, apresenta a síntese dos principais grupos de fatores para o apagamento, com os pesos relativos dos fatores e as frequências do valor de aplicação.

Tabela 30: Principais grupos de fatores para a variante [ø] no Rio Grande do Sul

Grupos de fatores		Fatores	%	Pesos relativos
Linguísticos	Altura da vogal precedente	Alta	38	0,97
		Média	7	0,68
		Baixa	1	0,14
		<i>range</i>		0,83
	Zona de articulação da vogal precedente	Posterior	11	0,69
		Anterior	5	0,40
		<i>range</i>		0,29
	Modo da consoante subsequente	Fricativa	15	0,81
		Nasal	6	0,43
		Oclusiva	6	0,37
		<i>range</i>		0,44
	Extensão do vocábulo	Não monossílabo	11	0,59
		Monossílabo	2	0,14
		<i>range</i>		0,45
	Posição no vocábulo	Final	11	0,72
Medial		8	0,25	
<i>range</i>			0,47	
Zona de articulação da consoante subsequente	Anterior (labiais)	16	0,68	
	Média (alveolares e palatais)	5	0,41	
	Posterior (velares)	2	0,33	
	<i>range</i>		0,35	

Fonte: Elaboração própria.

Conforme se verifica na Tabela 30, dos grupos de fatores que apresentaram correlação para o apagamento, a variável Altura da vogal precedente se destaca pela robustez do *range* (0,83), indicando o efeito forte sobre a variante, de modo que os fatores alta (0,97) e média (0,68) favoreceram o apagamento da lateral em final de sílaba no Rio Grande do Sul. Ainda referente ao contexto precedente, o traço de posterior (0,69) da vogal favoreceu a variante.

Em resumo, somente grupos de fatores linguísticos foram selecionados na análise estatística da variante [ø], em que o contexto subsequente também se mostrou relevante no condicionamento da variante, sendo favorecida por consoante fricativa (0,81) e por consoante anterior (0,68).

No que tange às variáveis Extensão do vocábulo e Posição no vocábulo, palavras não monossilábicas (0,59), com duas ou mais sílabas, e a posição final (0,72) de vocábulo favoreceram o apagamento do /l/ em final de sílaba no estado sul-rio-grandense.

Diante da não seleção de grupos de fatores extralinguísticos, a variante apagamento [ø] não apontou traços indicadores de mudança, visto que esse quadro de variação foi impulsionado por forças linguísticas, como pode ser observado na Tabela 30.

6.2.4 /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [ɫ] versus variante [w]

Nesta seção, faz-se o confronto entre a variante conservadora [ɫ] e a variante inovadora [w] na realização da consoante pós-vocálica /l/ para verificar os aspectos favorecedores da conservação da variante velarizada frente às forças de ampliação do emprego da semivocalização do segmento lateral.

A seguir são apresentados os números e os valores percentuais de ocorrência da variante [ɫ] e da variante [w]:

Tabela 31: /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul (variante [ɫ] versus variante [w])

Estados	[ɫ]	[w]	Total
Rio Grande do Sul			
N	192	1.017	1.209
%	16	84	100

Fonte: Elaboração própria.

Diante da semivocalização (84%) da consoante, a realização velarizada, com 16% de frequência, manteve índice de uso muito próximo ao registrado na rodada de confronto com as demais variantes, em que se registrou frequência de 14%.

Em relação à semivocalização, que obteve 73% de frequência no confronto com as demais variantes, o índice percentual foi ampliado para 84% no confronto com a variante [ɫ], o que demonstra o amplo emprego da variante [w] no dialeto sul-rio-grandense.

Nesse sentido, faz-se a análise do confronto entre as duas variantes sob os seguintes enfoques das dimensões da variação linguística: diatópico, social e linguístico.

6.2.4.1 Análise pluridimensional do /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul – variante [ɫ] versus variante [w]

A submissão dos dados ao Goldvarb X obteve o *input* inicial de 0,159. A seleção dos grupos abrange fatores das dimensões diatópica, social e linguística da variação. Nesse sentido, a análise, a seguir, foi sistematizada a partir desses domínios da variação linguística, de modo

que a ordem de seleção das variáveis é respeitada no âmbito de cada uma dessas dimensões. Para o tratamento das variáveis linguísticas, são feitas novas rodadas de análise com a junção de fatores.

6.2.4.1.1 Fatores diatópicos – [t] versus [w]

Os grupos de fatores diatópicos selecionados na rodada de análise estatística são listados a seguir, com a ordem de importância atribuída pelo programa computacional.

Quadro 15: Grupos de fatores diatópicos selecionados – [t]

Ordem de importância	Grupos de fatores
2	Localidade
2	Região

Fonte: Elaboração própria.

Os grupos de fatores diatópicos selecionados foram Localidade e Região. Para não ocorrer a interação entre esses dois grupos e evitar o enviesamento dos resultados, realizaram-se duas diferentes rodadas, mantendo a presença de apenas uma dessas variáveis em cada rodada, de modo que foi conservada a mesma ordem de importância para as duas variáveis pelo programa estatístico.

6.2.4.1.1.1 Localidade

A Tabela 32 sistematiza os números e os percentuais de ocorrência da realização velarizada do segmento lateral por municípios, bem como os pesos relativos das localidades. As cidades de São José do Norte e de Vacaria apresentaram *knockout*, visto que não registraram dados da variante [t].

Tabela 32: Localidade – [ɮ]

Localidade	Oc./Total	%	PR
Chuí	50/90	56	0,95
Erechim	29/77	38	0,88
Caçapava do Sul	23/73	31	0,82
Flores da Cunha	19/77	25	0,74
Santa Cruz do Sul	11/55	20	0,69
Santana do Livramento	11/92	12	0,48
Três Passos	17/106	16	0,46
Passo Fundo	10/71	14	0,38
Uruguaiana	7/57	12	0,37
Bagé	5/52	10	0,35
São Borja	4/56	7	0,27
Santa Maria	2/50	4	0,26
Ijuí	3/89	3	0,12
Osório	1/87	1	0,05
São José do Norte	0/80	0	----
Vacaria	0/97	0	----
		<i>range</i>	0,90

Input final: 0,043

Log likelihood: -282,914

Significância: 0,032

Fonte: Elaboração própria.

A amplitude do *range* (0,90) aponta que a variável Localidade exerce efeito forte sobre a velarização do /l/ em final de sílaba na fala sul-rio-grandense.

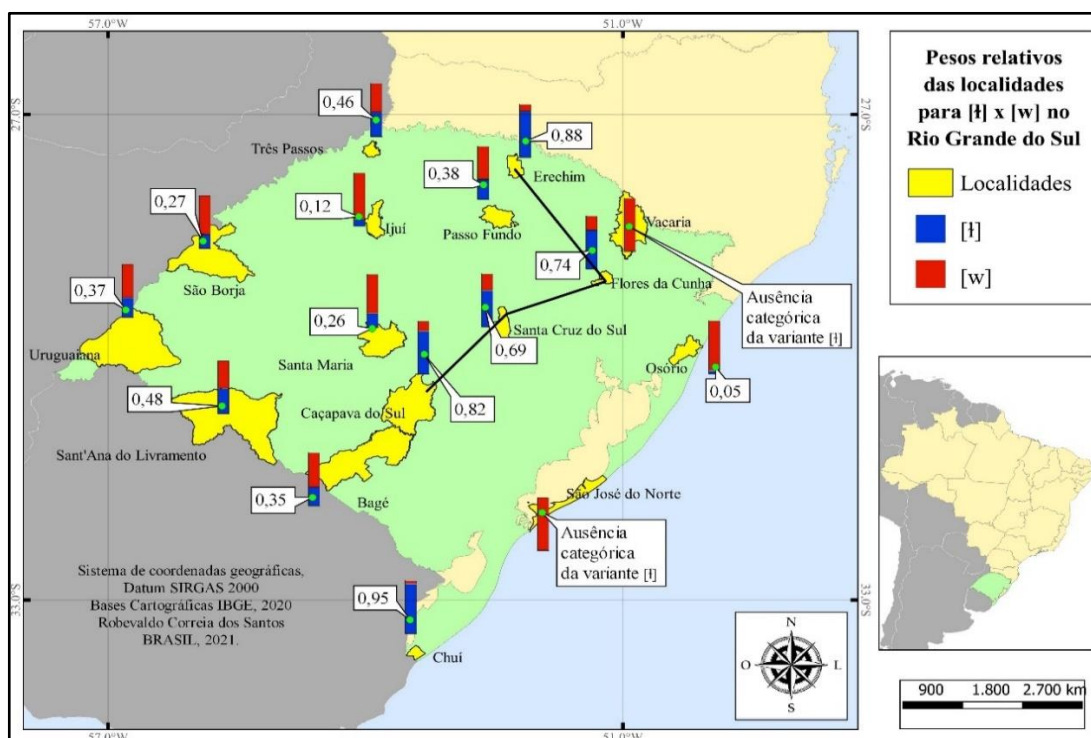
Nesse sentido, exceto os dois municípios sem registro da variante [ɮ], cinco das 14 localidades se mostraram favorecedoras dessa variante do /l/: Chuí (0,95), Erechim (0,88), Caçapava do Sul (0,82), Flores da Cunha (0,74), Santa Cruz do Sul (0,69).

No cotejo entre as variantes que se mostraram conservadora e inovadora, como pode ser observado na Figura 54, o conjunto das localidades favorecedoras da variante velarizada da lateral em final de sílaba manteve o traçado diatópico que tem os municípios de Caçapava do Sul e de Erechim nas extremidades, perpassando Santa Cruz do Sul, Flores da Cunha, exceto Três Passos, que desfavoreceu a velarização neste confronto com a semivocalização, com peso relativo de 0,46.

O traçado não inclui o Chuí (0,95) pela sua localização em limite de fronteira, conforme já discutido. Santana do Livramento, que favoreceu a velarização no confronto entre essa variante e as demais, aqui desfavoreceu a variante [ɮ], com peso relativo de 0,48.

A Figura 54, a seguir, exhibe o retrato da área de favorecimento da variante [ɮ]:

Figura 54: Pesos relativos das localidades do Rio Grande do Sul – [ɨ] versus [w]



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

A linha traçada na Figura 54 perpassou os pontos favorecedores da realização velarizada do /l/, o que parece apontar para o fato de que essa variante resiste com maior força principalmente nas localidades situadas mais ao interior do território do Rio Grande do Sul, especialmente mais ao norte e nordeste do estado.

A então região da Mata Atlântica na época das primeiras explorações do território sul-rio-grandense abrangia justamente as áreas onde se situam especialmente Erechim, Flores da Cunha e Santa Cruz do Sul, região colonizada principalmente por imigrantes alemães e italianos, tendo Caçapava do Sul como localidade onde se abria a clareira vindo da mata, ou final da mata.

No que tange à localidade de Caçapava do Sul, conforme já mencionado, nascida por volta de 1777, originou-se a partir de um acampamento militar, localizado num aldeamento de índios, cuja denominação Caçapava, no tupi-guarani, significa “clareira na mata”, “fim da estrada na mata” ou “fim da travessia no monte”.

Caçapava do Sul, durante a Guerra dos Farrapos, entre os anos de 1837 e 1840, foi instituída capital republicana. Em 1840 as forças do império retomaram o controle da cidade. No século XX, a partir da década de 40, o município destacou-se na mineração do cobre, sendo considerado a “Capital Brasileira do Cobre”, possibilitando a vinda de muitos trabalhadores de

localidades vizinhas e atraindo também quantidade significativa de imigrantes recém chegados ao país, especialmente alemães.

Com esses resultados, a hipótese de que as localidades de seus respectivos estados poderiam apresentar diferenças entre si na realização da variável foi confirmada, especialmente com o favorecimento de localidades com forte influência de imigrantes estrangeiros (Erechim (0,88), Caçapava do sul (0,82), Flores da Cunha (0,74) e Santa Cruz do Sul (0,69)) e de localidade de fronteira do Chuí (0,95).

O município do Chuí apresentou certa especificidade para a variante [ʃ] que precisou ser verificada separadamente, visto que tanto o peso relativo (0,95) se destacou dos valores apresentados pelas localidades de fronteira quanto o índice de frequência (56%) se diferenciou significativamente das demais localidades, sobretudo devido ao longo isolamento do município das demais localidades do estado e do Brasil.

Nesse sentido, a rodada estatística com dados apenas da localidade do Chuí selecionou somente o grupo de fatores Faixa etária dos informantes como relevante na concorrência entre as variantes [ʃ] e [w], apresentando *input* inicial de 0,556.

A seguir são apresentados os resultados percentuais de ocorrência da variante [ʃ] do /l/ em final de sílaba no município do Chuí, bem como os pesos relativos do grupo de fatores Faixa etária dos informantes.

Tabela 33: Faixa etária dos informantes do Chuí – [ʃ]

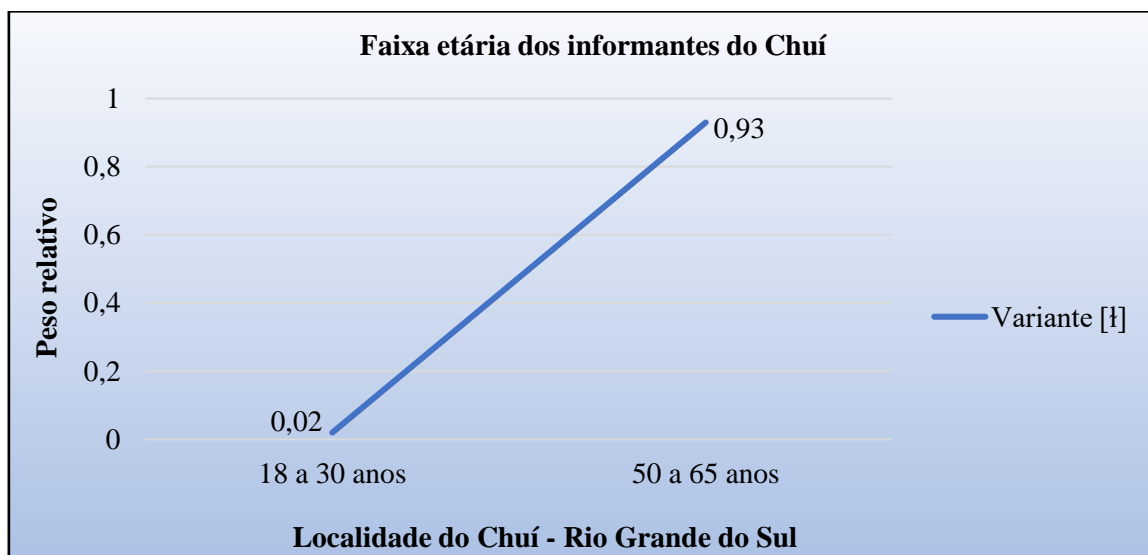
Faixa etária	Oc./Total	%	PR
50 a 65 anos	49/52	94	0,93
18 a 30 anos	1/38	3	0,02
<i>range</i>			0,91
<i>Input</i> final: 0,522		<i>Log likelihood</i> : -16,094	Significância: 0,000

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se que os pesos relativos dos fatores do grupo Faixa etária corroboraram os percentuais de frequência apresentados, no sentido de que, com índice de 94%, a faixa etária mais velha, 50 a 65 anos, favoreceu a aplicação da variante [ʃ] da consoante em final de sílaba, com 0,93 de peso relativo; enquanto que, com aproximadamente 3% de frequência, a faixa etária jovem, 18 a 30 anos, praticamente já não faz uso dessa variante, desfavorecendo-a com peso relativo de 0,02. O valor robusto do *range* (0,91) indica o efeito forte da variável Faixa etária dos informantes sobre a velarização no Chuí.

O Gráfico 8, a seguir, retrata o comportamento das variantes por faixa etária dos informantes do Chuí:

Gráfico 8: Faixa etária dos informantes do Chuí em pesos relativos – [ɮ]



Fonte: Elaboração própria.

Com base nos pesos relativos e nos percentuais de frequência, no município do Chuí, de um lado, a faixa etária jovem (0,02) parece operar um processo de mudança em desfavor da realização velarizada (3%), de outro, a faixa etária mais velha (0,93) mostra forte conservação da variante [ɮ] (94%) na localidade.

Os aspectos que diferenciam a localidade do Chuí das demais localidades sul-rio-grandenses no emprego da lateral em final de sílaba são principalmente a forte resistência ao uso da semivocalização e a ampla conservação da variante [ɮ] pelos mais velhos da comunidade, provavelmente devido ao intenso contato do português falado na comunidade com o espanhol uruguaio, uma vez que, conforme já mencionado, o Chuí experimentou um período de longo isolamento político, cultural, linguístico, geográfico etc. do restante do Brasil.

6.2.4.1.1.2 Região

A seguir são apresentados os valores percentuais e os números de ocorrência da variante [ɮ] bem como os pesos relativos do grupo de fatores Região, fronteira e não fronteira.

Tabela 34: Região – [ɫ]

Região	Oc./Total	%	PR
Região de fronteira	77/347	22	0,63
Região de não fronteira	115/862	13	0,44
<i>range</i>			0,19
<i>Input final:</i> 0,079		<i>Log likelihood:</i> -414,118	<i>Significância:</i> 0,000

Fonte: Elaboração própria.

A região de fronteira, com 0,63 de peso relativo, favoreceu a velarização da lateral, enquanto que e a região de não fronteira, com 0,44 de peso relativo, desfavoreceu a variante. O valor do *range* (0,19) é relativamente tímido em comparação aquele apresentado para a outra variável diatópica – Localidade, mas que não deixa de ter algum efeito sobre a velarização da consoante.

Confirma-se a hipótese de que poderia haver diferenças na realização do /l/ em final de sílaba entre as localidades de limites de fronteira e as de não fronteira com outros países, de modo que, conforme mostram os resultados, o emprego da velarização pelos falantes foi favorecido pela região de fronteira (0,63), provavelmente pela influência do contato com o espanhol falado nos municípios de fronteiras dos países vizinhos.

Nesse sentido, os resultados apresentados para o grupo de fatores Região revelam a realidade do quadro variável da lateral em final de sílaba, em que a variante conservadora [ɫ], já não encontrada na fala de informantes de algumas localidades sul-rio-grandenses (Vacaria e São José do Norte), resiste mesmo sob a força do avanço da variante inovadora [w].

6.2.4.1.2 Fatores sociais – [ɫ] *versus* [w]

Os grupos de fatores sociais selecionados na rodada de análise estatística são listados a seguir, com a ordem de importância atribuída pelo programa computacional.

Quadro 16: Grupos de fatores sociais selecionados – [ɫ]

Ordem de importância	Grupos de fatores
1	Faixa etária dos informantes
4	Sexo dos informantes

Fonte: Elaboração própria.

Os grupos de fatores sociais selecionados pelo programa estatístico foram Faixa etária e Sexo dos informantes.

6.2.4.1.2.1 Faixa etária dos informantes

São apresentados a seguir os resultados do grupo de fatores Faixa etária dos informantes:

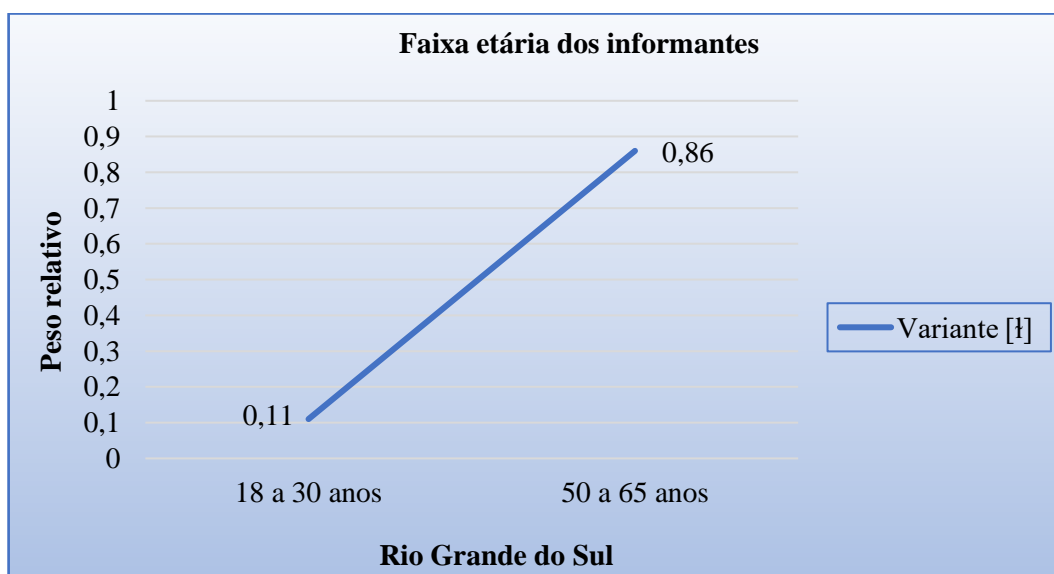
Tabela 35: Faixa etária dos informantes – [t]

Faixa etária	Oc./Total	%	PR
50 a 65 anos	181/634	28	0,86
18 a 30 anos	11/575	2	0,11
<i>range</i>			0,75
<i>Input final:</i> 0,043		<i>Log likelihood:</i> -282,914	<i>Significância:</i> 0,032

Fonte: Elaboração própria.

A faixa etária mais velha, 50 a 65 anos, com 0,86 de peso relativo, foi favorecedora da realização velarizada, enquanto que a faixa etária jovem, 18 a 30 anos, com 0,11 de peso relativo, desfavoreceu a aplicação da variante, indicando um processo de mudança na comunidade, onde a velarização tem sido abandonada pelos mais jovens (2%) em favor da semivocalização da lateral em final de sílaba, processo que tem encontrado resistência na fala dos mais velhos (28%). A variável Faixa etária dos informantes apresenta efeito forte sobre a velarização da lateral, com *range* de 0,75. O Gráfico 9 apresenta os pesos relativos para a Faixa etária dos informantes.

Gráfico 9: Faixa etária dos informantes em pesos relativos – [t]



Fonte: Elaboração própria.

Os pesos relativos indicaram que a faixa etária jovem (0,11) das comunidades analisadas inibem a variante [ɫ], com pouquíssima frequência (2%), em favor da semivocalização [w]. A faixa etária mais velha (0,86), por sua vez, foi a responsável pela conservação da realização velarizada no dialeto sul-rio-grandense, com 28% de frequência de emprego dessa variante.

Esses resultados ratificaram a hipótese de que os mais jovens, com apenas 2% de uso da velarização e com 98% de frequência de aplicação da semivocalização, poderiam preferir o uso da variante mais inovadora nas comunidades.

6.2.4.1.2.2 Sexo dos informantes

A seguir são sistematizados os resultados do grupo de fatores Sexo dos informantes no confronto entre as variantes [ɫ] e [w].

Tabela 36: Sexo dos informantes – [ɫ]

Sexo dos informantes	Oc./Total	%	PR
homem	112/627	18	0,59
mulher	80/582	14	0,39
<i>range</i>			0,20
<i>Input final:</i> 0,043		<i>Log likelihood:</i> -282,914	<i>Significância:</i> 0,032

Fonte: Elaboração própria.

Com 0,59 de peso relativo, os homens favorecem o uso da variante [ɫ] do /l/ em final de sílaba nas cidades sul-rio-grandenses analisadas; enquanto, com 0,39 de peso relativo, as mulheres desfavorecem essa variante, indicando que elas lideram o processo de abandono da velarização na comunidade em prol da implementação da variante mais inovadora (semivocalização) em relação aos homens, que resistem mais a esse processo.

O range (0,20) indica efeito fraco da variável Sexo dos informantes sobre a velarização no Rio Grande do Sul. Observa-se que os homens (18%), com o comportamento linguístico mais conservador, apresentam frequência ligeiramente maior do que as mulheres (14%) na manutenção da variante [ɫ] na área sul-rio-grandense.

Apesar da pequena diferença entre os pesos relativos e entre os percentuais de ocorrência, tais resultados confirmam a hipótese de que as mulheres poderiam apresentar preferência pelo uso da variante mais inovadora em relação aos homens.

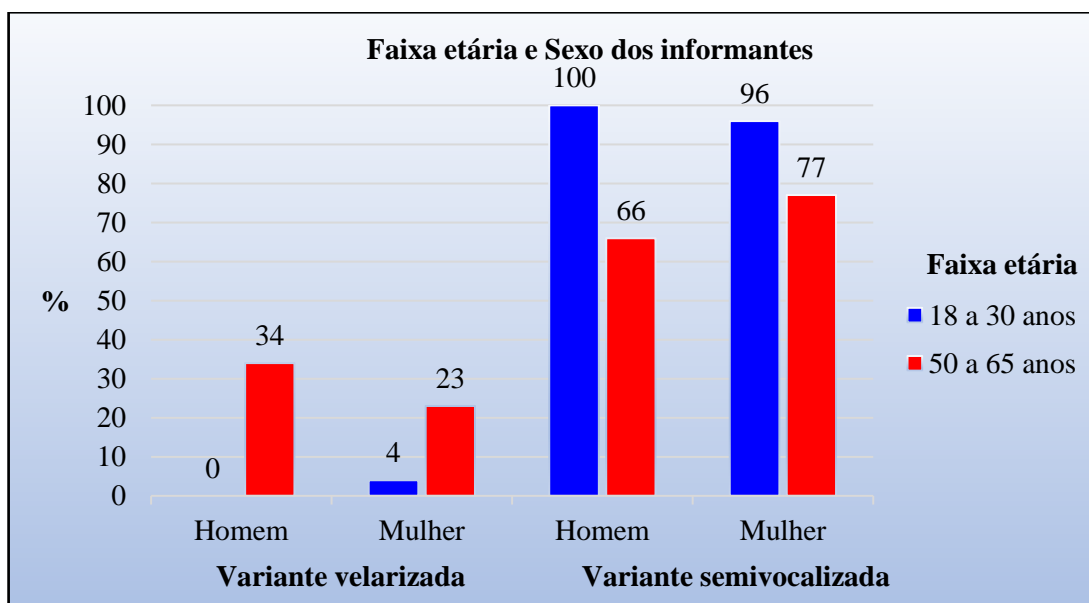
6.2.4.1.3 Cruzamento de grupos de fatores – [ɫ] versus [w]

Nesta seção, a partir do confronto das variantes [ɫ] e [w], apresentam-se os cruzamentos entre os grupos de fatores Faixa etária e Sexo dos informantes, Localidade e Faixa etária dos informantes e Localidade e Sexo do informante.

6.2.4.1.3.1 Faixa etária e Sexo dos informantes

A seguir é apresentado o cruzamento entre os grupos de fatores Faixa etária e Sexo dos informantes a partir dos índices de frequência das variantes velarizada e semivocalizada.

Gráfico 10: Faixa etária e Sexo dos informantes – [ɫ] versus [w]



Fonte: Elaboração própria.

No Gráfico 10, apesar das diferenças dos valores apresentados para homens e mulheres, os índices de frequência de uso da variante [ɫ], assim como no amplo emprego da variante [w], não resultaram em diferenças muito discrepantes entre os dois sexos.

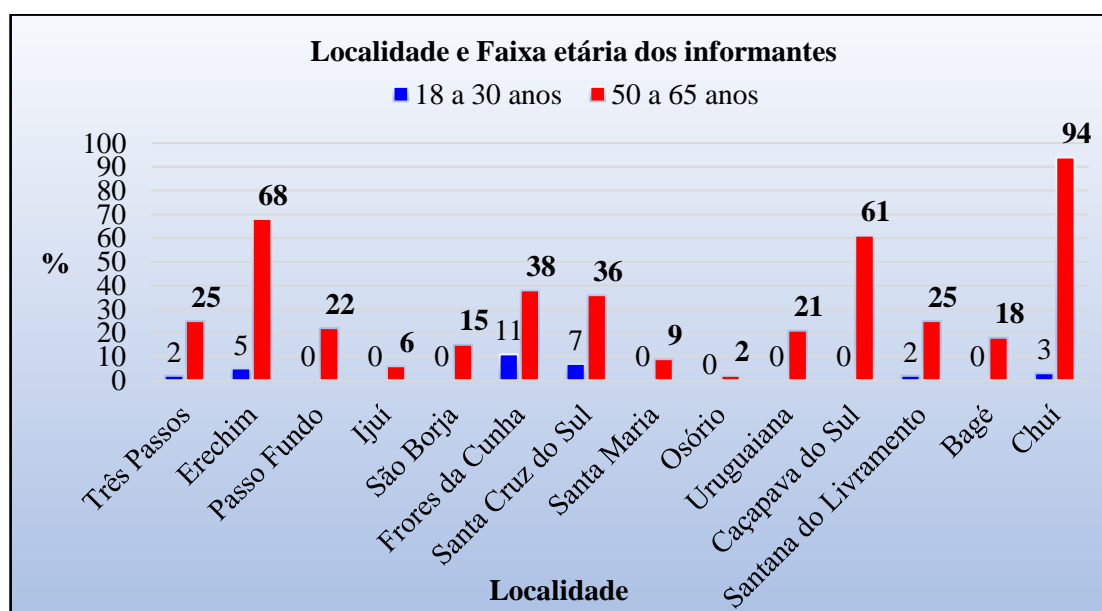
No que tange ao grupo de fatores Faixa etária, os mais jovens fizeram muito pouco uso da variante velarizada, aplicando quase que categoricamente a semivocalização, enquanto que os mais velhos contribuíram para o quadro variável do /l/ em final de sílaba, com 34% de frequência de aplicação da variante [ɫ] para os homens e 23%, para as mulheres.

O avanço da semivocalização no dialeto sul-rio-grandense ainda encontra certa resistência na fala dos mais velhos das localidades, 50 a 65 anos, que conservam o uso da variante velarizada do /l/ pós-vocálico.

6.2.4.1.3.2 Localidade e Faixa etária dos informantes

Em relação ao cruzamento entre os grupos de fatores Localidade e Faixa etária dos informantes, a frequência de aplicação da variante velarizada é sistematizada a seguir.

Gráfico 11: Localidade e Faixa etária dos informantes – [ɫ]



Fonte: Elaboração própria.

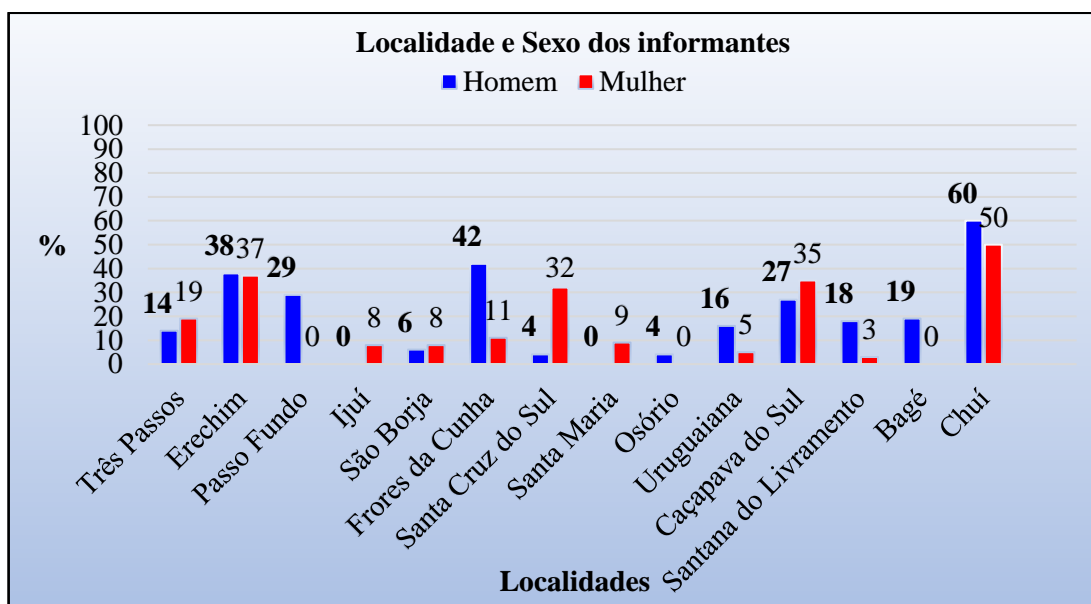
Percebe-se que a faixa etária jovem, 18 a 30 anos, conforme já se verificou no tratamento do grupo de fatores Faixa etária dos informantes, já não faz uso da variante [ɫ] na maioria das localidades do Rio Grande do Sul. Mesmo nos municípios onde se registrou a realização velarizada nessa faixa etária, os índices de frequência foram muito baixos.

A faixa etária mais velha, 50 a 65 anos, se destaca na aplicação da variante [ɫ], especialmente nas localidades de Erechim (68%), Caçapava do Sul (61%) e Chuí (94%). Mesmo na faixa etária mais velha, os falantes já não apresentam percentuais significativos de emprego da realização velarizada do /l/ em final de sílaba nas comunidades de Ijuí (6%), Santa Maria (9%) e Osório (2%).

6.2.4.1.3.3 Localidade e Sexo dos informantes

O cruzamento dos grupos de fatores Localidade e Sexo dos informantes é apresentado a seguir a partir dos percentuais de aplicação da variante velarizada.

Gráfico 12: Localidade e Sexo dos informantes – [ʎ]



Fonte: Elaboração própria.

A conservação da variante foi mantida, principalmente, pelos homens na maioria das localidades ou, com valores percentuais próximos, pelos dois sexos, exceto em Santa Cruz do Sul, onde as mulheres se mostraram mais conservadoras, com frequência de 32% de aplicação da velarização.

6.2.4.1.4 Fatores linguísticos – [ʎ] versus [w]

Os grupos de fatores linguísticos selecionados na rodada de análise estatística são listados a seguir, com a ordem de importância atribuída pelo programa computacional.

Quadro 17: Grupos de fatores linguísticos selecionados – [ʎ]

Ordem de importância	Grupos de fatores
3	Modo da consoante subsequente
5	Zona de articulação da vogal precedente

Fonte: Elaboração própria.

No tocante aos fatores linguísticos, os grupos selecionados pelo programa computacional na nova rodada com o ajuntamento de fatores foram: Modo da consoante subsequente e Zona de articulação da vogal precedente, além dos grupos de fatores diatópico e social já discutidos.

6.2.4.1.4.1 Modo da consoante subsequente

A Tabela 37 apresenta a sistematização dos resultados do grupo de fatores Modo da consoante subsequente.

Exemplos extraídos do *corpus*: “almoço” (a[ɫ]moço), “soldado” (so[ɫ]dado) e “pólvora” (pó[ɫ]vora).

Tabela 37: Modo da consoante subsequente – [ɫ]

Modo da consoante subsequente	Oc./Total	%	PR
Nasal	34/186	18	0,66
Oclusiva	49/408	12	0,46
Fricativa	21/164	13	0,40
		<i>range</i>	0,26
<i>Input final:</i> 0,033	<i>Log likelihood:</i> -286,390	<i>Significância:</i> 0,008	

Fonte: Elaboração própria.

As consoantes nasais (0,66) favoreceram a velarização e as consoantes oclusivas (0,46) e fricativas (0,40) desfavoreceram a variante. O range (0,26) mostra que o efeito da variável Modo da consoante subsequente sobre a velarização no falar sul-rio-grandense não é tão expressivo, mas apresenta alguma correlação no emprego da variante, confirmando a hipótese de que o modo de articulação da consoante subsequente seria um dos fatores linguísticos correlacionados à realização variável do /l/ em final de sílaba.

6.2.4.1.4.2 Zona de articulação da vogal precedente

No que diz respeito ao grupo de fatores Zona de articulação da vogal precedente, os resultados são apresentados na Tabela 38.

Exemplos extraídos do *corpus*: “mel” (me[ɫ]) e “sol” (so[ɫ]).

Tabela 38: Zona de articulação da vogal precedente – [ɫ]

Zona de articulação da vogal precedente	Oc./Total	%	PR
Anterior	58/265	22	0,64
Posterior	134/944	14	0,46
		<i>range</i>	0,18
<i>Input final: 0,033</i>	<i>Log likelihood: -286,390</i>	<i>Significância: 0,008</i>	

Fonte: Elaboração própria.

O traço de anterior (0,64) da vogal precedente favoreceu a velarização da lateral pós-vocálica e o traço de posterior (0,46) da vogal desfavoreceu a variante.

O range (0,18) indica que a variável Zona de articulação da vogal precedente apresenta efeito fraco sobre a velarização no falar do Rio Grande do Sul, mas não deixa de ter alguma significância sobre a variável dependente, confirmando a hipótese de que o agrupamento desses segmentos por lugar de articulação poderia indicar alguma correlação com a realização variável do /l/ em final sílaba.

6.2.4.2 Síntese da variante [ɫ] *versus* a variante [w] no Rio Grande do Sul

A Tabela 39 resume a análise pluridimensional da variante velarizada *versus* a variante semivocalizada nas localidades do Rio Grande do Sul, com cada uma das variáveis independentes que se destacaram nas dimensões da variação diatópica, social e linguística.

Tabela 39: Principais grupos de fatores para a [ɫ] *versus* [w] no Rio Grande do Sul

Grupo de fatores		Fatores	%	Pesos relativos
Diatópico	Localidade	Chuí	56	0,95
		Erechim	38	0,88
		Caçapava do Sul	31	0,82
		Flores da Cunha	25	0,74
		Santa Cruz do Sul	20	0,69
		Santana do Livramento	12	0,48
		Três Passos	16	0,46
		Passo Fundo	14	0,38
		Uruguaiana	12	0,37
		Bagé	10	0,35
		São Borja	7	0,27
		Santa Maria	4	0,26
		Ijuí	3	0,12
		Osório	1	0,05
		São José do Norte	0	----
		Vacaria	0	----
		<i>range</i>	0,90	
Social	Faixa etária	50 a 65 anos	28	0,86
		18 a 30 anos	2	0,11
		<i>range</i>		0,75
Linguístico	Modo da consoante subsequente	Nasal	18	0,66
		Oclusiva	12	0,46
		Fricativa	13	0,40
		<i>range</i>		0,26

Fonte: Elaboração própria.

Conforme se apresenta na Tabela 39, a intensidade do efeito sobre a velarização do /l/ em final de sílaba no falar sul-rio-grandense pelas variáveis independentes pode ser ordenado na seguinte escala decrescente, segundo os valores obtidos pelos *ranges*: Localidade (0,90), Faixa etária dos informantes (0,75) e Modo da consoante subsequente (0,26).

Essa sistematização dos fatores favorecedores aponta para a conservação da variante [ɫ], com maior probabilidade de manifestação na fala dos mais velhos (0,86), 50 a 65 anos, que a favoreceram, especialmente nas comunidades de Chuí (0,95), Erechim (0,88), Caçapava do Sul (0,82), Flores da Cunha (0,74) e Santa Cruz do Sul (0,69).

Quanto aos fatores linguísticos, os feitos das variáveis se mostraram relativamente fracos, com certo destaque para o contexto fonológico subsequente, em que a variável Modo da consoante subsequente, com *range* de 0,26, apresentou o modo nasal (0,66) como fator favorecedor da velarização da lateral.

Desse modo, os resultados apresentam indícios que levam a acreditar na existência de uma mudança em progresso nas comunidades investigadas em desfavor da variante velarizada,

frente à qual os informantes mais velhos (0,86) ainda resistem ao avanço da semivocalização com a conservação da variante [ʃ].

O processo de mudança apontou para o abandono da velarização em favor da semivocalização nas localidades de Santana do Livramento (0,48), Três Passos (0,46), Passo Fundo (0,38), Uruguaiana (0,37), Bagé (0,35), São Borja (0,27), Santa Maria (0,26), Ijuí (0,12) e Osório (0,05). Nos municípios de São José do Norte e de Vacaria, onde não se verificaram registros da velarização do /l/ em final de sílaba, o processo de abandono da variante parece já ter se completado, segundo a amostra do dialeto sul-rio-grandense analisada.

6.2.5 Balanço do /l/ pós-vocálico no Rio Grande do Sul

Esta seção apresenta um balanço das rodadas de confronto entre as variantes do /l/ em final de sílaba para o Rio Grande do Sul.

6.2.5.1 Semivocalização [w]

No confronto com as demais variantes verificadas no estado, a semivocalização no Rio Grande do Sul liderou em números de ocorrência entre os informantes, com índice de 73%. Como já visto no item 6.2.1.1.1.1, que trata do grupo de fatores Localidade, essa variante apresentou índices menores em um traçado que foi da cidade do Chuí (36%) à cidade de Erechim (53%), perpassando mais ao centro do território sul-rio-grandense nas cidades de Caçapava do Sul (61%), Santa Cruz do Sul (66%), Flores da Cunha (66%) e Passo Fundo (65%).

O referido traçado entre Caçapava do Sul e Erechim coincidiu com parte da área explorada inicialmente por colonos estrangeiros, especialmente alemães e italianos, população que foi direcionada para o povoamento das regiões das matas sul-rio-grandenses, de modo que a significativa presença de imigrantes estrangeiros na constituição das localidades dessa região pode ter contribuído para o atual quadro de diferenciação dialetal no estado no tange ao uso da lateral em final de sílaba, sobretudo pelo fato de que se verificou a diferenciação no uso da semivocalização entre áreas que tiveram sua formação sócio-histórica mais ligada, de um lado, aos imigrantes estrangeiros, de outro, aos imigrantes lusos.

As localidades de Osório (0,81), Vacaria (0,79), Ijuí (0,76), São José do Norte (0,75), São Borja (0,66), Santa Maria (0,66), Três Passos (0,64) e Santana do Livramento (0,58) favoreceram a semivocalização do /l/ em final de sílaba, confirmando as hipóteses de que as

localidades do estado poderiam apresentar diferenças entre si na realização da variável e de que poderiam haver diferenças na realização do segmento entre as localidades de limites de fronteira e as de não fronteira com outros países.

Confirmaram-se as hipóteses de que os mais jovens (89%) e de que as mulheres (77%) poderiam preferir o uso da variante mais inovadora ([w]) nas comunidades do que os mais velhos (59%) e do que os homens (69%).

Referente aos fatores linguísticos a semivocalização do /l/ em final de sílaba foi favorecida principalmente pelo contexto fonológico precedente, diante de vogal baixa (0,61), em vocábulos como “sal”, “alto”, “almoço”, “real” etc.

O avanço da semivocalização do /l/ em final de sílaba no estado sul-rio-grandense parece apresentar um direcionamento que foi tanto da região litorânea quanto da região de limites de fronteira, exceto no Chuí, ao interior desse território.

Nesse sentido, a semivocalização se apresentou como variante inovadora devido ao fato de já se encontrar bem assentada na fala dos informantes da faixa etária jovem (0,82) da comunidade, 18 a 30 anos, cujo comportamento indicou exercer papel importante nos indícios de mudança em favor da variante [w] na comunidade sul-rio-grandense, com certo destaque para o papel das mulheres (0,59) na implementação da variante.

6.2.5.2 Velarização [ɣ]

No confronto com as demais variantes da lateral em final de sílaba, a velarização obteve 192 dados, o que representou 14% do total das 1.400 ocorrências registradas nas localidades do Rio Grande do Sul.

Das 16 localidades investigadas, seis apresentaram pesos relativos favoráveis à velarização: Chuí, com 0,89; Erechim, com 0,84; Caçapava do Sul, com 0,78; Flores da Cunha, com 0,70; Santa Cruz do Sul, com 0,60; e Santana do Livramento, com 0,55, confirmando a hipótese de que as localidades poderiam apresentar diferenças entre si na realização da variável.

A faixa etária jovem (0,14) desfavoreceu a velarização, enquanto que a faixa etária mais velha (0,80) favoreceu a variante no dialeto sul-rio-grandense, o que, de certa forma, contribuiu para confirmar a hipótese de que os mais jovens poderiam preferir o uso da variante mais inovadora nas comunidades do que os mais velhos, visto que a faixa etária mais velha (23%) deu maior preferência à variante mais conservadora, a velarização, do que a faixa etária jovem (2%). Nesse sentido, a faixa etária mais velha (0,80) foi a principal responsável pelo favorecimento e pela manutenção da variante [ɣ] nas localidades.

Como já apresentado, os índices da variante velarizada nas seis localidades favorecedoras se mantiveram entre 11% e 45%, sendo o Chuí, município de fronteira, com o maior percentual de emprego da variante, sobretudo devido ao isolamento político, geográfico e cultural experimentado pela localidade desde o início de seu povoamento até à construção da rodovia BR 471 na segunda metade do século XX, que liga o Chuí aos demais municípios sul-rio-grandenses.

Considera-se que o grau de isolamento experimentado pela localidade do Chuí fez com que o município brasileiro historicamente se constituísse na relação com o Chuy uruguaio, promovendo o contato mais intenso entre a língua portuguesa e a língua espanhola, o que provavelmente possa estar relacionado ao favorecimento do Chuí (0,89) à variante mais conservadora [ʔ] na localidade.

Verifica-se que a região de fronteira (0,62), provavelmente devido à exposição dos falantes à situação de contato com o espanhol em graus diferenciados, favoreceu a velarização da variável dependente.

No que tange aos fatores linguísticos, a velarização foi favorecida principalmente por vogal precedente com o traço de anterior (0,68), o que contrasta com a articulação posterior do /l/ velarizado ([ʔ]). No entanto se verificou o efeito leve das variáveis linguísticas sobre a velarização, de modo que o grupo com maior valor do *range* (0,20) foi o de Zona de articulação da vogal precedente.

Os resultados apontaram para a manutenção da velarização do /l/ em final de sílaba no estado, sendo preservada na fala da faixa etária mais velha (0,80), 50 a 65 anos, com 23% de frequência, e pouco empregada pelos falantes da faixa etária jovem (0,14), 18 a 30 anos, das comunidades sul-rio-grandenses analisadas, com a penas 2% de frequência, o que caracteriza o Rio Grande do Sul como conservador na realização do segmento lateral.

6.2.5.3 Apagamento [ø]

No confronto com as demais variantes, o apagamento da lateral em final de sílaba recebeu efeitos apenas de fatores linguísticos. A variante apresentou registros de ocorrências em todas as localidades investigadas e obteve 10% do total de 1.400 dados da lateral em final de sílaba, de modo que as demais variantes somaram 90% desse total.

Dos grupos de fatores que apresentaram correlação para o apagamento, a variável Altura da vogal precedente se destacou pela robustez do *range* (0,83), indicando o efeito forte sobre a variante, de modo que os fatores alta (0,97) e média (0,68) favoreceram o apagamento da lateral

em final de sílaba no Rio Grande do Sul. Ainda para o contexto precedente, o traço de posterior (0,69) da vogal favoreceu a variante.

Entre os grupos de fatores linguísticos que apresentaram efeito significativo sobre a variante [ø], o contexto subsequente também se mostrou relevante no condicionamento da variante, sendo favorecida por consoante fricativa (0,81) e por consoante anterior (0,68).

No que tange às variáveis Extensão do vocábulo e Posição no vocábulo, palavras não monossilábicas (0,59), com duas ou mais sílabas, e a posição final (0,72) de vocábulo favoreceram o apagamento do /l/ em final de sílaba no estado sul-rio-grandense.

Diante da não seleção de grupos de fatores extralinguísticos, a variante apagamento [ø] não apontou traços indicadores de mudança, visto que esse quadro de variação foi impulsionado apenas por forças linguísticas.

6.2.5.4 Velarização [ɫ] *versus* semivocalização [w]

No confronto entre a velarização [ɫ] e a semivocalização [w] do /l/ em final de sílaba, cinco das 16 localidades investigadas se mostraram favorecedoras da velarização: Chuí (0,95), Erechim (0,88), Caçapava do Sul (0,82), Flores da Cunha (0,74), Santa Cruz do Sul (0,69), o que parece apontar para o fato de que essa variante resiste com maior força principalmente nas localidades situadas mais ao interior do território do Rio Grande do Sul, especialmente mais ao norte e nordeste do estado, bem como na região de fronteira.

Com esses resultados, a hipótese de que as localidades de seus respectivos estados poderiam apresentar diferenças entre si na realização da variável foi confirmada, especialmente com o favorecimento de localidades com forte influência de imigrantes estrangeiros (Erechim (0,88), Caçapava do sul (0,82), Flores da Cunha (0,74) e Santa Cruz do Sul (0,69)) e de localidade de fronteira do Chuí (0,95).

No município do Chuí, de um lado, a faixa etária mais nova parece operar um processo de mudança em que emprega quase que categoricamente a semivocalização (97%) em desfavor da realização velarizada (3%), com peso relativo de 0,02 para a variante [ɫ], de outro, a faixa etária mais velha mostra forte resistência à variante [w] (6%) em favor da conservação da variante [ɫ] (94%), com peso relativo de 0,93 para a velarização.

Esses resultados ratificaram a hipótese de que os mais jovens no estado, com 98% de frequência de aplicação da semivocalização, poderiam preferir o uso da variante mais inovadora nas comunidades.

No que diz respeito aos fatores linguísticos, os feitos das variáveis se mostraram relativamente fracos, com certo destaque para o contexto fonológico subsequente, em que a variável Modo da consoante subsequente, com *range* de 0,26, apresentou o modo nasal (0,66) como fator favorecedor da velarização da lateral.

Nessa perspectiva, os resultados apresentam indícios que levam a acreditar na existência de uma mudança em progresso nas comunidades investigadas em desfavor da variante velarizada, frente à qual os informantes mais velhos (0,86) ainda resistem ao avanço da semivocalização com a conservação da variante [ɫ] do /l/ em final de sílaba.

Esse processo de mudança apontou para uma tendência de abandono da velarização nas localidades de Santana do Livramento (0,48), Três Passos (0,46), Passo Fundo (0,38), Uruguaiana (0,37), Bagé (0,35), São Borja (0,27), Santa Maria (0,26), Ijuí (0,12) e Osório (0,05) em favor da semivocalização da lateral. Nos municípios de São José do Norte e de Vacaria, onde não se verificaram registros da velarização do /l/ em final de sílaba, o processo de abandono da variante parece já ter se completado, segundo a amostra do dialeto sul-rio-grandense analisada nos dados do Projeto ALiB.

No Rio Grande do Sul, o /l/ em final de sílaba se apresenta como uma variável dependente, de caráter geossociolinguístico, que abrange as dimensões dialetal, social e linguística da variação, com destaque para a variante apagamento ([∅]), que, a partir dos dados analisados do Projeto ALiB, se mostrou afetada apenas por fatores linguísticos no português sul-rio-grandense, e para a velarização, que pareceu ser afetada principalmente por forças diatópica e social, recebendo efeito fraco das variáveis linguísticas.

6.3 /l/ PÓS-VOCÁLICO NA BAHIA

No que tange à análise da variável /l/ em final de sílaba do português no estado da Bahia, são realizadas basicamente duas rodadas binomial: uma cujo valor de aplicação é a variante [w] e outra cujo valor de aplicação é a variante [ø].

A seguir é apresentada a Tabela 40, com a distribuição das variantes no estado.

Tabela 40: Distribuição do /l/ pós-vocálico na Bahia

Estado	Variantes						Totais
	[w]	[ø]	[ɫ]	[r]	[h]	[l ⁱ]	
Bahia							
N	1.479	296	49	2	25	11	1.862
%	79	15,9	3	0,1	1	1	100

Fonte: Elaboração própria.

Essa decisão de adotar cada uma das variantes [w] (79%) e [ø] (16%) como valor de aplicação é tomada levando em consideração os baixos índices de ocorrências apresentados pelas demais variantes no estado: [ɫ] (3%), [r] (0%), [h] (1%) e [lⁱ] (1%). Quando necessário, é feita a amalgamação de fatores das variáveis linguísticas para submissão a uma nova rodada de análise.

6.3.1 /l/ pós-vocálico na Bahia – variante [w]

A Tabela 41, a seguir, apresenta os números de ocorrências das variantes com seus respectivos percentuais.

Tabela 41: /l/ pós-vocálico na Bahia

Estados	Semivocalização	Demais variantes	Totais
Bahia			
N	1.479	383	1.862
%	79	21	100

Fonte: Elaboração própria.

A semivocalização atingiu índice de 79% na Bahia, enquanto que a soma das demais variantes alcançou o índice de 21% do total de 1.862 dados no estado. Nesse sentido, é feito o confronto entre a semivocalização e as demais variantes do /l/ em final de sílaba.

6.3.1.1 Análise pluridimensional do /l/ pós-vocálico na Bahia – variante [w]

A correlação entre os fatores na realização da lateral pós-vocálica é feita a partir do confronto da variante [w] *versus* as demais variantes. A rodada tem a semivocalização como valor de aplicação, com o *input* inicial de 0,794. A apresentação da análise dos grupos de fatores é feita com base na seguinte ordem: grupos de fatores diatópico, sociais e linguísticos.

6.3.1.1.1 Fator diatópico – variante [w]

O grupo de fatores diatópico selecionados pelo programa Goldvarb X é apresentado a seguir, com a ordem de importância atribuída pelo programa estatístico.

Quadro 18: Grupo de fatores diatópico selecionado – variante [w]

Ordem de importância	Grupo de fatores
5	Localidade

Fonte: Elaboração própria.

O grupo de fatores diatópico Localidade foi selecionado pelo programa Goldvarb X e é apresentado a seguir.

6.3.1.1.1.1 Localidade

A seguir é apresentado o grupo de fatores Localidade, com percentuais de ocorrência e valores dos pesos relativos.

Tabela 42: Localidade – variante [w]

Localidade	Oc./Total	%	PR
Euclides da Cunha	98/112	87	0,84
Carinhanha	61/70	87	0,81
Jeremoabo	56/67	84	0,75
Juazeiro	78/91	86	0,72
Alagoinhas	98/121	81	0,72
Barra	61/75	81	0,69
Caravelas	78/88	87	0,68
Itapetinga	65/80	81	0,65
Irecê	57/71	80	0,60
Itaberaba	88/101	87	0,58
Santo Amaro	68/87	78	0,56
Ilhéus	70/83	84	0,53
Jequié	79/96	82	0,49
Santana	73/88	83	0,41
Santa Cruz Cabrália	83/105	79	0,41
Valença	69/85	81	0,38
Caetité	53/71	75	0,33
Jacobina	45/64	70	0,29
Vitória da Conquista	63/86	73	0,19
Seabra	65/88	74	0,14
Barreiras	71/133	53	0,05
		<i>range</i>	0,79

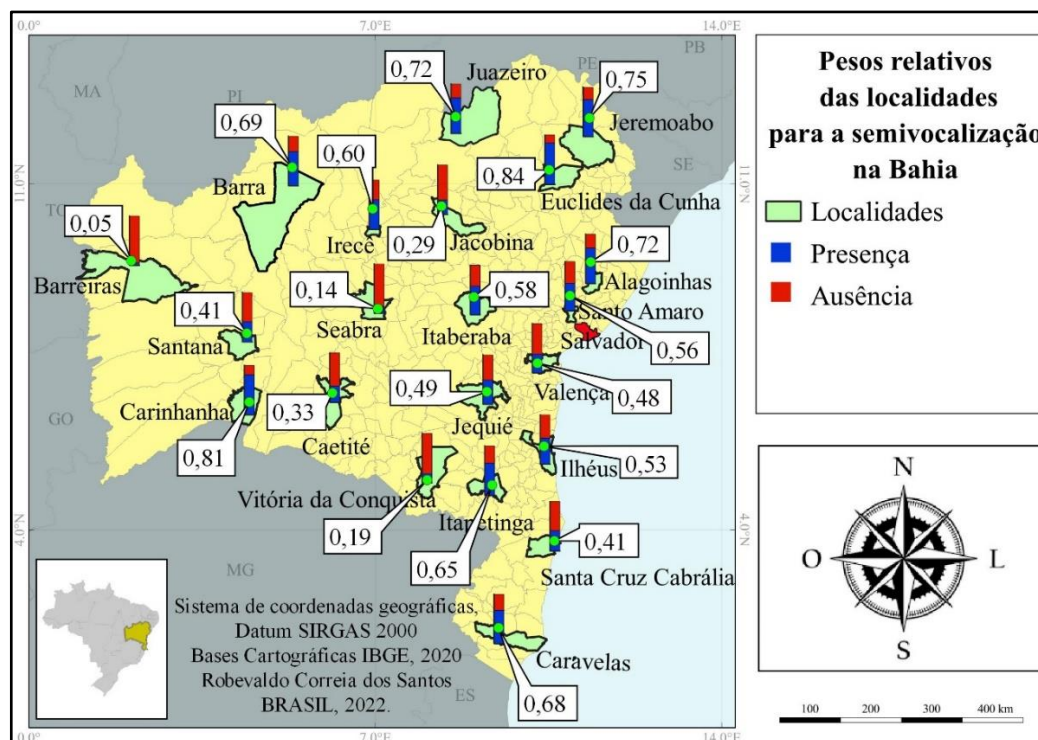
Input final: 0,953 *Log likelihood:* -320,587 *Significância:* 0,005

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que a semivocalização é a variante mais frequente no falar baiano, com índices que giram entre 53% e 87%. Das 21 localidades do Projeto ALiB no estado, 12 delas favoreceram a semivocalização (Euclides da Cunha (0,84), Carinhanha (0,81), Jeremoabo (0,75), Juazeiro (0,72), Alagoinhas (0,72), Barra (0,69), Caravelas (0,68), Itapetinga (0,65), Irecê (0,60), Itaberaba (0,58), Santo Amaro (0,56) e, levemente, Ilhéus (0,53)) e nove desfavoreceram a variante (Jequié (0,49), Santana (0,41), Santa Cruz Cabrália (0,41), Valença (0,38), Caetité (0,33), Jacobina (0,29), Vitória da Conquista (0,19), Seabra (0,14) e Barreiras (0,05)). O valor amplo do *range* (0,79) indica que a variável Localidade exerce efeito forte sobre a semivocalização na Bahia.

Apresentam-se a seguir os pesos relativos das localidades do estado para a semivocalização.

Figura 55: Pesos relativos das localidades da Bahia – variante [w]



Fonte: Elaboração própria a partir das bases cartográficas do IBGE.

Apesar da confirmação da hipótese de que as localidades de seus respectivos estados poderiam apresentar diferenças entre si na realização do segmento, o quadro variável verificado na Figura 55 não permitiu o estabelecimento de alguma correlação entre os pesos relativos das localidades e os aspectos sócio-históricos e a região de influência socioeconômica dos municípios. Esse quadro diferenciado de uso da lateral pós-vocálica nas localidades é explicado a partir da análise dos fatores sociais e linguísticos envolvidos na realização da consoante, conforme a seguir.

6.3.1.1.2 Fatores sociais – variante [w]

Os grupos de fatores sociais selecionados pelo programa Goldvarb X são apresentados a seguir, com a ordem de importância atribuída pelo programa estatístico.

Quadro 19: Grupos de fatores sociais selecionados – variante [w]

Ordem de importância	Grupos de fatores
3	Sexo dos informantes
4	Faixa etária dos informantes

Fonte: Elaboração própria.

Os grupos de fatores sociais selecionados pelo programa estatístico foram Sexo dos informantes e Faixa etária dos informantes.

6.3.1.1.2.1 Sexo dos informantes

A seguir são sistematizados os resultados do grupo de fatores Sexo dos informantes no confronto entre a semivocalização e as demais variantes encontradas no estado da Bahia.

Tabela 43: Sexo dos informantes – variante [w]

Sexo dos informantes	Oc./Total	%	PR
Mulher	733/867	84	0,72
Homem	746/995	75	0,30
<i>range</i>			0,42
<i>Input final: 0,953</i>	<i>Log likelihood: -320,587</i>	<i>Significância: 0,005</i>	

Fonte: Elaboração própria.

As mulheres (0,72) favoreceram a semivocalização do /l/ em final de sílaba na Bahia, enquanto que os homens (0,30) desfavoreceram o emprego da variante no estado. Os resultados confirmaram a hipótese de que as mulheres poderiam apresentar maior preferência pelo uso da variante mais inovadora em relação aos homens, de modo que elas, com índice de 84%, lideraram com pequena vantagem o emprego da semivocalização, enquanto que os homens apresentaram índices de 75% de uso da variante, sobretudo pela diferença entre os valores dos pesos relativos, conforme pode ser observado na Tabela 43.

Hora (2006) considerou que a semivocalização representa a norma, por ser a mais frequente entre os escolarizados e não-escolarizados. Concorde-se com esse argumento, mas não apenas pela frequência da variante entre os diferentes níveis de escolaridade e sim por ser a mais frequente no português brasileiro de um modo geral, seja nas diferentes categorias sociais ou diatópicas, como se observa, em que pese os índices de frequência, o largo emprego da semivocalização nos dois sexos, nas duas faixas etárias e nas duas áreas – Rio Grande do

Sul e Bahia – na presente análise, ou seja, com poucas exceções, como se observou no Chuí, trata-se da variante majoritariamente empregada no português brasileiro – a norma. Neste caso, as mulheres (0,72) favorecem a norma, a variante inovadora e de prestígio – a semivocalização.

Corroborando os valores dos pesos relativos, o *range* (0,42) indica que a variável Sexo dos informantes exerce efeito considerável sobre a semivocalização do /l/ em final de sílaba no falar baiano.

Assim como ocorreu para o Rio Grande do Sul, na Bahia, com pequena vantagem, as mulheres (84%) lideraram a preferência de uso da variante mais inovadora em relação aos homens (75%), confirmando o que disse Labov (2008 [1972], p. 348-349) sobre a diferenciação sexual da fala poder desempenhar um papel importante no mecanismo da mudança linguística, entendendo que essa diferenciação vai depender de padrões de interação da vida diária, ou seja, a diferenciação sexual não se restringe a fatores físicos, mas inclui “uma postura expressiva [do] que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro”.

6.3.1.1.2.2 Faixa etária dos informantes

São apresentados a seguir os resultados do grupo de fatores Faixa etária dos informantes para a variante [w] no estado da Bahia:

Tabela 44: Faixa etária dos informantes – variante [w]

Faixa etária	Oc./Total	%	PR
18 a 30 anos	691/818	84	0,65
50 a 65 anos	788/1.044	75	0,38
<i>range</i>			0,27
<i>Input final:</i> 0,953		<i>Log likelihood:</i> -320,587	<i>Significância:</i> 0,005

Fonte: Elaboração própria.

A faixa etária jovem (0,65), 18 a 30 anos, favoreceu a semivocalização do /l/ em final de sílaba, enquanto que a faixa etária mais velha (0,38), 50 a 65 anos, desfavoreceu a variante, indicando uma tendência à mudança em favor da variante [w], visto que, conforme disse Labov (1994), o rastreamento da mudança linguística no tempo aparente é a forma mais direta de se investigar a mudança em andamento, verificando a distribuição das variáveis linguísticas entre os níveis de idade, especialmente quando não há dados em tempo real disponíveis.

Com uma pequena vantagem de diferença, os mais jovens (84%) lideram a frequência de uso da semivocalização da lateral pós-vocálica em relação aos mais velhos (75%) do estado da Bahia, confirmando a hipótese de que os mais jovens poderiam preferir o uso da variante mais inovadora nas comunidades do que os mais velhos. Esse quadro variável parece refletir um processo de implementação em favor da semivocalização, principalmente se levar em conta a diferença entre os pesos relativos das duas faixas etárias apresentados na Tabela 44 bem como o valor do *range* (0,27), que, apesar de não ser robusto, aponta que a variável apresenta algum efeito sobre a variante [w].

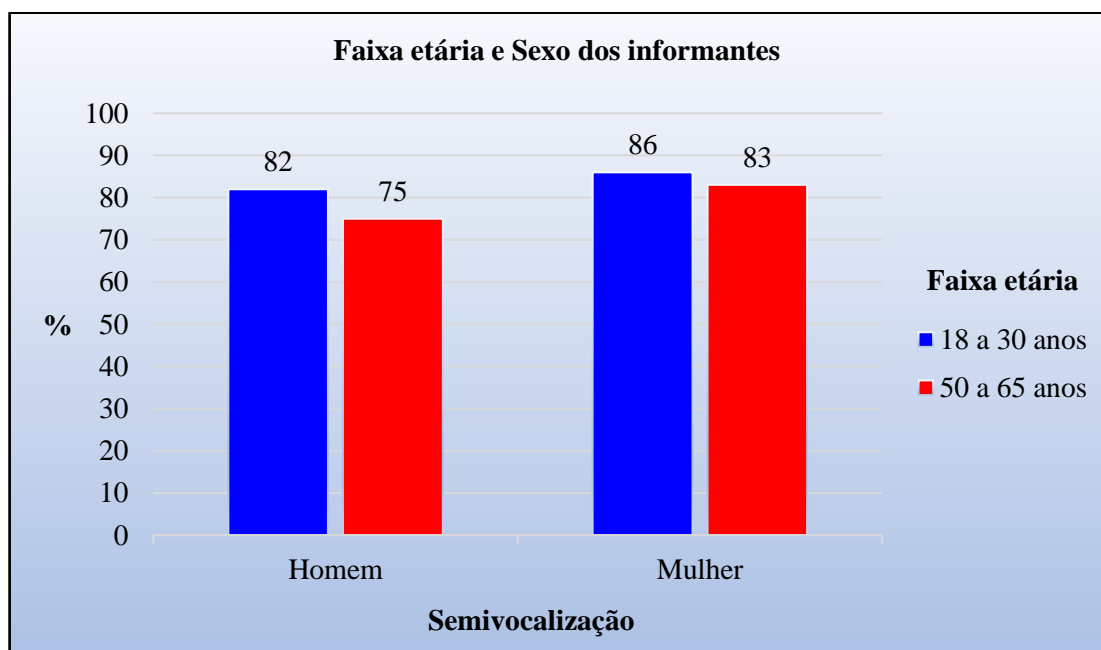
Esses resultados mostraram semelhanças com resultados de outros estudos sobre o /l/ em final de sílaba na Bahia (Teixeira (1988), Hora (2006), Santos, Mota e Santos (2020)), que revelaram a preferência dos mais jovens das comunidades analisadas pela semivocalização, em geral indicando tendência à mudança em favor dessa variante, de modo que os mais velhos a inibem.

6.3.1.1.3 Cruzamento de grupos de fatores – variante [w]

Para ajudar na compreensão do quadro variável do /l/ em final de sílaba na Bahia, realiza-se o cruzamento entre os grupos de fatores Sexo dos informantes e Faixa etária, Localidade e Sexo dos informantes e Localidade e Faixa etária dos informantes.

6.3.1.1.3.1 Sexo dos informantes e Faixa etária

A seguir é apresentado o cruzamento entre os grupos de fatores Sexo dos informantes e Faixa etária dos informantes a partir dos índices de frequência da semivocalização.

Gráfico 13: Faixa etária e Sexo dos informantes – variante [w]

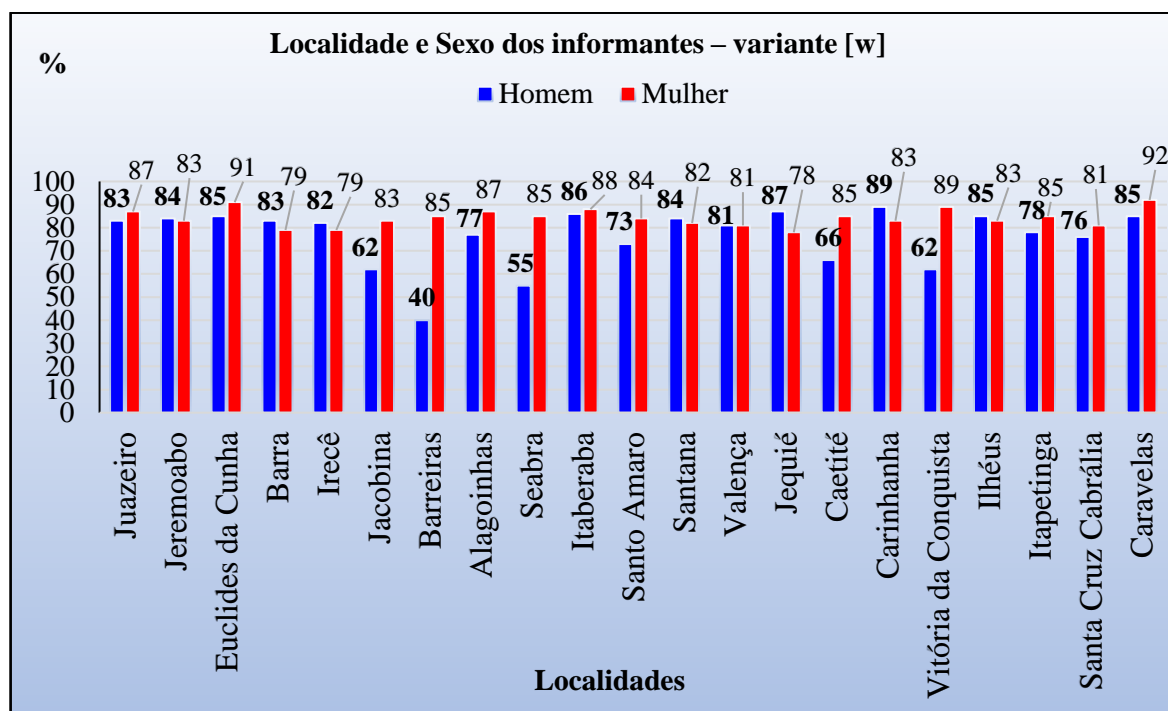
Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se que, com pequena vantagem, são os homens jovens (82%) e as mulheres jovens (86%) e mais velhas (83%) que lideram os índices de emprego da semivocalização do /l/ em final de sílaba na Bahia, enquanto que os homens mais velhos (75%) apresentam menor frequência de emprego da variante no estado.

6.3.1.1.3.2 Localidade e Sexo dos informantes

O cruzamento dos grupos de fatores Localidade e Sexo dos informantes é apresentado a seguir a partir dos percentuais de aplicação da semivocalização na Bahia.

Gráfico 14: Localidade e Sexo dos informantes – variante [w]



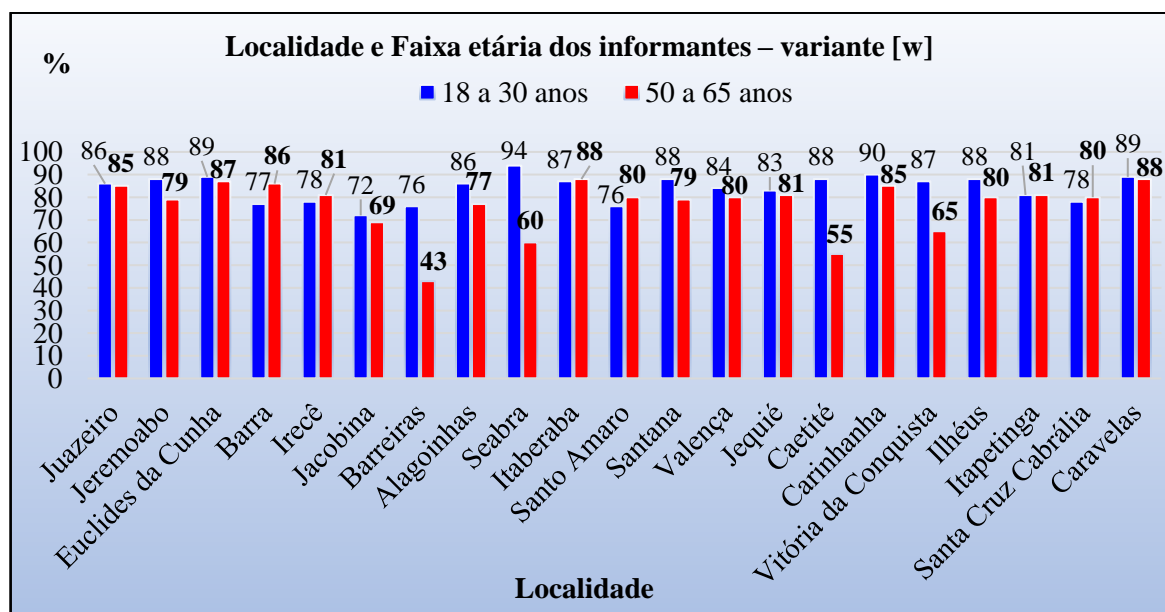
Fonte: Elaboração própria.

Barreiras (0,05), Seabra (0,14), Vitória da Conquista (0,19), Jacobina (0,29) e Caetité (0,33) foram os municípios que apresentaram maior desfavorecimento da semivocalização e foram as localidades onde os homens apresentaram menores índices de emprego da variante, com 40%, 55%, 62%, 62% e 66%, respectivamente, para cada uma dessas cinco localidades. Nas demais cidades apresentou-se um quadro variável com números percentuais mais equilibrados entre homens e mulheres.

Uma vez que os informantes da pesquisa se situam geograficamente, o papel dos homens no mecanismo da variação linguística provavelmente refletiu na variável diatópica Localidade nos dados da Bahia, o que pode ocorrer ao se confrontarem grupos de fatores de diferentes dimensões da variação linguística: diatópico, social e linguístico etc.

6.3.1.1.3.3 Localidade e Faixa etária dos informantes

O Gráfico 15, a seguir, apresenta o resultado do cruzamento entre os grupos de fatores Localidade e Faixa etária dos informantes.

Gráfico 15: Localidade e Faixa etária dos informantes – variante [w]

Fonte: Elaboração própria.

Assim como ocorreu em relação ao cruzamento entre os grupos de fatores Localidade e Sexo dos informantes, exceto Jacobina (0,29), os municípios que apresentaram maior desfavorecimento da semivocalização (Barreiras (0,05), Seabra (0,14), Vitória da Conquista (0,19) e Caetité (0,33)) foram as cidades onde os falantes mais velhos registraram menores índices percentuais da variante, com 43%, 60%, 65% e 55%, respectivamente para cada uma das quatro localidades. Os demais municípios registraram maior equilíbrio dos índices percentuais entre as duas faixas etárias.

Realizou-se uma rodada teste confrontando a semivocalização com as demais variantes sem os dados dos municípios que apresentaram menores índices de aplicação para a variante [w] e verificou-se que foram selecionados apenas fatores linguísticos (Vogal precedente, Consoante subsequente, Tonicidade da sílaba e Posição no vocábulo) pelo Goldvarb X, sem a presença dos grupos de fatores Sexo dos informantes, Faixa etária dos informantes e Localidade, o que revelou o importante papel do sexo e da faixa etária dos informantes no mecanismo de variação atuante na Bahia, especialmente em Barreiras (0,05), Seabra (0,14), Vitória da Conquista (0,19), Jacobina (0,29) e Caetité (0,33).

6.3.1.1.4 Fatores linguísticos – variante [w]

A listagem dos grupos de fatores linguísticos selecionados pelo programa Goldvarb X é apresentada a seguir, com a ordem de importância atribuída pelo programa estatístico.

Quadro 20: Grupos de fatores linguísticos selecionados – variante [w]

Ordem de importância	Grupos de fatores
1	Altura da vogal precedente
2	Modo da consoante subsequente
3	Zona de articulação da vogal precedente
6	Zona de articulação da consoante subsequente
7	Tonicidade da sílaba
8	Extensão do vocábulo
9	Posição no vocábulo

Fonte: Elaboração própria.

Diante de uma má distribuição dos dados entre os fatores dos grupos, foi realizada a amalgamação de fatores das variáveis linguísticas para uma nova submissão ao programa Goldvarb X, que selecionou os grupos de fatores linguísticos apresentados no Quadro 20, acima.

6.3.1.1.4.1 Altura da vogal precedente

Os resultados para o grupo de fatores Altura da vogal precedente são organizados a seguir:

Exemplos extraídos do *corpus*: “alto” (a[w]to), “soldado” (so[w]dado) e “azul” (azu[w]).

Tabela 45: Altura da vogal precedente – variante [w]

Altura da vogal precedente	Oc./Total	%	PR
Baixa	933/992	94	0,93
Média	414/548	75	0,14
Alta	132/322	41	0,00
		<i>range</i>	0,93
<i>Input final</i> : 0,954	<i>Log likelihood</i> : -389,162	<i>Significância</i> : 0,019	

Fonte: Elaboração própria.

Para a Altura da vogal precedente, o valor bastante amplo do *range* (0,93) destaca o efeito forte que essa variável independente exerce sobre a semivocalização, de modo que o fator baixa (0,93) favoreceu a semivocalização e os fatores média (0,14) e, fortemente, alta (0,00) desfavoreceram a variante, indicando que vogais com maiores diferenças articulatória em

relação à variante [w] tendem a favorecê-la, a exemplo de vocábulos como “sal”, “alto”, “real”, “natal” etc.

Resultados semelhantes foram constatados por Hora (2006), em que a vogal baixa [a] (0,66) foi o principal fator favorecedor da semivocalização na fala de informantes do município de João Pessoa, na Paraíba, enquanto que a vogal alta [u] (0,06) atuou no sentido oposto, desfavorecendo a variante.

Não foi testada a hipótese de que o apagamento do /l/ em final de sílaba poderia ser favorecido quando precedido de vogais altas, visto que a análise trata do confronto da variante [w] com as demais variantes. No entanto o fator vogal alta (0,00) desfavoreceu a semivocalização na Bahia.

6.3.1.1.4.2 Modo da consoante subsequente

Os resultados para o grupo de fatores Modo da consoante subsequente são esquematizados na Tabela 46.

Exemplos extraídos do *corpus*: “asfalto” (asfa[w]to), “almoço” (a[w]moço), “talvez” (ta[w]vez).

Tabela 46: Modo da consoante subsequente – variante [w]

Modo da consoante subsequente	Oc./Total	%	PR
Oclusiva	432/538	80	0,78
Nasal	258/296	87	0,46
Fricativa	135/248	54	0,06
		<i>range</i>	0,72
<i>Input final:</i> 0,954	<i>Log likelihood:</i> -389,162	<i>Significância:</i> 0,019	

Fonte: Elaboração própria.

No que tange à propriedade de modo de articulação, observa-se na Tabela 46 que o contexto subsequente com consoante plosiva contribui para a presença da semivocalização do /l/ em final de sílaba na Bahia, sendo a variante favorecida por consoante oclusiva (0,78) e desfavorecida por consoantes nasal (0,46) ou fricativa (0,06).

Os resultados confirmaram a hipótese de que o modo de articulação da consoante subsequente seria um dos fatores linguísticos correlacionados à realização variável do /l/ em final de sílaba, como confirmado pelo valor do *range* (0,72), que revelou o efeito forte da variável sobre a semivocalização.

6.3.1.1.4.3 Zona de articulação da vogal precedente

São apresentados a seguir os resultados para o grupo de fatores Zona de articulação da vogal precedente.

Exemplos extraídos do *corpus*: “mel” (me[w]), “sal” (sa[w]) e “sol” (so[w]).

Tabela 47: Zona de articulação da vogal precedente – variante [w]

Zona de articulação da vogal precedente	Oc./Total	%	PR
Anterior	316/375	84	0,97
Posterior	1.163/1.487	78	0,28
		<i>range</i>	0,69
<i>Input final</i> : 0,954	<i>Log likelihood</i> : -389,162	<i>Significância</i> : 0,019	

Fonte: Elaboração própria.

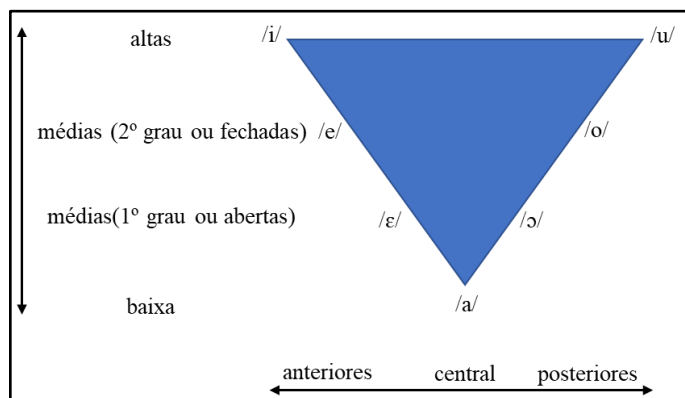
A semivocalização foi favorecida por vogal anterior (0,97), enquanto que a as vogais com a propriedade de posterior (0,28) desfavoreceram a variante. Retoma-se a ideia de que, muito provavelmente, as diferenças das propriedades articulatórias entre as vogais [ɛ] e [e] e a semivogal [w] pode ter favorecido a presença da semivocalização no falar baiano (“anel”, “mel”, “coronel”, “horrível”, “Brasil” etc.), o que não se observou diante do contexto precedente com propriedade de posterior (0,08) ([ɔ], [o] e, especialmente, [u], que apresentam maior semelhança articulatória com a variante [w]). A variável Zona de articulação da vogal precedente apresentou efeito forte sobre a semivocalização, segundo o valor obtido pelo *range* (0,69).

Estudos sociolinguísticos do /l/ em final de sílaba na Bahia (Teixeira (1988), Hora (2006) e Santos (2017)) têm revelado que a tendência é o favorecimento da semivocalização quando antecedida pelas vogais [a], [ɛ], [e] ou [i], o que coincide com os resultados da presente pesquisa, uma vez que os traços vogal baixa ([a]) (0,93) e vogal anterior ([ɛ], [e] ou [i]) favoreceram a variante [w].

Hora (2006) constatou que as vogais [u] (0,06), [o] (0,10) e [ɔ] (0,23), isto é, as vogais posteriores, foram os fatores que desfavoreceram a semivocalização do /l/ em final de sílaba na comunidade de João Pessoa, na Paraíba, enquanto que, principalmente, a vogal anterior [ɛ] (0,60) desfavoreceu a variante. Tais resultados apresentam semelhanças com aqueles obtidos nesta análise, como podem ser observados na Tabela 47.

Retoma-se a figura do sistema vocálico do português em sílaba tônica, já apresentada aqui, com o objetivo de concordar com a explicação de Hora (2006) para os resultados apresentados:

Figura 56: Sistema vocálico do português em sílaba tônica



Fonte: Elaboração própria a partir de Camara Jr. (2011 [1970]).

A ideia consiste no fato de que as formas mais salientes ou mais perceptíveis são as que têm maior probabilidade de serem mais marcadas do que aquelas menos salientes ou menos perceptíveis.

Levando em consideração a relação da zona de articulação da variante [w] e o quadro das vogais reproduzido na Figura 56, o grau de saliência aumenta à medida que se passa da vogal posterior alta [u] para as vogais não posteriores. Isso significa que o grau de saliência entre a variante [w] e as vogais posteriores ([u], [o] e [ɔ]) é menor ou menos marcada do que entre a variante [w] e as vogais anteriores ([ɛ], [e] e [i]).

Nesse sentido, as formas [aw] e [ɛw], com maior grau de saliência e mais marcadas, a exemplo de “calça” (ca[w]ça) e “anel” (ane[w]), tendem a ser mantidas mais do que as formas [uw] e [wɔ], com menor grau de saliência e menos marcadas, a exemplo de “azul” (azu[ø]) e “pólvora” (pó[ø]vora).

6.3.1.1.4.4 Zona de articulação da consoante subsequente

No que diz respeito ao grupo de fatores Zona de articulação da consoante subsequente, os resultados são apresentados a seguir:

Exemplos extraídos do *corpus*: “soldado” (so[w]dado), “pólvora” (pó[w]vora) e “alguma” (a[w]guma).

Tabela 48: Zona de articulação da consoante subsequente – variante [w]

Zona de articulação da consoante	Oc./Total	%	PR
Média (alveolares e palatais)	516/600	86	0,70
Anterior (labiais)	268/411	65	0,38
Posterior (velares)	79/115	69	0,05
		<i>range</i>	0,65
<i>Input final: 0,954</i>	<i>Log likelihood: -389,162</i>	<i>Significância: 0,019</i>	

Fonte: Elaboração própria.

A semivocalização foi favorecida pelo fator consoantes médias (0,70), ou seja, alveolares e palatais, como nos vocábulos “soldado”, “alto”, “asfalto”, “falta”, “solteiro”, “calção” etc., e desfavorecida quando o contexto fonológico subsequente foi ocupado por consoantes anteriores (0,38) e posteriores (0,05).

Os resultados confirmam a hipótese de que o agrupamento desses segmentos por lugar de articulação poderia indicar alguma correlação com a realização variável do /l/ em final sílaba, de modo que a variável Zona de articulação da consoante subsequente apresentou importante efeito sobre a semivocalização na Bahia, com *range* amplo de 0,65.

6.3.1.1.4.5 Tonicidade da sílaba

A Tabela 49, a seguir, apresenta os resultados para o grupo de fatores Tonicidade da sílaba.

Exemplos extraídos do *corpus*: “normal” (norma[w]) e “incrível” (incríve[w]).

Tabela 49: Tonicidade da sílaba – variante [w]

Tonicidade da sílaba	Oc./Total	%	PR
Tônica	1.028/1.258	82	0,61
Átona	451/604	74	0,26
		<i>range</i>	0,35
<i>Input final: 0,954</i>	<i>Log likelihood: -389,162</i>	<i>Significância: 0,019</i>	

Fonte: Elaboração própria.

O contexto de sílaba tônica (0,61) favoreceu a semivocalização da lateral em final de sílaba e o de sílaba átona (0,26) desfavoreceu a variante, o que negou a hipótese de que as sílabas átonas poderiam favorecer a semivocalização do /l/, como variante inovadora. Os

resultados encontrados por Hora (2006) são semelhantes aos da Tabela 49, em que esse autor constatou o favorecimento da posição tônica (0,56) e o desfavorecimento das posições pretônica (0,46) e postônica (0,28), ou seja, posições átonas, para a semivocalização da lateral.

O valor do *range* (0,35), se comparado aos valores apresentados pelas variáveis linguísticas já discutidas no tratamento da semivocalização na Bahia, mostra que a variável Tonicidade da sílaba apresenta um efeito leve sobre a variante [w].

6.3.1.1.4.6 Extensão do vocábulo

A Tabela 50 apresenta os resultados dos percentuais de ocorrência da variante [w] e os pesos relativos do grupo de fatores Extensão do vocábulo.

Exemplos extraídos do *corpus*: “sal” (sa[w]) e “bolso” (bo[w]so).

Tabela 50: Extensão do vocábulo – variante [w]

Extensão do vocábulo	Oc./Total	%	PR
Monossílabo	272/294	92	0,75
Não monossílabo	1.207/1.568	77	0,44
		<i>range</i>	0,31

Input final: 0,954

Log likelihood: -389,162

Significância: 0,019

Fonte: Elaboração própria

Vocábulo monossílabos (0,75) favoreceram a semivocalização do segmento lateral em final de sílaba e vocábulos com duas ou mais sílabas, apesar de ocorrerem com grande frequência (77%), desfavoreceram a variante, com peso relativo de 0,44, indicando que a variante [w] tende a ocorrer, com maior frequência, em vocábulos de menor extensão. Argumento nesse sentido é encontrado em Hora (2006), que constatou que são os vocábulos com menos massa fônica que favorecem a semivocalização.

O valor do *range* (0,31) mostra o efeito leve que a variável Extensão do vocábulo tem sobre a variante [w] na Bahia.

6.3.1.1.4.7 Posição no vocábulo

A seguir são apresentados os resultados para o grupo de fatores Posição no vocábulo.

Exemplos extraídos do *corpus*: “altura” (a[w]tura) e “anel” (ane[w]).

Tabela 51: Posição no vocábulo – variante [w]

Posição no vocábulo	Oc./Total	%	PR
Medial	613/820	75	0,61
Final	866/1.042	83	0,41
		<i>range</i>	0,20
<i>Input final: 0,954</i>	<i>Log likelihood: -389,162</i>	<i>Significância: 0,019</i>	

Fonte: Elaboração própria.

A posição medial (0,61) favoreceu a semivocalização do /l/ em final de sílaba na Bahia, enquanto que a posição final (0,41) desfavoreceu a variante. Os resultados confirmam a hipótese de que a posição que o /l/ pós-vocálico ocupa no vocábulo poderia estar correlacionada à realização da variável dependente. No entanto o valor do *range* (0,20) indica que o grupo de fatores Posição no vocábulo apresenta efeito fraco sobre a semivocalização no estado da Bahia, mas que não deixa de ter certo nível de significância na coocorrência com a variante, uma vez que, mesmo em último lugar na ordem de importância, a variável foi selecionada pelo programa estatístico.

6.3.1.2 Síntese da semivocalização na Bahia

A Tabela 52, a seguir, apresenta a síntese dos principais grupos de fatores para a semivocalização na Bahia, com resultados dos percentuais e dos pesos relativos de cada fator da variante no estado.

Tabela 52: Principais grupos de fatores para a variante [w] na Bahia

Grupos de fatores		Fatores favorecedores	%	Pesos relativos
Diatópico	Localidade	Euclides da Cunha	87	0,84
		Carinhanha	87	0,81
		Jeremoabo	84	0,75
		Juazeiro	86	0,72
		Alagoinhas	81	0,72
		Barra	81	0,69
		Caravelas	87	0,68
		Itapetinga	81	0,65
		Irecê	80	0,60
		Itaberaba	87	0,58
		Santo Amaro	78	0,56
		Ilhéus	84	0,53
		Jequié	82	0,49
		Santana	83	0,41
		Santa Cruz Cabralia	79	0,41
		Valença	81	0,38
		Caetité	75	0,33
		Jacobina	70	0,29
		Vitória da Conquista	73	0,19
Seabra	74	0,14		
Barreiras	53	0,05		
		<i>range</i>	0,79	
Social	Sexo	Mulher	84	0,72
		Homem	75	0,30
		<i>range</i>	0,42	
Linguístico	Altura da vogal precedente	Baixa	94	0,93
		Média	75	0,14
		Alta	41	0,00
		<i>range</i>	0,93	

Fonte: Elaboração própria.

Conforme se verifica na Tabela 52, com base na ordem de seleção dos grupos de fatores pelo Goldvarb X e no valor mais expressivo do *range*, são reunidas as variáveis de efeito mais forte sobre a semivocalização do /l/ em final de sílaba, contemplando as dimensões diatópica, social e linguística da variação.

A semivocalização foi favorecida nas localidades de Euclides da Cunha (0,84), Carinhanha (0,81), Jeremoabo (0,75), Juazeiro (0,72), Alagoinhas (0,72), Barra (0,69), Caravelas (0,68), Itapetinga (0,65), Irecê (0,60), Itaberaba (0,58) e Santo Amaro (0,56), sobretudo pelo papel da diferenciação entre os sexos dos informantes e entre as faixas etárias

no mecanismo de variação atuante na Bahia, em que as mulheres (0,72) favoreceram a variante no estado.

Dentre os grupos de fatores, o contexto fonológico precedente mostrou-se o mais importante na realização do segmento, de modo que, para a variável Altura da vogal precedente, o fator vogal baixa (0,93) ([a]) favoreceu a semivocalização do /l/ em final de sílaba na Bahia, indicando que a variante tende a ser favorecida especialmente diante da vogal [a].

6.3.2 /l/ pós-vocálico na Bahia – variante [ø]

A Tabela 53, a seguir, apresenta os números de ocorrências das variantes com seus respectivos percentuais para o apagamento na Bahia.

Tabela 53: /l/ pós-vocálico na Bahia

Estados	Apagamento	Demais variantes	Totais
Bahia			
N	296	1.566	1.862
%	16	84	100

Fonte: Elaboração própria.

O apagamento atingiu índice de 16% no estado da Bahia, enquanto que a soma das demais variantes alcançou o índice de 84% do total de 1.862 dados. Diante disso, realiza-se o confronto entre o apagamento e as demais variantes do /l/ em final de sílaba.

6.3.2.1 Análise pluridimensional do /l/ pós-vocálico na Bahia – variante [ø]

A análise dos grupos de fatores na realização da lateral pós-vocálica é feita a partir do confronto do apagamento *versus* as demais variantes. A rodada teve *input* inicial de 0,159. A apresentação da análise dos grupos de fatores é feita na seguinte ordem: social e linguísticos.

6.3.2.1.1 Fator social – variante [ø]

O grupo de fatores social selecionado é apresentado a seguir, com a ordem de importância atribuída pelo programa Goldvarb X.

Quadro 21: Grupo de fatores social selecionado – variante [ø]

Ordem de importância	Grupo de fatores
6	Sexo dos informantes

Fonte: Elaboração própria.

O grupo de fatores Sexo dos informantes foi selecionado em último lugar na ordem de importância atribuída pelo programa estatístico.

6.3.2.1.1.1 Sexo dos informantes

A Tabela 54, a seguir, sistematiza os resultados do grupo de fatores Sexo dos informantes no confronto entre o apagamento e as demais variantes.

Tabela 54: Sexo dos informantes – variante [ø]

Sexo dos informantes	Oc./Total	%	PR
Homem	167/995	17	0,55
Mulher	129/867	15	0,43
<i>range</i>			0,12
<i>Input final: 0,007</i>		<i>Log likelihood: -224,081</i>	<i>Significância: 0,039</i>

Fonte: Elaboração própria.

Com 0,55 de peso relativo, os homens favoreceram levemente o apagamento do /l/ em final de sílaba na Bahia, enquanto que, com 0,43 de peso relativo, as mulheres desfavoreceram a variante no estado. Desse modo, considerando o apagamento do segmento a variante mais inovadora do /l/ em final de sílaba no português brasileiro, visto que é o último estágio na cadeia sonora de qualquer som, os homens se mostraram inovadores em relação às mulheres no emprego da variante, principalmente pelo fato de se tratar do emprego de uma variante que não é a de prestígio.

A hipótese de que as mulheres poderiam apresentar maior preferência pelo uso da variante mais inovadora em relação aos homens não se confirma quando se trata do emprego de uma variante que não seja de prestígio, como é o caso do apagamento [ø], especialmente considerando os resultados do confronto entre a semivocalização e as demais variantes, em que elas favoreceram a variante [w].

Hora (2006) diz que a variante [ø] é estigmatizada em alguns contextos, a exemplo⁵¹ de “sal” (sa[ø]), “mel” (me[ø]), “anel” (ane[ø]), “natal” (nata[ø]) etc., mas aceito em outros, a exemplo de “azul” (azu[ø]), “pulmão” (pu[ø]mão), “pólvora” (pó[ø]vora), “desculpa” (descu[ø]pa) etc.

Cabe destacar que a variável Sexo dos informantes apresenta efeito fraco sobre o apagamento no falar baiano, em que obteve um valor diminuto do *range* (0,12) e foi selecionado em último na ordem de importância atribuída estatisticamente.

6.3.2.1.2 Fatores linguísticos – variante [ø]

A seguir é apresentada a listagem dos grupos de fatores linguísticos selecionados pelo Goldvarb X:

Quadro 22: Grupos de fatores linguísticos selecionados – variante [ø]

Ordem de importância	Grupos de fatores
1	Altura da vogal precedente
2	Modo da consoante subsequente
3	Zona de articulação da vogal precedente
4	Tonicidade da sílaba
5	Zona de articulação da consoante subsequente

Fonte: Elaboração própria.

Os grupos de fatores linguísticos apresentados no Quadro 22 são analisados a seguir.

6.3.2.1.2.1 Altura da vogal precedente

A seguir, os resultados dos grupos de fatores Altura da vogal precedente são tratados.

Exemplos extraídos do *corpus*: “azul” (azu[ø]), “resolver” (reso[ø]ver), e “alvenaria” (a[ø]venaria).

⁵¹ Apesar de alguns exemplos coincidirem com aqueles apresentados por Hora (2006), todos eles são extraídos do acervo do Projeto ALiB.

Tabela 55: Altura da vogal precedente – variante [ø]

Altura da vogal precedente	Oc./Total	%	PR
Alta	178/322	55	0,99
Média	105/548	19	0,92
Baixa	13/992	1	0,02
		<i>range</i>	0,97
<i>Input final: 0,007</i>	<i>Log likelihood: -224,081</i>	<i>Significância: 0,039</i>	

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se que os fatores vogal alta (0,99) e média (0,92) favoreceram o apagamento do /l/ em final de sílaba na Bahia, enquanto que vogal baixa (0,02) desfavoreceu a variante no estado, o que parece demonstrar que o apagamento da variável ocorre quando o contexto fonológico precedente é ocupado por vogal que compartilha de propriedades articulatórias das variantes do /l/ em final de sílaba, a exemplo da semivocalização ([w]), que tem em comum com as propriedades favorecedoras das vogais o grau de altura, a exemplos do [u], como em “azul” e “pulmão”, e do [o], como em “bolsa” e “solteiro”.

Esses resultados confirmam a hipótese de que o apagamento do /l/ em final de sílaba poderia ser favorecido quando precedido de vogais altas. Nesse sentido, apenas a vogal baixa (0,02) não favoreceu o apagamento. O valor robusto do *range* (0,97) revela o efeito forte que a variável Altura da vogal precedente tem sobre o apagamento no falar baiano.

6.3.2.1.2.2 Modo da consoante subsequente

A seguir são analisados os resultados do grupo de fatores Modo da consoante subsequente.

Exemplos extraídos do *corpus*: “convulsão” (convu[ø]são), “pulmão” (pu[ø]mão) e “faculdade” (facu[ø]dade).

Tabela 56: Modo da consoante subsequente – variante [ø]

Modo da consoante	Oc./Total	%	PR
Fricativa	96/248	39	0,97
Nasal	27/296	9	0,63
Oclusiva	66/538	12	0,13
		<i>range</i>	0,84
<i>Input final: 0,007</i>	<i>Log likelihood: -224,081</i>	<i>Significância: 0,039</i>	

Fonte: Elaboração própria.

As características fricativa (0,97) ou nasal (0,63) da consoante favoreceram o apagamento da lateral pós-vocálica, enquanto que consoantes oclusivas (0,13) desfavoreceram a variante, o que revelou a tendência de ocorrer o apagamento quando o contexto fonológico subsequente é ocupado por consoantes não inteiramente plosivas.

Esses resultados confirmaram a hipótese de que o modo de articulação da consoante subsequente seria um dos fatores linguísticos correlacionados à realização variável do /l/ em final de sílaba, com o *range* (0,84) amplo, que indica o efeito forte da variável Modo da consoante subsequente sobre o apagamento do /l/ em final de sílaba na Bahia.

6.3.2.1.2.3 Zona de articulação da vogal precedente

A seguir, os resultados para o grupo de fatores Zona de articulação da vogal precedente são apresentados.

Exemplos extraídos do *corpus*: “adultério” (adu[ø]tério) e “difícil” (difíci[ø]).

Tabela 57: Zona de articulação da vogal precedente – variante [ø]

Zona de articulação da vogal precedente	Oc./Total	%	PR
Posterior	247/1.487	17	0,71
Anterior	49/375	13	0,27
		<i>range</i>	0,44

Input final: 0,007

Log likelihood: -224,081

Significância: 0,039

Fonte: Elaboração própria.

A propriedade de posterior (0,71) da vogal favoreceu o apagamento do /l/ em final de sílaba na Bahia, enquanto que a propriedade de anterior (0,27) desfavoreceu a variante da lateral no estado, o que, de certa forma, reforça o argumento de que o apagamento da lateral em final de sílaba ocorreu quando o contexto fonológico precedente foi ocupado por vogal que compartilha propriedades articulatórias com as demais variantes da lateral, a exemplo da semivocalização ([w]), que tem em comum com essas vogais favorecedoras a zona de articulação mais posterior ([u], [o] e [ɔ]).

Esses resultados confirmam a hipótese de que o apagamento da consoante poderia ser favorecido quando precedido de vogais mais posteriores, de modo que a variável Zona de articulação da vogal precedente apresentou efeito relevante sobre a variante [ø], com *range* de 0,44.

6.3.2.1.2.4 Tonicidade da sílaba

A Tabela 58, a seguir, reúne os resultados do grupo de fatores Tonicidade da sílaba. Exemplos extraídos do *corpus*: “impossível” (impossíve[ø]) e “desculpe” (descu[ø]pe).

Tabela 58: Tonicidade da sílaba – variante [ø]

Tonicidade da sílaba	Oc./Total	%	PR
Átona	116/604	19	0,89
Tônica	180/1.258	14	0,26
<i>range</i>			0,63
<i>Input final:</i> 0,007	<i>Log likelihood:</i> -224,081	<i>Significância:</i> 0,039	

Fonte: Elaboração própria.

As sílabas átonas (0,89) favoreceram o apagamento do segmento lateral, enquanto que as sílabas tônicas (0,26) desfavoreceram a variante no interior da Bahia, reforçando o argumento de que os contextos menos acentuados da palavra favoreceram o apagamento do /l/ em final de sílaba. A variável Tonicidade da sílaba apresentou efeito forte sobre o apagamento, com o *range* (0,63) amplo.

Ao tratar dos efeitos das posições átonas e tônicas das sílabas sobre as propriedades fonéticas das vogais, Camara Jr. (2011 [1970], p. 42) considerou que “[...] o que essencialmente caracteriza as posições átonas é a redução do número de fonemas”, podendo desaparecer mais de uma oposição entre os elementos. Neste caso, a posição átona da sílaba no vocábulo contribuiu para o apagamento do segmento, o que reforçou o argumento de que as sílabas átonas, no português brasileiro, são mais suscetíveis ao mecanismo da variação linguística do que as sílabas tônicas.

Os resultados apresentados não atestaram a hipótese de que as sílabas átonas poderiam favorecer a semivocalização do /l/, como variante inovadora, visto que a variante tratada aqui foi o apagamento do segmento lateral em final de sílaba e não a semivocalização. No entanto, considerando o apagamento a variante mais inovadora do segmento lateral, é possível ter havido a semivocalização antes do apagamento, sendo o contexto de sílaba átona um fator de forte efeito no mecanismo de variação apresentado pelo /l/ em final de sílaba no português brasileiro.

6.3.2.1.2.5 Zona de articulação da consoante subsequente

O grupo de fatores Zona de articulação da consoante subsequente, a seguir, tem os resultados esquematizados na Tabela 59.

Exemplos extraídos do *corpus*: “qualquer” (qua[ø]quer), “resolvido” (reso[ø]vido) e “colchão” (co[ø]chão).

Tabela 59: Zona de articulação da consoante subsequente – variante [ø]

Zona de articulação da consoante	Oc./Total	%	PR
Posterior (velares)	16/115	14	0,91
Anterior (labiais)	123/411	30	0,65
Média (alveolares e palatais)	55/600	9	0,29
		<i>range</i>	0,62
<i>Input final: 0,007</i>	<i>Log likelihood: -224,081</i>	<i>Significância: 0,039</i>	

Fonte: Elaboração própria.

Consoantes posteriores (0,91) e anteriores (0,65) favoreceram o apagamento do /l/ em final de sílaba na Bahia, enquanto que consoantes médias (0,29) a desfavoreceram, o que pareceu indicar a preferência dos falantes pelo apagamento quando diante de consoantes com características mais posteriores (“algodão”, “qualquer”) e mais anteriores (“pólvora”, “culpado”) no contexto fonológico subsequente, sendo que a variante parece ser menos preferida diante de consoantes com características mediais (“asfalto”, “soldado”, “calção”).

Tais resultados confirmam a hipótese de que o agrupamento desses segmentos por lugar de articulação poderia indicar alguma correlação com a realização variável do /l/ em final sílaba, de modo que o *range* (0,62) mostrou o efeito significativo da variável Zona de articulação da consoante subsequente sobre o apagamento.

6.3.2.2 Síntese do apagamento na Bahia

A Tabela 60, a seguir, sintetiza os resultados dos principais grupos de fatores para a variante apagamento do /l/ em final de sílaba na Bahia, destacando a variável de efeito mais significativo sobre a variante em cada uma das dimensões social e linguística da variação.

Tabela 60: Principais grupos de fatores para a variante [ø] na Bahia

Grupos de fatores		Fatores favorecedores	%	Pesos relativos
Social	Sexo dos informantes	Homem	17	0,55
		Mulher	15	0,43
			<i>range</i>	0,12
Linguístico	Altura da vogal precedente	Alta	55	0,99
		Média	34	0,92
		Baixa	1	0,02
			<i>range</i>	0,97

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que a variável com efeito mais forte sobre o apagamento do /l/ em final de sílaba é a Altura da vogal precedente, com *range* (0,97) robusto. A variável Sexo dos informantes, única variável extralinguística selecionada, apresentou efeito fraco sobre a variante, com *range* (0,12) muito pequeno.

O apagamento da lateral foi muito levemente favorecido pelos homens (0,55) e fortemente favorecido por vogais alta (0,99) ou média (0,92), especialmente [o], [ɔ] ou, principalmente, [u].

6.3.3 Balanço do /l/ pós-vocálico na Bahia

Esta seção apresenta um balanço das rodadas de confronto entre as variantes do /l/ em final de sílaba para a Bahia.

6.3.3.1 Semivocalização [w]

A semivocalização, com 1.479 ocorrências, registrou o percentual de 79% dos dados na Bahia, de modo que se configurou como variante com maior frequência de emprego no estado.

Quanto à semivocalização na Bahia, das 21 localidades do Projeto ALiB no interior do estado, 12 delas favoreceram a semivocalização (Euclides da Cunha (0,84), Carinhanha (0,81), Jeremoabo (0,75), Juazeiro (0,72), Alagoinhas (0,72), Barra (0,69), Caravelas (0,68), Itapetinga (0,65), Irecê (0,60), Itaberaba (0,58), Santo Amaro (0,56) e, muito levemente, Ilhéus (0,53)). Apesar da confirmação da hipótese de que as localidades de seus respectivos estados poderiam apresentar diferenças entre si na realização do /l/ em final de sílaba, o quadro variável apresentado não permitiu o estabelecimento de alguma correlação entre os pesos relativos das

localidades e os aspectos sócio-históricos e a região de influência socioeconômica dos municípios, o que se buscou explicar a partir da análise dos fatores sociais e linguísticos envolvidos na realização do segmento.

Confirmando o que disse Labov (2008 [1972], p. 348-349) sobre a diferenciação sexual da fala poder desempenhar um papel importante no mecanismo da mudança linguística, as mulheres (0,72) favoreceram a semivocalização do /l/ em final de sílaba na Bahia. Apesar da pequena diferença de percentuais entre os dois sexos, confirmou-se a hipótese de que as mulheres (84%) poderiam apresentar maior preferência pelo uso da variante mais inovadora em relação aos homens (75%), especialmente por se tratar de uma variante sem estigmas.

Indicando uma tendência à mudança em favor da semivocalização do /l/ em final de sílaba na Bahia, a faixa etária jovem (0,65), 18 a 30 anos, com índice de (84%), favoreceu a variante, enquanto que a faixa etária mais velha (0,38), 50 a 65 anos, a desfavoreceu.

No geral, o contexto precedente mostrou-se altamente relevante para a semivocalização do /l/ em final de sílaba na Bahia, de modo que vogal baixa (0,93) ([a]), Altura da vogal precedente, e vogal anterior (0,97) ([ε], [e] e [i]), Zona de articulação da vogal precedente, favoreceram semicategoricamente a variante [w] no estado. Nessa mesma direção, se apresentou o contexto subsequente, em que consoante oclusiva (0,78), Modo da consoante subsequente, e consoantes médias (alveolares e palatais) (0,70), Zona de articulação da consoante, favoreceram a semivocalização, confirmando a hipótese de que os contextos precedentes e subsequentes poderiam atuar na realização variável da consoante /l/ em final de sílaba.

O contexto de posição tônica (0,61), a extensão de vocábulo monossílabo (0,75) e a posição de vocábulo medial (0,61) também favoreceram a semivocalização do /l/ em final de sílaba no falar baiano.

6.3.3.2 Apagamento [ø]

O apagamento, com índice de 16%, foi a segunda variante com maior percentual de ocorrência na Bahia, obtendo 296 dados.

Os homens (0,55) mostram-se inovadores no emprego do apagamento do /l/ em final de sílaba na Bahia, favorecendo muito levemente essa variante, negando a hipótese de que as mulheres poderiam apresentar maior preferência pelo uso da variante mais inovadora em relação a eles. Isso se explica pelo fato de se tratar do emprego de uma variante que não é a de

prestígio em setores como o das grandes mídias televisivas e o do sistema escolar, como é o caso da variante [ø].

O contexto precedente se mostrou importante no apagamento da lateral pós-vocálica na Bahia, sendo a variante favorecida especialmente diante de vogal alta (0,99) ou média (0,92) e de vogal posterior (0,71). O contexto subsequente também se mostrou significativo, sendo o apagamento do segmento lateral favorecido diante de consoante fricativa (0,97) ou nasal (0,63), bem como diante de consoante posterior (0,91) (“julga”, “algum”, “qualquer”) ou anterior (0,65) (“pólvora”, “alvenaria”, “culpa”). Sílabas menos acentuadas (átonas (0,89)) favoreceram o apagamento do /l/.

Na Bahia, o /l/ em final de sílaba se apresentou como uma variável dependente que abrange as dimensões diatópica, social e, especialmente, linguística. A semivocalização (79%) mostrou-se amplamente difundida no falar baiano, sendo afetada por forças linguísticas, principalmente, e sociais que puderam ser percebidas geograficamente, o que parece apontar para um estágio final da mudança que começa a ter seus efeitos sociais enfraquecidos, conforme se observou nos valores apresentados pelos *ranges*: Sexo dos informantes (0,42) e Faixa etária dos informantes (0,27), especialmente se comparados ao *range* robusto da variável Altura da vogal precedente (0,93).

Observou-se um forte efeito das variáveis linguísticas sobre o apagamento, podendo considerar que a entrada da variante no sistema da língua parece ocorrer por restrições linguísticas, de modo que começa a ser timidamente afetada por forças sociais, conforme se observou o fraco efeito apresentado pela variável Sexo dos informantes, com o *range* de 0,12.

CONCLUSÕES

A pesquisa investigou a realização variável da consoante lateral em final de sílaba nos dados extraídos dos registros sonoros do Projeto ALiB e comprovou a tese de que há comportamento diferenciado no uso do /l/ em coda silábica entre os falantes do Rio Grande do Sul e da Bahia, sobretudo no que diz respeito aos diferentes estágios de implementação da semivocalização [w] nas duas áreas, com amplo avanço dessa variante nas comunidades baianas e com significativo grau de conservação da velarização [ɫ] em comunidades sul-rio-grandenses.

Seguindo princípios de duas importantes correntes que se ocupam da diversidade dos usos da língua – Dialetoologia pluridimensional (THUN, 2005; CARDOSO, 2010) e Sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) –, o comportamento do /l/ em final de sílaba pôde ser explicado a partir da influência de fatores condicionadores, em que informações extralinguísticas e/ou linguísticas se mostraram associadas à realização da consoante nas áreas sul-rio-grandense e baiana, comprovando parcialmente a principal hipótese da pesquisa: de que o quadro variável do /l/ em final de sílaba poderia ser explicado pela identificação dos fatores extralinguísticos e linguísticos e pelas particularidades sócio-históricas de cada área.

As variantes da lateral pós-vocálica /l/ identificadas na análise foram as seguintes: semivogal, [w]; apagamento, [∅]; lateral velarizada, [ɫ]; tepe, [ɾ]; fricativa laríngea (aspirada), [h]; e lateral anteriorizada, [l̠]. A análise se concentrou nas três primeiras, que obtiveram maiores frequências, visto que as demais apresentaram percentuais de ocorrência muito baixos.

A variante [w] mostrou-se amplamente difundida nas localidades sul-rio-grandenses (73%) e baianas (79%), registrando frequência maior de aplicação no estado nordestino, o que levou a acreditar que as diferenças dos percentuais de realização da variante [w] nos estados e o emprego de outras variantes características, mas não restritas, de uma ou outra região, podem distinguir dialetos locais ou regionais, sul-rio-grandense ou baiano ou sulista ou nordestino.

Uma distinção entre o dialeto sul-rio-grandense e o baiano foi percebida, especialmente, pela presença da variante [ɫ] entre os falantes do estado da região Sul, com ocorrências isoladas entre os falantes do estado da região Nordeste.

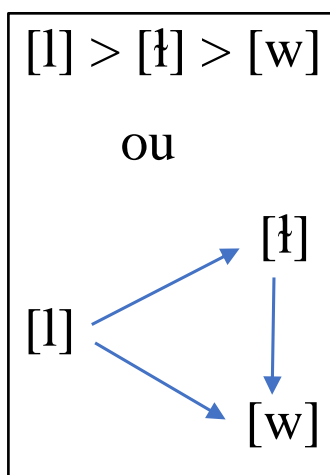
A variante [∅] apresentou maior recorrência entre os informantes da Bahia (16%), sendo menos frequente entre os informantes sul-rio-grandenses (10%). As variantes [ɾ] (3%), na fala sul-rio-grandense, e [h] (1%), na fala baiana, registraram pequeno número de ocorrências.

Percebeu-se que a realização [ɫ] foi o principal fator, mas não o único, de diferenciação dos dois dialetos em cotejo, tanto pela maior frequência de uso dessa variante no Rio Grande do Sul quanto pela baixa frequência de uso na Bahia.

O confronto entre a variante [w] e as demais variantes a partir da análise conjunta dos dados dos dois estados revelou que a Bahia (0,58) favoreceu a semivocalização, enquanto que o Rio Grande do Sul (0,39) desfavoreceu o emprego dessa variante, de modo que o falar sul-rio-grandense se mostrou mais conservador na realização da lateral pós-vocálica /l/ em relação ao falar baiano quanto à manutenção da variante velarizada. Os resultados mostraram que, apesar do avanço da semivocalização nos dois estados, as duas áreas se diferenciaram na realização do segmento, muito provavelmente por influência dos processos sócio-históricos de formação das localidades.

A Figura 57 retoma a Figura 1, apresentada na seção 2.1, com o possível direcionamento da mudança do /l/ do latim ao português.

Figura 57: Direcionamento da mudança do /l/ do latim ao português



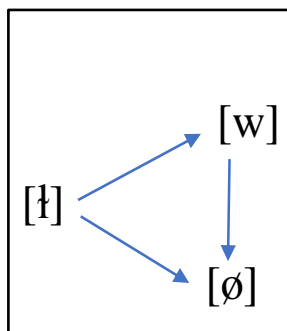
Fonte: Elaboração própria.

Considerando o retrato variável verificado nas duas áreas investigadas na presente pesquisa, não levamos em conta a possibilidade de um direcionamento linear da mudança do /l/ na passagem do latim ao português, que sugere iniciar pela realização alveolar [l], passando pela realização velarizada [ɫ] até resultar na realização semivocalizada [w] da consoante em final de sílaba.

Com base na possibilidade de que a coexistência das variantes [ɫ] e [w] esteve diretamente ligada à realização alveolar [l] do segmento na passagem do latim ao português,

propomos o seguinte direcionamento do atual quadro variável do /l/ em final de sílaba nos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia:

Figura 58: Direcionamento da mudança do /l/ no português das duas áreas



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 58 representa a coocorrência das três principais variantes do /l/ em final de sílaba constatadas nos dados do Projeto ALiB nas áreas sul-rio-grandense e baiana, sendo o direcionamento apontado principalmente para o emprego da variante [w], que obteve maior frequência (77%) no *corpus* analisado dos dois estados.

No que tange especificamente ao Rio Grande do Sul, a semivocalização liderou em números de ocorrência entre os informantes, com índice de 73%. Essa variante apresentou índices menores em um traçado que foi da cidade do Chuí (36%) à cidade de Erechim (53%), perpassando mais ao centro do território sul-rio-grandense nas cidades de Caçapava do Sul (61%), Santa Cruz do Sul (66%), Flores da Cunha (66%) e Passo Fundo (65%), verificando-se a diferenciação no uso da semivocalização entre áreas que tiveram sua formação sócio-histórica mais ligada, de um lado, aos imigrantes estrangeiros, de outro, aos imigrantes lusos.

Com o favorecimento da semivocalização pelas localidades de Osório (0,81), Vacaria (0,79), Ijuí (0,76), São José do Norte (0,75), São Borja (0,66), Santa Maria (0,66), Três Passos (0,64) e Santana do Livramento (0,58), confirmaram-se as hipóteses de que as localidades do estado poderiam apresentar diferenças entre si na realização da variável e de que poderia haver diferenças na realização da variável dependente entre as localidades de limites de fronteira e as de não fronteira com outros países.

O avanço da semivocalização do /l/ em final de sílaba no estado sul-rio-grandense pareceu apresentar um direcionamento que foi tanto da região litorânea quanto da região de limites de fronteira, exceto no Chuí, ao interior desse território, o que foi associado ao processo de povoamento do território, onde os imigrantes estrangeiros foram direcionados para ocupar

as regiões interioranas das áreas de Mata Atlântica em contraponto à ocupação das regiões litorâneas e das regiões de cerrado de limites de fronteira por imigrantes portugueses.

Foram também confirmadas as hipóteses de que os mais jovens (0,82) e de que as mulheres (0,59) poderiam preferir o uso da variante mais inovadora e de maior prestígio ([w]) nas comunidades do que os mais velhos (0,22) e do que os homens (0,41). A semivocalização já se encontra bem assentada na fala dos informantes da faixa etária jovem (89%) da comunidade, 18 a 30 anos, sendo implementada especialmente pelas mulheres (77%), cujo comportamento indicou exercer papel importante nos indícios de mudança em favor da variante [w] na comunidade sul-rio-grandense.

Quanto aos fatores linguísticos favorecedores da semivocalização do /l/ em final de sílaba, com *range* (0,56) significativo, destacou-se a variável Altura da vogal precedente, em que o fator vogal baixa (0,61) favoreceu a variante, enquanto os fatores média (0,46) e alta (0,12) a desfavoreceram.

Em relação à velarização, das 16 localidades investigadas, sete apresentaram pesos relativos favoráveis à variante: Chuí, com 0,89; Erechim, com 0,84; Caçapava do Sul, com 0,78; Flores da Cunha, com 0,70; Santa Cruz do Sul, com 0,60; Santana do Livramento, com 0,55; e, muito levemente, Três Passos, com 0,53, confirmando a hipótese de que as localidades poderiam apresentar diferenças entre si na realização das variantes.

A faixa etária jovem (0,14) desfavoreceu a velarização, enquanto que a faixa etária mais velha (0,80) favoreceu a variante no dialeto sul-rio-grandense, o que, de certa forma, contribuiu para confirmar a hipótese de que os mais jovens poderiam preferir o uso da variante mais inovadora nas comunidades do que os mais velhos. Nesse sentido, a faixa etária mais velha (0,80) foi o principal fator de manutenção da variante [ʎ] nas localidades, o que caracterizou o Rio Grande do Sul como conservador da variante velarizada do /l/ em final de sílaba.

Os índices da variante velarizada nas sete localidades favorecedoras se mantiveram entre 11% e 45%, sendo o Chuí, município de fronteira, com o maior percentual de emprego da variante, sobretudo devido ao isolamento político, geográfico e cultural experimentado pela localidade ao longo de sua história. Provavelmente, esse grau de isolamento do Chuí fez com que o município brasileiro historicamente se constituísse na relação com o Chuy uruguaio, promovendo o contato mais intenso entre a língua portuguesa e a língua espanhola, o que pode ter contribuído para o favorecimento do Chuí (0,89) à variante mais conservadora [ʎ] na localidade.

Chuí se diferenciou das demais localidades pela ampla conservação da variante [ʎ] (94%) e pela forte resistência ao uso da semivocalização (6%) do segmento lateral na faixa

etária mais velha, de modo que a faixa etária mais nova pareceu operar um processo de mudança em que emprega semicategoricamente a realização semivocalizada (97%) em desfavor da velarizada (3%).

Verificou-se que a região de fronteira (0,62), provavelmente devido à exposição dos falantes à situação de contato com o espanhol em graus diferenciados, favoreceu a velarização. Em relação aos fatores linguísticos no estado sul-rio-grandense, a velarização obteve efeito fraco, de modo que a variável linguística mais significativa, Zona de articulação da vogal precedente, apresentou *range* retraído de 0,20, sendo favorecida pelo fator vogal anterior (0,68) e desfavorecida por vogal posterior (0,45).

Em relação ao apagamento, a variante recebeu efeitos apenas de fatores linguísticos, destacando-se a variável Altura da vogal precedente, com *range* (0,83) amplo, em que vogais altas (0,97) e vogais médias (0,68) favoreceram a variante apagamento, enquanto que a vogal baixa (0,14) a desfavoreceu. Diante da não seleção de grupos de fatores extralinguísticos, a variante apagamento [ø] não apontou traços indicadores de mudança, visto que esse quadro de variação foi impulsionado sobretudo por forças linguísticas.

Em relação ao confronto entre a velarização [t] e a semivocalização [w], cinco das 16 localidades investigadas se mostraram favorecedoras da velarização: Chuí (0,95), Erechim (0,88), Caçapava do Sul (0,82), Flores da Cunha (0,74), Santa Cruz do Sul (0,69), o que pareceu apontar para o fato de que essa variante resiste com maior força principalmente nas localidades situadas mais ao interior do território do Rio Grande do Sul, especialmente mais ao norte e nordeste do estado, bem como na região de fronteira.

Com esses resultados, a hipótese de que as localidades de seus respectivos estados poderiam apresentar diferenças entre si na realização da variável foi confirmada, contando-se com o favorecimento de localidades com forte influência de imigrantes estrangeiros (Erechim (0,88), Caçapava do Sul (0,82), Flores da Cunha (0,74) e Santa Cruz do Sul (0,69)) e de localidade de fronteira do Chuí (0,95).

Esses resultados ratificaram a hipótese de que os mais jovens no estado, com 98% de frequência de aplicação da semivocalização e com apenas 2% de emprego da velarização, poderiam preferir o uso da variante mais inovadora nas comunidades do que os mais velhos.

Confirmou-se a hipótese de que as mulheres, com 86% de frequência de aplicação da semivocalização e com apenas 14% de emprego da velarização, poderiam apresentar maior preferência pelo uso da variante mais inovadora em relação aos homens.

No que diz respeito aos fatores linguísticos, os efeitos das variáveis se mostraram relativamente fracos, destacando-se a variável Modo da consoante subsequente, com *range* de

0,26, que apresentou o modo nasal (0,66) como fator favorecedor da velarização da lateral, enquanto que os fatores oclusiva (0,46) e fricativa (0,40) desfavoreceram a variante.

Nessa perspectiva, os resultados apresentaram indícios que levam a acreditar na existência de uma mudança em progresso nas comunidades investigadas em desfavor da variante velarizada, frente à qual os informantes mais velhos (0,86), principalmente homens (0,59), ainda resistem com a conservação da variante velarizada [ɣ] do /l/ em final de sílaba.

Esse processo de mudança apontou para uma tendência de abandono da velarização nas localidades de Santana do Livramento (0,48), Três Passos (0,46), Passo Fundo (0,38), Uruguaiana (0,37), Bagé (0,35), São Borja (0,27), Santa Maria (0,26), Ijuí (0,12) e Osório (0,05) em favor da semivocalização da lateral. Nos municípios de São José do Norte e de Vacaria, onde não se verificaram registros da velarização do /l/ em final de sílaba, o processo de abandono da variante parece já ter se completado, segundo a amostra do dialeto sul-rio-grandense analisada nos dados do Projeto ALiB.

No Rio Grande do Sul, o /l/ em final de sílaba apresentou-se como uma variável dependente, de caráter geossociolinguístico, que abrangeu as dimensões dialetal, linguística e social da variação, com destaque para a variante apagamento ([∅]), que, a partir dos dados analisados do Projeto ALiB, se mostrou afetada apenas por fatores linguísticos no português sul-rio-grandense. Frente ao exposto, a análise pluridimensional revelou que o grupo de fatores Faixa etária dos informantes se mostrou o principal operador do mecanismo de variação e o propulsor dos fortes indícios do processo de mudança em favor da implementação da variante [w] verificada no estado sul-rio-grandense.

No que diz respeito à análise do /l/ em final de sílaba na Bahia, a semivocalização, com percentual de 79% dos dados, configurou-se como variante mais empregada no estado.

No confronto entre a semivocalização e as demais variantes na Bahia, das 21 localidades do Projeto ALiB no estado, 12 delas favoreceram a semivocalização (Euclides da Cunha (0,84), Carinhanha (0,81), Jeremoabo (0,75), Juazeiro (0,72), Alagoinhas (0,72), Barra (0,69), Caravelas (0,68), Itapetinga (0,65), Irecê (0,60), Itaberaba (0,58), Santo Amaro (0,56) e, muito levemente, Ilhéus (0,53)). Apesar da confirmação da hipótese de que as localidades de seus respectivos estados poderiam apresentar diferenças entre si na realização do /l/ em final de sílaba, o quadro variável apresentado não permitiu o estabelecimento de alguma correlação entre os pesos relativos das localidades, os aspectos sócio-históricos e a região de influência socioeconômica dos municípios.

As mulheres (0,72) favoreceram a semivocalização do /l/ em final de sílaba na Bahia, confirmando a hipótese de que elas (84%) poderiam apresentar preferência pelo uso da variante

mais inovadora em relação aos homens (75%), especialmente por se tratar de uma variante que não tem estigma, e confirmando o que observou Labov (2008 [1972]) sobre a diferenciação sexual da fala.

A faixa etária jovem (0,65), 18 a 30 anos, favoreceu a semivocalização do /l/ em final de sílaba, enquanto que a faixa etária mais velha (0,38), 50 a 65 anos, desfavoreceu a variante, indicando a tendência de uma mudança em favor da variante [w]. Quanto aos fatores linguísticos, com *range* (0,93) robusto, destacou-se a variável Altura da vogal precedente, sendo a variante favorecida pela vogal baixa (0,93) e desfavorecida por vogais médias (0,14) e por vogais altas (0,00), a exemplo de [u].

No que tange ao apagamento, com índice de 16%, foi a segunda variante com maior percentual de ocorrência na Bahia. Os homens (0,55) favoreceram muito levemente o apagamento do /l/ em final de sílaba no estado, enquanto as mulheres desfavoreceram a variante, negando a hipótese de que as mulheres (0,43) poderiam apresentar maior preferência pelo uso da variante mais inovadora em relação a eles, provavelmente por se tratar do emprego de uma variante que não é a de prestígio em setores como o das grandes mídias televisivas e o do sistema escolar, como é o caso da variante [ø].

Das variáveis linguísticas selecionadas para o apagamento da lateral pós-vocálica na Bahia, destacou-se a Altura da vogal precedente, com *range* (0,97) amplo, sendo a variante favorecida pelos fatores vogal alta (0,99), categoricamente, e vogal média (0,92) e desfavorecida pelo fator vogal baixa (0,02), confirmando os resultados de outros estudos, a exemplo de Hora (2006) e de Pinho e Margotti (2010), que identificaram o condicionamento da variante especialmente pelo contexto fonológico precedente e indicaram um significativo índice de apagamento na região Nordeste na comparação com outras regiões brasileiras.

Na Bahia, o /l/ em final de sílaba se apresentou como uma variável dependente que abrange as dimensões diatópica, social e, especialmente, linguística. A semivocalização (79%) mostrou-se amplamente difundida no falar baiano, sendo afetada por forças linguísticas, principalmente, e sociais que puderam ser percebidas geograficamente, o que parece apontar para um estágio final da mudança que começa a ter seus efeitos sociais enfraquecidos, conforme se observou nos valores apresentados pelos *ranges*: Sexo dos informantes (0,42) e Faixa etária dos informantes (0,27), especialmente se comparados ao *range* robusto da variável Altura da vogal precedente (0,93). Ainda sobre a Bahia, o forte efeito das variáveis linguísticas sobre o apagamento pode indicar que a entrada da variante no sistema da língua ocorre por restrições linguísticas, de modo que começa a ser timidamente afetada por forças sociais, conforme se observou no fraco efeito apresentado pela variável Sexo dos informantes, com o *range* de 0,12.

Nas duas áreas, o /l/ em final de sílaba apresentou-se como uma variável dependente que abrangeu as dimensões diatópica, social e linguística. Assim como no confronto entre o Rio Grande do Sul e a Bahia, essa variável apresenta potencial de análise para outras áreas brasileiras a partir de *corpora* extraídos da base de dados sonoros do Projeto ALiB.

Considerando os resultados aqui apresentados sobre os dados do Projeto ALiB, comprovando que há comportamento diferenciado no uso do /l/ em final de sílaba entre os falantes das localidades do interior do Rio Grande do Sul e da Bahia e confirmando estudos anteriores, a exemplo de Pinho e Margotti (2010), que demonstraram maior conservadorismo na região Sul e inovação no Nordeste, faz-se necessária a ampliação do conhecimento sobre as diferenças entre áreas geográficas brasileiras no que tange ao uso do /l/ em final de sílaba, para o entendimento da variação diatópica e sociolinguística da realização variável da consoante, principalmente devido à grande extensão territorial do Brasil, que abarca diferentes realidades sócio-históricas e linguísticas.

Essa projeção para estudos futuros pode contemplar o cotejo entre as localidades de cada estado brasileiro, entre estados de uma região e entre diferentes regiões, possibilitando a análise da variável dependente em áreas contíguas, seja entre os estados do Nordeste ou de outras regiões brasileiras, bem como em áreas que tiveram colonização semelhante à do Rio Grande do Sul, como é o caso dos estados de Santa Catarina e do Paraná.

O /l/ em final de sílaba também pode ser analisado na comparação entre localidades urbanas do Projeto ALiB e localidades rurais de outro(s) banco(s) de dados linguísticos, podendo abranger a análise das capitais no rol metodológico adotado, a partir dos arcabouços teóricos da Dialetoлогия pluridimensional e/ou da Sociolinguística variacionista para maximizar a compreensão de aspectos diatópicos, sociais e linguísticos do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Org.). **Introdução à linguística: domínio e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2013. p. 177-208.
- _____. O português em contato com as línguas de imigrantes no Sul do Brasil. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (eds.) **Estudos de Geolinguística do português americano**. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 71-94.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi, 1955 [1920].
- AZAMBUJA, Cintia Victória de. **Estudo da vocalização da lateral em posição de coda na região de Antônio Prado**. 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Pelotas, 2017.
- BATTISTI, E.; MORAS, V. T. A vocalização da consoante lateral em coda silábica em uma variedade de português brasileiro: análise sociolinguística em tempo real. **Gragoatá**, Niterói, v. 21, n. 40, p. 90-112, 1. sem. 2016.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. Variação em coda silábica na fala popular fluminense. **Revista ABRALIN**, v. 7, n. 1, p. 177-189, jan./jun. 2008.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Org.). **Introdução à linguística: domínio e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 51-83.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 43. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 [1970].
- _____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008 [1953].
- CARDOSO, S.; RAZKY, A. O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará: o projeto piloto. **Asas da palavra**, UNAMA, v. 7, n. 4, p. 97-100, dez. 1997. Disponível em: <<http://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/article/view/1459/809>>. Acesso em: 9 set. 2021.
- CARDOSO, Suzana Alice. Dialetoлогия. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JR., C. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 13-22.
- CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. S. **O léxico rural: glossário, comentários**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.

_____. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La dialectología**. Tradução de Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHUÍ. **Prefeitura**. 2021. Disponível em: <<https://www.chui.rs.gov.br/turismo/visualizar/id/1002/?arroio-chui.html>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

CLEMENTE BATALLA, Isabel; HERNÁNDEZ NILSON, Diego. Chuy-Chuí: territorio, dinámica social y cooperación transfronteriza. **Aldea Mundo**, Venezuela, v. 24, n. 48, p. 29-34, jul. 2019. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=54364091003>>. Acesso em: 7 abr. 2022.

COLLISCHONN, G.; QUEDNAU L. R. As laterais variáveis da região Sul. In.: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 152-173.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011 [1938].

DAL MAGO, D. O comportamento do /l/ pós-vocálico no Sul do país. **Working Papers in Linguistics**, Florianópolis, n. 2, p. 31-44, jul. 1998.

DÍAZ-CAMPOS, M. **Introducción a la sociolingüística hispánica**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2014.

DUBOIS, Jean et al. (1973). **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix. 2006.

ESPIGA, J. W. R. **Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português da fronteira**. 1997. 194 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Pelotas, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 27-51.

FARIA, Ernesto. **Fonética histórica do latim**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FLORES DA CUNHA. **Prefeitura**. 2021. Disponível em: <<https://www.floresdacunha.rs.gov.br/secao.php?id=2>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana Maria. **Sociolinguística quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HAHN, Laura Helena; QUEDNAU, Laura Rosane. A lateral pós-vocálica no português de Londrina: análise variacionista e estrutura silábica. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 100-113, set. 2007.

HORA, Dermeval da. Variação da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 1º semestre 2006.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 27-51.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. IBGE, 2021. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

_____. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. v. IV. Rio de Janeiro, 1958a.

_____. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. v. V. Rio de Janeiro, 1960.

_____. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. v. XII. Rio de Janeiro, 1964.

_____. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. v. XX. Rio de Janeiro, 1958b.

_____. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. v. XXI. Rio de Janeiro, 1958c.

_____. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. v. XXXIII. Rio de Janeiro, 1959a.

_____. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. v. XXXIV. Rio de Janeiro, 1959b.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (eds.) **Estudos de Geolinguística do português americano**. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 55-70.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. **Principles of linguistic change**: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. O /l/ em posição de coda silábica: confrontando variedades. **ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA**, 2007, 22. Lisboa. **Atas...** Lisboa: APL, 2007, p. 423-430.

LEITE DE VASCONCELLOS, José de. **Lições de philologia portuguesa**. Lisboa: Clássica Editora, 1911.

LYRA, Henrique Jorge Buckingham. A “crise” de mão-de-obra e a criação de colônias agrícolas na Bahia: 1850 – 1889. In: **Um lugar na história: a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau**. DIAS, Marcelo Henrique; CARRARA, Ângelo Alves (org.). Ilhéus: Editus, 2007. p. 233-305.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008 [1934].

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Genève: Editions Slatkine, 1982 [1921].

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 7-14.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In.: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 15-25.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

NUNES, J. Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia**. 9. ed. Lisboa: Clássica Editora, 1989 [1919].

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2014.

PINHO, Antônio José; MARGOTTI, Felício Wessling. A variação da lateral pós-vocálica /l/ no português brasileiro. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, n. 2, p. 67-88, 2010.

QUEDNAU, Laura Rosane. **A lateral posvocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear**. 1993. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1993.

RAZKY, A. **A contribuição da Geossociolinguística para a geografia linguística no Brasil**. Youtube, 08 out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qRmIp30_8T0>. Acesso em: 20 out. 2021.

SÁ, Edmilson José de. O uso variável da lateral /l/ posvocálica em posição de coda em português e espanhol. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, ano 4, n. 7, ago. p. 1-9, 2006.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali. A.; SMITH, Ellen. **Goldvarb X** - a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://www.tarkvara.org/goldvarb/GoldVarb30b3.zip>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

SANTA MARIA. **Arquivo Histórico Municipal**. 2021. Disponível em: <http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema_descricao_documental/uploads/r/arquivo-historico-municipal-de-santa-maria-3/7/9/7918/BR.AHMSM.258.jpg>. Acesso em: 8 nov. 2021.

SANTOS, Robeivaldo Correia dos. **A realização variável da lateral pós-vocálica /l/ em comunidades baianas do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)**. 2017. 109 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Estadual de Feira de Santana, 2017.

_____. **A variação da lateral pós-vocálica /l/ no português quilombola de alto alegre: análise sociolinguística**. 2015. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2015.

SANTOS, Robeivaldo Correia dos; MOTA, Jacyra Andrade. Variação diatópica do /l/ pós-vocálico em comunidades baianas. **Web Revista SOCIODIALETO**, v. 10, n. 30 ser. 2, p. 261-276, jul. 2020.

SANTOS, Robeivaldo Correia dos; MOTA, Jacyra Andrade; SANTOS, Gredson dos. /l/ pós-vocálico em Alto Alegre: fatores sociais. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 67, p. 320-339, jul. 2020.

SANTOS, S. S.; SILVA NETO, J.M. A lateral posvocálica /l/ no Rio Grande do Sul. **Claraboia**, Jacarezinho, v. 12, p. 7-27, jul. 2019.

SÃO BORJA. **Prefeitura**. 2021. Disponível em: <http://www.saoborja.rs.gov.br/images/Turismo_e_cultura/estacaoferrea/Estacao_Ferreal.jpg>. Acesso em: 8 nov. 2021.

SÃO JOSÉ DO NORTE. **Prefeitura**. 2021. Disponível em: <<https://www.saojosedonorte.rs.gov.br/galeria-de-fotos/fotos-aerea-centro-da-cidade>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO (SPGG). Estado do Rio Grande do Sul. **Genealogia dos municípios do Rio Grande do Sul**. MORAES, Fernando Dreissig de; CUNHA, Laurie Fofonka (orgs.). Porto Alegre: SPGG, 2018. Disponível em: <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201803/27155415-spgg-genealogia.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Vacaria - RS. **Lembranças de Vacaria**. ABREU, Arlene Medeiros de; GIRON, Loraine Slomp; GIROTTO, Magali Giuseppina Paim (orgs.). Vacaria: Secretaria Municipal de Educação, 2013. Disponível em:

<https://www.vacaria.rs.gov.br/docs/livro_lembanca_de_Vacaria.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2022.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística: teoría y análisis**. México: Alhambra, 1988.

SILVA NETO, Serafim da. **História do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Fonética e fonologia. **Fonologia.org**, 2021. Disponível em: <<https://fonologia.org/>>. Acesso em: 23 out. 2022.

TAGLIAMONTE, S. **Analysing sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

_____. **Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

TASCA, Maria. Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Org.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 268-302.

TEIXEIRA, Eliana Sandra Pitombo. **Variação e mudança linguísticas na região de Monte Santo**. 1988. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1988.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. p.63-92.

TORRES, Luiz Henrique. A colonização açoriana no Rio Grande do Sul (1752-63). **BIBLOS**, v. 16, p. 177–189, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/421>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

VIANNA FILHO, Luiz. **O Negro na Bahia**. São Paulo: José Olympio Editora, 1946.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. Revisão Técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – VARIANTES POR ORDEM ALFABÉTICA DOS VOCÁBULOS DO RIO GRANDE DO SUL

VOCÁBULOS	VARIANTES					TOTAIS
	[w]	[ʔ]	[ø]	[r]	[ʁ]	
abril	1					1
absolvida		1				1
acessível	1					1
adultério			2			2
agricultor(a)	3		1			4
alcança				1		1
alcançado				1		1
alcançava	1					1
alcançou				1		1
alcólatra	1					1
alcólica	1					1
alcool	1		1			2
alface	7	1		1		9
algemado	1					1
algo		2				2
algodão	1					1
alguém	3			4		7
algum(as)	22		1	6		29
alma	1					1
almoçar	5					5
almoço	57	11		3		71
almoçou		1				1
almofadinha				1		1
alterada	1					1
alto(as)	72	4		2		78
altura	3	1				4
aluguel	1					1
aluguel né	1					1
alvenaria	6	1				7
anel	44	14				58
anel de	2					2
animal	2					2
animal de	1					1
animal que	1					1
anzol	1					1
artesanal	1					1
asfaltado	1					1

asfalto	13					13
assaltante				2		2
assaltaram	2					2
assalto	2					2
assaltou				2		2
atualmente	1					1
avil	4					4
avil não	1					1
avil né	1					1
avil tem	1					1
avil, fósforo	1					1
azul	5	3	49			57
azul claro		1				1
azul marinho			1			1
azul, branco			1			1
azul, preto			1			1
balcão	3					3
balde				1		1
balsa	2					2
bocal	1					1
bocal né	1					1
bolsa	1					1
bolso			1	1		2
Brasil	53	14			1	68
Brasil do	1					1
Brasil né	2	1				3
Brasil verde	1					1
cal	1					1
cal diferenciado	1					1
cal que	1					1
calçada	1					1
calçado(s)	3					3
calçamento	1					1
calção	57	3				60
calcificação		1				1
calções			1			1
calculo				1		1
caldinho		1				1
caldo	2	1				3
calmo	1					1
casal	1					1
casal de	1					1
casal né	1					1

casal, cama	1					1
catedral daí	1					1
cavalgada(s)	1	1				2
cervical	1					1
combustível	1					1
comercial por	1					1
comercial quando	1					1
convulsão	1					1
coronel	1	1				2
coronel né		1				1
crystal	1					1
culpa			1			1
culpado	1		1			2
cultiva			1			1
cultivar			1			1
cultura	1					1
desculpa	1	1	9	1		12
desculpar		1				1
desenvolvimento			1			1
devolve	2		1			3
devolver	1		1	2		4
difícil	2		5			7
difícil come..	1					1
difícil n...	3		1			4
difícil p...	2		1			3
difícil tem			1			1
dificuldade		1				1
Emanuel		1				1
Emanuel Gonzales		1				1
especial	1					1
especial mesmo	1					1
especial que		1				1
especialmente				1		1
estadual	1					1
fácil			2			2
fácil de	1					1
faculdade		2	1			3
falta	6					6
faltando	4	2				6
faltava	2					2
faltou	1					1
farol			1			1
fatal	1					1

fenomenal			1			1
filmar	1					1
filme(s)	10	1				11
filmezinho	1					1
final d...	2					2
final né	1					1
finalzinho	1					1
fralda(s)	2					2
futebol	7	2				9
futebol coisa	1					1
futebol fim		1				1
futebol lá	1					1
futebol por	1					1
galpão		1				1
general	1					1
general t...		2				2
geral né	1					1
geralmente	10	8				18
gol	7	2				9
horrível	2		1			3
horrível por que	1					1
hospital	10	1				11
hospital com	3					3
hospital d...	4					4
hospital f...	2					2
hospital m...	2					2
hospital né	2					2
hospital ta	1					1
hotel	2					2
hotel só			1			1
humilde		1				1
igual	1	1				2
igual né	1					1
impecável	1					1
internacional	2					2
intestinal né	1					1
jornal	6					6
jornal da	4					4
jornal jor..	1					1
jornal mesmo	1					1
jornal nac..	1	1	1			3
jornal por	1					1
judicial no	1					1

juvenil	2					2
lateral	4	3				7
lateral n..	1					1
lateral se	1					1
legal	4					4
legal de			1			1
legal foi	1					1
legal né	1					1
legal por	1					1
legal t...	2					2
lençol c...	1					1
local do	1					1
mal	4	1				5
mal feito	1					1
mal não	1					1
mal passei	1					1
mal súbito	3					3
mal, mas	1					1
maldade	1	1				2
maldita	1					1
malte				1		1
marginal	1					1
material	4					4
material depois	1					1
material né	4					4
mel	48	16				64
mel lá	1					1
mel, mel		2				2
Melzinho		1				1
mental		5				5
mental da	1					1
metal	2	1				3
metal né	1					1
Miguel			1			1
mil					1	1
mil por		1				1
multishow			1			1
municipal	1					1
musical de	1					1
nacional	3	1	3			7
nacional d..		2				2
nacional né	1					1
natal de		1				1

natal já	1					1
natal né		2				2
natural	2					2
Nildo	1					1
normal	7	1				8
normal como	1					1
normal de	1					1
normal m...	2					2
normal n...	1					1
normal só	1					1
normal, mas	1					1
normalmente	3					3
painel	1					1
palpou	1					1
pantanal quando	1					1
papel	1	3				4
papel bo...	1					1
paroquial	1					1
pastel faz			1			1
pavil né	1					1
peitoral	2					2
peçoal	4	1				5
peçoal concorre	1					1
peçoal d...	4					4
peçoal f...	3					3
peçoal já	1					1
peçoal m...	2					2
peçoal n...	3					3
peçoal parado	1					1
peçoal que	1	1				2
peçoal também		1				1
peçoal vamos	1					1
policial	2	1				3
policial bem		1				1
policial veio	1					1
pólvara	30	4	20	2		56
principal	1					1
principal doença		1				1
principal n...	2					2
principal prato		1				1
principal seria			1			1
principalmente	3					3
pulga				1		1

pulmão	1	1	6			8
pulso		2				2
qual d..		1				1
qualquer	4		1	4		9
quartel	1					1
real	6					6
real por	1					1
real tu	1					1
realmente	2	1				3
residencial	2					2
resolve			1			1
resolver				1		1
resultado			1			1
revoltante	1					1
rural		3				3
rural n...	1	1				2
rural por	1					1
sal	47	10			2	59
sal b...	2					2
sal da	1					1
sal fino	1					1
sal grosso	5					5
sal né	1	2				3
sal p...	2					2
sal t...	3				1	4
sal, Maria	1					1
salgada		1				1
salmão	1					1
salsa		1				1
saltar	2					2
salto	3					3
salvador		2				2
salvei		2				2
salzinho				1		1
saudável	1					1
saudável né			1			1
silvio	2					2
sinal de		1				1
sinalzinho	2					2
sol	57	7			1	65
sol maior	1					1
sol né		1	1			2
solda	1					1

soldado(s)	51	6		1		58
soldador				2		2
soldei	4					4
solta	1					1
solteiro(a)	15	1	1			17
solto	1					1
soltou	1					1
sul		2	3			5
sul foi			1			1
sul tem			1			1
tal		1				1
tal d...	3					3
talvez	1					1
última			1			1
ultimamente	1	1				2
últimos		1				1
ultrapassar			1			1
útil					1	1
útil dentro					1	1
útil né	1					1
valsa	2					2
Vilmar	1					1
volta	17	2				19
voltar	6					6
voltaram	1					1
voltei	5					5
voltemos	1					1
voltinha	1					1
volto	2					2
voltou	1					1
vulto	3					3
TOTAL						1400

APÊNDICE B – VARIANTES POR ORDEM ALFABÉTICA DOS VOCÁBULOS DA BAHIA

VOCÁBULOS	VARIANTES					TOTAIS
	[w]	[ɥ]	[ø]	[h]	[ʎ]	
adultério	2	-	1	-	-	3
afinal sabia		1				1
alça	1					1
alcançado	1					1
alcool	2		1			3
alface	1					1
alfinete	1					1
alfredo	1					1
algemado	5	1	1			7
algemar	1					1
algo	3					3
algodão	1	1		1		3
alguém	4	3				7
algum	2			1		3
algum(as)	11			5		16
alguns	3					3
almoça	2					2
almoçam	1					1
almoçar	14					14
almocei	1					1
almoço	85					85
almofada	1					1
alto(as)	95	2				97
altura	3					3
aluguel	1					1
aluguel que	1					1
alvenaria	1		7			8
alvoraçada			1			1
alvorada	2					2
anel	71	2			1	74
anel né	2					2
animal	6					6
animal dentro	1					1
animal dócil	1					1
animal já		2				2
animal muito	1					1
animal pa	1					1

animal porque	1					1
animal pra	2					2
animal que		1				1
animal tem	1					1
anselmo	1					1
artesanal	2					2
artifícial			1			1
artifícial chama			1			1
asfalto	23					23
assaltante	1					1
assaltar	1					1
assaltaram	2					2
assalto	5					5
automóvel	1					1
azul	5		69		1	75
azul bebê			1			1
azul celeste			1			1
azul claro			5			5
azul metálico			1			1
azul não			1			1
azul né			3			3
azul que			1			1
bacharel	1					1
bacharel que		1				1
balcão	1					1
balde	2					2
balsa	3					3
bocal	3					3
bocal pra	1					1
bolsa			2			2
Brasil	84	1			2	87
Brasil gás	1					1
brasil joga	1					1
Brasil né	4					4
cabedal	1					1
calça	6	2				8
calçada		1				1
calçames	1					1
calção	47	2	1	1		51
caldeirão	1					1
caldo	4					4
calma	1					1
calmando	1					1

calmo		1				1
canal	3					3
canal do	1					1
canal treze	1					1
capital	1	1				2
capital não	1					1
carnaval	3					3
carnaval no	1					1
carol vai	1					1
casal	4					4
casal de	1					1
casal né	1					1
Cepel	1					1
colchão			5			5
colesterol	1		1			2
consultou			1			1
convulsão			1			1
coronel	5					5
crystal não	1					1
culpa	1		3			4
culpado			7			7
cultivar			1			1
curral	2					2
curral de gado	1					1
curral não	1					1
curral tem	1					1
descalcei	1					1
desconfortável	1					1
desculpa(s)	4	1	9	2		16
desenvolvida			1			1
devolve			1			1
difícil	7		15			22
difícil de	1		1			2
difícil mas			2			2
difícil não			1			1
difícil né			5			5
difícil passar			1			1
difícil pegar	1					1
difícil ponte			1			1
difícil porque			1			1
difícil pra	2					2
difícil que	1		3			4
difícil ta			1			1

dificuldades(s)	1	1	4			6
Dijalma	1					1
desculpa(s)			2			2
enxoval de	1					1
enxoval todo	1					1
escaldar		1				1
especial	1					1
especial pra	1					1
especialmente	1					1
fácil			2			2
fácil de			1			1
fácil mas	1					1
fácil não			1			1
fácil pra			1			1
fácil que	1		1			2
fácil só	1					1
fácil também			1			1
fácil foi			1			1
faculdade			2			2
falcatrua	1					1
falta	2	1				3
faltar	3					3
faltou	2					2
farol	2					2
farol né	1					1
fatal	1					1
filmar	1					1
filme	1					1
filmezinho	2					2
filmou	1					1
final	2				1	3
final de	5					5
fiscal não		1				1
folga	1					1
fundamental	1					1
fundamental pra	1					1
futebol	3					3
futebol que	1					1
futebol também	1					1
fuzil	1					1
general	2					2
general tem	1					1
geral	2					2

geral né	1				1
geral tem	1				1
geralmente	26				26
Gil	1				1
Givanildo	1				1
gol	4				4
horível	3		1		4
hospital	16				16
hospital de	1				1
hospital não	1				1
hospital né	1				1
hospital que	1				1
hospital só	1				1
Hotel Capitania	1				1
hotel mais	1				1
hotel que	1				1
humilde	2				2
igual	2				2
igual coisa	1				1
igual mesmo	1				1
igual na	1				1
igual né	2				2
igual você	1				1
imoral	1				1
imoral mas	2				2
imoral não	1				1
impossível			1		1
incrível	1				1
incrível né			1		1
Isabel que	1				1
Joelma				1	1
jornal	8				8
jornal da	1				1
jornal do	1				1
jornal guardado	1				1
jornal já	1				1
jornal melhor	1				1
jornal nacional	3				3
jornal né	2				2
jornal que	2				2
jornal sabe	1				1
jornal também	1				1
julgar			1		1

lateral	10					10
lateral direito	3					3
lateral não	2					2
legal	1					1
legal gostei	1					1
legal muito	1					1
legal que	1					1
legal se	1					1
local	1					1
local foi	1					1
local muito	1					1
mal	3					3
mal com	1					1
mal dizer		1				1
mal né	1					1
mal pro hosp.	1					1
mal vomitou	1					1
maltrata	3					3
manual	3					3
Marilda	1					1
material	10	1				11
material de	9					9
material necessário	1					1
material parece	1					1
material pra	1					1
material tem	1					1
material tudo	1					1
mel	77	1				78
mel do	1					1
mel faz					1	1
mel né	3					3
mel pra	1					1
mel também	1					1
melgueira	1					1
melzinho	1					1
mental	4					4
metal	2					2
mil	1					1
mil quilo	1					1
mil reais	1					1
mineral lá	1					1
Mizael	1					1

mortal	1				1
municipal	1				1
musical	1				1
nacional	7				7
natal	2				2
natural	1				1
natural mesmo	1				1
natural não	1				1
natural que	1				1
naturalmente	1				1
neonatal	1				1
nível do	1				1
nível maior			1		1
nível mais			1		1
normal	18				18
normal com	1				1
normal de	1				1
normal dentro	1				1
normal mas	1				1
normal mermo	2				2
normal na	1				1
normal não	1				1
normal né	4				4
normal quando	1				1
normalmente	6				6
painel	1				1
palma	1				1
palmeira	1				1
palmilha	2				2
papel	1				1
papel de	4				4
papel dele	1				1
papel né	1				1
pedal	1				1
peçoal gosta	1				1
peçoal vem	1				1
peçoal	2				2
peçoal chama	7				7
peçoal chegou	1				1
peçoal comemorava	1				1
peçoal conseguiu	1				1
peçoal da	7				7

peçoal daqui	1					1
peçoal do	1					1
peçoal fala	2					2
peçoal frango	1					1
peçoal gosta	1					1
peçoal limpo	1					1
peçoal mais	1					1
peçoal não	4					4
peçoal né	1					1
peçoal nesse	1					1
peçoal ni	1					1
peçoal no...	1					1
peçoal parou	1					1
peçoal piscando	1					1
peçoal que	3					3
peçoal rindo	1					1
peçoal tão	2					2
peçoal tiver	1					1
peçoal trabalhava	1					1
peçoal tu...	1					1
peçoal vai	3					3
peçoal vem	2					2
planalto	1					1
plantil	1		1			2
policial	19					19
policial mas	1					1
policial né	3					3
policial prendeu	1					1
policial que	1					1
policial tanto	1					1
policial trocou	1					1
pólvara	5		66	6		77
principal	2					2
principal da	1					1
principal né	1					1
principal pegou	1					1
principal tempero	1					1
principalmente	6					6
profissional	1					1
pulmão			8	1		9
qual foi	1					1
qualquer	13	1	4	4		22
quintal	1					1

Raul			1			1
razoável						
real	28				2	30
real mais	2					2
real mata	1					1
real tem	1					1
realmente	14					14
rebelde	1					1
regional né	1					1
resolve			1			1
resolver			2			2
resolveu			1			1
resolvi			1			1
resolvido			1			1
responsável			1			1
responsável gerencio	1					1
responsável também	1					1
resultado	1		3			4
rival	1					1
rural	1					1
rural dia	1					1
rural né	1					1
sal	80				1	81
sal bem	1					1
sal com	1					1
sal mas	1					1
sal na	1					1
sal não	2					2
sal né	3					3
sal pode	1					1
sal temperado	1					1
sal vai	1					1
salga	1					1
salgada	2					2
salgadinho	1					1
salmora	1					1
saltava	1					1
salvação	1					1
salvador	21		2			23
salvar			1			1
salvou	1					1

sarapatel faz	1					1
sarapatel, buxada	1					1
schincariol	1					1
sentimental	1					1
silvio	2					2
sinal	5					5
sinal de	1					1
sinal mas		1				1
sinal né	1	1				2
sinal nunca	1					1
sinal perto	1					1
sinal também	1					1
sol	70	2	8		2	82
sol fica	1					1
sol né	2		2			4
sol parece	1					1
soldado	67	2	2			71
soldador	1					1
solta	2					2
soltar	2					2
solteira(o)	18		2			20
soltou	2					2
sul do		2				2
tal	5					5
tal coisa		1				1
tal lugar	1					1
talvez	2					2
terrível mesmo	1					1
terrível terrível	1					1
total	1					1
total não	1					1
totalmente	1					1
tradicional cebola	1					1
ultimamente			3			3
último			1			1
ultrapassagem			1			1
ultrassom			3			3
valda	1					1
valtinho	1					1
visual	1					1
vogal né	1					1
volta	13	2				15
voltando	1	1		1		3

voltar	7	3				10
voltasse	1					1
voltava	2					2
voltei	4					4
voltinha	1					1
voltou	4					4
vulto				1		1
Wosvaldo	1					1
TOTAL						1862